

Ah! que bom
que eu sei!

A visão sistêmica nos contos de fadas

Brigitte Gross e Jakob Schneider





A beleza dos contos de fadas mascara muitas vezes como o amor na família pode se desdobrar em repetições de destinos difíceis.

Em cada história preferida existe, portanto, uma importante lição a ser aprendida e que, com amor, pode ser percebida e nos levar a uma melhor relação tanto com os membros de nossa família como com a vida.

Anexos ainda se encontram dois artigos muito especiais sobre o atendimento sistêmico individual com o auxílio de figuras e outro sobre o relacionamento de casal. Uma síntese inédita na língua portuguesa sobre esses dois temas.

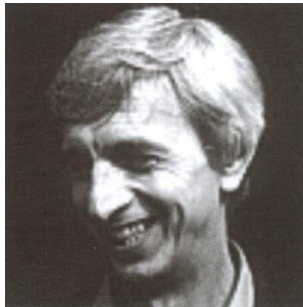
Esperamos que as linhas desse livro preencham uma lacuna ainda existente na língua portuguesa, trazendo aos leitores um conhecimento inédito sobre a dimensão sistêmica oculta nos contos de fada.

EDITORA ATMAN



Brigitte Gross

Doutora em Filosofia, formação universitária em Psicologia e Pedagogia. Psicoterapeuta autônoma com clínica própria. Cofundadora do Centro Austríaco de Treinamento de PNL. Trabalha há 16 anos com o método das Constelações Familiares de Bert Hellinger e PNL, tanto no âmbito terapêutico quanto no âmbito da Economia e Gerenciamento.



Jakob Robert Schneider

Formação universitária em Filosofia, Teologia, Educação Física e Pedagogia. Coordena, trabalha e ministra cursos de Aconselhamento Psicológico e Terapia de Grupo em clínica própria, assim como workshops com Constelações Familiares. Trabalho de Cooperação na Comunidade de Trabalhos com Soluções Sistêmicas, segundo Bert Hellinger e Revista de Prática da Constelação Sistêmica.

PSICOTERAPIA-ANÁLISE TRANSACIONAL / PSICOTERAPIA SISTÊMICA E FENOMENOLÓGICA / PSICOTERAPIA FAMILIAR

A visão sistêmica nos contos de fadas

Brigitte Gross e Jakob Schneider

Cada um de nós sabe contar uma história, um conto de fada, um filme, um romance ou um episódio literário que nos são particularmente significativos.

Brigitte Gross e Jakob Schneider mostram em seu livro que tais histórias frequentemente refletem destinos e acontecimentos marcantes na própria família. Elas indicam para um plano inconsciente, que nós adotamos para nossa vida desde a primeira infância a partir das histórias de vida da nossa família. Estas histórias se revelam um caminho para a solução de problemas através do trabalho psicoterapêutico.

Primeiramente, os autores apresentam os fundamentos da psicoterapia sistêmico- fenomenológica segundo Bert Hellinger e reúnem os processos nos laços familiares. Em seguida, Gross e Schneider descrevem o modo como eles trabalham com histórias, ilustrando com exemplos de casos o significado sistêmico de alguns contos de fadas, bem como a força do efeito de seu esclarecimento.

A originalidade deste livro está no significado sistêmico destas histórias, portanto como elas se ligam ao contexto das relações dos clientes.

Os autores mostram acima de tudo, como estas histórias "mágicas" se deixam conduzir para soluções, através de novas formulações e interpretações.

Este livro traz ainda dois artigos, sendo que um aborda o atendimento individual dentro da visão sistêmico-fenomenológica com o uso de figuras e o outro disserta sobre relacionamentos de casal.

EDITORA ATMAN

editora@atmaeditora.com.br

www.atmaneditora.com.br

Jakob Robert Schneider
Brigitte Gross

Ah! que bom que eu sei!

A visão sistêmica nos contos de fadas

Tradução

Tarcísia Ribeiro
Cláudio Brant

Revisão Técnica

Tsuyuko Jinno-Spelter

1ª Edição - Dezembro de 2005

ATMAN



Título do original alemão:

Ach wie gut, dass ich es weiss

Märchen und andere Geschichten in der systemisch-phänomenologischshchen Therapie

(Título - tradução do digitalizador: "Oh! que bom que eu sei! - contos de fadas e outras histórias na terapia sistêmica fenomenológica)

Carl-Auer-Systeme Verlag Heidelberg - Germany

Copyright © 2001 Zweit Auflage - todos os direitos reservados

1ª edição, 2003

ISBN 3-89670-220-3

Todos os direitos para a língua portuguesa reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados) sem permissão escrita do detentor do "Copyright", exceto no caso de textos curtos para fins de citação ou crítica literária.

1ª Edição - dezembro 2005

ISBN 85-98540-06-4

Direitos de tradução para a língua portuguesa adquiridos com exclusividade pela:

EDITORA ATMAN Ltda.

Caixa Postal 2004 - 38700-973 - Patos de Minas - MG - Brasil

Telefax: (34) 3821-9999 - <http://www.atmaneditora.com.br>

editora@atmaneditora.com.br

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Diagramação: Elder Ribeiro - Caminho Propaganda & Marketing

Capa: Fábio Alves Silva - Grafipres

Revisão ortográfica: Elvira Nícia Viveiros Montenegro

Pesquisa de equivalências das histórias: Décio Fábio de Oliveira Jr (nosso especial agradecimento)

Coordenação editorial: Wilma Costa Gonçalves Oliveira

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme o decreto nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S324a Schneider, Jacob Robert.

Ah, que bom que eu sei!: A visão sistêmica nos contos de fadas / Jacob Robert Schneider, Brigitte Gross;

tradução de Tarcísia Múcia Lobo Ribeiro e Cláudio Brant. - Patos de Minas: Atman, 2005.

224 p.

ISBN 85-98540-06-4

1. Psicoterapia - análise transacional. 2. Psicoterapia sistêmica e fenomenológica. 3. Psicoterapia familiar. I. Gross, Brigitte, (colab.). II. Ribeiro, Tarcísia Múcia Lobo, (trad.). III. Brant, Cláudio, (trad.). IV. Título.

CDD: 616.891 56

Pedidos:

www.atmaneditora.com.br

vendas@atmaneditora.com.br

(34) 3821-9999

Este livro foi impresso com:

Capa: supremo LD 250 g/m²

Miolo: offset LD 75 g/m²

Formato fechado: 23x16 cm

Sumário

Prefácio à edição brasileira

Agradecimento

Introdução

Capítulo I

O TRABALHO COM HISTÓRIAS LITERÁRIAS NO ÂMBITO DA PSICOTERAPIA DE ORIENTAÇÃO SISTÊMICO-FENOMENOLÓGICA

1) “Seu rosto parece petrificado de susto!” - Exemplo de um caso

2) Psicoterapia sistêmico-fenomenológica ou a sabedoria a serviço da vida

Terapia

Alma

Sistema

Fenomenologia

3) Os vínculos de destino

Vínculo e solução

A consciência de clã

O pertencimento

A compensação

A ordem

O plano oculto de vida pessoal

4) Conhecimento, compreensão, amor e solução

Capítulo II

O PROCEDIMENTO

1) As histórias pelas quais perguntamos

2) A história de significado pessoal

3) Encontrar a história

4) A quantidade das histórias

5) O momento de se perguntar pela história

6) Reconhecendo a história “certa”

7) O significado sistêmico das histórias

8) Autorreferência ou referência a terceiros

9) A ligação entre o trabalho com as histórias e as constelações familiares

10) As histórias e o plano de vida oculto

A expressão corporal

“Tirando o poder” das histórias

A reformulação das histórias visando à solução

11) As “armadilhas” do trabalho com as histórias

O Psicologismo das histórias

Perder-se nos detalhes e nos aspectos secundários das histórias

A perda da percepção

A limitação das constelações familiares através da visão das histórias

O desejo de entender uma personalidade e o seu destino

Capítulo III

HISTÓRIAS DAS FAMÍLIAS E SUAS CORRESPONDÊNCIAS LITERÁRIAS

“Se você me beijar, eu me transformo em príncipe”

Seria a Gata Borracheira?

“Ah, fada, mas você foi a minha primeira esposa!”

Amor infinito

Duas mulheres dividem o mesmo homem

Rapunzel, salte para os meus braços!

Quem é a mais bela em todo o reino?

Papai lobo, você fica do lado de fora!

Os homens “só pensam naquilo”

Os destemidos

Filho(a), desapareça daqui!

Só eu sou grande e louro

Felicidade perdida

Havia um cuco na árvore

Observações finais

Artigos

CONSTELAÇÕES SISTÊMICAS E FAMILIARES COM O AUXÍLIO DE FIGURAS

Introdução

As figuras

Figuras adequadas

Crítérios a se considerar na escolha do tipo de figuras

A vantagem do trabalho com figuras

A vantagem do trabalho individual com a ajuda das constelações

A experiência anterior com Constelações Familiares no grupo

O “lugar” terapêutico das constelações com figuras

A constelação em um atendimento individual

O procedimento numa sessão de terapia ou aconselhamento nas constelações com figuras

O início

O processo informativo

Conduzir ao trabalho nas constelações com figuras

A constelação com as figuras

O trabalho com as constelações com figuras

O final do atendimento individual

Limites e chances das constelações com figuras

As áreas de aplicação das constelações com figuras

Uma constelação de casal: “o sogro malvado”

“O prefeito e a crise na pré-escola”

Constelações com figuras e trabalho da alma

CAMINHOS NA TERAPIA DE CASAIS

Introdução

Pressupostos para o bom êxito de uma terapia de casais

Soluções em vista de fatos ocorridos dentro do relacionamento do casal

Vínculos anteriores não honrados

Ocorrências traumáticas no relacionamento conjugal

A ordem confiável na família

Soluções em vista de ocorrências e destinos nas famílias de origem

Comportamento cego dos parceiros a respeito de destinos e eventos anteriores

O duplo deslocamento

A fascinação de um parceiro pela morte

A interrupção do movimento amoroso

A dimensão espiritual da terapia de casais

A fila de antepassados

O ato de encarar-se

O respeito pelos mais antigos e a primazia do novo

Da necessidade de partilhar

Liberdade através do relacionamento

Apêndice

Equivalência dos contos de fadas, histórias , filmes e canções citadas ao longo do livro

Prefácio à edição brasileira

Eu fico feliz por este livro que está à sua frente, cuja primeira edição foi publicada em 2000 pela editora alemã Carl-Auer Systeme, ter sido traduzido para o português do Brasil e então, publicado pela Editora Atman.

Nas histórias literárias que nos comovem, em especial quando crianças e mais tarde, em nossas vidas de adultos, podemos encontrar os nossos laços de destino familiares. Por isso, podemos utilizá-las na Psicoterapia e no Aconselhamento, lá onde estamos emaranhados nos acontecimentos e destinos em nossas famílias com nossos problemas sérios.

Há dez anos minha esposa e eu viajamos ao Brasil para dar cursos de treinamentos em Constelações Familiares. Nós amamos e apreciamos este país e ficamos felizes com o quanto as Constelações Familiares, segundo Bert Hellinger, estão se difundindo como um método de muita ajuda para a Psicoterapia e Aconselhamento.

As Constelações Familiares oferecem, para além do trabalho com as histórias, um método excelente para atuar de forma solucionadora e curativa nos problemas profundos de nossas vidas. Através de nossa história pessoal, nossas emoções, nossas imaginações e maneiras de comportamento estamos enredados em acontecimentos e destinos que frequentemente sobrecarregam nossas famílias através de gerações; principalmente, onde pessoas da família foram excluídas, não fizemos luto pelas pessoas mortas, não nos despedimos ou não os julgamos dignos de que estivessem em nossos corações. Dor e sofrimento não conseguem encontrar a paz onde coisas não-solucionadas e não-reconciliadas na alma da família continuam a atuar de uma forma funesta.

Na edição brasileira de *Ah, que bom que eu sei — a visão sistêmica nos contos de fadas* ainda estão incluídos dois artigos que mostram alguns aspectos das constelações familiares, que também ensinamos em nossos cursos de treinamento. Um artigo trata da terapia de casal e o outro da transferência das Constelações Familiares da terapia em grupo para terapia individual. Espero que esta extensão seja um enriquecimento para vocês e lhes desejo uma leitura excitante.

Munique, novembro de 2005

Jakob Robert Schneider

Agradecimento

Agradecemos ao Dr. Otto Brink, Bert Hellinger, Dr. Norbert Linz, Harald Scheubner e Sieglinde Schneider pelas valiosas sugestões e revisão do manuscrito.

Devemos o nosso especial agradecimento a Bert Hellinger com o qual nos foi permitido aprender e que nos levou a este caminho e nos acompanhou neste trabalho tão satisfatório.

Gostaríamos de dedicar este livro a ele e também às nossas famílias.

Observação

Os nomes das pessoas nos exemplos de casos foram todos alterados. Os casos

também foram remodeladas um pouco quando pareceu aos autores que existia o perigo do reconhecimento de determinadas pessoas. Mas nas suas características essenciais, as histórias dos casos permanecem autênticas.

Introdução

Podemos considerar nossa vida como uma história, como se através dela quiséssemos contar nossa experiência pessoal. Enquanto história, nossa vida se apresenta inserida dentro de um contexto. Os vários acontecimentos e vivências exercem o papel de fio condutor da nossa história de vida. O essencial é mantido e o desnecessário, descartado. É dentro de uma história, no decorrer da nossa vida e no espaço em que vivemos, que encontramos uma identidade.

Até onde se consegue remontar ao passado, os seres humanos sempre tentaram compreender e narrar a vida humana através de histórias. De que outra maneira poderia ser transmitido aquilo que é significativo e essencial ao ser humano? E, inversamente, reencontramo-nos com os processos significativos de nossas vidas nessas histórias, seja como ouvintes, leitores ou espectadores. Elas disponibilizam “imagens” nas quais nosso destino pode se refletir, de modo mais artístico ou menos artístico, com nascimento e morte, crescimento e envelhecimento, felicidade e sofrimento, alegria e luto, realização e fracasso, inocência e culpa, pobreza e riqueza, guerra e paz... e, principalmente, amor e ódio.

A linguagem e as imagens anímicas expressam-se em histórias. Por mais rápida que a vida passe hoje em dia e por mais veloz que seja o desenvolvimento técnico e cultural do nosso tempo, as histórias tratam de assuntos que parecem atemporais. Se, por exemplo, filmes de ficção científica nos apresentam novos mundos fantásticos, através da mais refinada tecnologia, em sua história central permanecem em terreno conhecido. *Guerra nas estrelas* narra uma história de família, um drama entre pai e filho, embalado em outros múltiplos processos pessoais e sociais, dentro dos quais conseguimos nos orientar sem grandes esforços.

O psiquiatra americano, Eric Berne, introduziu na Psicologia e na Psicoterapia, o conceito de *script* (história-roteiro), desenvolvido por ele na Análise Transacional. O conceito de *script* é originário do mundo artístico e significa “o roteiro de uma história a ser apresentada no teatro”. Em sua experiência como psiquiatra, Berne descobriu que organizamos nossa vida interior por meio de determinadas imagens, frases e sentimentos, que nos ajudam a nos reconhecer como determinadas pessoas, com uma história individual, dentro da multiplicidade das nossas experiências vividas. Através do nosso script, nossa vida ganha mais continuidade, uma forma inconfundível e, contudo, generalizada, transformando-se em uma manifestação possível de ser narrada em histórias.

Eric Berne descobriu também que planejamos nossa vida, desde a mais tenra infância, de acordo com um roteiro interno, mas que o próprio roteiro de vida nos permanece desconhecido, prendendo-nos a estratégias de vida que, embora contenham uma grande força latente, podem levar-nos ao fracasso, se

permanecerem inconscientes. Descobriu também que nosso planejamento de vida interior pode ser encontrado nas histórias de que gostamos e, assim, ser trazido à consciência. Por isso, começou a perguntar a seus pacientes quais eram seus contos de fadas prediletos, utilizando esses contos nos contextos das histórias pessoais para fins terapêuticos.

Uma aluna de Eric Berne, Fanita English, expandiu esse método, fazendo com que seus clientes nomeassem quatro histórias literárias que os tivessem impressionado em diferentes idades: na infância (dividida em duas faixas etárias, dos três aos sete e dos oito aos 12 anos), na puberdade (dos 12 aos 18 anos) e na idade adulta. Posteriormente, ela procurava pelo fio condutor dessas quatro histórias, ligando-o à necessidade anímica e aos parâmetros característicos do cliente.

Bert Hellinger adotou esse método, integrando-o de forma compactada ao seu trabalho psicoterápico. Logo expandiria o terreno da interpretação das histórias baseada somente nas relações entre pais e filhos, e passaria a perguntar pelo reflexo de tais destinos na família e no clã. A análise dos roteiros de vida se tornou sistêmica. Bert Hellinger passaria então a perguntar somente por duas histórias comoventes, uma na infância e outra na idade adulta. Com o crescente significado das constelações familiares, seu olhar passou a concentrar-se em apenas uma história. Nesse ínterim, seu trabalho com as constelações familiares substituiu totalmente o trabalho com as histórias. Nas constelações, os vínculos de destino vêm à luz em pouco tempo, sendo vivenciáveis. Passando pelas imagens familiares libertadoras e as “palavras de força”, o reconhecimento para a cura pode abrir-se de uma maneira impressionante.

Por que nós, os autores, estamos apresentando então o trabalho com as histórias-roteiro? Nós dois aprendemos com Bert Hellinger, trabalhamos com as constelações familiares, incluindo a questão das histórias preferidas, com diferentes pesos, tanto em cursos de vivência quanto em aconselhamentos individuais ou de casais. Mas o trabalho com as histórias não teria sido ultrapassado com as constelações familiares?

Nossa resposta é sim e não. Para nós não há dúvida de que o método das constelações familiares toca diretamente e de maneira extremamente concentrada o “coração” dos vínculos familiares, revelando muitos aspectos das “ordens do amor”. Aqui, a análise dos scripts, mesmo sendo de orientação sistêmica, fica aquém de suas possibilidades.

Porém, até mesmo nas constelações familiares, o essencial permanece velado algumas vezes, a falta de informações bloqueia a revelação do vínculo do destino ou não mostra, de modo claro, nem aos representantes nem ao terapeuta a direção que conduz à solução. Impressionados pela própria experiência vivida junto a Bert Hellinger no que diz respeito ao efeito revelador das histórias-roteiro, continuamos a recorrer às perguntas pelas histórias preferidas como método complementar, em nossa prática de consultório. Assim, entendemos o trabalho com as histórias como complemento das constelações familiares, como indicação de procura adicional e *efeito-eureka* durante o processo de trazer à luz o vínculo de destino.

Talvez este método complementar sistêmico-fenomenológico agrade também a outros terapeutas e os ajude em seus esforços terapêuticos. Mesmo porque nos perguntam com frequência onde podem fazer consultas sobre o significado sistêmico dos contos de fada e outras histórias e como se pode aprender a lidar com eles na terapia. Essa procura muito contribuiu para o surgimento deste livro.

Primeiramente, vamos discorrer um pouco sobre a importância do trabalho com histórias dentro da Psicoterapia Sistêmico-Fenomenológica. No segundo capítulo, vamos apresentar o processo metódico desse trabalho. No terceiro, passamos a narrar breves histórias e exemplos de casos relacionados a alguns contos de fadas, complementando-os com algumas indicações sobre conflitos entre casais, por exemplo.

Em parte, adotamos o significado sistêmico de Bert Hellinger e em parte as indicações são o resultado do nosso próprio trabalho.

Reproduzimos essas interpretações, confiando em que o leitor perceba a margem entre a rigidez e o acaso que essas interpretações possuem e as utilize em proveito próprio. No âmbito do trabalho sistêmico, o significado e a interpretação das histórias não são inventados aleatoriamente. Resultam das próprias histórias, quando analisadas sob o ponto de vista de qual dinâmica de ação de destino elas possam ter ativado. A coerência dessa interpretação pode ser sempre comprovada por meio da ligação com os destinos da própria família e clã, ligação essa que foi diretamente vivenciada. Também nesse âmbito elas estão sujeitas a certa variabilidade de interpretação que resulta da consternação de cada pessoa, cujo destino e solução está sendo tratado. Mesmo existindo uma verdade relacionada ao destino da família, a história só pode atuar por meio da percepção libertadora dos envolvidos. De forma semelhante às “palavras de força” nas constelações familiares, seus significados têm que corresponder aos destinos das famílias. Elas mantêm o mesmo efeito significativo se forem comunicadas no âmbito de uma coerência mutável.

Renunciamos aqui à apresentação de um catálogo abrangente de interpretações dos contos de fadas. Por um lado, por não termos encontrado sempre um “solo fértil” em todos eles, tendo que rejeitar algumas suposições assumidas. Por outro lado, por acreditarmos que tal catálogo, de onde se acreditaria poder tomar, sem rodeios, interpretações sistêmicas, tiraria desse método sua força, sua abertura e, talvez, até seu encanto. À medida que fornecemos os significados das histórias, pedimos ao leitor que não os utilize de maneira semelhante a receitas, mas que os ligue sempre à percepção de seu efeito.

Gostaríamos, ao iniciar este livro, de fazer referência a algo óbvio: os significados sistêmicos de família não são a interpretação de validade geral das histórias. Boas histórias, como os contos de fadas são inesgotáveis em suas afirmações. Têm diferentes interpretações dentro de diferentes perspectivas, sua própria força de interpretação, por exemplo, em um contexto de interpretação psicanalítico. Mesmo abstendo-se disso, as histórias que são interpretadas somente para finalidades terapêuticas seriam extraídas do todo da vida — o que seria uma grande perda.

O que sempre pudemos experimentar no nosso trabalho é que a forma sistêmica de interpretação de histórias, principalmente em sua forma concentrada, pode ter um profundo efeito, e é isso que gostaríamos de transmitir aqui.

Capítulo I

O TRABALHO COM HISTÓRIAS LITERÁRIAS NO ÂMBITO DA PSICOTERAPIA DE ORIENTAÇÃO SISTÊMICO-FENOMENOLÓGICA

1) “Seu rosto parece petrificado de susto!” — Exemplo de um caso

Um homem de 30 anos participava de um dos nossos antigos *workshops* de vivência, quando ainda trabalhávamos pouco com constelações familiares, mas, em compensação, muito minuciosamente com histórias. Esse homem tinha uma estranha e rara expressão de rigidez no rosto e, quando falava, sua voz soava muito contida. Quando se apresentou na rodada de abertura, o terapeuta disse a ele, após uma pausa: “seu rosto parece petrificado de susto. Que tragédia ocorreu na sua família?” Demonstrando muita surpresa, ele respondeu: “Nenhuma”. Ele estudava Filosofia já há 18 semestres e, apesar de gostar do curso, nunca o concluiu; entretanto, ganhava o suficiente com uma pequena firma de computação.

Quando os participantes, em uma breve viagem imaginária pelo tempo, estavam à procura de sua história-roteiro — qualquer história que os tivesse impressionado na infância e outra que os tivesse impressionado na idade adulta — esse homem não conseguia se lembrar de nenhuma. No decorrer do curso, lembrou-se de *Juca e Chico*²⁹, de Wilhelm Busch, e justamente da cena em que os dois meninos serram a pinguela¹ do riacho e o alfaiate, como consequência, cai na água e de *O jogo das contas de vidro*²⁷ de Hermann Hesse, romance que trata da vida de um mestre em trabalhos com miçangas que, após renunciar a seu cargo, toma-se professor do filho de um amigo, seguindo-o até uma cabana nas montanhas. Lá, atendendo a um chamado desse jovem para fazer uma aposta de natação no lago gelado, morre afogado.

Apoiando-se nessas duas histórias, o terapeuta perguntou ao estudante: “Quem morreu afogado em sua família?” O estudante respondeu, admirado: “Ninguém.”

1 - Pequena ponte de madeira, muito simples, usada geralmente no interior. (NT).

Mas, não encontrando paz após essa pergunta, telefonou para seu pai — a mãe já era falecida — que lhe disse: “É claro que alguém da nossa família morreu afogado. Mas você já deveria saber disso: foi seu avô, o pai de sua mãe. Ao final da guerra, quando a mãe dele tinha apenas seis meses, seu avô tinha ido de Hamburgo a Bremen visitar os irmãos, que o convenceram levemente a fazer uma viagem de barco” — nas histórias de Juca e Chico, os dois sempre pregam peças nas pessoas — “o ato foi leve, porque naquela época as minas ainda não tinham sido retiradas. Os três homens se depararam com uma delas e todos eles morreram afogados.”

No dia seguinte, o participante narrou esses fatos e, em seguida, perguntamos a ele como se sentia depois que ficou sabendo do destino de seu avô. Ele respondeu, radiante: “Fiquei completamente aliviado!” E, já nesse instante, seu rosto estava totalmente diferente e todos os traços de susto haviam desaparecido. A partir daí, dava sempre a impressão de ter sido salvo.

Essa é a consequência quando algo vem à luz através de “histórias”. Embora esse jovem não pudesse se lembrar do seu avô biológico — a avó havia se casado pela segunda vez e seu segundo marido havia ocupado o lugar do avô — na alma, ele estava ligado ao verdadeiro avô, repetindo, de alguma forma, o seu destino. Aconteceu com ele o que se pode chamar de “liberação de uma identificação”. Como consequência do conhecimento emergido, a pessoa do avô, que “continuava viva” dentro dele com seu trágico destino, saiu literalmente, fazendo com que ele se tornasse uma pessoa distinta desse avô, possível de ser percebida “do lado de fora”, mas como parte da família.

Nada mais se sabe a respeito da vida desse homem ou do efeito duradouro da sua vivência, após o curso. Entretanto, no grupo dava a impressão de alívio, libertação e, de alguma forma, felicidade. Naquela época, também não havia nenhum trabalho terapêutico que se aprofundasse em outros aspectos. Mas ter tomado conhecimento sobre o destino do avô, sobre a própria ligação cega com ele e o abrir dos seus olhos pareceram suficientes para que algo se desprendesse dele, aliviando seus sentimentos e sua orientação e talvez seu planejamento de vida tenha recebido uma nova direção e plena de força. Hoje, o terapeuta perguntaria a ele se gostaria de constelar a sua família. Provavelmente, o avô surgiria mais nitidamente em seu campo de visão, o que poderia fortalecer o processo de liberação e o fluir do amor. A perda e a dor provavelmente não- vivenciadas pela mãe poderiam encontrar paz em sua alma. Talvez também emergisse, durante a liberação do avô, uma nova visão sobre o pai, podendo tomar melhor sua força e sua bênção. Esse processo e outros semelhantes fazem a constelação familiar ser tocante e valiosa. Mas provavelmente o mais significativo já teria acontecido, no caso desse homem, como resultado do novo conhecimento. Pôde-se ver o efeito, tanto nele próprio quanto na maneira com que os participantes do grupo assimilavam e retribuía sua felicidade.

Entretanto, alguns leitores talvez possam dizer: “Mas isso é tudo?” Existem, realmente, ideias de que a Psicoterapia ou também um Aconselhamento deveriam

ser algo muito complexo, como se tivessem que refletir toda a problemática de uma vida.

Segundo nossa experiência — e, nesse terreno, sentimo-nos próximos às mais diferentes correntes terapêuticas que se denominam Terapias breves — tal ideia não procede. Justamente nesses procedimentos terapêuticos que se ocupam de emaranhamentos dentro dos sistemas familiares e soluções correspondentes, o foco da atenção se volta para acontecimentos e destinos essenciais dentro das famílias, assim como para o contexto que traz a solução, sendo que esse contexto resulta do surgimento repentino de algo essencial. Dizendo de uma forma mais simplificada, somente dois processos são necessários: primeiro, que um emaranhamento importante seja trazido à luz, frequentemente apenas como num lampejo e segundo, que o amor possa fluir e possa desenvolver, de modo curador, o seu efeito benéfico perante aquilo que vem à luz e se apresenta de uma nova forma.

1) Psicoterapia sistêmico-fenomenológica ou a sabedoria a serviço da vida

Procuramos, com prazer, um conceito para aquilo que pensamos e realizamos e, se possível, uma teoria. Quando trabalhamos com algo assim como a Psicoterapia antes mesmo de praticá-la, quase sempre já passamos por algum tipo de aprendizado sobre pensamento, sentimento e comportamento, sobre processos de vinculação social e autonomia, sobre neuroses e psicoses. Talvez tenhamos passado por um tipo de escola que se caracteriza por um determinado sistema conceitual, com ligações e delimitações relativas a outros sistemas conceituais e pelos métodos de tratamento pertinentes a ela.

O trabalho com as Constelações Familiares de Bert Hellinger apresenta também essa tendência a procurar uma descrição fundamentada do método de esclarecimento conceitual e de suas delimitações, não tanto por parte do próprio Hellinger, mas dos terapeutas e orientadores que adotam este método por estarem convencidos da força da constelação familiar. Tentam e precisam, por isso, esclarecer para si próprios e para outros terapeutas o que realizam, talvez devido ao seu vínculo anterior com diferentes correntes de formação profissional e exigências das instituições em que trabalham. Nesse contexto é que o termo “Psicoterapia sistêmico-fenomenológica” tornou-se usual em relação à Constelação Familiar, segundo Bert Hellinger.

Rigorosamente falando, o que Bert Hellinger e muitos que aprendem com ele fazem em âmbito terapêutico e social não é Psicoterapia em seu sentido clássico. Trata-se muito mais de um tipo de ajuda vital em situações críticas da vida, um aconselhamento, um ensinamento das ordens vivas, tendo como base o amor, de trazer à luz um “campo de saber” (Albrecht Mahr) que possibilita a percepção de algo significativo em termos de desenvolvimento pessoal e solução de problemas. Esse trabalho consiste mais em uma abertura do conhecimento e das possibilidades de ação para as situações de vida que alguém tem que enfrentar.

Gostaria de fazer referência a alguns pensamentos básicos que estão por trás do

emprego do termo “Psicoterapia sistêmico-fenomenológica” e que são relevantes, não só para as Constelações Familiares, como também para o método das histórias.

Terapia

Em seu significado original, a palavra grega *therapeuein* significa “servir aos deuses”. Expressa a experiência usual, não só na Grécia Antiga, de que, nas doenças e conflitos sociais, os indivíduos se encontram fora da ordem dos deuses e de que precisavam colocar-se novamente dentro dessa ordem divina através de um ritual, para encontrar a solução e a cura. Hoje em dia, vemos tais fatos de uma maneira mais profana. Contudo, o processo básico permanece o mesmo: diante de problemas sérios e, às vezes, também em caso de doenças, temos a sensação de que algo em nossa vida precisa ser recolocado em ordem ou organizado de uma nova maneira, se quisermos encontrar a solução ou, talvez, a cura e a solução são possibilidades que se dão à alma. Mas enquanto que no sentido original do termo terapia essa ordem estava vinculada a um âmbito maior, transferimos esse sentido original ao âmbito individual e ao nosso íntimo.

Alma

Nosso vínculo com a esfera de ordem maior da alma pode ser vivenciado de maneira nova nas Constelações Familiares, o que as remete ao sentido original de terapia. Às vezes pensamos que temos uma alma e que ela está em algum lugar ou a igualamos aos nossos sentimentos ou aos nossos pensamentos, conscientes e inconscientes. Mas o que se percebe é que estamos em uma alma. Nela nós nos vemos ligados aos mais diferentes níveis da nossa existência: na multiplicidade dos nossos processos físicos e espirituais, na nossa família, clã e círculo de amigos, associações e empresas, nosso país e nossa língua —, na natureza, no mundo ou no cosmos como um todo. Estamos inseridos na alma do mesmo modo como estamos inseridos no sopro que nos traz a vida. Para Aristóteles, a alma era o princípio formador; para o biólogo Rupert Sheldrake, ela é um “campo” semelhante a outros campos conhecidos da Física. Por meio da dinâmica dos representantes de uma constelação familiar, a alma dessa imagem de família toma-se quase tangível, como algo que abrange todas as pessoas representadas. É como se sua força se desdobrasse do espaço invisível, atuando entre e em torno dos representantes. O mundo anímico abre-se ante nossos olhos, quando olhamos para um conjunto que abrange as partes, de uma maneira que ultrapassa o nosso pensamento racional. Chamamos de “alma” o intangível que nos vivifica, nos une, nos sustenta e que nos envolve, talvez, em diferentes “camadas”.

Apesar de estar inevitavelmente atada ao tempo e espaço, ao contarmos essa alma, percebemos algo atemporal e não-delimitado pelo espaço. Em uma constelação familiar, podemos vivenciar como os destinos de uma família tomam-se frequentemente presentes e atuam nos representantes, mesmo sem informação prévia. Apesar de não ocorrerem mudanças nos acontecimentos, apesar de o passado permanecer tal como foi, seus efeitos podem ser influenciados de modo que uma solução e cura podem ser acrescentados, acarretando uma mudança na alma do grupo e também no passado. O trabalho com acontecimentos passados

acontece de tal maneira que um fato passado vem ao nosso encontro como algo que estivesse esperando por uma solução no futuro. Algumas vezes, também, as pessoas vivenciam algo semelhante a um efeito a distância através da constelação familiar ou um tipo de sincronicidade de acontecimentos, no âmbito da constelação familiar ou na família real.

A inclusão das histórias nas constelações familiares e no trabalho com os vínculos de destinos é um processo anímico. Pôde-se perceber o abrangente e o intangível da alma somente por meio de imagens e histórias e, às vezes, elas surgem como um raio.

Sistema

Dá-se o nome de sistema a um conjunto organizado e articulado. Pensamento sistêmico relaciona-se a conjuntos nos quais as partes se influenciam mutuamente, de forma tão complexa, que não é mais possível descrevê-las por meio de relações lineares de causa e efeito “adequadas ao sistema”. Sistemas vivos são tão complexos, que o seu conjunto é mais do que a soma de suas partes e suas funções. São caracterizados por aquele algo mais que se perderia, caso fossem dissecados e recompostos. Para diferenciar um sistema daquilo que se entende como multiplicidade, poderia ser dito que esse “algo mais” é a completude ou a alma, em relação a sistemas vivos.

Psicoterapia sistêmica significa, em primeiro lugar, que não levamos em consideração a dinâmica individual e intrapsíquica de um cliente, mas sim o vínculo recíproco de um indivíduo com um sistema de relacionamentos, na maioria das vezes com sua família e seu clã.

Quando se trabalha com constelações familiares, pressupõe-se que aquilo que caracteriza uma família como família, a alma da família, se revele durante o trabalho, indo além do conhecimento consciente e das informações disponíveis da pessoa que está constelando. Talvez se revele até mais nitidamente do que se os próprios membros da família estivessem presentes, descrevendo seus pontos de vista sobre os acontecimentos familiares. O que sustenta e organiza uma família em seu âmago e a deixa se desenvolver não se encontra nas informações fornecidas pelos seus membros, mas vai além delas e, talvez também por oposição a elas, se encontre na dinâmica oculta da alma familiar. Portanto, a Psicoterapia sistêmica tem que dar espaço à alma do grupo e, na minha opinião, ela também acentua o caráter de grupo, de clã, seja como for.

Não basta dar à psicoterapia uma forma sistêmica ao invés de uma forma individual, ela também tem que ser concebida sistemicamente. A psicoterapia ou o aconselhamento são sistêmicos quando deixam o nível de descrições e esclarecimentos causais. Mas como estamos presos à linguagem e essa só se deixa explicar por meio de relações causais, precisamos de saídas para uma compreensão sistêmica. Uma saída consiste em desativar as associações linguísticas comuns dentro de um sistema de relacionamentos que, por exemplo, mantém um sintoma, por meio de perguntas objetivas e intervenções focadas nos sintomas. De certa

maneira, usa-se a estrutura causal da linguagem justamente para quebrar o pensamento prejudicial de causa e efeito, abrindo espaço para um pensamento mais funcional, tornando impossível assim, a antiga “compreensão”, e que uma nova compreensão tenha que amadurecer, partindo do interior do sistema.

Um outro caminho para se chegar à compreensão sistêmica passa pelas imagens, pela plasticidade da linguagem e pelas histórias. Podemos compreender em uma imagem uma multiplicidade de informações e processos como um todo. São desnecessários os processos de decomposição e recomposição. A completude e a densidade que se ocultam por trás de uma constelação familiar sempre nos surpreendem, embora as informações prévias sejam mínimas; através do processo da constelação familiar algo pode ser revelado e esclarecido, sem qualquer explicação e extrapolando uma exatidão lógica. As “palavras de força” (Bert Hellinger) desdobram seu efeito para além da linguagem descritiva, através de sua vinculação a esse processo plástico e de natureza essencialmente anímica.

Esse processo toma-se sistêmico dentro de duas perspectivas quando incluímos as histórias-roteiro no trabalho com as constelações familiares. Primeiro, elas são vistas como comunicação a partir de um contexto familiar e não como possibilidade de interpretação para um processo de desenvolvimento individual. E ainda servem como “imagens” que trazem algo à luz e que escapam ao pensamento causai. Elas se dirigem a algo em nosso íntimo que está à disposição como “forma fechada”, dentro do nosso inconsciente, clamando para ser visto.

Fenomenologia

A Fenomenologia é um método filosófico e espiritual e é desse modo que a abordagem fenomenológica de Bert Hellinger é inserida no trabalho com as Constelações Familiares, como descrição do seu procedimento metodológico. A Fenomenologia relaciona-se com a realidade de modo diferente da Ciência, apesar de ambas relacionarem seus conhecimentos e se completarem. Com o método fenomenológico, procuramos por uma verdade, de modo que algo possa se revelar por si só, tal como é. Mas só podemos saber como algo realmente é no momento fugaz em que se manifesta, comunica e se revela a nós através de seu efeito. Aquilo que é, mostra-se então historicamente com sua verdade e seu efeito.

No procedimento fenomenológico, expomo-nos a uma realidade, receptivos e isentos de critérios de observação e sem as ideias preconcebidas advindas do nosso saber. Nós nos opomos à tentação de nos apoderarmos das coisas através do nosso saber e da nossa compreensão. Permitimos simplesmente que algo oculto venha à luz, tornando-se verdade e podendo ser percebido como verdadeiro.

A “verdade” não está compreendida como oposição à “não-verdade” ou “mentira”. A “verdade” é compreendida aqui como aquilo que não está mais oculto, em oposição ao que está oculto. Ela faz parte do processo da vida, na medida em que a vida se vincula àquilo que ainda vai ser e ao fenecer, ao oculto e ao revelado. Aquilo que surge num lampejo é vivenciado como essencial. E essencial é aquilo que se revela através do seu surgimento — o “fenômeno” — como algo definitivo,

apresentando-se aí sem maiores diferenciações, como um todo inequívoco que, sem perda de sentido ou do processo essencial, não pode ser relacionado à outra coisa.

Sendo assim, em um confronto com a mãe, essa pode mostrar-se simplesmente só como mãe, não como a mãe ideal, como a construção abstrata “mãe”, mas como esta minha mãe, que me deu à luz, e que no entanto ultrapassa as características da sua aparência, comportamento e destino. Ou a morte de um irmãozinho é vista e aceita como morte do meu irmão ou irmã, independentemente das circunstâncias isoladas da morte, que talvez, por seu horror, pela sua obscuridade, nos separa de nossa dor.

Quando incluímos as histórias literárias de significado pessoal no trabalho de solução, então isso acontece dentro desse processo fenomenológico. Nem as próprias histórias ou a sua relação com os acontecimentos familiares serão analisadas. Mas é o terapeuta que se expõe às histórias literárias, aos acontecimentos da família, à sua relação recíproca e aos processos elucidativos da Constelação Familiar, até que o entrelaçamento dos destinos surja como num lampejo, podendo assim ser percebido. O grande efeito das histórias está no *efeito-eureka* que elas desencadeiam na sua coerência imediata em relação às pessoas e seus destinos e a comoção pessoal no destino da família.

3) Os vínculos de destino

O que leva as pessoas a procurarem alguém que tenha experiência com os “assuntos da alma”, para pedir ajuda e orientação, e submeter-se eventualmente a uma Psicoterapia? Existem, com certeza, “modismos” como o desejo de autorrealização, de sentir-se autêntico e poder expressar seus sentimentos; a vontade de libertar-se das limitações da própria vida, que prendem a algo não desejável e não amado da vida. Mas quando olhamos e nos informamos mais de perto, tais motivos revelam-se, contudo, secundários.

No fundo e, muitas vezes também muito abertamente, o que atua é uma necessidade real em que a própria pessoa ou outros se encontram. Por exemplo:

- o contato com os pais é muito ruim ou talvez interrompido e a pessoa não se sente fortemente inserida em sua família de origem;
- depressões paralisam a vida cotidiana;
- antigas feridas da infância não querem cicatrizar;
- fracasso ou ameaça de fracasso dos relacionamentos;
- os próprios filhos sofrem e nós sofremos com eles ou então têm um comportamento destrutivo ou autodestrutivo, e nós nos sentimos impotentes perante isso;
- acidentes ou doenças frequentes inquietam;
- uma grave doença da própria pessoa ou de algum parente leva a pessoa a atingir o limite de suas forças físicas e espirituais;

- um vício prende a própria pessoa ou alguém muito próximo, corroendo o relacionamento e a própria vida;
- mortes não superadas;
- talvez uma culpa própria ou de outrem nos corroa;
- o planejamento de vida fracassou;
- uma pessoa da família se suicidou ou enlouqueceu, ou a própria pessoa sente-se em perigo de cometer suicídio ou teme ir parar numa unidade psiquiátrica de algum hospital; ou uma pessoa teve experiências anteriores com a Psiquiatria e não consegue ainda acreditar na cura.

Podemos descrever três caminhos de solução clássicos da Psicoterapia:

O primeiro caminho é o do aprender e desaprender. Passando por um vasto espectro de possibilidades, desde os diálogos diretos, métodos da terapia Comportamental, processos imaginativos, até processos espirituais — buscamos soluções que passam pelo aprendizado de novas maneiras mais adequadas de pensar e de se comportar e até mesmo mais “funcionais”. Ou precisamos — e isso é o mais difícil — desaprender a maneira antiga de pensar e comportar, que nos impede de sermos livres para aquilo que nos ajuda a continuar.

O segundo caminho é o da cura. Lá, onde houve experiência traumática, ou seja, de separação que ameaçou a existência, principalmente na primeira infância, mas também em outras faixas etárias, onde houve interrupção do amor para com as pessoas de referência importantes, principalmente com a mãe e com o pai, e também parceiros e, sobretudo, em relação à vida. A ferida não sara, apesar de o ferimento e o perigo já terem passado. Nesses casos, a Psicoterapia ajuda a fechar a ferida, ajuda a acabar com a dor, porque já passou, e o amor pelos pais, pelo parceiro, pelos filhos e pela vida pode voltar a fluir.

O terceiro caminho é o caminho do vínculo e solução. Nesse ramo sistêmico da Psicoterapia, trata-se dos efeitos da nossa vinculação com a alma do grupo, com acontecimentos e destinos da nossa família e, além disso, com outros grupos sociais, com a sociedade e com o mundo como um todo — com a *grande alma* (Bert Hellinger). Nesse âmbito, a Psicoterapia ajuda a aceitar os vínculos dentro dos quais nascemos, com os quais nos envolvemos cega ou amorosamente. Ela ajuda a trazer à luz os vínculos ocultos que atuam dentro dos sistemas de relações, a se soltar dos emaranhamentos; a deixar o amor fluir na alma de acordo com as ordens vivas preestabelecidas; a levar cada um a ocupar o lugar que lhe é apropriado e assumir a responsabilidade pelo seu próprio destino, curvando-se humildemente perante o destino do outro, renunciando a interferir.

Vínculo e solução

Todas as pessoas de uma família e clã estão unidas umas às outras pelo vínculo do amor. Esse é uma força profunda que atua inconscientemente e que une todos aqueles que pertencem a um sistema de relacionamento, a serviço dessa união. Os mortos também estão incluídos nessa força do amor até o ponto em que a

recordação os alcance, pois seu caminhar benevolente junto à família é sentido como força que une e protege os vivos. Os mortos permanecem presentes na família através da memória e, dessa forma, permanecem enlaçados nesse vínculo recíproco de todos os membros, até que possam se recolher à *grande alma*, retirando-se do âmbito da família.

Esse vínculo amoroso atua sempre como uma força biológica. Ele atua quer o percebamos ou não, quer seja desagradável, nos atrapalhe, o aceitemos ou a ele nos oponhamos. Faz parte de nossa constituição básica como ser vivo delimitado e separado de nós. Esse amor é como a energia básica da alma, com a qual ela sustenta e organiza aquilo que a força da individuação quer separar, comparável à força da gravidade, que freia a expansão dos corpos celestes, sustentando e organizando a matéria cósmica e a energia.

Juntamente com esse vínculo amoroso atua a mesma força original do soltar e do desprender. Ela serve à individualização e para que aquilo que está atado possa se diferenciar e seguir o seu próprio caminho. Sendo assim, os mortos dão lugar aos vivos, o velho pode perecer e ficar no passado, o novo tem a sua chance e aquilo que está unido pode separar-se e unir-se a outros. A maioria dos problemas mais sérios surge no ponto onde permanecemos atados ao nosso vínculo amoroso, e a maioria das soluções está no desprender-se das pessoas que estão ligadas a nós e de seus destinos, que elas próprias têm de assumir.

Vínculo e solução atuam em conjunto. As soluções resultam se concordamos com os vínculos familiares de uma forma que nos desprendamos de seus destinos. O caminho para que isso possa se concretizar é delineado pelo amor. O amor une de tal maneira que cada um permanece como é aceitando o outro como é, e com o seu destino peculiar. O amor que vê, solta. Ele libera os que amam, frente-a-frente, dos limites da obrigatoriedade.

A consciência de clã

Três forças básicas atuam na alma, sustentadas pelo vínculo amoroso, dando forma ao laço do destino dentro de um sistema de relacionamentos: a força do pertencimento, a força da compensação e a força da ordem. Elas atuam sobre a “consciência de clã”.

Essa consciência de clã é o poder de atuação inconsciente da alma do grupo, que cobra o vínculo, a compensação e a ordem na família; aquilo que foi desrespeitado em relação ao vínculo, à compensação e à ordem. Não olha para as consequências e não olha quem é o bom ou o mau. Atua cegamente e deixa que o emaranhamento se desenvolva do vínculo de destino, colocando o inocente com uma grande força que atua de modo mágico a serviço das forças anímicas da vinculação, indiferente à vontade, saber e amor desse inocente.

Sentimo-nos frequentemente comovidos, quando algo do efeito da consciência de clã vem à tona em uma constelação familiar. Por exemplo: uma representante da noiva de um pai, que havia se separado dela por ter ficado moralmente indignado com sua mudança de vida e nunca mais falara nela, disse certa vez: “Não aceito

suas desculpas, vou pegar sua filha e atraí-la para o meu lado até que ela o odeie.” Essa filha que tinha constelado sua família para se livrar do ódio inexplicável que sentia pelo pai, ficou profundamente chocada. Enxergava agora nitidamente o contexto. Somente quando a própria filha ficou frente-a-frente com a noiva, olhando-a amorosamente e declarando-se pronta a responsabilizar-se, custasse o que custasse, pela mágoa causada pelo pai, só então a noiva abrandou-se na constelação, irrompendo em lágrimas e liberando a filha. Essa filha era uma senhora de meia-idade, cujos relacionamentos haviam fracassado. Seu conto de fadas predileto era *A Bela Adormecida*³.

Podemos encontrar o efeito da consciência de clã com a sua força emaranhadora em muitas histórias bíblicas, nas tragédias gregas, na maioria dos pequenos e grandes dramas da literatura mundial e em muitos filmes, no cinema e na televisão. Mesmo quando não o notamos ou não o nomeamos expressamente, nosso saber flui, passando pelas forças atuantes na alma, em direção às formas de expressão da nossa alma.

O pertencimento

A força do pertencimento atua no sentido de que todos que pertencem a uma família ou clã, seja pelo seu nascimento ou por uma outra ligação existencial, podem pertencer a ela. Isso abrange vivos e mortos da mesma maneira.

A um sistema familiar pertencem os irmãos, os pais e seus respectivos irmãos, os avós e, dependendo do significado do destino, os irmãos dos avós e os bisavós, assim como todos os meios-irmãos e meias-irmãs dos pais e todos os vínculos de relacionamentos anteriores dos pais e avós, por esses terem deixado o caminho livre para futuros relacionamentos e para a vida de seus filhos.

A força desse pertencimento vincula até estranhos na comunhão de destinos da família e clã, se suas vidas estiverem ligadas por perda ou lucro existencial: salvadas, mortos em acidentes de trânsito, doadores de órgãos, aqueles que se tornaram devedores dessa família, seja por fatalidade ou por motivos pessoais, e as vítimas de culpas pessoais graves ou fatais cometidas pelos membros de uma família.

Se dentro de um sistema familiar for negada a algum membro a igualdade e o pertencimento ou se um membro da comunidade de destinos não puder ser aceito devido, por exemplo, a seu suicídio ou uma culpa grave, a “consciência de clã” exige de um outro membro que ele represente novamente o destino daquele que foi excluído. Na maioria das vezes, alguém que nasceu posteriormente, sentindo-se este tão rejeitado, desigual, não-honrado, ameaçado, culpado ou cansado da vida quanto aquele que foi excluído. Dessa maneira, um inocente é atado com a sua vida ao destino de outro, sem sabê-lo e sem querê-lo, sentindo-se como vítima e tornando-se frequentemente também uma vítima, por estar-lhe sendo impingido um tipo de compensação para que seja feita justiça apenas aos excluídos e aceitar como inevitável o sofrimento de inocentes.

Nos sistemas familiares, excluem-se com frequência filhos ilegítimos,

indesejáveis nas famílias dos seus pais, que não os aceitam nem os mencionam. Também os pais de filhos ilegítimos que não desejam ter relacionamento com eles ou que não são chamados à responsabilidade pelas mães, sendo às vezes até ocultados. A mesma coisa ocorre também com os parceiros de relacionamentos anteriores ao casamento dos pais ou dos avós.

Irmãos falecidos prematuramente, abortos ou filhos que nasceram mortos não são contados na sequência dos irmãos e deixam de ser mencionados, por dor ou temor ou porque a “vida tem que continuar”. Também quando os pais morrem cedo, os filhos às vezes se esquecem deles, porque ainda eram muito pequenos para sentirem o luto e se lembrarem deles mais tarde; ou porque o padrasto ou a madrasta se sentem como os verdadeiros pais, separando-os dos pais biológicos, frequentemente para não sobrecarregar os filhos com o destino pesado de seus pais.

Conforme já mencionado, muitas vezes o silêncio sobre o verdadeiro destino de um membro da família ou de uma pessoa que deu lugar atua também como uma exclusão, por exemplo, quando se diz, do avô que cometeu suicídio, que ele faleceu de infarto ou quando se cala para a criança adotada que a mãe se suicidou.

Os motivos da exclusão são irrelevantes para o efeito dessa exclusão. A alma só vê o que acontece e não os motivos ou explicações, nossa vergonha, nosso medo ou também nossa boa intenção.

A compensação

O vínculo amoroso conduz todos os membros de uma família e do clã a um sentimento de responsabilidade pela vida, pela segurança e bem-estar de todos. Esse amor atua no fundo da alma. Na dimensão da alma, que ultrapassa tempo e espaço, esse sentimento de responsabilidade e de pertencimento não cessa diante de destinos do passado e nem diante da morte. O vínculo amoroso é acompanhado por um pensamento mágico, que tenta ultrapassar as fronteiras do tempo e do espaço em seu amor cego, para permanecer de qualquer jeito junto ao outro e seu destino ou para poder arrebatá-lo o destino.

Nas Constelações Familiares, pôde-se chegar assim a processos impressionantes e tocantes. Bert Hellinger sempre apontou nitidamente para a seguinte dinâmica: “Eu sigo você na sua doença, na sua loucura e na sua morte” e “prefiro estar mal, prefiro estar doente, prefiro ser louco, prefiro morrer em seu lugar”.

Ou: “Eu compenso o seu sofrimento, o seu fracasso, a sua doença, a sua loucura, a precocidade da sua morte por meio do meu sofrimento, meu fracasso, da minha doença, minha loucura, minha morte precoce” e “tomo para mim a sua culpa e vou expiá-la para você, como se fosse você”.

Igualando-me às suas vítimas, talvez estes fiquem reconciliados”.

Algumas vezes, o amor pelo destino do atingido nesses processos é sentido, mesmo quando o efeito desse amor permanece oculto. Uma mulher que tinha câncer e queria ir, no lugar do pai, para a mãe dele que havia morrido precocemente, para que o pai então pudesse permanecer vivo, disse amorosamente durante sua

constelação: “Se existem três filhos, é melhor que morra um filho do que o pai”, colocando-se decidida junto à avó falecida.

Outras vezes ocorre como um acontecimento cego, trágico, como se um destino trágico tivesse que ser pago com outra tragédia, mesmo que isso não ajude ninguém e a uma coisa trágica somente se acrescente uma outra. Um destino trágico clama por compensação. Assim como em um relacionamento o dar e o receber têm que ser compensados, nos bons e nos maus, parece também que o destino clama por uma compensação, tanto no bom quanto no mau. A alma dá espaço para ambos os tipos de compensação: à compensação do destino trágico, em forma de repetição, assumir no lugar do outro, imitação, expiação e vingança. E a boa compensação do destino trágico assume a forma de uma dor adequada e um luto comedidos, respeito e humildade e principalmente em forma de “tudo continua bem” e “dentro do meu coração, eu lhe dou uma participação no lado bom da minha vida, a você que tem ou teve um destino ruim.”

Em uma boa compensação, tomamos nossa vida e tudo de bom que recebemos com gratidão, fazendo o melhor daquilo que recebemos e o que estiver ao nosso alcance. Assim, ficamos sabendo que o outro que passou pelo destino ruim também nos ama e não deseja uma compensação ruim através de nossa vida. Isso só iria sobrecarregá-lo e impedir que se recolha às profundezas da *grande alma*, onde o bom ou o mau destino não contam mais e onde todos os destinos se igualam, diante da grandeza e amplitude do “nada” ou da “completude”.

Contudo, a boa compensação parece só acontecer depois da má compensação. Assim como no dar e tomar dos relacionamentos, o mal tem primeiro que ser pago com o mal, mas com um pouco menos de mal para que uma nova oportunidade seja dada ao amor e à boa compensação. Da mesma forma um destino ruim puxa, muitas vezes, primeiramente um destino ruim para um outro, contudo, talvez este se detenha após um certo tempo e pare a tempo de impedir a compensação total, dando dessa forma uma chance à boa compensação.

A ordem

A terceira força atuante na alma é a força da ordem. Menos do que o pertencimento e a compensação, ela também tem algo de moral. Ela é muito mais uma força integrativa, que promove o crescimento, inicia e organiza relacionamentos, indicando ao amor seu espaço de desenvolvimento e seus limites.

A força da ordem atua de modo que os relacionamentos sejam regulamentados com confiança. Confiança significa que cada um toma o lugar que lhe cabe e que lhe seja adequado dentro de um sistema de relacionamentos. O que estabelece se determinado lugar é o adequado está preestabelecido por aquilo que Bert Hellinger chama de “ordem de origem”.

A ordem de origem é uma “lei” muito simples que sempre atua dentro de um sistema de relacionamentos e significa: quem chegou primeiro, chegou primeiro e quem chegou depois, chegou depois. Primeiro chegaram os pais, depois chegaram os filhos; primeiro chegou o primeiro filho, depois o segundo, o terceiro, quarto...

Se essa ordem for transgredida, haverá brigas por um determinado lugar dentro de uma família, podendo terminar com trágicas consequências.

Em muitas tragédias gregas são mostradas as consequências da quebra da primazia na ordem de origem entre pais e filhos, como em *Édipo*, onde se chega à luta final “ou eu ou você”. Apenas um pode tomar o lugar de homem da casa junto à esposa e mãe. E em algumas histórias bíblicas evidencia-se o que acontece quando não se mantêm a sequência na ordem dos irmãos. Depois que Jacó tirou do seu irmão gêmeo mais velho, Esaú, a conselho da própria mãe, a herança e a bênção de primogênito, visto o pai ser cego, teve que fugir de sua vingança. E os filhos de Jacó queriam matar ou pelo menos livrar-se do irmão caçula, José, por ele ser o preferido do pai.

Algumas famílias são destruídas por rivalidades profundas, como se tratasse de uma questão de vida ou morte. E como solução, alguém frequentemente deixa a família, podendo ser o pai ou a mãe, a filha ou algum irmão. Em rivalidades ou “brigas por posições” rebela-se contra a ordem de origem. Se em uma constelação familiar cada um ocupa novamente o lugar que lhe é adequado, há um grande alívio em todo o sistema familiar, mesmo se as consequências dessa desordem não puderem mais ser revertidas para alguém de dentro do sistema, por exemplo, em caso de suicídio.

A ordem de origem tem validade somente dentro de um sistema. Entre os sistemas prevalece uma outra ordem. O novo sistema tem primazia. Quando filhos deixam seus pais e fundam uma nova família, essa nova família é que adquire a primazia. Quando parceiros se separam e iniciam uma nova relação, é essa nova relação que tem primazia, mesmo tendo vindo depois da primeira relação.

Outros fatores de confiança também fazem parte da ordem dentro dos sistemas familiares como, por exemplo, o fato de que os filhos possam crescer em segurança ou que outros adultos assumam a responsabilidade por eles, em caso de necessidade; ou que o fluxo vital dos pais possa continuar a fluir para os filhos e que esses renunciem a querer dar a seus pais aquilo que os pais não receberam dos parceiros ou dos próprios pais. Por sua vez, os pais precisam ter em mente que não devem exigir dos filhos que eles lhes retribuam o que eles lhes deram, ao invés de seguirem em frente, dedicando-se à nova família que fundaram. Não devem exigir que os filhos preencham as lacunas das irrealizações em suas vidas.

As relações familiares confiáveis são aquelas em que os filhos podem ser simplesmente filhos e os pais assumem sua responsabilidade de pais, e os filhos renunciem a exercer influência sobre o relacionamento dos pais. Também faz parte da confiabilidade nas relações familiares o apoio mútuo como deve ser o certo, principalmente no contexto da comunidade de destinos. Por exemplo, filhos adultos cuidam dos seus pais velhos e talvez doentes, quando eles não tiverem mais condições de cuidar de si mesmos.

O plano oculto de vida pessoal

Nas histórias literárias que nos impressionam em especial, aproveitamo-nos de

temas familiares resultantes das forças atuantes do pertencimento, da compensação e da ordem dentro da família ou clã.

Muitos contos de fadas relacionam-se, por exemplo, ao o fato de ter sido negado a alguém da família o direito de pertencer e à igualdade e, portanto, à dignidade correspondente. *Rapunzel*⁵⁰ aponta para uma filha dada a outrem, *A Bela Adormecida*³ para uma antiga amante ou namorada do pai que “não foi convidada”, *A Guardadora de gansos*¹⁷ aponta para uma mulher que estava destinada ao pai ou ao avô e que foi colocada fora do páreo pela mãe ou pela avó, e então, condenada à solidão.

Outros contos de fadas relacionam-se com a compensação de destinos, como em *João Felizardo*²⁴, que entrega tudo o que possui, como um avô que tudo havia perdido por um golpe do destino. Em *Moedas do céu*³⁵, a menina entrega tudo o que tem, até a própria roupa, sonhando com o ouro que cai do céu. Dessa maneira, assemelha-se, na maioria das vezes, a um pai ou uma mãe que tenham perdido muitos bens e falecido precocemente ou a irmãos que também tenham morrido cedo. Algumas vezes, um dos pais pode ter sido deserdado.

O conto de fadas *Pele de Asno*⁴⁵ aponta para uma ordem perturbada, onde o pai quer se casar com a filha, após a morte da mãe. Em *Chapeuzinho Vermelho*⁶, um avô seduz sua netinha, que deve lhe dar aquilo que a avó não pode ou não quer mais lhe dar; em *Os músicos de Bremen*³⁸, olha-se para os “marcados pela morte” e para pessoas a quem foi negada a proteção da família, por não serem mais “úteis”.

Frequentemente, as histórias literárias de que nos lembramos e que têm significado especial para nós não apontam somente para um tema familiar oculto, clamando para ser trazido à luz, mas refletem também o plano pessoal com o qual tentamos dar à nossa vida uma forma “de narrativa possível”, à semelhança do roteiro de um filme. Esse plano de vida, uma espécie de fio condutor da nossa vida, é uma construção interna, uma invenção de nosso anseio por identidade.

Por mais frágil que seja uma criança, ela é extraordinariamente forte para resistir a sofrimentos, sendo espantoso como pode suportar, cheia de coragem e aceitação, um destino pessoal difícil e pesado, nele encontrando e até criando forças para sobreviver. Mas o que é muito difícil, quase insuportável para uma criança, é ter que assistir ao sofrimento daqueles que ela ama: os pais, irmãos, avós, tios e tias e outros do círculo familiar, sofrendo mais com as penúrias daqueles a quem ama do que com as próprias. Essa necessidade dos outros a conduz à “necessidade” do destino.

Uma criança sempre quer ajudar quando sente o sofrimento de alguém que faz parte da sua família e a quem ela ama, mas sabe que suas possibilidades e forças são muito pequenas para tal ajuda. Então elabora um plano e diz a si mesma — e às vezes em voz alta, para diversão ou espanto dos adultos: “Espere até eu crescer, então vou ajudá-lo e fazer algo que faça você feliz outra vez.” Desse modo, a criança constrói um plano de vida com o qual deseja contribuir mais tarde para a suspensão ou alívio dos apertos de um ente querido. Com isso, e impulsionada pela

ilusão de ajudar ou de procurar pela felicidade, ela mesma se prescreve a necessidade de um destino que ela não vai poder realizar, pelo menos não sem pagar um alto preço. A necessidade em questão já custou o seu preço, já passou, não faz realmente parte de sua própria vida, não podendo, portanto, ser paga com a própria vida.

Um pediatra, que tinha uma pequena clínica, estava tão engajado com seu trabalho que seu casamento ameaçava fracassar. Estava até perdendo sua saúde, de tanto trabalhar. Esse pediatra contou, durante a sua terapia, que seu irmão menor havia morrido em um acidente, enquanto brincavam. Numa regressão terapêutica desse acontecimento, abraçou os pés da mãe, como menino, gritando ao presenciar a dor incomensurável da mãe: “Mamãe, eu vou consertar isso!”

No planejamento de vida pessoal, prescrevemo-nos uma “ilusão”. Nós condensamos a necessidade e a sua solução em uma imagem, uma frase interior e em um sentimento, que, juntos, formam o assim denominado roteiro de vida. E o que esse roteiro de vida preenche nos é mostrado pelas histórias literárias. Nelas nós nos reencontramos com nossos planos de vida. Nelas, olhamos para o sofrimento, para os quais nosso plano de vida aponta a saída, com seus caminhos cheios de ilusão e também para o papel que aí representamos munidos de determinados comentários e do “sentimento predileto”. Revelando-se esse plano de vida ilusório, isso possibilita ao terapeuta descobrir frases que ajudam, também, durante uma constelação e que conduzem a uma cura e a olhar a realidade amorosamente, sem ilusões.

No roteiro de vida, abandonamos de certo modo a vida real e instalamo-nos em uma imagem da nossa vida, trabalhando incansavelmente e como que esquecidos de nós mesmos, para que esse roteiro se concretize. Assemelha-se ao conteúdo de uma história chinesa: um pintor pinta o mesmo quadro, durante toda a sua vida, até envelhecer. O quadro fica então finalmente pronto e assim convida os amigos que lhe restavam para verem o quadro. Todos olhavam então para o quadro, onde havia um parque com um caminho estreito que, passando por diferentes prados, levava a uma casa. Quando os amigos se voltaram para o pintor, para lhe dizerem sua opinião, viram que ele não estava mais lá. Voltaram a olhar para o quadro: nele o pintor ia por um caminho, subindo para a colina, abria a porta da casa, virava-se novamente, acenando para os amigos e desaparecia, fechando cuidadosamente a porta atrás de si. O pintor havia entrado dentro do seu próprio quadro.

O sonho de todo amor infantil e do nosso pensamento mágico é podermos abandonar a vida real com suas penúrias, seus acasos, suas exigências e podermos viver um quadro que reflete nosso amor e nossos anseios, tornando-nos assim o que nós mesmos preferimos. O trágico ou tragicômico dessa situação é que nós, sob a perspectiva da imagem interior do nosso papel na vida, não conseguimos dar conta da vida real e, esforçando-nos pela mudança das aflições dos que amamos, acabamos repetindo exatamente e, com muita frequência, as mesmas aflições na nossa vida. Assim, a realidade alheia que queríamos resgatar nos alcança, como

sendo a nossa própria e não solucionada.

Mesmo com todo o fracasso do nosso plano de vida pessoal, conseguimos realizar muitas coisas boas com ele, como no exemplo do pediatra acima citado. Esse plano faz com que nós mesmos e algo no mundo progridamos. O esforço que investimos nele quase nunca é em vão, mesmo que ele não atinja o objetivo ilusório. No roteiro de vida pessoal há um grande esforço bem sucedido por uma boa compensação de destino.

Quando conseguimos nos separar da ilusão, abandonando a tentativa de alterar as aflições que há muito pertencem ao passado, favorecemos aquilo que no futuro nos aguarda, então o que é necessário ao nosso destino pode se transformar na nossa determinação pessoal. Em nossa determinação pessoal, tomamos o passado, nossa família, os destinos ali existentes, a própria marca e determinação como força armazenada pelos limites com os quais nascemos, transformando-os em força motriz que nos impulsiona para bem dentro da nossa própria vida. Enquanto no roteiro de vida delineamos o futuro, olhando para trás e tomando como medida para a própria vida as aflições passadas; na determinação pessoal nós olhamos para frente, impulsionados pelo passado ao qual estamos unidos, mas acrescentando a ele o futuro ou o que está por vir, permitindo que o que carregamos conosco cresça e se adapte ao novo, podendo delinear-lo e completá-lo, na medida do possível.

No trabalho com as histórias, ficamos conhecendo a força das imagens e da nossa capacidade de nos dar forma, a partir delas. Quase sempre essa experiência toca profundamente os participantes que são a ela submetidos. Principalmente quando compreendem, em um momento de compreensão, o quanto a própria força da imaginação estava dirigida para um destino alheio, sendo tudo, menos livre. Desse modo é que as histórias e o descobrimento do emaranhado oculto dos destinos, envolvido pelas imagens, assim como a retirada do poder dessas imagens podem ajudar nos trabalhos terapêuticos — pelo menos parcialmente e em um grau que permita a continuidade e o desenvolvimento da própria vida.

4) Conhecimento, compreensão, amor e solução

No âmbito da nossa maneira de conduzir o trabalho com as histórias literárias, na Psicoterapia, não existe o objetivo de conseguir uma mudança de personalidade nem uma expansão do autoconhecimento que se contenta com isso, como se fosse um ganho de conhecimento.

A força desse trabalho reside ali, onde e enquanto permanecer ligado a uma questão e à solução a ela ligada. Serve a uma compreensão que deve surgir espontaneamente e atuar como ajuda, conduzindo à continuidade da própria vida e da vida familiar e, talvez, até além disso.

Visão não se iguala ao saber, apesar de ficarmos sabendo mais através dela. Compreensão é uma clareza que emerge do inconsciente coletivo e individual. Ela surge do grande espaço como um presente, não-disponível, não-planejável, não-palpável. Na compreensão, algo do grande contexto ilumina nosso íntimo, tocando-nos. Quando ela surge, não duvidamos mais. Enquanto duvidarmos, ela

permanecerá oculta.

Uma análise das histórias literárias pode não acertar o alvo, ou seja, não descobrir aquilo que é essencial em relação ao emaranhamento de destinos. Se ela estancar, porque o destino marcado pela morte prematura da mãe é nítido demais e não permite desvios, por exemplo; ou se aflorarem outros fatos evidentes sobre outros emaranhamentos; tais como a separação ou um aborto ou um desequilíbrio entre dar e receber na relação —, insistir nas histórias, nesses casos, e na sua relação com o destino afasta não só a visão, mas também a solução, pois não é o método que está em primeiro plano, mas aquilo que conduz à solução.

O grande número de acertos do trabalho com as histórias torna-o fascinante. Por isso, pôde-se ficar tentado a usá-lo como finalidade em si mesmo ou pôde-se fincar pé na busca de um resultado, a qualquer preço. Ficar querendo saber a qual destino familiar uma história se refere, pesquisando os acontecimentos familiares, coloca-se em segundo plano o mais importante: se o trabalho ainda tem força e realmente progride.

O trabalho com as histórias em sua coerência é, frequentemente, fascinante, nos levando a usá-las como uma finalidade em si. Ou queremos ter um resultado, de qualquer maneira e reconhecer qual é o destino familiar, a qual a história se refere e pesquisamos os acontecimentos familiares sem prestar atenção se isso ainda tem força e realmente conduz à frente ou ficamos tentados a apresentar explicações, quando a pessoa em questão nada sente e nada vê, em relação ao significado da história. Apresentamos uma opinião, menosprezando o efeito paralisante que isso desencadeia na pessoa em questão.

O grande efeito desse trabalho evidencia-se quando se trabalha com o mínimo, concentrando-se a atenção somente na alusão essencial ao vínculo de destino. Se essa procura for muito longa, até que algo correto se evidencie a situação toma-se muito semelhante àquela das Constelações Familiares: a força presente se esvai e, ao invés de uma compreensão, aumentam os questionamentos e a pressão sobre o que não foi solucionado. Nós podemos esperar. Talvez a história não seja significativa ou de ajuda para a questão. Talvez ela venha trazer à luz algo importante mais à frente. Talvez ela fique clara somente no contexto de uma constelação familiar ou talvez se faça necessário rever o significado sistêmico que emprestamos à história, face aos eventos familiares, para que ela possa servir à compreensão.

Quem conduz esse trabalho é a alma do grupo, não o terapeuta. Isso é válido não só para a Constelação Familiar, mas também para o método com as histórias. Nós não arrancamos nenhum segredo da alma do grupo, se ela não estiver preparada para trazê-lo à luz e, então, liberar uma boa solução.

É preciso confiar no acaso ou também na providência que, no momento certo, irão revelar aquilo que soluciona. É como em *Rumpelstilzchen*⁵⁵ - se o sofrimento é grande demais, a sabedoria que salva é encontrada, algumas vezes.

Na história *Rumpelstilzchen*⁵⁵ havia um moleiro muito pobre, que tinha uma linda

filha. Um dia ele se preparou e foi ao palácio para uma audiência com o rei, dizendo-lhe que tinha uma filha que transformava palha em ouro. O rei, como era louco por ouro, ficou muito feliz com a notícia e mandou que trouxessem imediatamente a linda filha do moleiro. Levou-a até um paiol cheio de palhas, entregou-lhe um tear ordenando que transformasse, até o amanhecer, toda a palha ali existente em ouro, caso contrário iria morrer. A filha do moleiro sentou-se sem saber o que fazer, pois não entendia nada sobre como transformar palha em ouro. Seu medo cresceu cada vez mais, até que começou a chorar. Então a porta se abriu, um anãozinho entrou e disse-lhe: “Boa noite, moleira solteirona, por que você chora tanto?” “Oh”, a mocinha respondeu, “eu tenho que transformar palha em ouro, e nada sei sobre isso.” O homenzinho disse: “O que você me dá, se eu lhe ajudar a fazer isso?” “Meu colar”, disse a moça. O homem pegou o colar, sentou-se em frente ao tear e começou a tecer. Puxou três vezes e o carretel ficou cheio. Então, pôs outro carretel, teceu, teceu, puxou novamente três vezes e o carretel ficou cheio. Assim fez até o amanhecer, tecendo a palha e deixando todos os carreteis cheios de ouro.

Pela manhã, quando chegou o rei e viu o que havia acontecido, ficou pasmo, porém muito contente. Sua ambição fez com que levasse a filha do moleiro para um paiol ainda maior e deu-lhe a mesma ordem do dia anterior e sob a mesma ameaça. Mais uma vez a moça não sabia como sair dessa e começou a chorar. E novamente a porta se abriu, o homenzinho entrou e disse: “O que você me dá, se eu transformar a palha em ouro?” “O anel que está em meu dedo”, respondeu. O homem pegou o anel e fiou até o amanhecer, transformando palha em ouro reluzente.

O rei, mais uma vez contente com o viu e tomado de ambição, levou a filha do moleiro para outro grande paiol lotado de palha, dizendo-lhe que naquela noite ela ainda deveria transformar palha em ouro e, se fizesse isso, ele a tomaria como esposa, pois não havia mulher mais rica no mundo.

Quando a moça ficou só, o anãozinho veio pela terceira vez e disse-lhe: “O que você me dá, se eu ainda fiar a palha?” “Não tenho mais nada para lhe dar”, respondeu a jovem. “Então, prometa-me que quando for rainha, me dará a sua primeira criança.” A filha do moleiro pensou: “Quem sabe se isso será mesmo possível?” e prometeu ao pequeno homem o que lhe foi exigido. Então, mais uma vez, o anãozinho transformou toda a palha em ouro.

Quando o rei chegou de manhã e encontrou novamente tudo como desejara, pediu a bela filha do moleiro em casamento, transformando-a em rainha.

Passado um ano, ela deu à luz uma linda criança e já não se lembrava mais do anãozinho quando este entrou em seu quarto e disse-lhe: “Agora, me entregue o que você prometeu”. A rainha assustada ofereceu a ele todas as riquezas do reino a fim de que ele desistisse da criança. No entanto, o homenzinho respondeu-lhe: “Não, prefiro um ser vivo que qualquer tesouro do mundo.” Então a rainha ficou triste e começou a chorar tanto que o anãozinho compadeceu-se dela e disse-lhe: “Dar-lhe-ei três dias de prazo para que descubra o meu nome e, então, você poderá ficar com a criança.”

A rainha refletiu durante toda a noite sobre todos os nomes que ela já havia escutado ao longo da vida e ordenou que um criado fosse para fora do palácio se informar sobre novos nomes de toda parte.

No dia seguinte, o anãozinho voltou e ela começou a adivinhar. Disse todos os nomes da lista, mas o homenzinho, a cada nome que escutava, respondia: “Não me chamo assim.”

No segundo dia, ela mandou perguntar a todas as pessoas da redondeza, e disse ao anãozinho os nomes mais raros e estranhos, ao que ele sempre respondia: “Não, não me chamo assim.”

No terceiro dia o criado voltou novamente, e disse-lhe que não encontrara novos nomes, mas que havia visto em um lugar ermo da floresta um anãozinho dançando em torno de uma fogueira e cantando:

*“Hoje eu fico na cozinha,
amanhã eu me preparo para depois de amanhã,
tomar a criança da rainha;
oh, como é bom saber que é tentativa vã
querer saber que me chamo
Diabrete Manquitolinha!”*

Assim sendo, a rainha ficou muito alegre em ficar sabendo o nome do pequeno homem. Ele chegou logo depois e foi dizendo-lhe: “Então, senhora rainha, como me chamo?” “Você se chama fulano”, disse a rainha. Não.” “Então você se chama Anão.” “Não.” “Então, você se chama Diabrete Manquitolinha. “Quem lhe contou foi o diabo, quem lhe contou foi o diabo!”, gritou o anãozinho batendo no chão o pé direito com tanta raiva que a terra abriu e ele se afundou até à cintura. Para completar, em sua raiva, agarrou seu pé esquerdo com as mãos e rasgou-se ao meio.

“Ah, que bom que ninguém sabe...” Com essa frase, gostamos de esconder nomes e destinos que causam dor, medo, ameaças, vergonha e surgem inoportunamente, permanecendo presos ao nosso horizonte estreito e nos impedindo de ver o efeito daquilo que leva adiante. E como o efeito fatal de ocultar eventos não se evidencia prontamente, pensamos talvez que valha a pena deixá-los ocultos. Contudo, “os pecados do pai serão vingados até nos netos e bisnetos” ou até a sétima geração, conforme está escrito na Bíblia. E as experiências com os destinos e seus diferentes efeitos, por várias gerações confirmam isso, como se mostram nas constelações familiares de modo impressionante.

Um casal veio à procura de um aconselhamento. À pergunta do terapeuta sobre qual era a questão, ambos responderam apenas com coisas secundárias. Mas o terapeuta percebeu que a esposa, inconscientemente, se mostrava muito agressiva para com o marido, no tom de voz, na própria linguagem ou nos gestos. Tendo tocado no assunto, o marido demonstrou grande alegria, e disse: “É exatamente assim. A minha mulher é frequentemente muito agressiva comigo, e eu não sei o

porquê.” Estranhamente, a esposa concordou e disse: “O que meu marido diz está certo. Eu me sinto muitas vezes muito agressiva em relação a ele. Mas eu também não sei o porquê.” As informações sobre os acontecimentos em seu casamento não levaram a um esclarecimento, e o terapeuta sugeriu à mulher que fosse a um *workshop* de vivência.

Durante esse *workshop*, o terapeuta perguntou pela história-roteiro Essa mulher citou *Rumpelstilzchen*⁵⁵, juntamente com um filme pouco conhecido. Nesse filme, uma mulher abandona sua família, indo para outro continente, onde passou a levar uma vida incomum junto a outras mulheres.

Devido a essas histórias, o terapeuta quis saber se na sua família de origem não estaria faltando uma mulher, pois na história *Rumpelstilzchen*⁵⁵ trata-se de uma filha que foi dada a outrem pelo pai.

A resposta dela foi: ‘Só pode se tratar da primeira esposa do meu avô.

Ele se divorciou dela, o que na época era muito raro, e ninguém pode nem tocar no seu nome.” O terapeuta disse: “Talvez seja ela, mas pergunte novamente ao seu pai.” No dia seguinte, ela contou na rodada que havia telefonado para o pai e que as duas filhas dela tinham ouvido a conversa. O pai havia confirmado a história da primeira esposa do avô, acrescentando: “Mas você sabe que deste primeiro casamento de meu pai existe uma criança, uma filha? Eu nunca a vi e sempre quis visitá-la. Afinal de contas ela é minha irmã. Só sei seu nome. Ela se chama Rosa.” O terapeuta disse então para a mulher: “É ela quem falta. Você se lembra ainda do que disse quando estive na sessão de aconselhamento com seu marido, quando perguntei sobre os dados pessoais? Ela não conseguia se lembrar, mas a frase tinha ficado na lembrança do terapeuta porque era uma frase bem estranha. Você disse: “Tenho duas filhas, a mais velha tem nove anos e quando eu tinha seis anos, já sabia que minha primeira filha ia se chamar Rosa.”

A mulher ficou muito tocada, pois a dinâmica familiar havia ficado clara de repente: a raiva inexplicável pelo marido nada tinha a ver diretamente com ele, mas com o avô que, por assim dizer, merecia-a, por ter excluído da segunda família e de sua vida sua primeira filha. Enquanto sobrinha, ela carregava a raiva no lugar dessa tia — em um duplo deslocamento — cuja existência ela não tinha tomado conhecimento ou de quem tinha se esquecido completamente. Por fim, a pequena Rosa havia assumido o papel de manter essa tia na família, através do seu nome, pois ela exclamou, logo após a mãe ter terminado o telefonema: “Mamãe, vamos procurar essa tia!”

Muitas soluções de problemas sérios que resultam do vínculo de destino pressupõem o conhecimento dos destinos dos familiares. Esse conhecimento, por si só, já tem um efeito esclarecedor sobre a solução, sem necessidade de grandes esforços. A compreensão dá mais um passo adiante. Nela ilumina — frequentemente, só por um breve instante — o contexto que liga os acontecimentos da história familiar e liga a própria pessoa a ela. Quanto à solução, é preciso ainda dar mais um passo. É necessário o passo do amor cego em direção ao amor que vê.

O mesmo amor que nos levou a um problema profundo, passando pelo vínculo de destino e emaranhamento, abre agora os olhos, olha para a pessoa em cujo destino se tentou intervir, consciente ou inconscientemente, assumindo e percebendo essa pessoa como exterior a si mesmo e, com isso, independente, com seu destino pessoal, deixando então o amor fluir em direção a ela. Percebemos então que o outro também ama, que o outro quer, ele próprio, carregar seu destino, que ele é gentil e fica feliz quando a vida continua em nós.

Em relação aos mortos, é frequentemente mais fácil, pois eles são quase sempre gentis, tão logo sejam reconhecidos e honrados e os vivos se reconciliem com eles. Às vezes, os vivos é que não se deixam olhar com amor na vida real, não devolvendo o olhar amoroso, como no exemplo daquele pai que não quer ver o filho ilegítimo, talvez para não perturbar a segunda família com esse contato; talvez por sentir por essa criança a mesma raiva que sente pela mãe, tendo se tornado duro de coração e irredutível em suas decisões.

Ao filho adulto resta somente contemplar o pai em sua imaginação ou em uma fotografia. Mas ele precisa se expor a esse olhar cara-a-cara, com o amor que sempre existe, mesmo que oculto e com a dor que isso às vezes acarreta. Aqui a Constelação Familiar pode ser de grande ajuda para o esclarecimento e a solução.

Sempre que for possível, a real confrontação é necessária para a boa solução. A alma não encontra descanso enquanto todos que fazem parte de um sistema não pertencerem realmente a ele. E esse “fazer-parte-de” é algo real, não alguma coisa apenas imaginada, mesmo que esse pertencimento algumas vezes só possa ser concretizado na alma, não mais cara-a-cara. Por isso é que, para uma boa solução, as pessoas ausentes têm que ser procuradas, devendo ser feito um contato real com elas.

Uma mulher que participava de um grupo comportava-se tão agressivamente que foi necessária uma intervenção e interromper essa agressividade, para evitar que ela não recebesse de volta toda a raiva do grupo. Citou a história de *Rumpelstilzchen*⁵⁵, mas ela não tinha nenhuma informação sobre alguma filha que tivesse sido abandonada ou entregue para adoção, dentro do seu sistema familiar. Ao constelar a sua família, lidava tão secamente e sem amor com os representantes que o terapeuta teve que interromper a constelação, suscitando uma grande raiva dela por ele. Mas, mesmo assim, ela permaneceu até o fim do *workshop*. Um ano mais tarde ela voltou a participar de um grupo, comportando-se outra vez de modo muito agressivo, mas constelando sua família com mais sentimento que da última vez. Nem assim os representantes conseguiam sentir muita empatia, o que fez com que o terapeuta interrompesse outra vez a constelação, despertando outra vez a raiva dela que, ainda assim, ficou até o encerramento do *workshop*.

Cerca de seis meses mais tarde, essa mesma mulher pediu uma consulta com o terapeuta. Quando ela veio, aparentava estar muito mudada. Toda sua agressividade havia desaparecido. Ela contou, sem rodeios, que havia descoberto algo. Sua mãe havia falecido e ela tinha herdado a casa. Quando estava arrumando a despensa, encontrou um antigo contrato, fechado pela avó com uma mulher com

quem o avô havia tido um relacionamento, ainda durante o casamento, resultando daí uma filha. Nesse contrato, a avó tinha dado uma pequena herança a essa mulher, mas sob a condição de que a filha nunca aparecesse na família.

A mulher estava radiante ao contar tudo isso, e o terapeuta disse: “Procure essa tia!” Daí a alguns dias, essa mesma mulher voltou e relatou: “Eu encontrei a tia. Foi tão depressa! Algumas horas depois que estive com você, da última vez, liguei para ela. Ela estava muito brava ao telefone.” — Em contrapartida, a própria mulher demonstrava muita alegria ao narrar tudo isso. E quando o terapeuta a aconselhou que mantivesse contato com a tia, ela respondeu: “Ia fazer isso de qualquer jeito mesmo!” — disse, rindo alegremente.

Toda a sua agressividade havia desaparecido, pois a raiva podia extravasar-se onde era mais adequada, que era com a sua tia. E a paz pôde reinar outra vez dentro da família.

Capítulo II

O PROCEDIMENTO

1) As histórias pelas quais perguntamos

As histórias nas quais buscamos o vínculo de destinos são histórias literárias, no seu sentido mais amplo. São histórias já existentes, em contraposição a acontecimentos vividos pessoalmente ou histórias que os pais inventam para os filhos, a título de “histórias de boa-noite”.

Para a criança, elas são principalmente os contos de fadas ou outras histórias infantis como o *João Felpudo*²⁵ ou *Juca e Chico*²⁹, discos, CDs e filmes infantis, como *O duende Pumuckl*⁴⁹; *O ladrão Hotzenplotz*²⁰; *Jim Knopf e Lucas, o maquinista*²¹; *Lassie*³¹ e outros. Músicas infantis ou determinados ditos infantis, como *Serra, serra, serrador*⁵⁹, também podem ser levados em consideração.

Para o adulto, elas são os romances, filmes de cinema ou televisão, óperas, operetas, uma balada ou um poema, uma música ou biografia ou qualquer outra história.

O importante é que essas histórias tenham um mínimo de ação e que possamos reconhecer pelo menos uma pessoa desempenhando um papel. Elas não devem ser de teor filosófico, psicológico ou técnico e nem se desenrolar em um contexto que extrapole o das relações humanas, como lendas e mitos. Esses últimos são

“grandes” demais em relação a destinos individuais. Então é necessário decidir, seguindo a “intuição”, se são “adequados”.

2) A história de significado pessoal

Uma história tem significado pessoal para nós quando não nos sai da cabeça ou quando nos toca em nosso âmago. Na maioria das vezes, não sabemos por que uma história nos comove tanto. Às vezes é até embaraçoso nos lembrarmos de nossas histórias prediletas: elas nos parecem banais ou melodramáticas, por exemplo, como os filmes *Dr. Jivago*⁹, *E o vento levou*¹⁰ ou *Pássaros Feridos*⁴². Algumas dessas histórias com significado pessoal nos ocorrem quando alguém nos pergunta por “nossas histórias prediletas”. Outras, quando procuramos por histórias que nos tenham amedrontado. A maioria delas nos vem espontaneamente à consciência, quando nos perguntam por ela.

Algumas histórias revelam-se apenas quando estamos mais receptivos à procura da nossa história pessoal. O importante é que as histórias nos falem de perto, transmitindo-nos um sentimento conhecido. Por exemplo: talvez tenhamos visto um filme várias vezes com a mesma intensidade de sentimento ou, quando criança, quiséssemos ouvir sempre o mesmo conto de fadas ou talvez tenhamos guardado na lembrança uma determinada ilustração de um livro de contos de fadas, porque nos agradava e a olhávamos com frequência. Às vezes, sabemos que uma história nos fala de perto, embora não nos lembremos propriamente dela, mas só de uma ilustração ou de determinada cena ou do título.

3) Encontrar a história

A maneira mais simples de fazer com que alguém descubra sua história é através da simples pergunta: “Qual dos contos de fadas ou qual outra história lhe impressionou mais, quando você era criança?” Ou “Qual filme, romance ou ópera mais lhe impressionou, como adulto?”

Naturalmente que se pode fazer uma preparação prévia para essa pergunta ou acrescentar uma explicação posterior em relação ao porquê da pergunta. É de grande ajuda dizer que o nosso vínculo de destinos pode ser reencontrado nessas histórias e mostrar que é essa a importância de encontrá-la. Não é preciso dizer ou explicar mais nada, visto que o método se explica por si só no momento em que for revelado um nítido vínculo entre as histórias e os destinos da família.

Essa busca pela história certa pode ir mais fundo, se a incluirmos em um pequeno exercício de apresentação ou transe, dando-se mais espaço à imaginação do terapeuta. Um terapeuta pode pedir aos participantes que deem um passeio por um palco de contos de fadas e lancem um olhar ocasional ao cartaz que indica exatamente o conto de fadas predileto que está sendo representado.

Um outro pode pedir aos participantes que façam uma viagem imaginária, como adultos e os conduzir à casa onde viveram quando crianças. Lá, devem cuidar de si mesmos porque os pais se encontram ausentes e dizer que querem ouvir uma história. Isso possibilitará ao adulto vivenciar o sentimento que tinha, quando criança, ao ouvir aquela história.

Pôde-se também pedir aos participantes que imaginem dois cestos no centro da sala do *workshop*, cheios de envelopes contendo cartões. Em um dos cestos encontram-se as mais variadas histórias prediletas da infância, no outro, as mais variadas histórias prediletas da vida adulta. Em sua imaginação os participantes retiram de cada cesto um envelope, abrindo-os, sendo então surpreendidos pelos títulos nos respectivos cartões.

4) A quantidade das histórias

Conforme mencionado na introdução deste livro, perguntávamos por quatro histórias prediletas, de acordo com a análise de roteiros originária de Berne: uma história para a primeira infância (mais ou menos até 5 anos), outra para a segunda infância (mais ou menos até 12 anos), outra para o início da juventude e outra para o fim da idade adulta, não devendo essa última ser muito recente. Foi desta maneira que Bert Hellinger adotou essa técnica e nós, os autores, fomos introduzidos a ela, também dessa maneira. Como naquela época faziam-se poucas constelações familiares, existia ainda bastante espaço para essa forma de trabalho com as histórias. Esse método de trabalho toma bastante tempo, impressionando muitas vezes por ser bastante concludente.

Certa vez, um jovem pediu ajuda. Ele havia tido na infância uma compulsão por limpeza e quando era estudante tinha voltado a ter um comportamento estranho. Ele parava sempre nas ruas, estando de carro ou a pé, para verificar se tinha atropelado ou esbarrado em alguém. O que agravava mais o quadro era que tinham surgido nele tendências homossexuais que o horrorizavam. As terapias comportamentais não o haviam ajudado e ele quase sempre dormia nos cursos de vivência. Durante uma sessão individual, perguntou-se pelas suas quatro histórias prediletas, que ele apresentou por escrito na sessão seguinte. O terapeuta não se lembra mais do conteúdo exato dessas histórias, mas na história da primeira infância uma princesa matava um caçador com uma flecha. Nas outras três histórias sempre havia um homem que morria queimado, com pequenas variações. De início, parecia haver uma relação com o fato de sua mãe ter tido um filho de um relacionamento anterior ao casamento, e esse seu meio-irmão ter morrido durante um bombardeio, juntamente com os avós, enquanto a mãe se encontrava ausente.

Mas olhar para esse destino, incluir o meio-irmão e renunciar a assumir o sentimento de culpa da mãe - na imaginação dele, ela se sentia culpada por não ter estado presente e não ter podido ajudar durante o bombardeio — não foram de grande ajuda. Diante disso, ele procurou por mais informações sobre o pai do seu meio-irmão. Ficou sabendo que esse pai havia se mudado para uma cidade distante, onde trabalhava no Corpo de Bombeiros na fase final da guerra. Após o fim da guerra, havia regressado para junto da mãe desse jovem. Quando ficou sabendo do bombardeio e seu efeito terrível, quis se casar com a mãe, apesar desse golpe do destino. Ela porém não quis, porque o rosto do homem havia ficado desfigurado pelas queimaduras sofridas na frente de batalha.

Era a esse homem que esse jovem sentia-se ligado. Saber sobre o seu destino tinha

abrandado as compulsões, mas seus medos homossexuais se agravaram. Talvez ele quisesse reparar algo no lugar da mãe em relação ao pai do seu meio-irmão.

Desde que as Constelações Familiares passaram a ocupar o primeiro plano do nosso trabalho, tanto nos *workshops* quanto nas sessões individuais, passamos a perguntar apenas por duas histórias prediletas, uma da infância e uma da idade adulta. Concentramo-nos às vezes mais em uma ou em outra, visto elas serem suficientes para se compreender o vínculo de destinos. As quatro histórias podem esclarecer melhor o desenrolar do plano de vida, quando se deseja trabalhar com mais exatidão com o roteiro de vida. Para nós, fica cada vez mais evidente que a concentração apenas sobre o essencial, no âmbito do vínculo de destinos, é inteiramente suficiente para a solução. Quatro histórias — no contexto das Constelações Familiares — fornecem informações em demasia, desviando a atenção daquilo que é essencial, diminuindo a força do mínimo.

Na maioria das vezes, a história predileta da infância nos apresenta o tema da família e a pessoa a quem se está unido pelo vínculo de destino. Por exemplo: *O Soldadinho de chumbo*⁶³ aponta para um soldado, o pai ou outra figura masculina que tem que abandonar a mãe.

Às vezes, a história da vida adulta tem função semelhante à da infância, principalmente se ela for muito simbólica ou tiver traços dos contos de fadas. Por exemplo: *Narciso e Boca de Ouro*³⁹ refere-se a um homem à procura da mãe. *Sidarta*⁶¹ aponta para um homem que reconhece, tarde demais, o valor de uma vida simples e das coisas triviais, depois de passar por muitos altos e baixos.

Mas com muita frequência, a história predileta do adulto dá informações mais precisas sobre os eventos da família em que está inserido ou sobre o estágio de desenvolvimento individual dentro do plano de vida pessoal.

Um exemplo: Carsten citou *O Soldadinho de chumbo*⁶³ como história predileta na sua infância. Referia-se a seu pai, proveniente de uma tradicional família de oficiais. Tinha todo o seu tempo tomado por estudos de estratégias militares, antes e durante a guerra. Durante um relacionamento extraconjugal, esse pai apaixonou-se por uma jovem, e Carsten, seu único filho, era o fruto dessa união. Porém, o pai não ficou com nenhuma de suas mulheres, adotou Carsten e arcou com toda a sua educação. Mas ele próprio passou sozinho o resto da sua vida, dedicando-se à vida militar.

Como história predileta da vida de adulto, Carsten lembrou-se do filme *O fio da navalha*¹³, no qual um homem abandona sua família para ir viver em um mosteiro Zen, na Ásia. Embora Carsten sempre censurasse o pai, por ter sacrificado a vida em família em prol da profissão, estava prestes a imitá-lo: pretendia abandonar esposa e filho para ir viver em uma comunidade *Ashram* na Índia.

5) O momento de se perguntar pela história

O momento de se perguntar pelas histórias fica inteiramente a cargo do terapeuta. Depende do tipo de curso ou da maneira de se trabalhar em sessões individuais ou de casais.

Existem terapeutas que, antes do início de um *workshop*, pedem aos participantes que lhes enviem as dados pessoais e as informações mais importantes sobre a família. É provável que perguntem antes pelas histórias prediletas. Outros colocam essas perguntas no início de um curso, como preparação para o trabalho com o vínculo de destinos. Entretanto, pode-se fazer essa pergunta somente depois de se trabalhar durante certo tempo com alguém, quando se tem a expectativa de colher dessa história predileta indicações para a continuidade do trabalho, porque as informações obtidas até aquele momento não conduziram adiante ou, porque o trabalho com uma constelação familiar não teve uma solução e, então, talvez se encontre, através da história, um fio condutor que leve a uma solução.

6) Reconhecendo a história “certa”

Nem todas as histórias citadas permitem ao terapeuta a realização de um bom trabalho. Como ele poderia constatar que as histórias citadas contêm um significado mais profundo e uma indicação sobre o vínculo de destinos?

Não é muito simples responder a essa pergunta, sendo necessário muito tato por parte do condutor do *workshop* e do terapeuta, assim como uma certa experiência para se perceber o modo como as pessoas citam suas histórias ou as resumem. Às vezes, pôde-se “ver” na própria aparência de uma pessoa o grau de acerto da história que ela está citando: pôde-se ver “o lobo” escondido atrás da barba ou a jovem solitária e sonhadora de *Momo*³⁷ ou a Chapeuzinho Vermelho, com seu *rouge* sedutor nas faces. Frequentemente, a narração de uma história predileta vem acompanhada de um sorriso infalível e pôde-se sentir imediatamente uma concordância entre a história e o plano de vida oculto.

Logo após ter nomeado uma história, pode acontecer de a pessoa descartá-la como sem grande significado, mas de modo suspeito. Uma senhora, por exemplo, após ter citado *O Patinho Feio*⁴³ como história predileta na infância, descartou-a em seguida, com um gesto e a mímica expressando desprezo. Quando o terapeuta apontou para o significado desse conto, um filho oculto”, ela cortou-lhe a palavra, dizendo: “Fiquei sabendo há apenas um ano que o meu pai biológico não era o mesmo que me criou!”

Quando o terapeuta nomeia o significado sistêmico de uma história, e a pessoa em questão descobre de imediato uma correspondência com o destino de alguém da família, essa correspondência a comove na mesma hora. Quando isso ocorre, a continuidade do trabalho terapêutico pode ser efetuada a partir desse envolvimento claro. Mas não se deve perder de vista o fato de o destino trazido à tona por meio da história continuar oculto, e que uma pequena reação casual de um cliente não é necessariamente uma indicação de que a história não é a “certa”. No decorrer dos trabalhos terapêuticos deve-se aguardar se essa correspondência se revela e se conduz adiante em relação às histórias e destinos familiares do cliente.

A melhor indicação de que a história e o vínculo de destinos estão em conformidade é observar se seu título ou seu resumo desencadeiam uma certa força e tensão e também, naturalmente, se com a história encontramos o “ponto”. Deve-

se permanecer aberto a surpresas, visto certa “falta de significado” de uma história ser somente o resultado de uma “interpretação” inoportuna da história e tudo poder se modificar, se a interpretação “correta” surgir do contexto dos eventos familiares.

Uma senhora, a mais velha de duas irmãs, citou como história predileta *Rosa Branca e Rosa Vermelha*⁵⁴. Quando o terapeuta disse a ela que isso significava: duas mulheres e um homem; e só uma pode ficar com ele”, não houve nenhum sinal de ressonância. Ela simplesmente sacudiu a cabeça e citou uma canção infantil que seria mais significativa para ela. Mas durante a constelação, uma grande rivalidade entre as duas irmãs em torno do pai tornou-se muito evidente, e essa senhora então relatou o seguinte: seu pai estava na guerra e voltou totalmente desganhado, essa era a sua lembrança, para passar sua última licença em casa, — posteriormente ele morreu em combate. Quando os pais estavam deitados, pensando que as filhas ainda estavam dormindo, a mãe perguntou ao pai: de qual filha você gosta mais?”. Hesitante, ele respondeu: “acho que da mais nova. Na época, a mulher ouviu essa observação de olhos fechados e, por isso, elas jamais comentaram esse fato, nem entre si nem com a mãe, sendo esse o acontecimento que emergiu de *Rosa Branca e Rosa Vermelha*⁵⁴.

Muitas vezes as pessoas citam várias histórias da infância e várias da idade adulta. Entretanto, para um trabalho concentrado é necessário fixar-se em uma história de cada vez.

Para ajudar a escolher a história certa, o terapeuta pode pedir a pessoa que coloque na imaginação as diferentes histórias na sala e observe qual está mais próxima dela e mais lhe toca os sentimentos. Muitas vezes isso já ajuda a tomar uma decisão. Também se pode aguardar até que uma única história surja mais nitidamente como a predileta, no decorrer de um curso. O terapeuta pode tomar a iniciativa nesse sentido se sentir que uma das histórias se mostra mais forte para a pessoa. Às vezes, a combinação da história da infância com a da idade adulta também ajuda a tomar uma decisão. Por último, a correspondência entre o destino da família e a emoção da pessoa pode fornecer a medida correta para se encontrar a história “certa”.

Gostaria de apontar aqui o fato de algumas pessoas não se lembrarem de nenhuma história, alegando que não leem, não vão ao cinema e não lhes terem contado histórias em sua infância. Elas ficam bastante aliviadas quando lhes explicamos que o trabalho com as histórias é apenas um método entre vários outros, não sendo indispensáveis para se chegar à solução.

Na procura da solução nem sempre olhar para o passado está em primeiro plano. Insistir em encontrar as histórias desviaria a atenção. No trabalho terapêutico o olhar para as histórias deve estar ligado a uma abertura para a solução, devendo-se abandoná-lo, se não for esse o caso.

7) O significado sistêmico das histórias

Adotamos de Bert Hellinger, Praticamente em sua íntegra, as interpretações das

histórias relacionadas ao contexto familiar. Enquanto muitas delas foram transmitidas oralmente em seus cursos, outras foram surgindo no decorrer dos nossos próprios *workshops*. Durante nossa busca pelo conteúdo sistêmico das histórias, sua interpretação toma-se quase evidente depois que se compreende como e onde focar a atenção.

No início deste livro, fizemos já referência ao fato de que a relação entre as histórias, os eventos e os destinos familiares não é aleatória. Mas muitas histórias apresentam uma certa margem de interpretação, permitindo uma grande variedade de formulação, através da qual podemos colocar em palavras sua referência sistêmica essencial.

Dois critérios são importantes, quando se interpretam as histórias em relação ao vínculo de destinos: o desencadeador da ação e as pessoas centrais. No caso de *Joãozinho e Maria*²⁶, por exemplo, é bastante nítido que se trata de filhos que tiveram que sair cedo de casa, porque os pais não conseguiam sustentá-los. A empatia é dirigida aos filhos. O pano de fundo é muito significativo: por falta de recursos, o pai não consegue mais sustentar a família, e a sobrevivência dos pais é mais importante do que a dos filhos. Bert Hellinger formula o essencial desse conto da seguinte maneira: “Filhos abandonam os pais, para que os pais possam sobreviver.”

A relação com uma real história de família estabelece-se quando alguém já esteve em tal situação, podendo ser também o pai ou a mãe. Por exemplo, um senhor que citou *Joãozinho e Maria*²⁶ como história predileta na infância havia sido entregue a uma tia pelos pais, que mal tinham dinheiro para o próprio sustento. Não podendo mais pagar suas dívidas, entregaram-no a essa tia que, não tendo filhos, assumiu as dívidas dos pais em troca da criança. Às vezes, essa história é citada também por pessoas que, como filhos de lavradores pobres, tinham que ir trabalhar em uma outra fazenda que não a dos pais.

A casinha da bruxa, a própria bruxa, os acontecimentos na casa dela, tudo aquilo em que as crianças fixam sua atenção nesse conto é irrelevante para a sua interpretação sistêmica. Embora esses detalhes estejam no centro da atenção infantil, eles encobrem o real motivo de alguém gostar tanto da história, em uma visão objetiva do conto. Essa afirmação, aliás, só pode ser sustentada a partir do sucesso dos trabalhos posteriores com as histórias. Na maioria das vezes, nós não sabemos o que realmente se passa na cabeça de uma criança, quando ela ouve um conto de fadas, se gosta dele ou se sente medo.

A partir do trabalho com as histórias é que podemos perceber o que é irrelevante e o que é relevante para o vínculo de destinos. Por isso pôde-se assumir que as histórias exerçam para as crianças, entre outras, a função de trazer à luz um acontecimento existencial importante na vida de alguém ligado à família ou até de algum estranho, mas de modo indireto e encoberto. Muitas histórias possibilitam à criança lidar com certos golpes do destino de modo a permitir que tudo acabe bem, para que se possa manter a ilusão de uma solução salvadora ou simplesmente possibilitem a empatia com um membro da família, mais fácil de ser vivenciada

por meio da transferência de uma história.

O tema de uma história, relevante para o nosso trabalho, encontra-se quase sempre no seu início. Na história *O Lobo e os sete câbritinhos*³³, o essencial vem condensado já na segunda frase, quando a mãe diz aos filhos: “Não deixem seu pai entrar!” O lobo representa o pai ou um avô, que é excluído pela mãe juntamente com os filhos. Isso pode ser quase sempre confirmado imediatamente pelas pessoas em questão. Já com as histórias da vida adulta, o ponto de partida para a dinâmica essencial da história é mais difícil de se encontrar, tendo-se que buscar ajuda e apoio na história da infância que aponta para pessoas e temas familiares.

Muitas histórias apresentam várias camadas em seu campo de ação, sendo quase ilimitadas. Envolver-se com todas as facetas de uma história ou prestar atenção naquilo de que uma pessoa se lembra da história leva a um envolvimento com o aleatório ou a ter que se recorrer a um “psicologismo”, podendo-se perder a informação para o essencial da história.

Uma senhora citou em um *workshop João e o pé de feijão*²³ como sua história predileta na infância. Como o terapeuta não conhecia a história, fez com que ela lhe contasse a mesma detalhadamente. Uma viúva, que era muito pobre e morava com seu único filho era, contudo, feliz. Até que, durante um verão, o pasto secou e sua única vaca parou de dar leite. Ela disse ao filho: “João, temos que vender a vaca. Sem capim fresco ela vai morrer e, além do mais, precisamos de dinheiro para comprar comida.” O filho respondeu: “Está certo, vou levar a vaca até ao mercado e com o dinheiro da venda vou comprar mantimentos.” Assim, João foi para o mercado depois de prometer à mãe que conseguiria, no mínimo, 12 libras por ela. No meio do caminho encontrou um homem manco, que convenceu João a trocar a vaca por cinco grãos de feijão. João não era bobo. Os feijões eram mágicos e só havia feito o negócio depois de o homem assegurar-lhe que devolveria a vaca, caso os feijões não fossem de fato mágicos. A mãe de João ficou horrorizada, chamando-o de louco e dizendo que ele a tinha arruinado completamente, mandando-o ir dormir de barriga vazia. Então, os feijões mágicos cresceram até o céu e João subiu pelo pé de feijão. Lá em cima, aconteceram várias aventuras, João sempre corria grande perigo, retornando finalmente do pé de feijão com algumas peças de ouro e uma galinha que botava ovos de ouro. Assim, a mãe teve que reconhecer que João era um menino esperto.

O essencial da história ficou logo muito claro: um homem Praticamente troca seus bens por uma bagatela, sendo por isso estigmatizado como bobo. Essa história é uma espécie de *João Felizardo*²⁴. A senhora, uma brasileira chamada Clara, tornou-se logo um campo fértil para a história de família correspondente: Seu avô por parte de mãe tinha uma grande plantação no Brasil, tendo-a trocado por uma fábrica, que logo faliu. Os avós tiveram que entregar seus bens, entre eles a bonita mansão em que moravam, e passar a viver modestamente na cidade. Essa avó continuou sendo orgulhosa, desprezando seu marido.

Como história da vida adulta, Clara citou um romance em que a heroína tem que abandonar sua terra natal.

Na constelação familiar ficou claro que a avó e a mãe eram atraídas para fora do sistema, e Clara disse: “Eu prefiro ir”. Desde que a família havia emigrado da Itália para o Brasil, a avó sempre dizia que queria retornar à Europa, e Clara simplesmente realizou o desejo dessa avó. Ela foi para a Alemanha, ali vivendo com seu marido alemão e os dois filhos. Desde criança, ela sabia que viveria longe do Brasil. Podia-se ainda ver em sua expressão o orgulho herdado da avó, mas ao mesmo tempo ela sentia grande empatia pelo avô, que ela havia conhecido como homem acabado.

8) Autorreferência ou referência a terceiros

Geralmente, as histórias apontam para algum fato vivido pela criança dentro da própria família ou para fatos vividos por outrem, pai, mãe, avô, avó, tia, irmãos, mas que têm o mesmo efeito existencial. Como diferenciar um do outro?

Algumas histórias permitem tanto a autorreferência como a referência a outrem. *Rapunzel*⁵⁰, por exemplo, é uma criança dada a outrem, relaciona-se frequentemente a uma criança dada pelo pai, por um avô ou pela própria mãe. Pôde-se tratar de um irmão, de uma irmã, um tio, uma tia ou da própria pessoa, que foi criada por uma família adotiva ou pelos avós. Às vezes, como no conto original, a doença da mãe é o motivo de o pai entregar a criança temporariamente a outra família ou aos avós, podendo-se até tratar de ambos os casos: a própria pessoa pode ter sido entregue a outros pelo pai ou pela mãe, assim como um dos seus irmãos.

Tem-se então que lidar com os acontecimentos reais da família e observar o que comove a pessoa em questão. Ou talvez a história da vida adulta acrescente alguma outra indicação, como no caso de *Sidarta*⁶¹, de Hermann Hesse. Nela, um pai gera um filho mas não assume a paternidade, tema muito próximo ao de *Rapunzel*⁵⁰: existência de um filho do pai ou de um avô, que não aparece na família.

Um critério para se descobrir a referência alheia é a idade da pessoa com cujo destino a criança se identifica, através da história. Se a criança sente empatia com alguém jovem ou já adulto, a empatia não pode ser consigo, visto a pessoa ser ainda criança na época em que gostava de ouvir a história. Por exemplo, as experiências vividas pelo herói de *João Felizardo*²⁴ não podem ser vivenciadas por nenhuma criança. Entretanto, esse critério serve apenas como parâmetro, não se devendo confiar nele plenamente.

Um critério mais confiável na diferenciação entre autorreferência e referência alheia dentro de uma história é fornecido pelo destino da pessoa com quem a criança se identifica.

Em muitas histórias, a própria criança não pode ter vivido determinado destino. Quando surge o tema de uma morte prematura, por exemplo, na canção *Sabe quantas estrelinhas tem no céu*⁵⁶ — está faltando uma — não pode ser esse o destino da pessoa em questão, podendo tratar-se de um irmão ou uma irmã ou de um tio ou uma tia. No conto de fadas *Monte Simeli*⁶², um homem tenta roubar o tesouro de ladrões que moram em uma caverna e nunca mais retorna de lá — o

tema da história é “está faltando um homem” — só pode ser uma referência ao pai, ao avô ou a um tio.

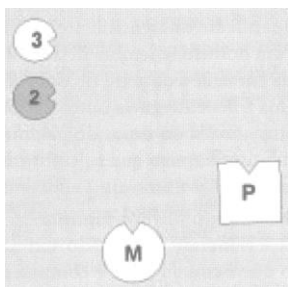
Pode causar confusão a insistência na identidade sexual entre a criança e a figura central da história. Tal identidade não existe em muitos casos. Em *Rapunzel*⁵⁰, apesar de a criança entregue a outrem ser uma menina, na vida real pode ser um menino que se identifica com ela. Se uma mulher citar esse conto, ela se identifica com a criança entregue a outrem, seja menino ou menina, tendo um sentimento de ter perdido o seu lugar na família e na vida, acompanhado do sentimento de ter perdido seus parâmetros femininos. Se um homem se lembra desse conto, quase sempre a referência é a uma menina entregue a outrem. O conto *Rumpelstilzchen*⁵⁵ refere-se quase sempre a uma filha entregue a outros. *A Bela Adormecida*³ refere-se sempre a uma antiga amada ou noiva do pai, nunca a um antigo amado da mãe, mesmo se for um homem que se lembre desse conto como o predileto da sua infância.

Ao trabalhar com as histórias, o melhor caminho a seguir é cada um coletar suas próprias experiências, confiando em seu pensamento pragmático para decidir o que é concludente e compreensível, deixando, contudo, espaço para as surpresas, para o inesperado.

9) A ligação entre o trabalho com as histórias e as constelações familiares

Como já foi mencionado, o trabalho com as Constelações Familiares no âmbito da psicoterapia sistêmica trouxe uma intensidade e uma multiplicidade nunca antes observadas, colocando na sombra outros métodos, principalmente no que diz respeito a vínculos e soluções. Pode penetrar no mais recôndito da alma, que permanece oculto ao trabalho com as histórias. Inversamente, o trabalho com as histórias prediletas pode trazer informações e aspectos adicionais às constelações familiares, aspectos e informações que não surgiriam por si sós.

Lore, uma mulher de 39 anos que sofria de câncer, queria constelar sua família de origem. Seus pais ainda eram vivos e ela tinha uma irmã mais nova. Ela constelou sua família de origem da maneira que se segue:



P Pai

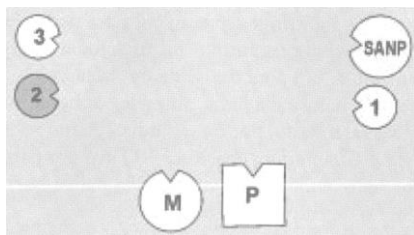
M Mãe

2 segunda filha (cliente)

3 terceira filha

Quando se perguntou aos representantes como se sentiam, o pai respondeu com trivialidades, mas a mãe disse imediatamente e com toda a força que faltava alguém. O terapeuta perguntou então a Lore se estava faltando alguém em sua família ou na família dos seus pais. Não faltava ninguém, nada apontava para destinos que pudessem ter alguma ligação com a constelação. A mãe da mãe havia falecido relativamente cedo. Quando o terapeuta quis inseri-la na constelação, a representante da mãe fez um sinal negativo com a cabeça, dizendo: “Não é ela, ela faz bem, mas não é ela. Está faltando alguém ao lado do meu marido.”

O terapeuta perguntou então sobre um possível relacionamento do pai, anterior ao casamento, mas Lore não sabia nada a respeito. O representante do pai também não soube dizer nada que esclarecesse melhor a situação. Só então o terapeuta perguntou a Lore qual era sua história predileta na infância, ao que ela respondeu, após uma pequena pausa: “*Rapunzel*⁵⁰ Suspeitando de algo, o terapeuta colocou uma mulher ao lado do pai, ao que a representante da mãe reagiu, dando um passo em frente e dizendo: “Assim está melhor, apesar de continuar faltando alguém. Como Lore havia citado *Rapunzel*⁵⁰ como história predileta, o terapeuta colocou uma criança ao lado da outra mulher, uma menina, ainda devido ao conto *Rapunzel*⁵⁰, e então a mãe colocou-se ao lado do pai dizendo: “Agora está certo.”



SANP (suposta antiga namorada do pai)

1 (suposta) primeira filha

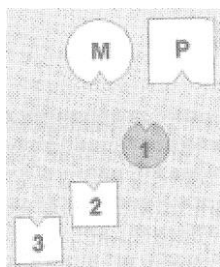
O terapeuta interrompeu então a constelação, dizendo: “Não estou seguro disso. Pergunte ao seu pai.” No dia seguinte pela manhã, Lore já estava relatando os resultados da conversa com o pai: “Perguntei ao meu pai. Tenho realmente um meio-irmão. Meu pai me revelou que, quando tinha dezessete anos, foi iniciado sexualmente por uma mulher casada. Logo depois, foi para a guerra e foi preso. Ele já tinha se esquecido do caso com a mulher casada e, após seu regresso à pátria, conheceu minha mãe, com quem se casou. Recebeu então uma carta daquela mulher casada, sem remetente, contando-lhe que havia tido um filho de nome Peter, resultado daquela relação e que ela talvez fosse visitá-lo, para que ele conhecesse o filho, o que nunca fez. Meu pai então deixou as coisas como estavam.”

Uma outra mulher, Bärbel, procurou-nos em um *workshop*, porque tinha a estranha sensação de ter que terminar o relacionamento com seu namorado, a quem amava. Também não conseguia se decidir a ter filhos, apesar de o namorado os querer ter com ela.

Na primeira rodada de apresentação dos participantes, ela citou o conto A

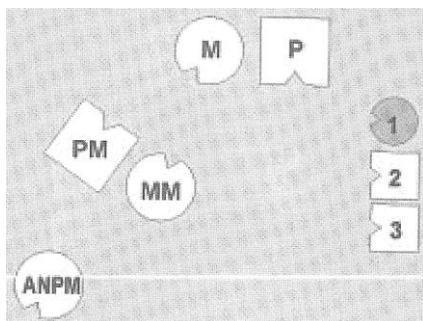
*Guardadora de gansos*¹⁷ como história predileta na sua infância. No início, nada lhe acrescentou a dica dada pelo terapeuta de que nessa história uma mulher toma o marido da outra. Posteriormente ela constelou seu sistema de origem. Antes disso, o terapeuta havia perguntado pela sua história predileta da idade adulta, ao que ela respondeu ser *Yentl*⁶⁴. Nesse filme, a filha de um rabi finge ser homem, para poder estudar Teologia. Diante disso, o terapeuta perguntou: “Há uma judia no sistema?” O rosto de Barbei iluminou-se um pouco e ela disse: “Meu avô — isso foi antes da guerra - tinha uma namorada judia, antes de conhecer minha avó. Mas a família proibiu o casamento, por ela ser judia.” Assim revelou-se a mulher “descartada” de *A Guardadora de gansos*¹⁷. O avô por parte de mãe casou-se então com a avó, tendo que ir em seguida para a guerra. Barbei nada mais sabia sobre o destino da mulher judia.

Na constelação, a representante da Bärbel sentia uma pesada carga atrás de si, ao longe.



- P Pai
M Mãe
1 primeira filha (a cliente)
2 segundo filho
3 terceiro filho

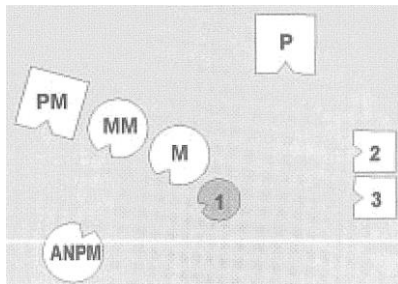
O terapeuta colocou os irmãos ao lado do pai e pediu a Bärbel para acrescentar os avós e a namorada judia à constelação. Ela os posicionou da seguinte maneira:



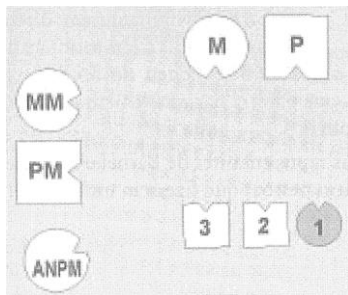
- PM Pai da mãe de Barbei
MM Mãe da mãe
ANPM Antiga namorada do pai da mãe, com quem ele não pôde se casar por ela ser judia
A avó sentia-se pouco à vontade e o avô sentia-se atraído para perto da judia, que tinha começado a chorar logo que foi posicionada, sentindo uma grande tristeza.

O terapeuta virou os avós e a judia, fazendo com que se olhassem nos olhos. O avô foi imediatamente em direção à judia, tomando-a afetuosamente nos braços. Os dois ficaram abraçados e quietos por um tempo. Depois o avô se desprende do abraço, colocando-se novamente a lado da avó, que parecia bastante embaraçada. A avó não se sentia bem e não queria olhar para a judia.

O terapeuta colocou as representantes de Bärbel e sua mãe ao lado da avó e pediu a todas as quatro pessoas que fizessem uma reverência à judia.



Bärbel estava muito comovida. Após aquela reverência, ela também se dirigiu até à judia e ambas se abraçaram. O terapeuta mandou então que ela olhasse para a mulher judia e lhe dissesse: “Eu vejo seu amor, a sua dor e a sua solidão. Por favor, libere-me e seja gentil comigo, para que eu possa ficar junto do homem que tanto amo.” Em seguida, o terapeuta reorganizou o sistema de modo a que todos obtivessem um bom lugar:



Provavelmente, a judia teria sido trazida à luz nessa constelação, mesmo sem o acréscimo das perguntas sobre as histórias. A informação sobre sua existência já estava lá. Ela e seu destino teriam sido citados por meio de perguntas posteriores adequadas, dentro da própria constelação. Mas as histórias e a informação por elas trazidas antes da constelação possibilitaram ao terapeuta se introduzir nessa dinâmica, evitando possíveis desvios dentro da constelação. E, principalmente, as histórias afinaram Bärbel imediatamente com a pessoa à qual ela estava ligada. Ela mesma havia sentido, logo após ter dado as informações, que aquela judia era importante para ela. Foi dessa maneira que o processo da constelação pôde transcorrer tão direta e facilmente, sem nenhum desvio, concentrado apenas sobre o essencial.

10) As histórias e o plano de vida oculto

Quando as histórias refletem o roteiro de vida de uma pessoa, elas refletem alguma coisa da poderosa imagem ou construção interior com que uma pessoa reveste a sua personalidade, dando à sua vida uma determinada direção, o que já se inicia na primeira infância, entre os três e sete anos. Essa imagem interior anseia por expressar-se, tornando-se assim visível e tangível na personalidade. Às vezes, o roteiro de vida de uma pessoa torna-se visível em sua aparência, podendo-se utilizar disso nos trabalhos terapêuticos — naturalmente com tato — tanto mais necessário, quanto mais nítidos se mostrarem os traços da personalidade.

A expressão corporal

Uma mulher, de mais ou menos 50 anos, tendo chegado atrasada ao início do *workshop*, desculpou-se em voz alta, apoderando-se do último assento livre na sala. Ela era uma “figura”: alta, ereta, dando passadas orgulhosas pela sala. Suas roupas eram gritantemente coloridas e fora de moda. O que mais chamava a atenção era o seu penteado: cabelos com um coque no alto da cabeça, presos por um lenço que mais parecia uma touca de renda. Uma ilustração de um livro de contos de fadas passou de imediato pela cabeça do terapeuta: estava ali a fada, no quarto da torre da Bela Adormecida, que com uma agulha, a colocou para dormir seu sono de 100 anos.

Na rodada das histórias, quando chegou a vez dessa mulher de nome Johanna, o terapeuta disse, como que por acaso, que apostaria que sua história predileta era *A Bela Adormecida*³. Ela reagiu sem demonstrar a mínima surpresa, dizendo: “É claro que *A Bela Adormecida*³ é a minha história preferida.”

Mas ela nada sabia sobre uma possível namorada que tivesse sido decepcionada por seu pai e não podia perguntar a mais ninguém que talvez tivesse maiores informações. Durante a constelação da sua família de origem, cujo processo estava estagnado, o terapeuta acrescentou à constelação uma antiga namorada ou noiva do pai excluída, por assim dizer, a “décima terceira fada”, que o rei não havia convidado para o batizado da filha. O efeito foi surpreendente e muito comovente. Johanna permaneceu um longo tempo diante dessa mulher e parecia um pouco menor. Seus modos orgulhosos haviam desaparecido. Seu estilo parecia ter perdido a pompa. A segurança sonâmbula e de alguma forma deslocada e estranha havia desaparecido, fazendo com que ela se tornasse uma criança pequena e séria, cujos olhos se abriram. Depois de olhar durante muito tempo para essa mulher, ela estendeu as mãos e, pegando Johanna pelos ombros, disse-lhe amorosamente: “Deixa-me ir!” O terapeuta colocou essa mulher um pouco mais atrás e mais distante, conduzindo Johanna para perto da mãe. Johanna ficou diante da mãe, olhou-a por alguns momentos e lhe disse: “Mamãe, agora eu vou para casa.”

No dia seguinte, Johanna apareceu vestida normalmente, mantendo somente o estranho penteado durante todo o período do *workshop*. O terapeuta pensou que com aquele penteado, Johanna ainda estava homenageando a “fada” por uns tempos. Mas o comportamento dessa mulher havia mudado radicalmente. Ela havia desistido dos modos estranhos, estava mais natural, tinha se integrado ao grupo, sendo dali em diante escolhida como representante em outras constelações, cada

vez com mais frequência.

O terapeuta não havia dito expressamente nada a respeito do vínculo visto na aparência de Johanna e seu *script* da *Bela Adormecida*³, pois aqui qualquer explicação diminuiria o efeito do processo de transformação. Mas, durante um curso, podem-se incluir observações entre aparência e histórias-roteiro, com o objetivo de direcionar a postura de busca dos participantes do curso a um caminho proveitoso. Assim, pôde-se pensar em um vínculo entre *Rapunzel*⁵⁰ e uma longa trança, entre *O Lobo e os sete Cabritinhos*³³ e uma barba cheia, entre *A Gata Borralheira*¹⁵ e um vestido de festa alternando-se com um vestido comportado de dona de casa ou de *Pele de Asno*⁴⁵ e o fato de se esconder a feminilidade por meio de vestimentas que a isso se prestem. Mas trata-se apenas de ingredientes para se chegar ao processo da solução dentro dos acontecimentos terapêuticos, ingredientes esses que por vezes fornecem ao terapeuta indicações e possibilidades valiosas de intervenção.

“Tirando o poder” das histórias

Quase sempre, as histórias têm um grande poder de sedução, prendendo-nos com suas imagens. As ilusões a elas vinculadas são vigorosas. Algumas vezes são realmente histórias prediletas. Por termos orgulho delas, abdicamos somente muito a contragosto do nosso vínculo com elas. Podemos observar tais fatos quando vemos a alegria com que são citadas ou narradas, somando-se a isso o longo período de tempo em que as mantemos em nossa memória, até que um terapeuta perceba isso em uma pessoa que, com certa frequência, apareça em um *workshop* ou em uma consulta.

Um “ingrediente” que pode ser de grande ajuda no processo terapêutico é quando o terapeuta destrona imagens fortes que marcam uma história. Isto pode ser feito ou diretamente com a própria pessoa envolvida, quando há um bom contato, falando diretamente com essa pessoa sobre a sua história preferida ou por meio de observações gerais durante o curso, o que é frequentemente melhor. Assim, ele pode, por exemplo, chamar atenção para a expressão no rosto do príncipe, quando liberta a Bela Adormecida, percebendo que ela não tem mais 15 mas, sim, 115 anos. Ou quem é que ensina ao jovem rapaz a temer as mulheres, quando se tratar de *O conto daquele que saiu de casa para aprender a ter medo*⁷ ou ele desmascara *O Alfaiate corajoso*² como pequeno vigarista que foge da vida comum de alfaiate, tendo sempre que ter medo de que descubram que ele não é um príncipe herói, mas somente um costureiro.

Na maioria das vezes, os próprios contos de fadas mantêm tais desilusões à disposição do leitor. Entretanto, a criança não presta atenção nisso, mas sim aos atos heroicos dos personagens, à mágica, ao sucesso e ao final feliz. Se a dinâmica real de uma história for trazida à luz e despida do seu aspecto de encanto, a história perde a força atuante na própria vida.

A reformulação das histórias visando à solução

O processo de um curso precisa de pausas para descanso, devido à densidade do

trabalho com as constelações e os destinos. A esse processo servem observações gerais sobre as *ordens do amor* e sobre o procedimento durante o trabalho com as constelações familiares, histórias de casos e outras histórias instrutivas. Para aquele que conduz um curso, essas pausas são propícias também a uma reinterpretação dos contos de fadas e de outras histórias literárias. Dessa maneira, o terapeuta pode fazer observações, por exemplo, ao marido de uma mulher que tenha citado *Branca de Neve*⁵ como conto preferido, do tipo: “Olhe para sua esposa e diga-lhe que ela escolheu o marido certo, se é que ela queria um marido que não fosse nem um anão nem um príncipe”. Ou ele pode também narrar *Branca de Neve*⁵ de uma outra maneira: “... e o caçador, que deveria levar Branca de Neve à floresta para matá-la, a mando da rainha, ficou com dor na consciência e levou Branca de Neve de volta ao palácio, entregando-a ao rei e contando-lhe tudo. O rei mandou chamar sua esposa, a rainha. Quando ela chegou, ele olhou amorosamente para ela e, tomando-a nos braços e beijando-a na boca, disse: ‘Nem notei como tenho me descuidado de você, você é a minha querida esposa’. Então ele virou-se para a filha e, beijando-a nas duas faces, fitando-a paternalmente nos olhos, disse: ‘E você é minha querida filha’.” Mas assim a história não tem graça nenhuma, porque não tem nenhum príncipe encantado para tirar a Branca de Neve do caixão de cristal.

Quem quiser pode usar sua criatividade e riqueza de imaginação no trabalho com as histórias e educar seu olhar para se afastar da ilusão do plano de vida oculto e extinguir o poder dos contos, levando assim a uma solução.

11) As "armadilhas" do trabalho com as histórias

O trabalho com as histórias tem o seu grande efeito sempre que revelar, clara e diretamente, um vínculo de destino e o seu efeito sobre a vida de uma pessoa. Por um lado, esse efeito dissolve aquilo que é trazido ao conhecimento e que estava no “inconsciente familiar” ou no “campo” da alma da família. Por outro lado, fica mais fácil o caminho para os processos de vida que se encontram à espera de liberação. Por exemplo, o tomar os pais, decisões entre casais, o envolvimento com a vida cotidiana, tomar o seu lugar na vida e outras coisas mais.

Fica a cargo dos procedimentos metódicos do terapeuta o quanto ainda será necessário em termos de “trabalho de precisão”. Gostaria aqui de me aprofundar um pouco sobre os itens que denominamos “armadilhas” resultantes do trabalho com as histórias, principalmente quando ele é incluído no processo das constelações familiares.

O Psicologismo das histórias

Contos de fadas e outras histórias, assim como os sonhos, induzem a uma interpretação mais profunda. Por exemplo, no conto *Joãozinho e Maria*²⁶ pôde-se deter o olhar sobre a cena na casa da bruxa, interpretando-a como a não-conclusão do processo de desligamento da mãe: Joãozinho continua sendo sustentado pela mãe o resto da vida, e Maria continua ajudando a mãe, também pelo resto da vida. Por mais que essas e outras interpretações façam sentido, elas nos desviam do

essencial, não desenvolvendo a necessária força de liberação. Quem já trabalhou com o significado sistêmico conciso das histórias, em direção ao núcleo do destino de família, não consegue mais escapar da força de tensão deste trabalho.

Como na constelação familiar, é o ater-se, quase que exclusivamente, aos acontecimentos e destinos de uma família que traz o efeito libertador e profundo. Já é o suficiente quando se consegue alcançar algo profundo na alma. Qualquer volta à superficialidade de um psicologismo tira força do trabalho terapêutico, desencaminhando facilmente. Há uma “medida” simples para se saber o grau de adequação de um método terapêutico à sua aplicação: o método tem que corresponder ao “peso anímico” do tema, da necessidade ou do destino da pessoa que procura ajuda. E isso é válido também para o trabalho com as histórias. Há destinos tão comoventes que Praticamente exigem uma dedicação terapêutica imediata: uma doença grave ou um pesado destino de agressor ou de vítima. Um aprofundamento na história não corresponderia, pelo menos não nesse ponto, ao peso anímico da aflição. Quando se trabalha com as histórias, é necessário sentir se existe correspondência entre o peso anímico da questão e as histórias.

Perder-se nos detalhes e nos aspectos secundários das histórias

Ter múltiplas possibilidades de interpretação, permanecendo, porém, acima de qualquer uma delas, faz parte de uma boa história, assim como o desenvolvimento de múltiplos acontecimentos e vínculos, dirigindo-se aos nossos sentidos com muitos detalhes. Mas a interpretação sistêmica não observa a complexidade existente nas histórias. Ela busca o seu fio condutor, aquilo que, em seu âmago, sustenta os acontecimentos de uma história. Não encontrando esse fio condutor, é preferível desistir da relação com o vínculo de destino na história a se expor a essa multiplicidade de interpretações.

Aqui também existe um parâmetro para saber se esse fio condutor foi encontrado ou não: a necessidade de se encaixarem explicações indica que algo falhou, assim como o fato de o fio condutor tornar-se um novelo, difícil de ser desembaraçado.

Frequentemente, tem-se a tentação de encontrar uma correspondência exata entre os acontecimentos da história e os acontecimentos de uma história de família, procurando por uma viúva e seu filho, quando se tratar, por exemplo, do conto *João e o pé de feijão?*³, atendo-se a detalhes que não conduzem ao cerne da história. É bem verdade que, quando as histórias se correspondem, elas se correspondem exatamente, mas somente naquilo que diz respeito à sua dinâmica essencial e às pessoas da história nela envolvidas, mas não à sua completa delineação. Não se trata, portanto, da correspondência exata entre o decorrer da história e acontecimentos da família, mas sim da indicação clara para o vínculo de destinos.

A perda da percepção

Não basta olhar somente a história em si, quando se busca o seu cerne em relação a destinos de família. A percepção da pessoa e dos acontecimentos familiares são tão significativos quanto a própria história. Afinal, é aí que se mede se a

interpretação sistêmica de uma história está correta. Embora se possa imaginar a que uma história se relaciona, essa relação tem que ser medida pelas reações da pessoa em questão e pelos acontecimentos e destinos em sua família. Essa busca pela reação impede que a interpretação das histórias seja muito rígida e que elas sejam tratadas como uma mercadoria. Esse constante “vigiar as reações da pessoa”, possibilita ao terapeuta não se aprofundar nas histórias que não sejam um “terreno fértil”, não persistindo em sua interpretação, sob quaisquer circunstâncias, quando delas nada resultou que conduzisse a uma solução.

A limitação das constelações familiares através da visão das histórias

Assim como as histórias “certas” podem enriquecer e aprofundar as constelações familiares, as “erradas” podem desviar do essencial e daquilo que seria de grande ajuda. Uma constelação familiar tem dinâmica e força próprias, que não deveriam ser limitadas ou “desviadas” pelo trabalho com as histórias e muito menos pela curiosidade do terapeuta ou devido a seu anseio por completude no âmbito dos temas familiares. A inclusão das histórias deve surgir como resultado do fluir da constelação. Contudo algumas vezes precisamos experimentar algo e não sabemos de antemão como vai terminar. O terapeuta não pode “querer” algo em uma constelação; raramente pode prever qual o rumo que ela irá tomar. Ele precisa confiar na alma do grupo ou também na *grande alma*, deixar-se conduzir pelo que ele vê e faz. Para isso existem, nos próprios *workshops* de Bert Hellinger, livros e vídeos disponíveis, onde se pode conhecer o necessário para a prática desse trabalho.

Uma mulher queria esclarecer, por meio de uma constelação, o seu relacionamento com o pai já falecido. Já havia constelado sua família uma vez, quando aconteceram soluções em relação à mãe. Mas algo permanecera; algo que pesava muito no relacionamento com o pai.

Na sua constelação, o representante do pai olhava para o chão, causando a impressão de estar olhando para um túmulo, o que foi confirmado pelo representante do pai. Ele não estava nada bem. No início, a pergunta pelos acontecimentos e destinos da família não trouxe nada de esclarecedor. Então, essa mulher mencionou uma noiva do pai da qual ela tinha tomado conhecimento somente após a primeira constelação. Quando lhe foi feita a pergunta pela sua história predileta, a resposta foi *A Bela Adormecida*³ e uma outra história, na qual uma jovem mulher se suicida. Parecia muito evidente que essas histórias se referiam a essa noiva do pai.

Assim, o terapeuta pegou alguém do grupo para representar essa noiva, pedindo-lhe que se deitasse no chão diante do pai. Talvez a noiva do pai, de quem não tinham maiores informações, tivesse se suicidado. Contudo, o representante do pai não demonstrou a menor reação e para as outras pessoas da constelação ela também não parecia ter grande importância. A própria representante disse que não fazia parte daquele sistema, queria levantar-se e colocar-se à parte.

Essa “trilha” não parecia ser muito fértil. O terapeuta simplesmente girou o

representante do pai para fora da sua família, para melhor evidenciar sua morte. Depois de um pequeno espaço de tempo, o representante de um irmão da mulher disse: “Agora posso atirar nas costas dele”. Essa frase surgiu inesperadamente, surpreendendo a todos. Porém, a mulher reagiu a ela imediatamente, dizendo, nervosa, que o seu pai sempre contava que, durante a guerra, como soldado, escondido na floresta, tinha atirado pelas costas em um suposto inimigo. Aproximando-se, viu que se tratava não de um soldado inimigo, mas de um velho camponês que segurava um ramallete nas mãos, acrescentando que seu pai nunca havia superado esse incidente. Só nesse instante ficou claro para qual túmulo o pai ficava olhando e todos sentiram empatia por ele.

Insistir no significado das histórias literárias e em sua relação com a noiva teria levado a uma grande confusão no âmbito dessa constelação.

O desejo de entender uma personalidade e o seu destino

Um vínculo de destino revelado ou o fato de uma história nos fascinar ou comover não explica o plano de vida pessoal ou o desenrolar pessoal de uma vida. Um desenrolar pessoal de vida e uma personalidade não podem ser “entendidos” nem a partir de acontecimentos da família, nem a partir das histórias. Uma tentativa nesse sentido seria uma enorme arrogância.

Mesmo que o olhar sobre as histórias que “façam parte de alguém” possa induzir a isso; deve-se evitar usá-las como uma análise de pareceres sobre grafologia ou de um mapa astral. Naturalmente, o que caracteriza a individualidade da nossa pessoa, o sucesso ou o fracasso da nossa vida, baseia-se nos nossos dados biográficos, mas não é uma derivação direta deles. O fato de Yehudi Menuhin ter-se tornado um grande violinista não pode ser explicado pelo fato de sua mãe tê-lo levado consigo pelas ruas de Nova York, quando estava à procura de uma moradia e, porque tinha sido constantemente recusada, ele jurou a si mesmo tornar-se muito famoso, para que aquilo não acontecesse mais. Nem por causa de seus antepassados, judeus do leste europeu, ótimos violinistas, nem por causa de sua avó, a única a apoiá-lo em seu desejo de ter um violino e aulas de música desse instrumento.

Por mais profunda que seja a marca da nossa história familiar e pessoal e por maior que seja o poder das nossas imagens interiores, ninguém nos leva a ser aquilo que nos tornamos e nós não nos criamos com ou sem um plano. Estamos ligados à nossa biografia por processos necessários e casuais que, como uma força que se torna cada vez maior, mais abrangente e condutora, desafiam a nossa liberdade, para nos levar a alcançarmos a nossa autodeterminação pessoal.

A essa força maior estamos ligados, não só por nosso destino, mas também por nossa liberdade. Isso impede que possamos nos remeter à totalidade, à qual estamos inteiramente ligados e que nos envolve marcantemente. O preço que pagamos por isso é o sentimento de desproteção, solidão e, também, de certo modo, alienação. Em nosso roteiro de vida tentamos Paradoxalmente escapar de tais sentimentos, vinculando-nos a destinos alheios, e o preço do desligamento de um

destino alheio é cair em uma nova solidão, sentindo-nos sós com nossa responsabilidade por nossa vida.

Quando assumimos essa solidão, podemos permitir que daí surja a solução que buscamos.

Que terapeuta poderia decidir qual caminho é o melhor para alguém que procura ajuda? Gostamos de evitar a solução, pois ela causa uma solidão ainda maior e conduz a um terreno desconhecido. Grave seria o efeito, se a terapia estigmatizasse esse desligamento, classificando-o como ruim.

O roteiro de vida nos fornece imagens interiores, sentimentos e modos de comportamento que nos possibilitam a permanência como membros da totalidade da nossa família e a libertação do nosso isolamento doloroso, casual e que nos coube. Durante o crescimento que conduz para além do vínculo amoroso e o crescimento para dentro do amor, encontramos um meio de superar a solidão de uma maneira nova. O amor une o que está separado de modo a deixar cada um ser como é, vivendo o que está vivendo. Assim, conduz a uma comunhão que concorda com a obrigatoriedade do vínculo, mas desliga daquilo que se refere a destino e à relação, às vezes, quando é necessário desligar. Ele deixa a compensação entre o dar e o tomar e o destino em seu devido lugar. Toma a gentileza e o amor daqueles que não querem que o seu destino ou a sua culpa recaiam sobre outrem. O amor coloca-se abaixo das ordens que servem aos vivos e ao florescimento de relacionamentos, promovendo que pessoas unidas possam se desenvolver de modo diferente. Utiliza-se de sua força para algo bom e novo.

No vínculo amoroso, igualamo-nos a serviço da sobrevivência e bem-estar de todos os membros, de todos aqueles que pertencem. Não atentamos para o sacrifício que isso nos custa. Buscamos redenção onde só existe solução. Procuramos felicidade onde só uma cura poderá ser dada de presente. Buscamos o vínculo com o Todo e o Uno, sendo que o maior só se mostra a nós nos pequenos e limitados acontecimentos da vida. Buscamos talvez iluminação, sendo que a luz do dia nos é presenteada todos os dias, pelo resto das nossas vidas.

O terapeuta se alia ao amor daqueles que procuram uma solução, indo com esse amor ao encontro daquilo que vai ajudar diante do que está por vir. Isso é suficiente.

Capítulo III

HISTÓRIAS DAS FAMÍLIAS E SUAS CORRESPONDÊNCIAS LITERÁRIAS

As histórias das famílias poderiam ser divididas em dois grandes campos temáticos: as histórias de relacionamentos e as histórias de acontecimentos. Nas primeiras, trata-se do relacionamento entre homem e mulher, pais e filhos, irmãos, irmãs e outros familiares entre si. Nas segundas, acontecimentos fatídicos estão em primeiro plano; como uma morte precoce, acidentes, perda de propriedades, injustiça, loucura e fatos semelhantes. Os acontecimentos sempre trazem consequências para os relacionamentos, mas nem todo acontecimento é decorrente dos relacionamentos, tratando-se com frequência de fatores que assaltam de surpresa a família, vindos de fora.

Na busca pelo elo entre as histórias literárias e as histórias das famílias, pode ser útil procurar primeiro pelas pessoas e seus relacionamentos ou pelos acontecimentos. Por exemplo, na história *Lili Meia-comprida*³², não se pergunta sobre os acontecimentos que marcam suas aventuras, mas sobre quem está faltando: a mãe; ou estuda-se o relacionamento entre Lili e seu pai, pois é ela quem o auxilia no aperto, não ele a ela. Em outras histórias, um acontecimento é claramente colocado em primeiro plano, por exemplo, quando o jovem rapaz em *João Felizardo*²⁴ perde tudo o que possuía ou quando Juca e Chico são moídos no moinho, perguntar-se-á pelos filhos que nessa família teriam sofrido algum infortúnio.

Naturalmente, há histórias em que os acontecimentos e as relações familiares estão intimamente entrelaçados, como em *Joãozinho e Maria*²⁶. Uma grande pobreza é o ponto de partida da história. Como o pai não traz alimentos suficientes para toda a família, a mãe manda embora os filhos, para que, pelo menos, os pais possam sobreviver. Se alguém citar esta história, pôde-se colocar a questão: quais filhos tiveram que sair cedo de casa? Ou: qual família passava por tamanho aperto financeiro, que os filhos tiveram que sair cedo de casa?

Em seguida, gostaríamos de narrar exemplos de casos em que a correspondência entre as histórias das famílias, contos de fadas e outras histórias pode ser esclarecida dentro do contexto terapêutico. Concentramo-nos em primeira linha em contos conhecidos, que são frequentemente citados como resposta à pergunta pela história-roteiro, isso por refletirem o espectro dos destinos, tema do qual se trata com mais frequência em Psicoterapia e aconselhamento: relações homem-mulher, pais e filhos e as consequências da infelicidade e culpa. São poucos os acontecimentos humanos que se refletem nos destinos. As histórias de vida que daí resultam e suas correspondências literárias são inesgotáveis. Mesmo com toda a nossa capacidade de descobrir padrões e estruturas que se repetem nos acontecimentos e interpretações da nossa vida, a Psicoterapia continua sendo um processo relacionado a indivíduos e suas famílias. Por isso, a ajuda que se pode prestar a seres humanos em sua necessidade permanece original e nova. Ao mesmo tempo, a multiplicidade infinita se organiza na alma como uma plenitude vivenciável e compreensível, enquanto campo de atuação de algo maior e que nos

abrange.

“Se você me beijar, eu me transformo em príncipe.”

Um relacionamento de casal vive do dar e receber mútuo, com amor. Esse dar e receber está relacionado à masculinidade e à feminilidade, ou seja, à troca sexual, podendo ser estendido também à troca de bens materiais e ao cuidado conjunto dos filhos. Nessa troca e convivência, trata-se de tomar o parceiro tal como ele é, com sua história familiar e com sua família de origem. Olhando-se nos olhos um do outro, veem-se dentro de suas almas, conhecendo seus pontos comuns e suas diferenças, sentindo e percebendo o que os atrai e o que anseia por crescimento no decorrer da sua convivência.

Em muitas famílias, esse relacionamento de casal está perturbado. Às vezes, o amor não flui desde o início, outras vezes, o amor se apaga com o tempo. Frequentemente, o vínculo de um ou de ambos os parceiros com a família de origem permanece tão forte que a lealdade dentro do relacionamento é posta de lado. Ou um dos parceiros só recebe, não dando nada, ou oferece só por obrigação, não tomando nada do parceiro.

Naturalmente surgem feridas nos relacionamentos, provenientes, por exemplo, de infidelidade ou ciúmes. E então acontecem fatalidades, que ultrapassam as forças do casal em seus esforços de carregar o fardo juntos, como a morte prematura de um filho, acidentes e doenças graves, vícios e loucura. Um ou ambos os parceiros carregam uma culpa pessoal e fatídica, talvez um aborto ou a responsabilidade por um acidente grave ou até um crime.

Os contos de fadas não se preocupam com terapias. Descrevem a essência do destino dos seres humanos com roupagem fantástica, principalmente no que diz respeito aos seus relacionamentos. Não fazem nenhum esforço para apresentar uma visão equilibrada dos interesses humanos. Os contos de fadas tomam partido. Mostram, por exemplo, mulheres prejudicadas pelo homem, como em *Chapeuzinho Vermelho*⁶ e *Rei Barba-de-Tordo*⁵¹-, ou homens que não conseguem contentar a mulher, como em *A mesa, o burro e o bastão encantados*³⁴ ou em *O Pescador e sua mulher*⁴⁷-, ou homens que tiveram que aprender na cama com a mulher a sentir medo, como aquele da história *O conto daquele que saiu de casa para aprender a ter medo*⁷ ou *O Rei-Sapo*³². Justamente por isso é que os contos de fadas são tão apropriados para trazer à luz a dinâmica dos relacionamentos e a terapia deixa de lado o que existe de fantástico nos contos de fadas e passa ao reconhecimento da realidade, olhando para o amor que se expressa através do comportamento problemático e dessa forma encontrando o que atua.

História: O Rei-Sapo ou O Henrique de aço⁵²

Em tempos antigos, quando os desejos ainda ajudavam, vivia um rei cuja filha mais nova era a mais bela de todas. Quando se entediava, ia ao bosque brincar com sua bola dourada à beira de uma fonte fresca, sendo esse o seu brinquedo predileto. Um dia, a bola escorregou, caindo dentro da fonte. A filha do rei começou a chorar tão copiosamente, que o sapo esticou sua cabeça feia para fora da água. “Fique

tranquila e não chore, eu posso resolver o seu problema. Mas o que você vai me dar, se eu trouxer de volta o seu brinquedo?”, perguntou o sapo.

“O que você quiser, minhas roupas, minhas pérolas, minhas pedras preciosas e minha coroa de ouro”, respondeu a princesa.

Então, o sapo disse: “O que eu quero não são as suas roupas nem suas pedras preciosas; mas, se você quiser gostar de mim, se me deixar sentar com você à mesa, me permitir comer no seu pratinho de ouro e beber no seu copinho dourado, me deixar dormir na sua cama... Se você me prometer tudo isso, então eu vou buscar a bola para você.”

“Claro, claro, prometo tudo o que você quiser, se trouxer a minha bola”, disse a filha do rei. Mas, depois de ter recebido a bola de volta, saiu depressa dali, esquecendo-se rapidamente do pobre sapo.

No dia seguinte, mal havia se sentado à mesa com seu pai, o rei, o sapo apareceu rastejando-se, bateu à porta, exigindo o que lhe havia sido prometido. Contudo, a filha do rei não queria deixá-lo entrar. Então o seu pai disse: “Você tem que cumprir o que prometeu, vá abrir a porta para ele!”

Hesitante, ela abriu-lhe a porta, tendo que sentá-lo à mesa e permitir-lhe comer no seu pratinho de ouro. Finalmente, ele disse: “Estou satisfeito, arrume agora a sua caminha de seda para mim, vamos nos deitar lá”.

A filha do rei começou a chorar, ela estava com nojo do sapo frio. O rei ficou furioso e ordenou: “Você não deve desprezar aqueles que a ajudaram em uma situação difícil!”

Então ela pegou o sapo com dois dedos, colocando-o no canto do seu quarto. Mas o sapo queria ir para a cama.

O sapo disse: “Tire-me daqui, senão eu vou contar ao seu pai!” Aí ela ficou mesmo furiosa e arremessou-o com toda a força contra a parede. No entanto, quando ele caiu ao chão, não era mais um sapo, mas um maravilhoso príncipe.

Ele tinha sido enfeitado por uma bruxa e agora a filha do rei o tinha salvado. Eles adormeceram um ao lado do outro e foi desejo do rei que sua filha se casasse com esse príncipe.

No dia seguinte, o antigo criado do príncipe, o fiel Henrique, chegou na carruagem matrimonial. De tanta tristeza causada pelo destino do seu senhor, quando este fora transformado em sapo, havia mandado fazer três aros de aço à volta do seu coração, pois a dor era tão grande que tinha receio de que ele se partisse.

Depois de terem percorrido um trecho do caminho, o príncipe ouviu um barulho estranho, como se algo estivesse se quebrando e pensou que fosse a carruagem, mas eram os aros de aço que se soltavam do coração do fiel Henrique, porque seu senhor agora estava liberto e feliz.

Nessa história, o sapo faz algo de bom para a moça, porém exigindo algo em troca: ele quer ser amado. Isso lhe é prometido e não é cumprido. A moça o acha frio e nojentos. Mas o sapo finca o pé no cumprimento da promessa, não permitindo ser

descartado. Em relação à família, esse conto aponta para um homem que não é amado pela esposa. Ela só o aceitou movida pela necessidade, por ele ter-lhe sido útil em um momento de aperto, não podendo voltar atrás. Mas ela tem nojo desse homem e, ao invés de beijá-lo, para que ele se transforme num “príncipe”, ela fica com raiva dele e o que mais queria era negar-lhe o direito de compartilhar o seu leito.

Após quatro anos de relacionamento, Christoph foi abandonado pela namorada por causa de outro homem. Como era seu terceiro relacionamento que terminava assim, sentiu-se deprimido e não desejado, enquanto homem. Em sua primeira constelação no curso, não houve resultados que apontassem para emaranhamentos ou transferências. Mesmo um telefonema para sua casa não acrescentou novas informações. Mas a pergunta do filho não deixou mais a mãe em paz e Christoph ficou então sabendo o que até então era um segredo rigorosamente resguardado pela família.

O avô por parte de pai tinha tido um relacionamento de anos com uma prostituta, ainda durante o casamento. Essa mulher mantinha esperanças de que o relacionamento terminasse em casamento. Quando viu que esse desejo não seria realizado, começou a espalhar pela cidade inteira por quanto tempo o avô tinha sido seu cliente e que, para ela, custava muito fazer amor com tal nulidade sexual, porém na sua profissão não se podia dar ao luxo de escolher.

Em consequência disso, o casamento dos avós sofreu um grande baque. A avó mantinha-se ao lado do marido por motivos sociais, porém, fazia da sua vida um inferno dentro de casa, abstenho-se completamente de manter relações sexuais com ele. A partir daquele momento, o casal passou a dormir em quartos separados.

Christoph sempre gostou muito desse avô, mantendo boas lembranças das horas passadas a seu lado, fazendo trabalhos manuais. Quando lhe contaram esta história, as lágrimas correram-lhe pelas faces. Aos poucos, imagens passadas emergiram em sua memória, nas quais ele sempre via os avós como casal em festas familiares ou públicas. Mas em casa, Christoph sempre se lembrava do avô como pessoa solitária e de olhar muito triste.

Na constelação familiar, Christoph podia sentir sua profunda ligação com o avô. Ele chorou cheio de compaixão até que, após longa reverência ao avô, na qual expôs todos os seus sentimentos, pôde então deixar o destino do avô com ele. Este o abençoou, e ele se sentiu ligado à terra, forte e muito bem. Anos mais tarde, escreveu-nos dizendo o que não lhe tinha sido possível dizer durante o curso: que em épocas passadas ele sempre sentia um forte impulso para ir a bordéis, sentindo-se mal quando cedia, vez por outra, a esse impulso. Depois de entender a conexão, os impulsos tinham desaparecido. Havia um edital de seu casamento anexado à carta.

Se uma mulher faz referência ao *Rei-Sapo*⁵², muito frequentemente ela alimenta a esperança oculta de transformar um sapo em príncipe. Quanto mais ela arremessa o sapo contra a parede, ou seja, rejeita o homem, tanto mais ela deseja, como nesse

conto, que ele se revele desejável como um príncipe. Mas todo o esforço de aproximação por parte dele é respondido com rejeição, quase nojo.

Beate está em seu terceiro casamento e confrontando-se com o mesmo problema que teve nos anteriores. A atração sexual pelo marido diminuiu, como ela mesma diz, sentindo cada vez menos vontade de ter intimidade com ele, rejeitando-o. Como isso está acontecendo pela terceira vez, acredita que a causa é ela. Embora as palavras tenham um tom frio, ela dá uma impressão gentil e amável. Tinha poucas informações sobre a família e clã, pois tinha saído de casa aos 18 anos com seu primeiro marido, tendo desde então interrompido o contato com os pais. Eles não aprovavam a ligação definitiva com o marido, ao que Beate reagiu com essa atitude radical de rompimento.

Ao invés de constelar sua família, Beate foi conduzida — passando pelo sentimento da repulsa sexual, do qual Beate não se recordava conscientemente —, a três situações anteriores, com a ajuda de uma técnica da PNL: *History-change* expandida — um método que leva a acontecimentos vividos anteriormente, através de um processo de transe. Quando tinha quatro ou cinco anos, presenciou duas vezes a recusa horrorizada da mãe às manifestações de afetuoso carinho por parte do pai. Na primeira vez, o pai embebedou-se e reagiu, estragando os móveis durante a noite. Na segunda vez, bateu na mãe com violência e, quando ela tinha mais ou menos 11 anos, a mãe contou-lhe em segredo que o pai tinha uma namorada, o que ela achava certo, pois com isso ele não a assediava mais sexualmente. Fora isso, ela estava até satisfeita com ele e encontraria também, com certeza, um amante atraente.

Embora se possa partir do fato de que esse casal estivesse emaranhado, pela maneira que agiam, para Beate foi o suficiente trazer essas experiências recalçadas do inconsciente ao consciente, permitindo que deixasse com os pais o que lhes pertenciam. Com a ajuda de uma outra técnica da PNL, outras situações amorosas mais antigas com seu marido foram ancoradas em suas sensações. Dessa maneira, Beate conseguiu relacionar vivências em que desejava seu marido, conseguindo também voltar a sentir atração por ele. Além dessa compreensão e seu renovado amor pelo marido, sentia também tristeza em relação aos antigos relacionamentos fracassados. Contudo, sua postura, a de olhar sempre para frente na vida, permitiu-lhe lidar construtivamente com a tristeza e o sentimento de perda em relação ao passado, vendo o futuro com seu marido com esperança e alegria.

É interessante observar que tanto homens quanto mulheres citam o fiel Henrique como conto predileto, nos *workshops* e sessões individuais, o criado que surge na última parte do *Rei-Sapo*⁵².

Nesse caso, filhos e filhas estão geralmente identificados com o pai que, quando criança ou adolescente, teve um destino difícil ou que, quando adulto, recebeu pouco amor e carinho da mãe.

Em um *workshop*, um homem, que apresentava uma forte rigidez na região do peito, constelou sua família. A representante da sua mãe sentia-se fria em relação

a seu marido, e o representante do pai causava a impressão de não ter sentimentos. Quando os quatro irmãos mais velhos do pai, todos falecidos na infância, foram colocados ao seu lado, o homem foi logo sacudido por um ataque de choro. Em seguida, seu corpo todo tremia literalmente de tanto amor pelo pai. Pudemos ver e vivenciar na *workshop* como os aros se soltavam do seu peito, à semelhança do fiel criado.

Com muita frequência, essa lealdade interior não é vivenciada em nível consciente, visto ser sobrepujada pela rebelião ou raiva em relação ao pai. Contudo, quando o filho olha nos olhos do pai e percebe o seu destino, a dor transferida e recalcada se solta de seu coração, soltando-se simultaneamente o amor profundo que estava oculto por detrás dela.

Seria a Gata Borralheira?

Tanto na vida real quanto nos contos de fadas, temos a tendência de dirigir nosso olhar para os “bonzinhos”, que sofrem com as maldades impingidas pelos “maus”. Os “maus” recebem a pena justa, e os “bonzinhos” a recompensa pelo seu sofrimento. Mesmo que o herói do conto lance mão de meios não muito corretos para atingir seus objetivos como, por exemplo, em *O Gato de Botas*¹⁶ ou *O pequeno Klaus*² sentimos como se ele representasse uma boa causa ou um justo fim. Mas no âmago da nossa alma atua um outro processo: os ganhadores olham para os perdedores e não têm coragem de tomar o bem que lhes acontece, se os outros tiveram que pagar um preço tão alto. A alma não olha para o bom ou para o mau, mas sim para o lucro e a perda.

Em *A Gata Borralheira*¹⁵, olhamos para a moça que perdeu sua mãe, sendo usada como criada e humilhada pela madrasta e pelas meias-irmãs, mas no final recebe o príncipe como recompensa. Mesmo tendo sido encantadoramente arrumada pela verdadeira mãe, ela foge do príncipe, entretanto, ele só tem olhos para ela, desde o primeiro momento em que a vê. Contudo, quem é esta mulher maravilhosa? Seria a Gata Borralheira? Ficamos felizes quando o príncipe fica com ela e não sentimos pena das meias-irmãs, embora a busca do príncipe pela mulher certa tenha custado a uma o dedão do pé e à outra o calcanhar e ambas tenham ficado cegas. Só uma pessoa, que não aparece no conto, sente empatia por elas: a filha da Gata Borralheira.

Uma mulher, Gerlinde, havia se separado do seu marido. Este havia começado um relacionamento com sua amiga, tendo se casado com ela nesse meio tempo. Os dois filhos ficaram com ela que vivia, desde então, sem marido. Em uma constelação de figuras, durante uma sessão individual, Gerlinde constelou o seu sistema de origem. A imagem montada da família sugeria uma dinâmica múltipla. Gerlinde colocou a si própria como segunda filha mais velha e irmã mais velha de um total de três irmãos, como se olhasse para alguém que estivesse excluído. Quando questionada, mencionou uma noiva do seu pai, com quem ele não pôde se casar por não ter, ainda, uma vida profissional estabelecida, não sendo, por isso,

reconhecido pela família dessa noiva. Gerlinde não sabia muito sobre o que havia acontecido com essa antiga noiva, achando que ela havia se casado com outro homem. A inclusão dessa noiva fazia sentido para Gerlinde, mas não parecia tê-la tocado muito profundamente.

Muito tempo depois ela contou, durante um encontro casual, que seu pai tinha falecido e que aí havia acontecido algo digno de nota. O filho dessa antiga noiva do seu pai havia telefonado para ela, se encontrado com ela e lhe contado que a mãe dele nunca havia se esquecido do pai de Gerlinde e havia falado dele com frequência. Nessa ocasião, Gerlinde ficou sabendo também como o relacionamento do seu pai com essa noiva havia de fato terminado: ele havia conhecido a mãe da Gerlinde e se apaixonado por ela, de imediato.

O tema do conto de fadas *A Gata Borralheira*¹⁵ pode ser resumido como “Briga entre mulheres — quem vai ficar com o príncipe?” Quem cita esse conto como sua história-roteiro está frequentemente ligada a uma antiga mulher do pai, preterida pela mãe. O pai fica com a mãe por amor, mas a mãe não tem coragem de ficar com o pai, devido ao preço pago pela outra. Como a Gata Borralheira, ela se sente como a mulher que é melhor do que as outras, mas que tem que fazer todo o trabalho. Ela não olha para o sofrimento da mulher que teve que lhe ceder o lugar. Isso quem faz é a filha dela, igualando-se à mulher abandonada e perdendo, como ela, seu marido para outra e fica guardando sua raiva.

Na prática terapêutica, encontramos muitas histórias de borralheiras. O pai de uma jovem mulher, por exemplo, ocultou durante muitos anos o amor por uma antiga namorada, mesmo tendo mantido o romance após o matrimônio com a outra; até que a mãe dessa jovem mulher descobriu tudo, obrigando-os ao rompimento. Essa antiga namorada do pai jamais se casou e a jovem sentia muita empatia por ela, perdendo todos os namorados para outras mulheres.

Um homem divorciado, com tendências homossexuais e mantendo pouco contato com os filhos, contou-nos a história de uma tia, irmã da sua mãe. Ela também havia amado o pai dele, que durante muito tempo não conseguia se decidir entre as duas irmãs, até que a mãe colocou-o contra a parede, exigindo casamento. Essa tia também ficou sozinha e vivia solitariamente, sem contato algum com sua irmã ou com o resto da família. Somente esse sobrinho visitava-a algumas vezes, às escondidas, sem que sua mãe soubesse.

Muitos contos de fadas têm como tema uma mulher abandonada, descartada ou perdida: além de *A Gata Borralheira*¹⁵, também *A Guardadora de gansos*¹⁷ ou *A Bela Adormecida*³. O tema é semelhante também em *Jorinda e Joringe*^{F8}: um casal apaixonado perde-se de vista; em *Rosa Branca e Rosa Vermelha*⁵⁴, só uma das irmãs pode ficar com o príncipe, a outra tem que conformar-se em ficar com seu irmão. Os contos acima mencionados e outros semelhantes são citados com bastante frequência, quando se pergunta, em sessões de aconselhamento de casal, pela história-roteiro. Constatamos no aconselhamento de casais que ligações anteriores parecem desencadear, de certa maneira, sentimentos de temor, vergonha, angústia, rejeição, autoafirmação e às vezes saudade tão fortes, que

gostaríamos de arrancá-los do nosso coração. Mas a alma não acompanha o caminho da nossa vontade, ela honra o parceiro abandonado, exigindo que os filhos representem o antigo parceiro dos pais e, frequentemente, igualando seu destino ao dos parceiros abandonados.

Em todas essas histórias, a solução é semelhante: ambos os parceiros honram os parceiros anteriores. Deve-se olhar para eles e ver a dor causada pela perda ou mágoa e, ao mesmo tempo olhar também para o lado bom: o vínculo e o amor que existiam. Dessa maneira, o casal atual pode aceitar mais facilmente o novo amor e o novo vínculo, valorizando o preço que outros pagaram. Os filhos devem ficar sabendo desses vínculos antigos, sem os detalhes do relacionamento. Com a libertação desses destinos alheios, deixam, em sua alma, de olhar para o antigo parceiro dos pais, de sentir por eles empatia e de se igualar a eles. Dirigem então o olhar para os pais, deixando com eles aquilo que não foi solucionado das relações anteriores, aceitando os pais como os “certos”, como seus pais. Precisam renunciar assim a uma compensação que os atrairia para terrenos estranhos e passam então a tomar os pais, a despeito do que isso tenha custado aos próprios pais e aos antigos parceiros.

A história *A Gata Borracheira*¹⁵ nem sempre diz respeito a uma mulher abandonada pelo pai em favor da própria mãe. Algumas vezes ela aponta apenas para o destino feminino na linhagem materna. Uma filha olha cheia de pena para a mãe e a avó e suas vidas marcadas pelo trabalho pesado.

Enquanto outros se divertem, a mãe e a avó se sentem amarradas à casa, devido a seus cuidados penosos do dia-a-dia, na lida pela sobrevivência. Embora sonhem com as festas e em dançar nos braços do príncipe, elas vivem a realidade de uma “Gata Borracheira”. Bert Hellinger resumiu certa vez a temática desse conto de fadas como “saudade do príncipe, ainda na terceira geração”.

A conselho de seu médico, Elke veio participar de um grupo de vivência com o diagnóstico de esgotamento físico. Ela era casada, tinha duas filhas e trabalhava como gerente em uma agência de viagens. As filhas eram adolescentes, exigindo muito dela, não só em relação aos deveres de casa da escola, mas também com seus problemas típicos da adolescência. Seu emprego exigia disponibilidade integral, fazendo com que ela quase sempre levasse trabalho para casa. Apesar de estar bem financeiramente, nunca havia pensado em contratar alguém para ajudá-la nos trabalhos domésticos.

Na constelação da sua família de origem, as quatro irmãs aglomeravam-se em torno da mãe, e a representante de Elke olhou para ela com lágrimas nos olhos, dizendo: “Mamãe, tenho tanta pena de você!” Não tomaram conhecimento do pai, que trabalhava pesado em uma mineração.

Para Elke, ficou muito claro que estava se comportando como sua mãe: trabalhando mais do que necessário, arrastando suas filhas consigo, colocando seu marido em segundo plano, fazendo com que ele se afastasse cada vez mais da família. Mas na constelação, a mãe dela reagiu de maneira inesperada, fitando

amorosamente sua filha e dizendo: “Não está tão pesado assim, consigo carregar meu fardo e vou conseguir acertar tudo com o pai de vocês.

Dois meses depois da constelação, Elke e seu marido saíram de férias para Veneza; as filhas foram fazer curso de língua estrangeira em Londres, aproveitando as férias escolares.

“Ah, fada, mas você foi a minha primeira esposa!”

É sempre surpreendente perceber o significado de antigos parceiros em relacionamentos posteriores e nas famílias, principalmente se eles não tiverem sido honrados e respeitados pelo seu amor, pela dor da separação e pelo seu destino. Se a separação de um parceiro for muito sofrida e unida a sentimentos de culpa própria, não se quer mais, posteriormente, admitir a ligação, menosprezando seu significado e colocando a culpa no parceiro abandonado. Pôde-se chegar até ao ponto de esconder esse relacionamento mais tarde, para o parceiro e os filhos ou mencioná-lo dentro de um espectro que pode ir da insignificância e esquecimento até ao desprezo ou insultos.

Mas se antigos parceiros não forem respeitados ou não reconhecemos que, graças à separação deles, um lugar ficou vago para uma relação posterior e filhos dessa relação; então os parceiros posteriores se sentem frequentemente solidários para com a mulher ou homem abandonados — mesmo nada sabendo sobre sua existência — e saem do relacionamento como se quisessem dizer, em seu íntimo, aos parceiros anteriores: “Se você foi abandonado(a) com tanto sofrimento, então eu também não fico em um relacionamento.” Ou um(a) dos filhos(as) sente empatia pelo parceiro abandonado pelo pai ou pela mãe e passa a representá-lo com seus sentimentos e seu comportamento, dentro da família. Se o parceiro abandonado ficar sozinho pelo resto da vida, devido a essa experiência de separação, ou se todos os seus relacionamentos posteriores fracassarem, um(a) filho(a) do casamento posterior pode imitar o seu destino, ficando também sozinho ou fazendo com que todos os seus relacionamentos amorosos fracassem, sem conhecer a razão.

Muitos contos de fadas refletem relacionamentos fracassados, criando assim nos filhos um campo de projeção para os antigos parceiros do pai ou da mãe, abandonados pelos mais diferentes motivos. É marcante que mulheres abandonadas desempenhem papel muito mais relevante nos contos de fadas do que homens abandonados. *A Bela Adormecida*³ é um dos exemplos mais conhecidos para o tema da “mulher abandonada”.

Uma mulher de nome Brigitte queria saber, num trabalho em grupo, por que os homens não permaneciam a seu lado. Às vezes, eles se separavam dela, às vezes ela os abandonava. Ela aparentava não estar muito infeliz com isso e quando o terapeuta disse isso, ficou furiosa, dizendo que não estava sendo levada a sério. Contudo, lágrimas de dor e solidão surgiram. Ela era a filha mais velha e, questionada quanto à existência de possíveis parceiros dos pais antes do casamento, respondeu: “Não sei nada sobre antigos parceiros!” À pergunta subsequente, se eles realmente não teriam existido ou se ela não sabia se eles

tinham existido, ela respondeu: “Não sei nada.”

À primeira vista, a constelação da sua família de origem não acrescentou muita coisa sobre a dinâmica familiar. Os representantes sentiam-se todos alegres e riam. Somente a representante da mãe reagia como se estivesse muito irritada e, depois de uma pausa, após a primeira pergunta, respondeu: “Falta alguém junto ao meu marido!” Como Brigitte havia se referido à *Bela Adormecida*³ durante uma “rodada de histórias”, o terapeuta, por suspeita, colocou uma mulher ao lado do pai. Então, o representante do pai disse repentinamente: “Ainda está faltando uma!” Assim, o terapeuta colocou mais uma mulher ao lado do pai. Depois de uma pausa, esse representante disse então: “Tem que ser três!” Assim, mais uma mulher foi colocada ao lado do representante do pai. Brigitte arregalou os olhos, virou-se para as mulheres desconhecidas, gritando: “Não sei o que pensar disso!” A própria Brigitte ria, ao dizer essas palavras. O terapeuta interrompeu a constelação e Brigitte contou que, quando criança, ia fazer compras em uma loja e uma bonita vendedora sempre lhe dava balas e um dia ela lhe disse: “Gostaria muito que você fosse minha filha!”

No dia seguinte, Brigitte pediu a palavra no início do trabalho de grupo e disse que havia perguntado ao pai sobre um possível relacionamento anterior ao casamento, ao que ele respondeu sorrindo: “Antes da sua mãe, tive três noivas. Gostava muito da segunda e da terceira. Era sempre muito divertido estar com elas. Você chegou a conhecer uma delas. Era a vendedora daquela loja onde sua mãe sempre mandava você ir. Mas a primeira noiva era muito possessiva e ficou com muita raiva de mim, quando eu a deixei.” Ao contar isso, Brigitte havia perdido toda a alegria e serenidade, tinha lágrimas nos olhos. Nesse momento, o terapeuta mandou que ela fizesse a constelação familiar pela segunda vez, agora com as três noivas, e então, a relação entre a representante da Brigitte e a primeira noiva “má” ficou imediatamente clara. O terapeuta, em seguida, colocou a própria Brigitte na constelação. Ela se sentiu atraída pela primeira noiva como que por mágica e, quando o terapeuta colocou-as uma em frente da outra, essa representante se virou, cobrindo o rosto com as mãos, chorando copiosamente. Então, Brigitte tocou-a levemente por trás, dizendo: “Por favor, não vire as costas, gostaria de olhar para você.”

Se uma mulher citar *A Bela Adormecida*³ como seu conto de fadas preferido, provavelmente existe algo oculto no pano de fundo familiar. Frequentemente, é necessário fazer mais perguntas. E nem sempre o pai reage de modo tão afável como no episódio anterior. Em um seminário, uma mulher tinha esse conto como o seu predileto e, quando tomou conhecimento dos fatos para os quais essa história aponta, reagiu imediatamente, dizendo que precisava perguntar ao pai. Esse reagiu de modo muito negativo, respondendo que esses assuntos antigos não lhe diziam respeito. A mulher não desistiu e dirigiu-se então à mãe. Esta lhe contou que, durante a guerra, seu pai se feriu e ficou por muito tempo em um hospital. Ali, uma enfermeira havia se apaixonado por ele e os dois tiveram um noivado forçado. A própria mãe não soube dizer o que aquilo tinha significado exatamente. O pai

não quis falar sobre esse assunto.

Certa vez, uma comovente história de *A Bela Adormecida*³ foi narrada em uma clínica por uma mulher de quase 50 anos, sob a perspectiva da amada abandonada. Ela parecia uma mocinha, com cabelos compridos e um corpo frágil. Seus olhos brilhavam e eram sonhadores, mas o resto do rosto estava marcado por amargura e fatalidade. Em uma conversa, ela narrou sua história sorrindo e com uma voz que parecia vir de longe: “Minha bisavó fazia parte da criadagem de uma casa de nobres. O dono do castelo engravidou-a, tendo posteriormente a expulsado, junto com a filha. Essa filha era a minha avó. Ela apaixonou-se aos 18 anos, em um baile, por um senhor mais velho, passando com ele uma noite. No dia seguinte, esse senhor havia desaparecido sem deixar sinal. A minha avó já estava grávida da minha mãe. A minha mãe apaixonou-se também aos 18 por um barão austríaco, tendo passado com ele uma única noite, durante a qual engravidou de mim, mas o barão desapareceu. Eu disse a mim mesma que isso não aconteceria comigo e fui para Paris, logo após ter atingido a maioridade. Lá, conheci um argelino e, durante bastante tempo, hesitei em me envolver com ele. Uma noite eu enfraqueci e, no dia seguinte, esse homem havia desaparecido para sempre, e eu já estava grávida da minha filha. A ela dei todo o meu amor. Para me dedicar a ela inteiramente, nunca mais olhei para outro homem. Querendo dar-lhe uma alimentação ultra-saudável, ela ficou muito magrinha, e o Juizado de Menores queria tomá-la de mim. Antes que isso acontecesse, minha filha foi atropelada por um carro no caminho da escola, vindo então a falecer.”

O tema do conto *A Bela Adormecida*³ gira em torno de um rei que havia convidado todas as suas mulheres anteriores — as fadas ou as conselheiras — para o batizado da sua querida e bela filha, deixando de convidar a décima terceira mulher. Com isso, ela ficou com raiva dele, enfeitiçando a Bela Adormecida, juntamente com todos do castelo, em um sono de 100 anos. Por isso, as mulheres que citam esse conto causam, frequentemente, uma impressão de cansaço, cansando também quem as ouve. Com muita frequência, observa-se também que elas parecem muito mais novas do que na realidade são, como se ainda tivessem 15 anos. Em seus relacionamentos amorosos aparentam ser “as vingadoras”, tornando-se duras e más, quando perdem o contato com o amado. E não é raro que tais mulheres tenham sofrido uma dermatite de origem psicológica ou outros problemas de saúde na infância, o que aponta para uma antiga relação não correspondida do pai ou da mãe.

Para se chegar a uma solução, deve-se tirar desse conto a ilusão de que tudo termina bem e que a qualquer hora um príncipe possa encontrar a jovem e tomá-la nos braços, pois quando a jovem abrir os olhos, após 100 anos, ela não terá mais 15, mas sim 115. Pôde-se imaginar a expressão de espanto nos olhos do príncipe! Naturalmente nada disso consta nos livros de contos de fadas, mas tais observações podem tirar o encantamento de imagens interiorizadas.

Ou pôde-se alienar o conto, fazendo o rei regressar de uma viagem. Ele vê então o que tinha acontecido no castelo durante a sua ausência e lembra-a da praga da

décima terceira fada. Faz com que ela venha até o castelo, diante do seu trono e, ao revê-la, reconhece-a como sua primeira esposa, olha-a nos olhos, dizendo-lhe: “Sinto muito por tê-la magoado tanto. Olhando agora para você, vejo que você me amou muito. Eu também a amei muito.” Em seguida, convida-a para visitar o castelo. Após alguns momentos, a fada dá primeiramente vazão à sua raiva e, em seguida, deixa correr as lágrimas e concorda com a visita, permanecendo pouco tempo no castelo, não sem primeiro olhar cheia de amor para a Bela Adormecida, passando carinhosamente a mão por seus belos cabelos e dizendo: “Eu libero você agora.” A moça acorda, esfrega os olhos, olha para seu pai e para a desconhecida e pergunta: “Quem é ela?” O pai responde: “Amei-a muito no passado, em uma época anterior à sua mãe. Ela foi minha primeira esposa.” A fada entrega então um pequeno e bonito presente à Bela Adormecida, seguindo seu caminho. A Bela Adormecida corre, então, para o colo da mãe, aninhando-se nele.

Amor infinito

Em alto mar, o azul é tão profundo quanto as pétalas da mais bela das centáureas³. Durante o dia inteiro, as princesas do mar brincam em suas profundezas, no palácio do pai. A avó lhes dizia: “Quando vocês tiverem completado 15 anos, o seu pai lhes dará permissão para subirem à superfície do mar.” Nenhuma delas aguardava tal dia com tanta ansiedade quanto a mais nova das irmãs...

A *Pequena Sereia*⁴⁶ é um conto longo, cheio de poesia, melancólico e trágico.

A mais nova das seis princesas do mar é a que mais anseia por conhecer o mundo dos seres humanos, mas ela tem que esperar até que chegue sua vez. Para passar o tempo, ela cuida de seu jardimzinho no fundo do mar, consolando-se com uma estátua de mármore de um belíssimo rapaz que tinha ido parar no fundo do mar, quando seu navio abarcou na praia. Finalmente chegou a vez de a Princesinha mais nova poder emergir até à superfície do mar, e aí a tragédia se inicia: ela descobre um navio e nele um jovem e belo príncipe, idêntico à estátua de mármore do fundo do mar. Uma tempestade havia tombado o navio e a sereiazinha salva o jovem, que não sobreviveria na água como ela. Ela o deita sobre a areia branca da praia, bem em frente a um convento, onde viviam moças jovens. Ela tem que retornar à água, pois não sobreviveria fora do mar. Escondida dentro das espumas, ainda pôde ver, antes de desaparecer nas águas do mar, que uma das jovens do convento tinha visto o príncipe e se aproximado dele e que ele abriu os olhos, voltando à vida, sem ter visto sua real salvadora.

Desde então, a pequena sereia sonha constantemente com esse príncipe, pois tinha se apaixonado tão perdidamente por ele que estava disposta a trocar sua vida de sereia, que durava 300 anos, pela vida curta de um ser humano na terra. A vida na terra e a alma imortal dos seres humanos só se tornam possíveis para um ser marítimo, que se transforma em espuma depois de sua morte, se um ser humano se apaixonar por ele e amá-lo mais do que aos próprios pais. Se isso não acontecer, o

3 - *Centáurea* - planta do Velho Mundo cultivada hoje em dia como planta ornamental, geralmente, azul.

ser marítimo transforma-se em espuma do mar, no dia do casamento da pessoa que ele ama.

A sereiazinha vende sua voz a uma bruxa, uma linda voz, em troca de uma bebida para transformar sua cauda de sereia em duas pernas humanas, esse é o duro preço. Sentirá fortes dores a cada passo e não poderá dizer ao príncipe, como o ama. O príncipe também se apaixona pela linda e muda sereia, mas, no fundo, seu coração pertence àquela jovem do convento a quem ele viu primeiro, logo que voltou à vida na areia branca da praia e quem ele julgava ser sua salvadora.

Um dia, o príncipe tinha que ficar noivo de uma princesa de um outro reino e sai de viagem. Lá chegando, viu o lindo rosto da sua suposta salvadora e ficam noivos. A pequena sereia sabe então que deve morrer. As irmãs ainda tentam salvá-la. Ela tem que matar o príncipe, para poder voltar a viver como sereia, mas a pequena sereia decide pela própria morte e, olhando pela última vez para o príncipe, desfaz-se em espuma.

Maria, uma mulher de 30 anos, casada há alguns anos, queixava-se de ser assolada de desejos, porém lamentavelmente não por seu esposo, mas por um amante imaginário, um homem da vizinhança que ela tinha visto e que lhe agradara, no entanto nem sequer tinham trocado algumas palavras. Mesmo assim, tal homem passara a lhe dominar pensamentos e sentimentos.

Na constelação familiar, a irmã do pai, que havia morado com eles na mesma casa durante a infância de Maria, sentia uma grande saudade de terras distantes. Então, Maria lembrou-se de que essa tia que lhe contava sempre a história da Pequena Sereia, entre outras histórias, nas quais o tema era sempre a longa espera pelo príncipe sonhado. Na constelação, a representante de Maria sentia-se muito ligada a essa tia, sentindo também essa saudade.

Essa tia, antes de completar 15 anos, havia passado o verão com uma família sueca, apaixonando-se pelo filho mais velho, que lá havia passado três dias, durante os quais fizeram longos passeios românticos no parque. Seguiu-se a isso uma troca esporádica de cartas, que a tia, devido à pouca idade, havia supervalorizado. Ela continuou admirando e adorando esse jovem durante muito tempo, de todo o seu coração, fazendo dele o homem dos seus sonhos.

Posteriormente, quando esse sonhado homem foi colocado ao lado da representante da tia durante uma outra constelação, ela ficou radiante, tomando o homem dos seus sonhos nos braços. Decorrido algum tempo, instalou-se uma certa desilusão, esfriando o clima, e com um sorriso de alívio, ela deixou ir a sua “personificação da saudade”. Maria, que tinha acompanhado todo o processo com lágrimas nos olhos, disse depois que ela também tinha se despedido dessa saudade, ao vivenciar tudo com a tia.

O tema do conto de *A Pequena Sereia*⁴⁶ é um amor não correspondido. Uma mulher não consegue comunicar o seu amor a um homem, e ele fica com outra, mas o anseio permanece no coração, impedindo que um outro relacionamento futuro tenha chance. A mulher se dedica inteiramente à dor, às vezes até física, calando-

se diante dos homens, chegando, em alguns casos, a cometer suicídio.

Birgit, na casa dos 30, está desesperada: “Mas que tipo de homens eu sempre escolho?” Todos os seus relacionamentos desmancharam-se ou nem chegaram a se concretizar, nas mais diferentes circunstâncias. Com o primeiro namorado, aos 15 anos, os próprios pais puseram um empecilho. Aos 20, seu grande amor era um homem que emigrou para a América do Norte a estudos e nunca mais deu notícias. Um outro, que conheceu aos 26 anos, não estava disposto a mudar-se da casa da mãe para morar com ela, após três anos de relacionamento. Por último, teve um namorado árabe com quem não se entendia culturalmente.

Quando foi perguntado a ela quem na família de origem não se entendia, a resposta foi: “Meus pais”. Birgit era filha única. A partir dos três anos, passava os dias com a avó materna, porque tanto o pai quanto a mãe tinham que trabalhar. Eles brigavam muito e divorciaram-se quando Birgit tinha dez anos.

Na constelação familiar, o pai mantinha distância em relação à mãe, cuja representante pensava: “Meu marido está longe, já me conformei com isso. Sinto-me sozinha.” O representante do pai vivenciou a situação, na qual achava que ninguém na família se importava com ele, tanto fazia se ele ficasse ou se fosse embora. A representante de Birgit sentia falta do pai. Sentia-se como que em conluio com as outras mulheres, principalmente com a avó e sentia até taquicardia. A avó demonstrava contentamento nessa pequena comunidade de três mulheres, dizendo com frequência: “Não precisamos de homens” — embora se tivesse a impressão de que ela sentia a falta de alguém à sua direita. Mas quando o avô foi colocado ali, não houve modificações por parte da avó, no entanto o pai de Birgit sentia-se atraído para fora.

O pai de Birgit parecia estar muito ligado ao seu pai biológico, que não pôde casar-se com a avó paterna de Birgit, porque os pais eram contra. Fora-lhe proibida a entrada na casa deles, desde a gravidez. E as primeiras visitas ao filho ilegítimo corriam tão mal que ele desistiu, depois de tentar durante dois anos. Embora a avó paterna tenha se casado com outro homem, continuava sentindo-se ligada ao seu primeiro amor, o pai do pai de Birgit.

Na constelação, o representante do pai de Birgit demonstrou estar bastante motivado a vivenciar o amor duradouro de sua mãe por seu pai e, depois da constelação, sentiu-se muito mais voltado para sua família, Birgit e a mãe.

Apesar de Birgit ter ficado bastante comovida com os destinos que tinha visto na constelação até aquele momento, percebia-se claramente que alguma coisa ainda estava faltando. Na manhã seguinte, ela contou que havia pensado muito na avó materna durante a noite. E que ela pensara também em seu avô, tratado tão predominantemente por sua avó. Ocorreu-lhe então uma cena em que ambos tiveram uma briga feia, e o avô arrancou um retrato da parede e o quebrou. Porém, Birgit não conseguia lembrar-se de quem era a fotografia.

Telefonaram para a avó, já bem idosa, que contou sem maiores rodeios: “Aquele foi o meu grande amor quando eu tinha 16 anos, e ele, 18. Estávamos perdidamente

apaixonados um pelo outro, mas só podíamos nos encontrar raramente. Ficamos noivos às escondidas, quando completei 18 anos. Logo depois ele morreu na guerra.” A avó de Birgit nunca pôde soltar esse grande amor e somente depois de ele ter sido acrescentado à próxima constelação é que ela pôde olhar nos olhos do avô e ficar do seu lado.

Birgit derramou lágrimas de contentamento ao ver os pares da sua família unidos, os que queriam estar ao lado um do outro, mas não podiam. Eu estava rodeada por mulheres e homens que não podiam se aproximar uns dos outros, apesar de se amarem!” Birgit tinha também um outro conto predileto, o dos dois filhos do rei que não podiam se unir, apesar de se amarem.

Quando tal dinâmica, que atua há muito tempo sobre uma família, é trazida à luz, ela bate fundo nos corações, trazendo alegria e tristeza ao mesmo tempo. É doído vivenciar o sofrimento e angústia daqueles que nos são tão próximos, concordando com seus emaranhamentos passados e respectivos efeitos. Ao mesmo tempo, traz alívio e fortalecimento vivenciar o amor e a ligação que estão por trás dos vínculos. A solução é bem sucedida, se o amor dura mais que a dor e solta, proporcionando ao vínculo uma nova expressão que vê.

Conforme já mencionado anteriormente, um amor não realizado pode levar à morte.

Karl sofria de pancreatite crônica. Na constelação de sua família atual, colocou um representante para sua doença bem próximo a ele, entre ele e sua esposa, em frente aos dois filhos. O representante do sintoma comportava-se de modo muito amável para com Karl, mas separava o casal e pesava sobre os filhos. Entretanto, o sistema parecia muito estável e não se apresentava nenhuma solução. À pergunta sobre acontecimentos importantes na família de origem, Karl mencionou uma antiga namorada do seu pai que simplesmente o adorava. O pai também gostava dela, mas nunca havia prometido casamento. Quando o pai se casou com a mãe dele, essa namorada suicidou.

O pai e essa namorada foram acrescentados à constelação e entre os dois desenrolou-se um encontro extremamente comovente, até que se acalmaram, depois de permanecerem abraçados por muito tempo. Então, o representante do sintoma retirou-se para um canto da sala, dizendo: “Agora vocês não precisam mais de mim. Eu era a dor dessa mulher”. Karl vivenciou como que em transe esses acontecimentos, que comoveram profundamente a todos os representantes, o terapeuta e todo o grupo. Embora tudo parecesse tão claro para todos, ele afirmou nada ter entendido. Alguns meses depois, Karl recebeu um diagnóstico de câncer.

Será que ele não teria mesmo percebido o acontecimento da constelação da sua família? Nós não o sabemos. Nem o trabalho com as histórias nem as constelações familiares esclarecem ou explicam tudo, não fazem milagres. Podemos dizer que atuam mais pela visão de um contexto que traz solução do que pelo reconhecimento de um contexto que origina o problema. É como se algo que estivesse encoberto à percepção consciente até aquele momento pudesse vir à luz, concedendo alívio e

força, trazendo às vezes

a cura. Contudo, o acontecimento anímico em si permanece sendo algo maior que não se pode abarcar, pois é ele próprio que abarca, atuando de acordo com leis que frequentemente só podemos supor, mas que sempre devemos respeitar.

Doas mulheres dividem o mesmo homem

Uma pobre viúva vivia sozinha em uma cabana, onde tinha um pequeno jardim com duas roseiras, uma de rosas brancas e outra de rosas vermelhas. Ela tinha duas filhas, uma se chamava Rosa Branca e a outra, Rosa Vermelha. Eram as filhas mais santas e trabalhadoras do mundo. As irmãs se gostavam tanto que não queriam nunca se separar uma da outra, e a mãe fortalecia isso, dizendo: “O que é de uma, deve ser dividido com a outra.”

Em uma noite de inverno, um grande urso bateu à porta. Estava quase congelando e queria aquecer-se junto ao fogo. Deixaram-no entrar e, depois de pouco tempo, as irmãs já confiavam tanto nele que passaram a se divertir, os três, o que muito agradava ao urso; quando as brincadeiras ficavam muito rudes, o urso gritava: “Deixem-me viver, Rosa Branca e Rosa Vermelha, assim vocês vão matar o pretendente!”

Não é necessário saber muito mais sobre o conto *Rosa Branca e Rosa Vermelha*⁵⁴ para se constatar que a dinâmica de relacionamento aqui aponta para “duas mulheres — um homem”. Talvez o final da história seja ainda mais significativo: o urso se revela um príncipe, enfeitiçado por um anão devido a seus imensos tesouros. Tornando-se humano outra vez, o príncipe tem que se decidir entre as duas irmãs: “Qual das duas mulheres vou escolher?” Ele toma então, Rosa Branca como esposa e, como consolo, Rosa Vermelha recebe o seu irmão.

Bettina veio para o aconselhamento com a seguinte preocupação: “Em meus relacionamentos com os homens, tenho estado sempre na posição de quem tem que lutar por eles. Às vezes ganho e às vezes perco”. Se o parceiro ficava, ela o abandonava no mais tardar dentro de dois anos. Se ele se decidia por outra, ela ficava sem entender nada, guardando luto por muito tempo. Nesse meio tempo já tinha 44 anos e estava cansada de frustrações com relacionamentos.

Como a maioria dos parentes já havia falecido, a pesquisa sobre a história e acontecimentos da família progredia a muito custo e devagar. Só após dois anos, ela descobriu que a avó do seu pai, portanto, sua bisavó, tinha sido casada com um bígamo que, durante 20 anos, viveu alternadamente ora com uma, ora com a outra mulher, tendo tido dois filhos com cada uma delas. Suas duas mulheres se odiaram por toda a vida.

Bettina ficou sabendo dessa história através da sua tia-avó, que ainda estava lúcida e ativa. Ela e sua irmã, a avó de Bettina, tinham sofrido muito com as terríveis cenas de ciúmes entre seus pais, jurando nunca viver como eles. Ao ouvir essa história, Bettina sentiu-se intimamente ligada à sua bisavó — e mais ainda quando sua tia-avó mostrou-lhe um retrato da época em que essa bisavó era jovem.

Em uma sessão de terapia, Bettina colocou-se, imaginariamente, ao lado da bisavó. Sentindo-a do seu lado e olhando-a bem nos olhos, pôde perceber quão próxima se encontrava da luta da bisavó por seu marido. Sentiu estar empreendendo a mesma luta que ela. Em seu íntimo, abraçou sua bisavó. Alegria e dor transpareceram em seu rosto. Finalmente liberta, disse: “Estou sentindo que minha bisavó é a chave que abre uma porta, que estava fechada até agora.”

Mathilde se encontrava em seu terceiro relacionamento mais duradouro. Tinha chegado ao ponto em que se questionava se deveria terminar a relação com o namorado, pois se sentia sempre em segundo plano com ele, o que a deixava triste, descontente e rabugenta. Como seria a terceira vez que terminaria um relacionamento pelo mesmo motivo, passou a observar o próprio comportamento de maneira mais objetiva, procurando então um aconselhamento para casais.

O parceiro de Mathilde mostrou-se dedicado a ela e interessado no relacionamento. Só demonstrou irritação diante da censura de Mathilde de que ele a tratava como se ela não fosse prioridade. Segundo ele, o motivo constante e único de desavenças entre eles era o fato de Mathilde sempre perguntar pela sua parceira anterior, já falecida, e sempre que ele se expressava de modo reconhecido para com essa parceira, Mathilde terminava a conversa, dizendo que só podia mesmo ocupar o segundo lugar, o de uma simples substituta, em comparação com aquela mulher maravilhosa.

Durante uma constelação com figuras, Mathilde posicionou a primeira mulher do namorado ao lado dele, colocando a si mesma um pouco afastada dos dois, olhando para o vazio. Ele, ao contrário, colocou sua parceira anterior voltada para ele, um pouco mais afastada, e Mathilde, do lado dele. Ela ficou perplexa vendo aquilo e exclamou, após alguns instantes: “Não acredito nele!” Diante disso, a terapeuta indagou pelos acontecimentos na sua família de origem. A mãe de Mathilde era a segunda esposa do pai. Ele havia casado primeiro com a irmã dela, mas essa primeira esposa, a tia da Mathilde, havia falecido em um acidente.

Repentinamente, Mathilde conscientizou-se de que vivenciava os sentimentos da mãe. Acrescente-se a isso o fato de a mãe ter-lhe confidenciado que havia conhecido o pai antes da irmã, em um baile, e se apaixonado por ele. Após a primeira visita, ele só tinha olhos para a irmã, casando-se logo com ela. Com a morte trágica da tia, o caminho ficara livre para a mãe de Mathilde.

O conto *Rosa Branca e Rosa Vermelha*⁵⁴ mostra a ilusão surgida de tais emaranhamentos: se o homem puder ter as duas mulheres, e as mulheres puderem dividir suas vidas com o homem, então fica tudo bem. Na alma isso se torna um terreno fértil para triângulos amorosos. A despeito do sofrimento de todos os envolvidos, eles são difíceis de dissolver. Deve-se descobrir o amor no relacionamento feito de ilusão, para se poder dissolver algo. É um amor cego, voltado para o passado, que vincula tão mais fortemente quanto mais trágico for o destino, como no caso da morte prematura da tia de Mathilde. Em constelações familiares surge com frequência uma solução aparentemente paradoxal. Por exemplo, no caso de Mathilde, se o pai abraçar com amor as duas mulheres,

primeiro a primeira mulher e depois a segunda, os filhos ficarão livres de atrações por triângulos amorosos.

Rapunzel, salte para os meus braços!

Os conflitos entre muitos casais ocorrem porque um desconta no outro, problemas que não têm nada a ver com o relacionamento dos dois. Podemos observar modelos de comportamento codificados nas histórias. Tomemos como exemplo *Rapunzel*⁵⁰.

Uma menina é entregue bem cedo a outrem por seu pai, crescendo ao lado de uma bruxa, que pode ser a mãe ou a avó, uma tia, um orfanato ou outra pessoa de referência. Logo que atinge a maturidade sexual, a bruxa encerra Rapunzel em uma torre, cujo único acesso é uma janelinha no topo da torre. Para chegar até ela, a bruxa simplesmente grita lá de baixo: “Rapunzel, Rapunzel, solte-me os seus cabelos!”. Rapunzel tem longos e belos cabelos, suficientemente firmes para que se possa subir por eles. Mas Rapunzel tem também uma linda voz, com a qual espanta a solidão. Como não poderia deixar de ser, um príncipe ouve essa linda voz que lhe toca o coração, voltando sempre para ouvi-la, até que um dia escuta a bruxa dando a ordem a Rapunzel. Resolvendo então tentar a sorte, dá a mesma ordem e a jovem lhe solta os cabelos, permitindo a ele chegar até ela. A bela jovem leva um grande susto ao ver o príncipe diante de si, mas ele é tão amável que ela perde o medo. Eles entrelaçam as mãos e começam a tecer planos.

Mas a tagarelice é uma peculiaridade de Rapunzel, fala muito e solta coisas que não deveria dizer. Sendo assim, ela própria conta à bruxa sobre o príncipe, o que lhe custa os lindos cabelos e o desterro no deserto. Não satisfeita, a bruxa utiliza-se ainda dos cabelos cortados para enganar o príncipe e, quando ele sobe pelos cabelos cortados, encontrando a bruxa ao invés da amada, pula desesperado do alto da torre, permanecendo ainda vivo, mas cego, devido a um espinheiro. É o fim de um amor. O homem fica cego, a mulher tem que educar sozinha e na pobreza os gêmeos. É este o fim da história na realidade, só nos contos é que tudo acaba bem.

Se um pai entregar uma criança, talvez por não ter coragem de assumi-la, uma filha de um casamento posterior cria um vínculo com essa criança rejeitada, sentindo-se como ele. A filha sente raiva pelo pai, ficando de mal com ele. Mas já que tanto ela como todas as filhas amam os pais, quem recebe essa raiva é o amado e é nele que ela se vingará do pai pelo irmão ou irmã entregue a outrem. O homem paga por isto, sentindo-se confuso e temeroso. A mulher paga com a solidão.

Uma mulher, Astrid, participava de um trabalho em grupo. Tinha grande dificuldade em lidar com o seu destino, pois o marido, com medo de ficar louco, havia cometido suicídio. Essa mulher dava a impressão de estar extremamente confusa. Somente ao contar sobre uma meia-irmã, de quem havia tomado conhecimento há pouco tempo, conseguiu expressar-se com clareza.

O seu pai tinha uma noiva, quando se apaixonou por sua mãe. Então descobriu que a noiva estava grávida dele. Mesmo assim, abandonou-a. Ela deu à luz a uma menina que foi entregue a um orfanato. Algumas semanas depois do *workshop*, Astrid descobriu o orfanato, onde ficou sabendo por uma das educadoras que sua

meia-irmã, uma criança adorável, havia falecido aos seis anos, devido a uma doença. A morte ocorrera exatamente no dia do aniversário de três anos de Astrid. O destino da sua meia-irmã comoveu essa mulher profundamente, e ela quis doar uma pequena parte da sua herança ao orfanato.

Durante a constelação da sua família atual, tinha ficado muito claro que ela é que queria sair para fora da família, em direção à morte, e que seu marido havia morrido no lugar dela. Uma terapia anterior não havia logrado salvar nem o amor do casal e nem a vida do marido. A força do emaranhamento era forte demais. Não sabemos dizer se o conhecimento a tempo da existência e do destino da meia-irmã teria mudado o curso do casamento. Contudo, através da clareza e da concordância, Astrid conseguiu se liberar do estado de depressão, tendo encontrado paz em relação ao marido falecido, cuidando com vigor e dedicação dos dois filhos. Mais ou menos dois anos depois do *workshop*, procurou-nos novamente, com uma questão em relação a um novo relacionamento, no qual tinha entrado cautelosamente. O terapeuta disse-lhe que já que Rapunzel estava presa na torre, o melhor seria gritar lá de cima para o amado: “Por favor, abra os braços e me segure. Eu vou saltar.”

Quem é a mais bela em todo o reino?

Quem está à espera do príncipe no caixão de vidro? Branca como a neve, faces vermelhas como sangue e cabelos negros como ébano: Branca de Neve. Na disputa entre madrasta e filha pelo título de mais bela do reino, o espelho mágico responde desfavorecendo a rainha. Trata-se do lugar ao lado do pai. Para Branca de Neve, essa batalha no conto não tem perspectivas de vitória, sendo quase mortal. Na vida real das famílias, é quase sempre a filha que tem que ir embora, quando o ciúme entre mãe e filha atinge o seu ápice.

Quando criança, Eva sempre teve medo de que sua mãe a matasse. Contou que seu pai a amava profundamente na infância. Até a puberdade, brincava com ele na cama do casal até que a mãe proibiu-lhe essas brincadeiras. Para manter a paz no seio da família, o pai afastou-se dela, passando a dedicar-se mais ao seu trabalho. Durante a constelação, a dinâmica familiar ficou clara. A mãe tivera um noivo anterior ao pai e, pouco antes do casamento, o noivo havia falecido tragicamente em um acidente. A mãe se sentia atraída por esse homem, a quem amava. O pai nada queria saber dessa atração de sua esposa pelo noivo falecido. Ele tinha olhos somente para sua única filha. Quando a representante da mãe da Eva foi colocada junto do noivo, a representante de Eva dirigiu-se imediatamente para o pai, abraçando-o. A mãe então ficou com raiva e disse: “Não quero isso.”

Na constelação, a solução apresentava dois elementos. Os pais foram colocados um ao lado do outro, seguindo-se um diálogo entre o casal, durante o qual o pai honrava e reconhecia o amor da sua esposa por esse noivo. A mãe disse a seu marido que ele é que era, agora, seu homem e que ela ficaria muito feliz se tivesse, agora, um lugar no seu coração. Em seguida, o representante do pai exclamou: “Agora vejo minha esposa pela primeira vez.” Eva ficou furiosa e disse: “Isso tudo é só fingimento. Não acredito nisso.” O terapeuta disse a Eva: “Vou passar a você

um exercício muito difícil, se você estiver disposta.” Estava disposta, e precisou curvar-se perante a mãe durante muito tempo. Enquanto estava assim curvada diante da mãe, seu corpo começou a sacudir e ela chorou copiosamente. Nesse ponto, a representante da mãe foi em sua direção e a abraçou. Eva ficou nos braços da mãe por muito tempo, até que o choro cessar e sua respiração se normalizar, então olhou nos olhos da mãe e disse simplesmente: “Mamãe”.

O terapeuta colocou-a diante do pai, fazendo-a dizer ao pai: “O lugar da mamãe é ao seu lado. Eu amo muito você, mas agora eu me afasto, com amor.”

Algumas vezes, o conto *Branca de Neve*⁵ atinge o alvo com mais exatidão ainda. Trata-se, no fundo, do ciúme entre uma madrasta e sua enteada. Christa veio a um grupo, por ter dificuldades com o marido e os filhos. A primeira esposa do seu marido já havia falecido, e ele trouxera dois filhos para o segundo matrimônio. Christa também era viúva e tinha dois filhos do primeiro casamento. Na época em que participava do *workshop*, todos os filhos tinham entre 16 e 18 anos. A vida familiar apresentava-se plena de acontecimentos. Christa se engajava extraordinariamente com todos os quatro filhos, tentando a todo custo tratar a todos com igualdade, não cometendo nenhuma injustiça, mesmo nas mínimas coisas. Disse ao grupo que o marido dava pouca ajuda na educação dos filhos e que não aguentaria mais muito tempo. Durante a constelação de um outro membro do grupo, que sempre tinha medo de ser abandonado pela mãe, Christa irrompeu repentinamente com a seguinte observação: “Mas uma mãe nunca abandona os filhos!”

Durante uma rodada de histórias, ela havia mencionado *Branca de Neve*⁵ como seu conto de infância predileto. Quando chegou sua vez de fornecer informações sobre a família de origem, tinha ficado nítida sua estreita ligação com a mãe, de cujo destino *Branca de Neve*⁵ fazia parte. A avó havia falecido quando a mãe de Christa tinha apenas cinco anos, e o avô casara-se logo em seguida. A mãe de Christa não conseguia se entender com a madrasta e, por isso, foi levada aos oito anos para a casa de uma tia. Como amava muito o pai, quando criança tinha ficado com raiva dele, quando este se casou novamente, e também quando consentiu que ela fosse morar com a tia. Naquele momento, ficou claro também de qual contexto fazia parte a observação espontânea de Christa: “Uma mãe nunca abandona os filhos.” Aquela observação era dirigida à avó que, ao falecer, havia abandonado a mãe de Christa. Durante a constelação ela disse também, muito convicta, à sua avó: “Vou cuidar da minha mãe em seu lugar.” Ao mesmo tempo, demonstrou sua raiva pela madrasta da mãe e disse que não se perdoaria nunca se, como ela, deixasse de lado os filhos trazidos pelo marido para o segundo casamento. Falou também com desprezo sobre o avô, por ele ter concordado que levassem sua mãe para longe dele.

Em relação à mãe, Christa salta para dentro da lacuna deixada pela avó, por sua morte prematura. Cuida da mãe e sente empatia por ela. Juntamente com a mãe, sente raiva da madrasta por ter levado a mãe para longe do seu lugar junto ao pai e está magoada com o avô, por ele não ter dado preferência à filha e não tê-la

protegido.

Na maioria das vezes, o conto *Branca de Neve*⁵ aponta para um acontecimento familiar que surge com frequência na Psicoterapia: o emaranhamento de uma criança com o sistema conjugal. Se as necessidades do homem e/ou da mulher não forem satisfeitas no relacionamento conjugal, a filha sente-se atraída pelo pai e o filho, pela mãe, como se os filhos pudessem oferecer a um dos membros do casal o que o parceiro não pode oferecer. O emaranhamento de uma filha com as necessidades não satisfeitas de um pai como homem é bem evidente no conto *Pele de Asno*⁴⁵:

Uma rainha, em seu leito de morte, pediu ao rei: “Se você quiser casar-se novamente depois que eu morrer, que seja com uma mulher tão bonita quanto eu e que tenha os cabelos tão dourados quanto os meus; eu lhe peço que me prometa isso.” Após a morte da rainha, o rei ficou inconsolável. Quando pressionado a se casar novamente, para que houvesse uma nova rainha, o rei mandou que vasculhassem todo o reino à procura de uma mulher que fosse tão bonita quanto a falecida rainha. Mas não se pôde encontrar tal beleza em seu reino. Seu olhar recaiu então sobre sua filha, agora já crescida, e ele viu que ela era tão bonita quanto sua falecida mãe, com os mesmos cabelos dourados. Imediatamente, sentiu um grande amor por ela e disse então aos conselheiros: “Quero casar-me com minha filha!” Os conselheiros se assustaram muito, a filha, mais ainda. Como nada podia demovê-lo da ideia, visto as condições impostas pela rainha terem sido preenchidas, a jovem fugiu, encoberta por um manto feito com a pele de todos os animais do reino (que ela mesma havia pedido ao pai), o rosto e as mãos sujas de fuligem, para não ser reconhecida. Foi assim que ela se tornou a Pele de Asno. Naturalmente, no conto de fadas tudo acaba bem, ela se casa com um rei de outro reino. Mas, na vida real, esta história traz a ameaça de não acabar bem, estagnando na parte sem solução da história, em que a jovem esconde a sua beleza, sendo vista como “bichinho selvagem”, fazendo todo o tipo de trabalho pesado na cozinha.

A história *Pele de Asno*⁴⁵ aponta para um abuso ou ameaça de abuso sexual dentro de uma família. Por exemplo: Suse conta que, durante sua infância e juventude, teve sempre que se defender dos assédios do seu pai. Sua mãe era doente dos pulmões, passando longos períodos no sanatório. Para se defender dos assédios do pai, tomava sempre um irmão ou uma irmã menor no colo ou pela mão, não tendo nunca revelado nada disso à sua mãe. Aos 16 anos, fugiu de casa, indo para a casa de uma tia em quem confiava muito. Durante a constelação, o representante do pai disse muito nitidamente, enquanto apontava para sua filha: “Esta é a minha mulher.” Suse havia procurado uma terapia de grupo, porque sempre se retraía dos homens que demonstravam interesse por ela, enquanto mulher. Ela escondia o corpo usando roupas largas e sem graça. Profissionalmente, era muito competente, queixando-se apenas de ter que “fazer todo o trabalho sujo”.

Quando alguém menciona o conto *Pele de Asno*⁴⁵ como história predileta da infância, o conto geralmente aponta para outra pessoa da família. Uma mulher de nome Waltraud, que vivia sozinha e já tinha feito muitas sessões de terapia, queria

esclarecer em uma terapia de grupo se tinha sido assediada por seu pai na infância. Tal suspeita tinha sido levantada durante sua terapia individual, devido a sonhos que tinha, mas ela não se lembrava nitidamente. A constelação familiar não trouxe maiores indicações sobre um possível assédio sexual por parte do pai. Waltraud se lembrava de que a mãe havia contado algo a respeito da irmã do pai, que teria sofrido abuso sexual por parte do avô e teria desaparecido de casa quando jovem, sem deixar nenhuma pista. Quando esta tia foi acrescentada à constelação, a relação tocante de Waltraud com essa tia surgiu nítida, levando a uma solução.

Renate vivia há anos sem ter contato sexual com o marido. Após o nascimento da filha, ela havia se retraído dele completamente. Ele se satisfazia com relacionamentos fortuitos com outras mulheres. Quando lhe perguntaram qual mulher na família teria perdido a mãe muito cedo, tendo permanecido sob o domínio do pai, a resposta veio rápida: “Minha avó!

Quando tinha 13 anos, a mãe faleceu e ela teve que permanecer ao lado do pai, levando com ele uma vida em que compartilhavam intimamente de tudo. Somente quando atingiu a idade de 25 anos é que, numa noite, fugiu sem o pai saber. O casamento dessa avó com o avô foi muito difícil; o avô quase sempre estava com outra mulher. Durante a guerra, a avó ficou grávida de um desconhecido, provavelmente através de estupro. Essa criança, que foi entregue para adoção logo após o nascimento, veio a falecer poucos meses depois.

Na constelação, Renate caiu nos braços da avó, dizendo-lhe entre lágrimas e com um amor profundo e sincero: “Nunca mais vou me aproximar de um homem!” Logo depois de dizer essas palavras, ela mesma se assustou com o que havia dito.

Papai lobo, você fica do lado de fora!

No conto *O Lobo e os sete Cabritinhos*³³, o tema já se encontra na segunda frase da história, quando uma mãe diz aos filhos: “Crianças, tomem cuidado com o seu pai!” O lobo é o pai. Vive correndo pela floresta, gosta talvez de andar a esmo lá fora, fazendo seus negócios, de preferência sozinho. Mas quando volta para casa, as portas estão fechadas para ele e de nada adiantam seus artifícios, modificando a voz ou a aparência, pois a mãe já havia advertido os filhos: “Não deixem o pai entrar!”. Mesmo que ele consiga chegar a um dos filhos, um outro irá traí-lo, contando à mãe. A mãe é a boazinha, o pai é o vilão e os filhos têm que se precaver contra ele, para que não lhes faça mal. Para quem, na realidade, a história acaba mal? O lobo é quem sofre.

Esse conto aponta, no âmbito familiar, para um modelo de relacionamento que percorre várias gerações: as mulheres são as boazinhas e os homens são os vilões. O avô é um “lobo”, o pai é um “lobo” e o filho será também um “lobo”. Nas famílias, um “círculo vicioso” atua frequentemente nos relacionamentos: o homem faz alguma coisa ou comporta-se de modo a fazer com que a mulher e os filhos não o respeitem mais. Mas quanto mais o pai é excluído, mais ele se comporta como um “lobo”. Isso serve de pretexto à mãe para mantê-lo afastado de si mesma e dos filhos.

No mais íntimo da alma, alguns filhos ou todos eles estão com o pai. Se em um relacionamento uma das partes é injusta para com a outra, despreza-a ou sente que a outra parte não tem direitos, a parte menosprezada atrai exteriormente os filhos para si. Mas a alma procura uma compensação e um tipo de justificativa para o parceiro excluído.

Alfred era um homem grande e corpulento. Uma barba cheia e escura encobria suas feições. Era divorciado e sua mulher não lhe permitia a convivência com os filhos, alegando que ele exercia má influência sobre eles. Ele se sentia muito sozinho e estava à procura de um caminho que fizesse com que as mulheres, após algum tempo de união feliz, não o “mantivessem do lado de fora da casa”. Na constelação da sua família de origem, o pai ficava virado para fora, num canto da sala, enquanto a mãe ficava à frente dos cinco filhos e, como primeira reação, formava um círculo com eles. Quando o pai foi virado para dentro, ficou primeiramente com raiva ao ver o círculo formado pela mulher e os filhos. Virou-lhes as costas novamente, como que em um ato de teimosia, limpando fugidamente algumas lágrimas dos olhos.

Quando se perguntou por informações mais detalhadas, revelou-se a dinâmica da tragédia masculina da família. Os pais do pai de Alfred haviam perdido o mais jovem e mais querido dos filhos em um acidente de bicicleta, quando este tinha 15 anos. Mesmo não sendo mais tão jovens, tiveram um filho para substituir o filho querido, e esse filho substituto tornou-se mais tarde o pai do Alfred. Mas o avô começou a beber e parece ter passado mais tempo no bar do que em casa. A avó mudou-se com os cinco filhos para a fazenda de uma irmã que tinha ficado viúva. Assim, o avô teve que administrar sozinho a fazenda, morrendo logo de tanto beber. O pai de Alfred saiu cedo da companhia da mãe, para poder aprender um ofício, longe da sua terra natal. Casou-se e, a princípio, o casamento ia muito bem. Contudo, a cada filho que nascia o relacionamento esfriava mais. O pai tinha que viajar com muita constância profissionalmente e parece ter tido alguns relacionamentos fortuitos. Alfred, o mais velho dos irmãos, gostava muito do pai, tendo sofrido muito com suas ausências frequentes. Por outro lado, ficava contente sempre que o pai se ausentava: “Pelo menos, reinava a paz em casa”. Quando tinha 14 anos, Alfred perdeu o pai em um acidente de automóvel, onde ele bateu de encontro a uma árvore, morrendo na hora, durante uma viagem de negócios.

Na constelação familiar, o avô e o irmão acidentado foram posicionados ao lado do pai, e Alfred em frente a eles. Os homens se olharam comovidos e abraçaram-se espontaneamente, soltando-se após alguns instantes. O terapeuta organizou a família como se os pais tivessem se separado. Alfred foi para junto do pai, ficando muito feliz por lhe ser finalmente permitido estar ao lado dele.

Um homem, cujos relacionamentos haviam fracassado, lembrou-se, cheio de raiva, de como tinha que ouvir durante horas todas as frustrações da sua mãe em relação a seu pai. O pai tinha sido muito amoroso em relação ao filho, mas não havia chance de escapar aos vestígios deixados pelas censuras da mãe, de modo a abalar o amor pelo pai, mesmo que o filhó achasse tais censuras muito desagradáveis.

Apesar de gostar do pai, taxava-o de fraco. Reconhecer que, ao taxar o pai de fraco ele próprio se enfraquecia e o fazia parecido com o pai, assustou-o e libertou-o ao mesmo tempo. Poder olhar para o pai, liberto do olhar da mãe, com os seus próprios olhos, abriu seu coração para o fluxo do seu amor por ele.

Se uma mãe excluir o pai não será apenas o relacionamento deste com o filho que será abalado, mas também o do filho com a mãe. Porque, dessa maneira, ela está impedindo o acesso do filho ao amor do pai, desenvolvendo, assim, inconscientemente, convicções negativas sobre ser homem e ser mulher e sobre o relacionamento homem-mulher. Tal situação atuará sobre a futura formação de relacionamentos.

Com frequência, os homens permanecem do lado de fora da porta, principalmente se tiveram que se separar da família, pelos mais diversos motivos: profissionais, longas estadas em hospitais ou, principalmente, devido a guerras ou aprisionamentos.

Uma mulher contou que seu pai voltou da guerra doente dos nervos. Não conseguiu se readaptar à vida familiar, passando então a maior parte do tempo em um quarto separado, isolando-se bastante da vida com a família, “para afastar os filhos da influência da doença do pai”. A mãe enfatizava com amargura que tinha que fazer todo o trabalho. A mulher que nos procurou sofria no relacionamento com o seu marido. Ela o censurava por não cuidar dos filhos. Mas ficou logo muito claro que ela não confiava a ele esse cuidado, ela estava convicta de que só as mulheres eram capazes de manter uma família.

Um homem chamado Peter não conseguia se decidir a ir morar junto com sua namorada de vários anos, apesar de amá-la muito. Ele simplesmente não conseguia imaginar-se vivendo junto com ela em um apartamento. O contexto logo foi trazido à luz: quando Peter tinha cinco anos, seu pai voltou para casa, após longo período na prisão. O menino estava acostumado à proteção e carinho da mãe e da avó. Então apareceu aquele homem “estranho”, magro, obscuro e esgotado. Peter lembrava-se ainda de como ficou assustado e de como havia saído correndo de perto dele. Foi então tirado, contra sua vontade e apesar da sua oposição, do quarto da mãe e levado para seu próprio quarto. Contudo, o pai não ficou por muito tempo no quarto da mãe, tendo se retirado para um quarto no sótão, onde, por estar desempregado, se dedicava quase que exclusivamente à sua coleção de selos. De vez em quando, aparecia no círculo familiar para tomar as refeições e ocasionalmente mostrava orgulhosamente ao filhó a sua coleção de selos. Peter não conseguia sentir que o pai fazia parte da família.

A história de uma mulher chamada Clara apresenta semelhanças com a história acima referida. Pouco tempo depois que seus pais se conheceram, o pai teve que partir para a guerra. Casaram-se por ocasião da sua primeira licença. Nove meses depois, Clara nasceu e cresceu junto à mãe e aos avós. O pai foi um dos últimos a regressar da guerra. Clara ainda via a estação diante dos olhos, para aonde, durante meses e sempre nos mesmos dias, ela se dirigia para aguardar o tão ansiado pai. Pouco antes de ela completar cinco anos, o pai finalmente regressou. Clara tinha

imaginado como seria maravilhoso quando ele voltasse. Contudo, a realidade apresentou-se bastante diferente: o pai estava doente, precisava de muita tranquilidade, falava pouco e não podia corresponder adequadamente ao amor exuberante da filha. A mãe também parecia lutar com uma grande decepção, chorando muito, apesar de se esforçar bastante pela recuperação do pai. Ao invés da tão sonhada felicidade, silêncio, lágrimas, cuidados e preocupações é que tomaram conta da casa. Um ano e meio depois, o pai teve que ser levado a um sanatório e Clara não sentiu tristeza, mas sim alívio. Até a idade adulta teve sentimentos de culpa por causa desse alívio. Clara moldou seu relacionamento com os homens de acordo com essas vivências da infância. As fases iniciais do relacionamento corriam sempre muito bem, mas logo os homens se revelavam de tal modo tão “decepcionantes” que ela se afastava deles, cheia de sentimentos de culpa.

Os homens “só pensam naquilo”

E o que mais eles poderiam querer? A sexualidade entre homem e mulher é o acontecimento mais íntimo, profundo e abrangente que existe. Seja como for que pensemos a respeito, curvamo-nos todos de alguma forma

a essa grande força - na maioria das vezes, com desejo e amor. Não é de se admirar que, nas histórias que contamos, o amor e suas consequências sejam o aspecto central. Contudo, tanto no amor quanto na sexualidade, pressentimos também o horror e a morte. Sabemos que a união entre homem e mulher leva ambos a seus limites, à expulsão do paraíso, à constatação da nudez, às dores do parto, ao suor do pão de cada dia, à luta por um lugar na vida, sofrimento e morte. Por trás de todo o saber sobre a nossa limitação e riscos de perigos, sentimos a sexualidade e o amor como a força inevitável e pulsante da existência humana.

E é o inevitável existente na união entre homem e mulher que nos causa medo; por isso, alguns homens e algumas mulheres se recusam a ter um relacionamento. *O Rei Barba-de-Tordo*⁵¹ é uma história desse tipo.

Um rei tinha uma filha, bela além de todas as medidas, mas tão orgulhosa e petulante que não achava nenhum pretendente à sua altura. Via defeito em todos, recusava todos, desdenhando deles. Zombava principalmente de um bom rei, dizendo que ele tinha um queixo parecido com o bico de um tordo. Dessa época em diante, o bom rei ganhou o apelido de “Rei- Barba-de-Tordo”.

O pai ficou furioso com ela e jurou entregá-la como esposa ao primeiro mendigo que batesse à sua porta.

Sendo assim, a filha do rei teve que casar-se, não com um nobre, mas com um mendigo, indo morar com ele em sua cabana pobre. Tinha que acender ela mesma o fogo, aprender a cozinhar e a fazer todo o trabalho para ganhar o sustento. Seu arrependimento veio tarde demais: “Coitada de mim, virgem meiga, ah! se eu tivesse me casado com o Rei-Barba-de- Tordo!”

No conto, o mendigo se revelou ser o generoso Rei Barba-de-Tordo. Apesar de a filha do rei não se sentir mais digna dele, ele permitiu que ela continuasse sendo

sua esposa, devolvendo-lhe a pompa e a dignidade. Ele havia se disfarçado para dobrar o seu orgulho e puni-la por sua petulância.

Contudo, que casamento resultaria de tal união? A mulher tinha sido forçada a aceitar o homem que o seu pai lhe impingia. O amor não fluía aqui. E o que deveria a mulher fazer com a generosidade do seu marido, que significava apenas uma medida corretiva?

Ulrike não era casada. Muitos homens fizeram-lhe a corte, mas ela não se casou com nenhum. Estar sozinha era motivo de sofrimento, mas quando falava dos homens fazia um trejeito de sofrimento e desprezo com a sua boca bonita. Quando lhe perguntaram sobre o conto predileto da infância, respondeu sorrindo que era *O Rei Barba-de-Tordo*⁵¹. Foi-lhe dito então que essa história apontava para um “casamento obrigado”, ruim para a mulher. Ela ficou muito séria instantaneamente, contando, então, com amargura na voz, a história da sua mãe:

Ela era a filha mais nova na fazendinha dos pais, onde crescera. Como os dois irmãos tinham morrido quando crianças e não havia herdeiros do sexo masculino, ela precisou assumir a fazenda. Para que um homem tomasse parte nos trabalhos da fazenda, casou pressionada pelo pai com um forasteiro, chegado há pouco tempo na cidadezinha, a quem mal conhecia e a quem não amava. O pai de Ulrike logo adoeceu gravemente, tendo sido desenganado pelos médicos. Começou, então, a fugir de qualquer tipo de trabalho, mas não faleceu. Ao invés disso, passou a frequentar o barzinho local onde arranjou muitas namoradas. A mãe fazia todo o trabalho da casa e da fazendinha, calada e amargurada. Para os filhos ela era a boa, e o pai era desprezado, tendo sido também responsabilizado pela morte precoce da mãe.

No conto *Irmãozinho, irmãzinha*²⁰, a união entre homem e mulher realiza-se de maneira totalmente diferente. Aqui, dois irmãos dão-se as mãos, com o coração apertado, e saem pelo mundo afora. Eles se gostam e têm amizade um pelo outro, mas o “irmãozinho” sente uma grande necessidade sexual. Ele consegue conter-se apenas por curtos momentos em “não beber da água das fontes encantadas” e tornar-se um animal selvagem para a “irmãzinha”, despedaçando-a. Ele bebe, então, a água da terceira fonte, transformando-se em cervo. A irmã amarra-lhe uma meia dourada ao redor do pescoço para que ele não fuja e passa a levá-lo consigo numa guia tecida de juncos. Contudo, ela sabe que uma hora o perderá.

Na vida real, a história termina muitas vezes assim, apesar de não ser esse o final do conto. O tema dessa história pode ser resumido, com referência à dinâmica familiar, em “um amor muito precoce”, pois se trata aqui de um homem e de uma mulher muito jovens, talvez entre 15 e 17 anos, que se encontram e passam a se amar, por sofrerem em suas famílias de origem. A jovem se defende, mas o jovem insiste. Dessa maneira, concretiza-se um vínculo precoce.

Quem cita esse conto geralmente teve um relacionamento muito cedo, como uma mulher que contava radiante que tinha tido seu primeiro namorado aos 14 anos e que nunca mais havia amado como daquela vez. Mas a referência é o amor precoce

da mãe. Frequentemente é a mãe que se sentiu vinculada muito cedo ao pai, na maioria das vezes por uma criança já estar a caminho e a mãe querer tomar a responsabilidade pela criança junto com o pai. E então, quando surgem as primeiras dificuldades no relacionamento, a mãe fica com raiva do pai, censurando-o pelo assédio sexual precoce. Apesar de a criança ser a consequência, ela vincula-se geralmente à mãe, mas ama também o pai, justificando-o através de um comportamento posterior idêntico ao dele.

Um amor precoce pode estar relacionado também a um amor precoce da mãe ou do pai.

Uma mulher foi entregue muito cedo pela mãe à avó. Tinha raros contatos com a mãe, que havia abandonado o pai logo após o casamento. Havia se casado mais duas vezes e, além disso, tivera vários relacionamentos extraconjugais, tendo morrido em um acidente aos 40 anos. Somente durante a pequena cerimônia após o enterro da mãe é que ela ficara sabendo que a mãe tivera um amor ardente quando ainda era muito nova, antes de completar 18 anos. Quando já estavam de posse de uma licença especial para se casarem, o jovem despencou nas montanhas, vindo a falecer.

Um homem que havia sido casado três vezes, constelou sua família atual. De todos os casamentos havia filhos e vivia agora com outra mulher, com quem gostaria de se casar, mas a mulher não queria. Na constelação, os relacionamentos eram extremamente caóticos e todas as mulheres tinham raiva do homem. Então, o sistema foi colocado em ordem. A primeira mulher foi colocada como a primeira, juntamente com os filhos, em seguida a segunda e assim por diante. Assim o sistema parecia estar bem ordenado, mas as mulheres continuavam com raiva do homem. Diante disso, o terapeuta pediu informações sobre um possível relacionamento anterior à primeira mulher, o que o homem negou várias vezes, até que admitiu com um gesto de desprezo, que tinha tido um relacionamento na sua juventude, quando tinha entre 15 e 17 anos. Tinha sido uma intensa paixão sexual. Então ele abandonou essa namorada para ir estudar no exterior. Mais tarde ficou sabendo que essa jovem havia engravidado e feito um aborto às escondidas. Casou-se posteriormente, mas foi internada na ala psiquiátrica de um hospital, logo depois.

Esse homem havia citado *Irmãozinho, irmãzinha*²⁰ como história predileta da infância e, nessa sua primeira paixão adolescente, vivenciou a história, mas não foi possível evidenciar seu vínculo de destino. Seus pais haviam se casado muito tarde e ele nada sabia sobre possíveis relacionamentos precoces dos pais.

A vergonha e o desejo de ocultar os fatos pairam sobre acontecimentos familiares, envolvendo um homem que seduz uma filha ou uma neta ou qualquer outra jovem para conseguir delas o que acredita não conseguir da mulher. Tal dinâmica às vezes vem à luz através do conto *Chapeuzinho Vermelho*⁶.

A mãe de Chapeuzinho Vermelho manda a menina ir à casa da avó, passando pela floresta, para enviar-lhe algo para comer. Estranhamente, a mãe avisa a filha para

não sair do caminho, mas permite que ela passe pelo caminho perigoso. Encontrando o lobo, este conversa com ela, convencendo-a a apanhar flores, pois assim ele teria tempo de chegar primeiro à casa da avó e devorá-la. Disfarçado de avó, deita-se em sua cama, ficando à espera da menina, todo feliz com a expectativa da carne jovem e macia que seria com certeza bem mais saborosa do que a da avó.

Todos nós conhecemos essa história, mas apesar de as evidências apontarem para o avô ser o lobo, gostamos de fechar os olhos para esse fato. *Chapeuzinho Vermelho*⁶ é uma história de sedução entre um avô e sua neta, relacionando-se na maioria das vezes ao avô por parte de pai, algumas vezes ao avô por parte de mãe, outras vezes a algum outro homem adulto na família, por exemplo, um tio.

Bettina estava fazendo terapia porque tinha medo de sexo. Devido a alguns dos seus sonhos, a terapeuta suspeitou que ela tivesse sofrido abuso sexual na infância. Bettina telefonou para a sua mãe, que lhe confirmou as suspeitas: certa vez, devido a uma viagem, os pais levaram Bettina para a casa dos avós paternos. Quando a buscaram novamente, Bettina apresentou, durante certo tempo, sérios problemas de comportamento, tendo sofrido muito com pesadelos. Depois disso, os pais evitaram ao máximo o contato com os avós paternos.

Nesse caso, o conto *Chapeuzinho Vermelho*⁶ relacionava-se à própria Bettina, mas com frequência ele pode estar relacionado a outras pessoas.

Após ter citado seu conto predileto na infância, Rosa disse suspeitar de ter sofrido abuso sexual na infância, por parte do seu pai. A constelação da sua família não confirmou tais suspeitas. Fazendo perguntas no círculo familiar, ficou sabendo que uma tia, a irmã mais velha do pai, havia sofrido abusos por parte do avô, tendo mais tarde se prostituído; ao que a família reagiu, cortando o contato com ela. Nesse caso, portanto, o abuso sexual suposto se relacionava a essa tia.

Uma mulher mais velha citou *Chapeuzinho Vermelho*⁶ como história predileta, não resultando daí nenhuma pista. Ao se encerrarem os trabalhos em grupo, ela relatou ao terapeuta algo que não queria dizer na frente do grupo. Ela sofria muito, até então, porque o seu pai havia dado beijos de língua, tanto nela quanto nas amigas, quando ela tinha 13 anos. Por pura inspiração, o terapeuta perguntou-lhe se o pai tinha uma irmã, da qual não tinha mais notícias há tempos, ao que ela aquiesceu perplexa, acrescentando que a família tinha ficado sabendo dela há apenas pouco tempo. Antes de casar-se, o avô havia tido um relacionamento, e desse relacionamento havia uma filha. No início, o pai morava junto com essa mulher e a filha, mas o relacionamento se desfez por um motivo qualquer. Essa meia-irmã faleceu aos 13 anos. O terapeuta disse: “O seu pai beijou essa meia-irmã.” Essa observação pareceu evidente para a mulher, que ficou muito aliviada.

O abuso não tem necessariamente de ter ocorrido dentro da própria família. Foi assim que, num seminário de constelações familiares, um homem de nome Herbert contou, admirado, uma história sobre o tema do seu conto predileto na infância, da qual só tinha ficado sabendo depois de perguntar a outros familiares. “Meu avô

tinha uma empresa de porte médio, onde muitas moças faziam estágio. Ele seduziu algumas delas, foi denunciado, julgado e condenado a vários anos de prisão por sedução de menores. Com isso, meu pai teve que tocar o negócio juntamente com minha avó, quando tinha apenas 16 anos.” Herbert havia procurado ajuda no *workshop*, porque se interessava muito por filmes e revistas pornográficas, o que o deixava envergonhado perante a namorada, temendo que o relacionamento terminasse por esse motivo.

Gerda procurou ajuda no aconselhamento de casal. Ela e seu marido tinham problemas sexuais. Ela se retraía dele. Nas poucas vezes em que faziam sexo, sofria muito com terríveis complexos de culpa. Logo ficou evidente que algum destino de sua família de origem estava interferindo no seu casamento. Ela havia mencionado *Chapeuzinho Vermelho*⁶ como história predileta na infância e *Aconteceu à luz do dia*¹, filmagem do livro homônimo de Dürrenmatt, como filme predileto da vida adulta. Sua mãe havia divorciado do pai e saído de casa às pressas, juntamente com ela e o irmão. Só pouco antes do casamento de Gerda é que ela lhe dissera o motivo: o pai, que era policial, tinha sido denunciado devido ao estupro de uma jovem, mas tinha sido absolvido por falta de provas.

Quando tais fatos são expressos, seja em uma sessão individual de aconselhamento ou principalmente diante de um grupo, um sentimento sinistro apodera-se de todos os participantes. Podemos sentir o que está adormecido sob a superfície dos acontecimentos e processos de uma vida normal. Podemos compreender que haja acontecimentos sobre os quais se prefere calar. E como se, partindo-se de um ato de força de vontade, tivesse que arrancar tais fatos pesados da lembrança, esquecê-los simplesmente e olhar para frente. No entanto, a alma percorre outros caminhos. Ela deixa os acontecimentos atuarem no sistema até que vítima e agressor sejam considerados e vistos como partes do pertencimento, também no mal e na culpa. Não podemos negar nossa concordância também ao que é ruim, sem prejuízos. Concordância não significa aprovação. Significa compreensão sem julgamento, também para com o lado sombrio da realidade. Então, o próximo passo será o soltar, sem intervenção retroativa, e a aceitação de que tudo passa, no âmbito do humanamente possível. Após um período de tempo adequado deve ser permitido um fim, mesmo ao pior destino e à pior culpa.

Os destemidos

Há homens que não se deixam abater por nada; sua autoconfiança é praticamente inabalável, pelo menos aparentemente. Realizam atos heroicos, conquistando até um reino inteiro, não se preocupando muito com os meios empregados para alcançar seu objetivo, como em *O Gato de Botas*¹⁶. Triunfam acima de grandes heróis, como *O Alfiate corajoso*². Não temem nem a morte nem o demônio, como aquele que se mudou para aprender a temer, ou saem pelo mundo afora com uma mesinha que se põe, um asno que rende ouro e um bastão que pula sozinho do saco para defendê-los. Sua única dificuldade é com as mulheres.

O pequeno e corajoso alfiate não tem pai. Promete à mãe comprar um pouco do seu creme de ameixas se ela subir as estreitas escadas até o seu quarto. Mas quando

ela chega, cansada depois de subir muitos degraus, ele diz que só quer o suficiente do creme para passar na sua fatia de pão. Então, ela fica irritada com ele, mas o pequeno alfaiate tem um *insight* ao matar de um só golpe sete moscas que estavam sobre a sua fatia de pão com creme de ameixa. Isso foi suficiente para ele se sentir como um herói e sair pelo mundo afora, para tentar a sorte. Não é forte, mas muito matreiro. Assim, triunfa com sorte e inteligência sobre gigantes e realiza tarefas bastante difíceis que lhe são impostas pelo rei, apesar de o rei ter a esperança de não ter que lhe entregar a filha. Porém, no fim, o rei não tem outra alternativa e o alfaiate alcança seus objetivos. Mas só há um problema: vive temendo que sua mulher descubra que ele não é um príncipe, mas somente um humilde alfaiate. Assim é a vida dos mentirosos.

Marc estava frequentando um seminário, juntamente com sua companheira Erika. Ambos designavam a si mesmos como um casal em crise. Ele estava sofrendo muito porque Erika falava em separação, sem ele saber o porquê. Em contrapartida, ela argumentava ser exatamente esse o motivo: ele não queria ou não conseguia compreendê-la. Ela sempre descobria suas meias-verdades, exageros e pequenas vigarices, apesar de ele negar sempre, assumindo os pequenos delitos cometidos somente quando não havia mais jeito de negar, banalizando-os, então, como se fossem brincadeiras, pequenas peças pregadas nos outros.

Marc sorria, divertido, enquanto a namorada falava e parecia que ele realmente não conseguia perceber o que Erika, tão valiosa para ele, achava tão repulsivo nele. Quando lhe perguntaram pela história predileta da infância, respondeu espontaneamente que era *O Alfaiate corajoso*?

Marc tinha crescido em Buenos Aires, como filho de mãe argentina e pai alemão. Quando tinha mais ou menos cinco anos, descobriu-se que seu pai, que trabalhava como médico em uma clínica, não havia concluído seus estudos de Medicina na Alemanha. Ele foi demitido na hora. Antes que o caso chegasse aos tribunais, fugiu com sua família para a Alemanha, casando-se novamente e assumindo o sobrenome da esposa. O pai era, portanto, o pequeno alfaiate do conto. Na constelação familiar, quando a terapeuta fez com que o representante do pai do Marc se inclinasse diante dos outros médicos da clínica de Buenos Aires, reverenciando-os, Marc ficou muito sério, parecendo ter sido profundamente tocado.

Uma mulher chamada Petra procurou aconselhamento individual, devido ao seu *vício em exagerar tudo*. “É como uma compulsão”, dizia ela, antes mesmo de pensar sobre determinado tema, já me surpreendo enfeitando e aumentando os detalhes, tornando-o mais significativo do que é na realidade. E quando as pessoas descobrem a realidade, elas se afastam de mim.”

Devido às informações colhidas sobre sua história familiar, seu vínculo amoroso logo ficou muito nítido no seu comportamento problemático. Ela tinha um meio-irmão do primeiro casamento do pai, cuja mãe falecera quando ele tinha quatro anos. Foi levado então para a companhia do pai, até que este se casou com a mãe de Petra, que não sabia lidar com o jovem adolescente. Quando fez 15 anos, o pai teve que entregá-lo a uma espécie de casa de correção para jovens problemáticos

e de difícil educação. Aos 18, teve que cumprir pena por charlatanismo, o que se repetiu várias vezes, até que, aos 30 anos, faleceu de uma overdose de heroína.

Petra sempre se sentiu muito comovida com o destino do seu meio-irmão mas, por lealdade à mãe, havia renunciado a ter contato com ele. Quando Petra analisou o próprio comportamento à luz da história do irmão teve uma compreensão muito dolorosa dos fatos, mas, ao mesmo tempo, sentiu um grande alívio.

Porém, nem todos que mencionam *O Alfaiate corajoso*¹ como sua história predileta estão vinculados a um charlatão. Muitos reencontram nesta história um sentimento que foi construído no relacionamento com a mãe. Talvez o pai tenha falecido e o jovem tenha prometido à mãe: “Não fique triste, vou ajudá-la no lugar do meu pai, tanto quanto puder.” No entanto, sente que não consegue e não quer cumprir a tarefa, tentando manter as aparências, cheio de temores de que outros, principalmente sua futura companheira, percebam que ele não consegue cumprir o que promete.

O conto *O Gato de Botas*¹⁶ oferece um campo de projeção se alguém da família tiver conseguido ficar bem de vida através de falcatruas. Um jovem que havia estado por pouco tempo na ala psiquiátrica devido a uma psicose, descobriu, após algum tempo de pesquisa, que seu avô havia cometido um desfalque quando trabalhava como administrador de uma clínica, tendo cumprido pena de dois anos na prisão. Um outro que havia herdado uma cadeia de padarias do pai, tendo-as administrado por um tempo, vendeu-a devido a depressões frequentes e violentas dores de cabeça. Após pesquisar a história da família, descobriu que seu pai havia comprado bem barato todas as padarias de um corretor. Eram padarias que pertenciam a judeus que ou tinham ido parar em campos de concentração ou as queriam vender muito rapidamente, para custearem sua fuga. Quando contou sua descoberta à esposa, esta de nada quis saber, exigindo ainda que ele nada contasse à filha.

*O conto sobre aquele que saiu de casa para aprender a ter medo*⁷ conduz-nos a outro tema masculino. Trata-se da história de um jovem que não conseguia agradar a seu pai. Ao contrário do seu irmão, esperto e trabalhador, ele era tolo e nada entendia, porque nada queria aprender, tornando-se um peso para o pai. Só havia uma coisa que queria aprender: a ter medo, achando que isto o faria conseguir algo na vida. Mas, mesmo esforçando-se muito, enfrentando os maiores perigos, não conseguia sentir medo. Finalmente, consegue resgatar um castelo, graças ao seu destemor, e o rei lhe entrega a filha como esposa. O homem diz ao rei: “Tudo isso é ótimo, mas continuo a não saber o que é sentir medo.”

Repetiu essas palavras tantas vezes que sua esposa se aborreceu. E, quando o jovem rei estava dormindo à noite, despejou-lhe um balde de água sobre o corpo, cheio de peixinhos pequenos, que ficaram se agitando junto ao seu corpo. Ele acordou, gritando: “Estou apavorado, acuda-me mulher, estou apavorado, agora sei o que é estar apavorado!”

Homens que mencionam esse conto são frequentemente destemidos, realizam

grandes façanhas, mas têm dificuldades com as mulheres, com quem aprendem a temer. O que eles têm que aprender na vida é tomar uma mulher. Têm quase sempre uma relação afetuosa com a mãe e uma muito fria com o pai.

O pai de Heribert perdeu a mãe quando tinha 16 anos, e o avô casou-se pela segunda vez. A madrasta era muito amável com o filhó, mas o próprio pai não o entendia. Assim, o pai de Heribert saiu de casa e ficou perambulando pelo mundo durante muito tempo. Por fim, conheceu a mãe de Heribert, filha de um empresário, recebendo a fábrica para administrá-la. Com o casamento, perdeu sua antiga alegria de viver e sua leveza. Heribert sentia a mesma coisa que o pai. Ele também havia viajado pelo mundo, após a conclusão dos estudos e temia agora as pressões da namorada para que se casassem.

Um outro homem, Klaus, contou que seu pai havia regressado entre os poucos sobreviventes da batalha de Stalingrado. Ele sempre ria ao fazer relatos dos horrores da guerra. Ao regressar inesperadamente à casa, quando Klaus tinha mais ou menos cinco anos, encontrou a mãe com outro homem dentro de casa, um “tio”. Mesmo tendo expulsado esse homem da casa, internamente o relacionamento com a mãe acabou. Os pais permaneceram juntos, mas quando Klaus já era adulto, o pai contou-lhe que a mãe nunca mais deitara com ele. Como segunda história predileta, Klaus havia citado *A Odisséia*⁴¹. Foi um tiro no alvo: Odisseu havia retornado como herói da Guerra de Tróia, mas devido a dificuldades no caminho de volta, havia se ausentado por muito tempo de casa. Entrando no palácio, teve que expulsar de lá os pretendentes que cercavam sua mulher. O que causava muito sofrimento a Klaus era o fato de não ter estado presente, por ocasião do falecimento do pai. Ele sempre se sentira distante dele, como se fosse um estranho e sempre desejara poder estar mais próximo a ele. Na constelação da sua família, ficou evidente que Klaus representava o amante da mãe. Isso o havia afastado do pai. Simultaneamente, acontecia-lhe dentro do próprio casamento algo semelhante ao que havia ocorrido com o pai: sua esposa havia se afastado dele sexualmente. Dessa forma ele se aproximava do pai.

Com o conto *A mesa, o burro e o bastão encantados*³⁴, os homens aprendem de uma outra forma, ao lado das mulheres, a ter medo, sendo banidos. Nesse conto, uma cabra diz que não é bem cuidada pelos filhos do alfaiate, tendo que saltar valas perigosas e não encontrando sequer uma folhinha para pastar. Assim não conseguia saciar a fome. Esse é o motivo da expulsão dos filhos de casa, apesar de a cabra estar mentindo. Como é próprio dos bons filhos, cada um traz um presente, ao retornarem para casa, que faz com que todos os apertos caiam no esquecimento: uma mesa, que nunca para de se pôr com as mais deliciosas iguarias, um burro que cospe moedas de ouro e um bastão que expulsa os ladrões. A cabra, culpada de tudo, fica muito envergonhada e se esconde.

Homens com lembranças dessa história-roteiro se esforçam muito para agradar às mulheres, mas isso não é reconhecido. Se tiverem uma filha, ela corre perigo de sofrer de bulimia, pois em tais famílias a mãe costuma dizer aos filhos: “do pai não vem nada de bom.”

Leonhard participava de um grupo para se trabalhar. Sua mulher pressionava-o a isso, alegando que ele deveria aprender a expressar melhor os próprios sentimentos e preocupar-se mais com a família. Ele tinha uma boa situação familiar, sendo físico em uma instituição de pesquisa e, para melhorar ainda mais o seu salário, aceitava pequenas encomendas de outras firmas, trabalhando nas horas vagas. Apesar de se esforçar tanto, não conseguia contentar a mulher e as três filhas, buscando a culpa em si próprio. As três filhas sofriam de bulimia. Questionado sobre os acontecimentos na família de origem, contou, com os olhos úmidos, que sua mãe sempre censurava o pai por levar pouco dinheiro para casa, mal dando para ela cobrir as despesas. Sempre tinha sido suficiente, mas a mãe nunca estava satisfeita. Somente após a constelação da sua família é que ele confessou que enviava grandes somas em dinheiro para a mãe, escondido da mulher, porque a aposentadoria dela era muito pequena.

Filho(a), desapareça daqui!

Uma série inteira de contos está relacionada a irmãos ou aos que perderam seu lugar na família ou à/ao mais jovem que acredita que tenha que salvar os mais velhos. Na história *Os sete corvos*⁵⁰, um pai amaldiçoa seus sete filhos. Eles não cumpriram a tarefa de buscar água da fonte para o batismo de sua irmãzinha mais nova, que tinha sido desejada por muito tempo, mas que tinha nascido muito fraquinha, sendo necessário fazer um batismo às pressas. Os irmãos deixaram o jarro cair dentro da fonte e não tiveram coragem de retornar à casa. O pai os amaldiçoa, transformando-os em sete corvos. Isso deixou os pais muito tristes, mas não puderam desfazer a maldição. Assim, consolavam-se com a filhinha que, contrariando as expectativas, crescia forte e cada vez mais bonita, mas os pais calavam-se sobre o destino dos irmãos. Só por acaso ela ouviu alguém da vizinhança dizer que ela era a culpada pela infelicidade dos irmãos. Sendo assim, um dia sai de casa para redimi-los.

Na realidade familiar, essa história relaciona-se a irmãos(ãs) mais velhos ou que faleceram precocemente ou que tiveram que sair cedo de casa e, algumas vezes, também nem foram mencionados. Exemplificando: uma senhora contou que durante muito tempo não soubera nada sobre dois meios-irmãos do primeiro casamento do seu pai. Com o nascimento dela, o pai cortou o contato com eles. Ao necessitar da sua certidão de nascimento para se casar, aos 20 anos, ficou sabendo da existência desses irmãos, através de pistas do cartório, saindo imediatamente à sua procura. Uma outra senhora contava que sua mãe a tivera após 12 abortos espontâneos.

No conto *Os seis cisnes*?⁷, um rei queria esconder da segunda mulher seus sete filhos do primeiro casamento, mas ela consegue encontrá-los, transformando seis deles em cisnes. A única que escapa ilesa é a filha. Ela sai à procura dos irmãos, salvando-os depois de passar por várias situações ameaçadoras. Na maioria dos casos, essa história se relaciona ou a irmãos que têm que sair de casa, após a morte da mãe e segunda núpcia do pai ou a irmãos procedentes de um casamento anterior do pai, sendo que a atual esposa não quer que o pai tenha contato com esses filhos.

Certa vez, esse conto fazia referência também a um irmão deficiente. No conto, não é permitido à jovem falar ou rir durante seis anos, tendo que tecer camisas de flores em forma de estrela para os irmãos. Quando joga as camisas por cima do pescoço dos irmãos transformados em cisnes, isso não funciona muito bem com o sexto irmão, e ele mantém uma asa de cisne.

O tema “crianças abandonadas” é bem evidente nos contos *Rapunzel*⁵⁰ e *Rumpelstilzchen*⁵⁵, conforme já mencionado. As histórias *O diabo e os três fios de cabelo*⁸, *Mogli*³⁶ e *Jim Knopf e Lucas, o maquinista*²¹ apontam para uma criança adotada ou uma que tenha sido entregue para adoção. Já a história *O Patinho Feio*⁴³, para uma criança que tenha sido ocultada; *Joãozinho e Maria*²⁶, para filhos que tiveram que sair cedo de casa, para assim garantir a sobrevivência dos pais. Na história *Senhora Holle*⁵⁸, esta referência não é tão nítida, à primeira vista.

Uma viúva tinha duas filhas, uma era bonita e trabalhadeira, a outra, burra e feia. A mãe preferia a feia e preguiçosa, porque ela era a “certa”, sendo apenas a madrasta para a outra. A filha bonita e trabalhadora é posta para fora de casa, sob o pretexto de uma tarefa impossível, que ela não consegue resolver, tornando-se a “Maria da sorte”; a feia e preguiçosa tenta seguir o caminho da outra, para ficar como ela, mas toma-se a “Maria do azar”.

Se alguém mencionar essa história como predileta, as perguntas deverão ser dirigidas para alguma mulher da família que tenha tido muita falta de sorte, pois o “lugar na vida”, nessa história, está voltado para o lado infeliz ou para aquele lado obscuro, onde o pior acontece.

Contudo, na maioria das vezes, a relação com a realidade em *Senhora Holle*⁵⁸ é mais exata: deve-se olhar para a filha que não é a “certa”. Existe então uma filha de um relacionamento paterno anterior ao casamento e de quem a esposa quer se livrar. Considerando o destino dessa irmã, a “certa” não tem coragem de aceitar toda a sua sorte, tornando-se a “Maria azarada”. A solução reinterpretada seria a de mostrar as duas irmãs, de mãos dadas, conseguindo dirigir as próprias vidas, para além do ouro ou azar.

Quando uma mulher citou “Maria sortuda e Maria azarada” como sua história predileta, e o terapeuta perguntou quem não era a filha “certa”, essa mulher, chamada Berta, contou a seguinte história:

“Tive muito azar na minha vida, tanto nos relacionamentos quanto na vida profissional. Sempre tive um péssimo relacionamento com minha mãe. Apesar de ela sempre querer o melhor para mim, obrigava-me a fazer coisas que eu não queria. Quando tinha nove anos, uma jovem, mais velha do que eu, bateu à nossa porta. Apesar de querer ir lá fora ver quem era, minha mãe obrigou-me a ficar no quarto, proibindo-me de sair. Então, ouvi durante um certo tempo vozes alteradas vindas da sala de estar, sem conseguir entender o que elas estavam dizendo. Só a última frase da minha mãe é que entendi muito bem, pois ela disse aos berros: ‘Desapareça daqui e não volte mais!’ A jovem saiu da casa batendo as portas e ainda pude vê-la, da janela do meu quarto, afastando-se da casa. Quando à noite

perguntei a minha mãe de quem se tratava, ela me respondeu rapidamente, dizendo que se tratava de uma parenta longínqua e que, mais do que isso, eu não precisava saber. Somente aos 30 anos, descobri por acaso que meu pai havia sido casado antes de casar-se com minha mãe, tendo duas filhas desse casamento e uma delas teria procurado meu pai uma vez, para pedir-lhe dinheiro. Meu pai faleceu nesse meio tempo e eu não sei se minhas irmãs estão vivas e nem onde moram.”

Uma outra mulher, que havia citado *Senhora Holle*⁵⁸ como história predileta, com os olhos brilhando de felicidade, logo descobriu, a partir dessa história, com quem estava vinculada. Christine tinha nascido durante o terceiro matrimônio do seu pai. Ele não tinha filhos do primeiro casamento e havia uma irmã do segundo. Essa irmã, que era bem mais velha do que ela, vivia junto com eles na mesma casa. Mas Christine não conseguia lembrar-se mais dela, por ser ainda muito pequena quando a irmã teve que abandonar a casa para sempre, porque não estava se entendendo com a mãe de Christine. E a partir daí, Christine nunca mais teve contato com ela. Após o encerramento do *workshop*, Christine procurou a meia-irmã, encontrando-se com ela algumas vezes. Interessante é que aquele sentimento estranho que ela carregava, de não poder ficar para sempre junto de alguém, havia diminuído consideravelmente.

Irmãos excluídos é um tema constante nas constelações familiares. Algumas constelações atuam como uma reunião familiar. A alma não descansa enquanto todos os que pertencem à mesma família não estiverem juntos. Em muitas cartas posteriores aos cursos com constelações familiares, ex-participantes relatam a respeito de irmãos reencontrados. Na maioria das vezes, o reencontro decorre com muita afabilidade e uma sensação de liberação. A união dos irmãos, quando dá certo, traz algo que contribui para a cura e leveza, principalmente se a relação com os pais está sobrecarregada, através dos destinos desses irmãos.

Muitas vezes fazem parte dos irmãos excluídos também aqueles que faleceram cedo. A dor dos pais, ao ver uma vida que mal começou ter que terminar com a morte, é quase insuportável. Então querem esquecer esse destino e algumas vezes calar-se sobre eles. Contudo, nas histórias que contam e nas canções que cantam para seus outros filhos vivos comunicam-lhes o ocultado, permitindo que os filhos participem da sua dor e saudade, mesmo que não seja através do conhecimento, mas sim do sentimento. É sempre comovente presenciar nas constelações familiares os abraços trocados com os filhos falecidos precocemente e vê-los receber seu lugar na sequência dos outros filhos. Sobre tudo a criança que nasceu logo após o que morreu sente-se aliviada, pois é ela que tem que representar a criança morta, enquanto esta não for vista, sendo respeitada em sua morte, com amor e paz.

Uma mulher sentia-se especialmente encantada pela história *Polegarina*⁴⁸. Ela não se lembrava da história, mas de uma ilustração no livro: uma menininha minúscula e linda, dormindo sobre a folha de uma planta aquática.

A mãe dessa mulher tinha tido um filho durante o primeiro casamento, falecido logo após o nascimento. Naquela ocasião não queria ter filhos, só tendo

descoberto, pouco antes do nascimento, que estava grávida. A mulher estava vinculada a esse meio-irmão, sentindo muita empatia por ele. “Saí para a viagem da minha vida por você.” Nessa frase, ela encontrou a proximidade com esse irmão e simultaneamente a desvinculação dele e do seu destino. Durante a constelação da sua família atual, ficou claro que ela tinha atraído o filhó mais velho para junto de si. Este representava o seu irmão falecido prematuramente. Depois da constelação, ela pôde tomar o irmão dentro do seu coração, liberando o filho.

Na canção infantil *Sabe quantas estrelinhas tem no céu?*⁵⁶, Deus contou todas, de modo a não lhe faltar nenhuma. Contudo, uma estava faltando, sim. Um mosquitinho não viu a luz do dia e uma criança não se levantou da sua caminha. Essa é a mensagem melancólica da canção infantil, que é transmitida também, ainda que subliminarmente, na outra canção *Boa noite, boa noite*⁴ da qual se depreende que há crianças que Deus não acorda na manhã seguinte. Isabéllia lembrava-se de não poder dormir, quando criança, antes de sua mãe cantar-lhe essa canção. Ela tinha um irmão mais velho que havia falecido aos dois anos e outra irmã mais nova havia morrido poucas horas após o nascimento.

Só eu sou grande e louro

O conto *O Patinho Feio*⁴³ é óbvio. Uma pata-mãe choca uma ninhada, na grande expectativa de em breve poder voltar à companhia dos outros patos e patas. Mas um dos ovos é maior do que os outros, exigindo ainda mais tempo e dedicação da mãe, que fica meio enfasiada.

Então aparece a pata mais velha para visitá-la, perguntando: “E aí? Como vão as coisas?” “Tem um ovo que está demorando a eclodir”, respondeu a pata-mãe, “mas olhe os outros patinhos, não são os mais lindos que já se viu? Todos a cara do pai; mas este danado aqui ainda não apareceu.”

“Deixe-me dar uma olhada nesse ovo que não quer abrir”, disse a pata mais velha, “acredite em mim, é um ovo de peru! Aconteceu uma vez comigo e eu passei aperto com os filhotes, que tinham medo da água e eu não conseguia fazer com que nadassem. Fiz tudo o que pude, mas nada adiantou. Deixe-me ver esse ovo! É um ovo de peru. Deixe esse ovo de lado e vá ensinar os outros patinhos a nadar”.

No entanto, a pata-mãe continuou sentada sobre o ovo grande, até que ele finalmente eclodiu. “Piu, piu”, disse e saiu rastejando. Ele era bem grande e feio. A pata-mãe ficou olhando para ele e disse: “Mas é um pato extremamente grande, nenhum dos outros se parece com ele. Seria mesmo um filhote de peru? Bem, logo saberemos isso. Ele vai ter que entrar na água de qualquer jeito, mesmo que precise empurrá-lo.”

No dia seguinte, dirigiu-se com toda a ninhada até às águas do canal, atraindo-os para a água. Mas que grande surpresa! O filhote cinza também nadou junto. “É mesmo meu filhote, ele nada tão bem”, pensou a mãe. E a partir daí passou a mostrar tanto para ele quanto para os outros, o que acontece no mundo. Mas por mais que a pata-mãe quisesse convencer a si mesma e a todos de que o patinho cinza e feio era lindo e nadava tão bem, os outros habitantes da fazendinha não se

deixavam convencer por suas afirmações: “Você tem lindos filhotes” — diziam a galinha, os frangos e até os filhotes humanos — “menos aquele cinza; parece que ele não deu muito certo.”

O patinho, sentindo-se atacado e zombado, não sabia mais se devia ficar ou partir. Os irmãos desejavam-lhe mal e inclusive a mãe ficou muito zangada com ele, até que um dia o patinho feio, em sua dor, fugiu para longe dali.

O final da história é bem conhecido. O patinho feio revela-se um magnífico cisne branco. Seus olhos são abertos e seus anseios realizados. O segredo é revelado. O patinho só era feio enquanto estava oculto. E agora, tendo encontrado seu lugar no mundo de seu pai, sua penúria e sofrimento têm fim. De repente, é muito bem-vindo como novato dentro da sua própria comunidade. Que grande felicidade - pelo menos dentro do conto.

A história *O Patinho Feio*⁴³ aponta para a existência de uma criança oculta na família. Às vezes, refere-se à própria pessoa que escolhe essa como sua história-roteiro, podendo relacionar-se também a um dos irmãos mais velhos, ao pai, à mãe, a uma tia, a um tio ou a um dos avós. Às vezes, o pretenso pai ou mesmo o pai biológico sabe do segredo, às vezes somente a mãe. Às vezes ela não tem certeza da paternidade e se acanha em esclarecê-la. Oculta desse filho a sua origem, pelo menos durante a infância. Mesmo assim, sem saber como, essa criança percebe que é diferente, sentindo-se como um estranho que não pertence inteiramente à família. Os outros membros da família também pressentem algo. Entretanto, o embaraço em esclarecer toda a situação é enorme.

Markus morava com sua companheira e uma filha de dois anos de idade que tinham em comum. Ele amava as duas, sentindo-se também amado por elas, mas sofria com um estranho sentimento, que sempre reaparecia: sentia como se não fizesse parte da família inteiramente, parecendo um estranho entre as duas. Tal sentimento não lhe era totalmente desconhecido, pois se sentia assim em casa, apesar de ter a lembrança de que os pais e os irmãos gostavam muito dele. O terapeuta perguntou-lhe se havia alguma criança que tivesse sido ocultada, o que ele não entendeu de imediato. Após as devidas explicações, respondeu: “Isso não é possível na minha família, somos todos muito católicos.”

Na constelação, o representante de Markus sentia-se especialmente próximo da mãe. O pai estava distante da mãe, o que lhe doía, mas achava justo, ao mesmo tempo. Os irmãos tinham a impressão de que havia algo estranho na família, mas não sabiam precisar o que era. O representante de Markus sentia uma reivindicação total com respeito à mãe, mas como um estranho em relação aos outros. A constelação teve que ser interrompida, porque não foi possível encontrar nem um contexto e nem uma solução para o sentimento de estranheza de Markus.

No dia seguinte, um dos participantes do grupo, que havia representado o irmão mais velho de Markus na constelação, narrou um sonho que tivera naquela noite: sonhara que tinha visto sua própria mãe com outro homem na cama, tendo acordado bastante chocado. Não podia imaginar que aquilo tivesse acontecido com

ela. A terapeuta perguntou ao Markus: “Você consegue imaginar isso em relação à sua mãe?” E ele respondeu com muita convicção: “De jeito nenhum.”

Seguindo sua intuição, a terapeuta repetiu a constelação familiar, dessa vez com o “homem estranho”, por quem a mãe de Markus se sentiu imediatamente muito atraída, sendo correspondida. O homem queria aproximar-se da mãe, mas não tinha coragem, devido à presença da família dela e para não comprometê-la. Os joelhos da mãe estavam bambos, pois sentia uma imensa atração por ele e estava muito intranquila: Isso não pode estar acontecendo”, porém acrescentou baixinho, mas é assim.

Markus, que a tudo assistia, tremia, mas ao mesmo tempo, demonstrava alegria.

À noite, após essa constelação, Markus e sua mãe tiveram uma conversa, durante a qual ela confirmou os fatos surgidos na constelação, acrescentando que ele era fruto daquela relação extraconjugal. Para grande espanto dele, sua mãe não parecia sentir vergonha em contar-lhe tudo, parecendo, antes de tudo, aliviada. Markus estava bastante mexido com a revelação, mas demonstrava mais estabilidade e segurança do que antes, sentindo-se mais forte, estando especialmente satisfeito por ter descoberto que seu sentimento de estranheza diante da família não era resultado de nenhuma fantasia ou neurose, mas a pura verdade, o que lhe transmitia confiança em sua percepção.

Preparou-se internamente para o encontro com o seu pai biológico, sentindo que tudo seria esclarecido também com o seu pai de criação e com seus irmãos. Ele sabia que deveria deixar que sua mãe decidisse quando e como ela iria esclarecer isso. Para ele, o passo decisivo estava dado.

Uma mulher arrastou literalmente seu marido a um aconselhamento matrimonial. O terapeuta percebeu logo a educada resistência do homem. Ao perguntar pela questão, a mulher disse que seu marido passava muito tempo vendo televisão, ajudava pouco nas tarefas de casa etc. — motivos pouco significativos para se gastar tanto tempo com aconselhamento de casal — ao que o homem logo retrucou: “Não sei o que você tem, nós estamos tão bem.”

O terapeuta pediu à mulher que voltasse em outra hora, sozinha. Ela contou então que já tinha se casado uma vez, quando tinha 20 anos, mas que não tinha aguentado por mais de meio ano, tendo abandonado o marido. “Mudei-me para uma outra cidade, onde construí uma vida profissional de sucesso e tive vários relacionamentos com diferentes homens. Mas se o homem demonstrasse o desejo de casar-se comigo, abandonava-o imediatamente. Quando fiz 35 anos, vi que queria ter um filho. Conheci então meu atual marido e casei-me com ele. Agora que estou com ele há seis meses, quero desaparecer de novo.”

O terapeuta pediu que ela lhe contasse os acontecimentos mais importantes e os diferentes destinos de sua família de origem. Parecia não ter acontecido nada de extraordinário. Foi-lhe então feita a pergunta sobre o conto de fadas predileto, ao que ela respondeu, dizendo: “Nunca gostei de contos de fadas, e *O Patinho Feio*⁴³, eu odiava.” Quando o terapeuta lhe disse que esse conto aponta para uma criança

oculta, ela ficou bem quieta durante uns momentos, e contou o seguinte: “Quando tinha 13 anos, tive uma briga feroz com uma amiga que, no auge da raiva, disse-me: ‘Saiba que o seu pai não é o seu pai’. Corri então chorando para junto da minha mãe, que me disse que a minha amiga estava certa, pois ela havia amado dois homens, tendo engravidado de um deles, mas decidido casar-se com o outro, quando já estava no sexto mês de gravidez. Disse a mim mesma, naquele momento: ‘Mas eu gosto do meu pai’ e não pensei mais naquele acontecimento.”

Após uma pequena pausa, o terapeuta perguntou: “Você não tem nenhum interesse em saber quem é o seu verdadeiro pai? Pense bem, antes de tomar qualquer decisão.” “Tenho sim, mas...” Ela procurou a mãe, que lhe deu o nome e endereço do pai biológico, que sempre havia guardado em casa, esperando até que a própria filha perguntasse por ele.

Telefonando para o pai, teve sorte em encontrá-lo e poder vê-lo, muito alegre, tendo-a visitado com sua mulher e filhos, que já eram crescidos. Todos se entenderam instantaneamente. Após decorrido um ano, ela ligou para o terapeuta, dizendo-lhe: “Quero apenas participar que está tudo bem comigo e meu marido e que estou grávida.”

Conforme já mencionado anteriormente, nem sempre *O Patinho Feio*⁴³ está relacionado com a pessoa que o menciona, reproduzindo com frequência o vínculo com alguma outra pessoa da família, que tenha sido ocultada.

Carola sofria há muito tempo de fortes dores de estômago e nenhum dos inúmeros especialistas consultados pôde encontrar uma causa orgânica. Em uma sessão de terapia, a terapeuta ajudou-a através da programação neurolinguística (PNL) a descobrir em que época esses sintomas haviam surgido. Através de lembranças registradas na memória, chegou ao instante em que tomou pela primeira vez nos braços sua filha, que agora já tinha três anos, ficando “chocada” com sua aparência. Quando lhe perguntaram qual era o problema com a aparência da filhinha, não conseguiu responder, tendo fingido um desmaio ou talvez tenha tido mesmo um curto desmaio, entregando a filha de volta à parteira, não querendo mais ver a filha nessa noite. Teve pesadelos e, em seguida, dormiu feito uma pedra. Na manhã seguinte, quando lhe trouxeram a filhinha outra vez, a reação que havia tido na noite anterior pareceu-lhe inexplicável, o bebê tinha uma aparência normal e era uma gracinha.

Será possível que a essa rejeição à minha filhinha, naquela época, me aperte o estômago? — foi sua pergunta ao terapeuta. Mas essa interpretação não apresentava nenhuma força.

A busca de informações sobre os acontecimentos familiares revelou que a bisavó pelo lado materno era etnóloga e havia viajado muito pela Ásia. Quando ela e o bisavô, que já tinham uma filha de dez anos — a mãe de Carola — a bisavó engravidou pela segunda vez. Eles ficaram muitos felizes, esperando com grande alegria pelo *temporão*. De modo semelhante ao conto, onde um ovo demora muito para chocar, o bebê atrasou-se mais de três semanas, fazendo com que o parto fosse

feito em uma clínica especializada, com o intuito de se evitarem complicações. Somente horas após o parto, levaram-lhe a filha, colocando-a nos seus braços. A sua reação foi um grande grito de horror, que fez com que todos os funcionários do hospital corressem até o seu quarto, quando ela então desmaiou. O bebê era bastante moreno. Tinha sido o resultado de uma curta relação extraconjugal com um asiático, e ela não contara absolutamente com a possibilidade de engravidar. Devido a uma falha cardíaca congênita, o bebê morreu após dez meses.

Até essa busca de informação, Carola sabia apenas que sua mãe tivera uma irmã que falecera muito precocemente, não tendo se interessado pelos detalhes daquela tia. Agora podia encontrar, por meio de imagens internas, sua bisavó e a falecida tia, olhar seus destinos, honrá-las e soltar-se delas com amor. As dores de estômago desapareceram depois de poucos dias.

Se no decorrer de uma constelação surgir uma suposição de que um dos filhos tenha outro pai, tem-se que considerar a possibilidade de existirem transferências aqui. Uma mulher, Margarete, quis constelar sua família atual devido a graves desentendimentos e problemas entre sua filha mais velha e o pai. A representante da filha disse: “Este não é o meu pai!” O terapeuta perguntou então: “Ela é filha dele? Você deve saber.” Margarete disse: Claro que sim, demonstrando espanto. A representante ficou vermelha e disse: “Sinto muito. Foi assim que me senti.” A solução do enigma veio rapidamente. A mãe de Margarete ficou sabendo, somente aos 60 anos de idade e após o falecimento da mãe, que o pai dela era outro homem e não o marido da mãe. Ela havia pedido que se guardasse esse segredo. Assim, Margarete nada disse aos filhos. De nada adiantou, pois a neta sentia empatia pela avó, descarregando no pai o que nada tinha a ver com ele ou com ela. É sempre surpreendente constatar que, em uma camada mais profunda, existe um saber sobre os destinos de uma família e como isso pode ser trazido à luz nas constelações.

Se, passando pela história-roteiro ou pela constelação familiar, surgirem dúvidas sobre a paternidade, o que ajuda é o real esclarecimento dos fatos. Como no exemplo que acabamos de narrar, paternidades ocultas são descobertas por meio das constelações familiares ou pelas histórias-roteiro, o que não substitui a busca de informações e, dependendo das circunstâncias, um teste de paternidade.

Maria, uma mulher sozinha, havia constelado seu sistema familiar de origem. Os motivos eram as brigas constantes com uma irmã. Não tinha encontrado uma história-roteiro da infância, mas citou *Homo Faber*¹⁹ de Max Frisch como história predileta da vida adulta. Nessa história, um homem encontra uma mulher bem mais jovem, durante uma viagem, apaixonando-se por ela. Nenhum dos dois sabia que eram pai e filha.

Maria suspeitava de que seu pai não era seu pai. Certa vez, ficou sabendo por meio de uma tia que sua mãe lhe havia dado o nome de Maria devido a uma capelinha com o mesmo nome, onde a mãe sempre se encontrava e conversava com o capelão. Inicialmente, a constelação chegou muito perto da sua suposição de ser o capelão seu verdadeiro pai, mas os representantes ficaram confusos, e o terapeuta interrompeu. Mais tarde, Maria procurou uma vidente que lhe garantiu que o pai

dela era outro homem e, com isso, Maria deu-se por satisfeita. Essa suposição, que a princípio não contou a ninguém, parecia esclarecer vários fatos da sua vida, pelo menos para ela.

Contudo, acabou contando a história a uma querida sobrinha. Essa ficou totalmente transtornada, porque o querido vovô não era o pai da querida tia, pedindo um horário para uma constelação familiar, mas o terapeuta negou. Ele disse a Maria que ela havia jogado uma grande carga nos ombros da sobrinha, sem ter certeza do que estava afirmando. Maria ficou muito mexida com isso, pois ela não queria prejudicar a sobrinha. Então foi procurar o pai, já com 90 anos de idade, para perguntar-lhe diretamente. Ele ficou muito espantado e disse: “Mas, minha filha eu sou o seu pai.” Maria pediu-lhe que fizesse um teste e ele concordou. Obtiveram o resultado dos exames no espaço de duas semanas, e o pai da Maria era realmente o seu pai. Em uma constelação posterior, muitos fatos ficaram mais claros para ela, e outros fatos da sua história familiar adquiriram importância, tais como a morte prematura da bisavó paterna. Na sua busca por informações sobre os destinos da família, veio à luz que muito provavelmente a filha mais velha da sua bisavó materna não era filha de seu marido e sim de uma relação extraconjugal.

Se uma criança nada souber sobre seu pai legítimo, pode ser que viva satisfeita para sempre, renunciando a esse saber mais profundo. Seja para poupar a mãe, seja para não invadir a família do pai ou ainda por medo de descobrir que tipo de pai teria realmente, mas a alma do grupo não descansa até o pai excluído emergir e, por isso, os filhos de até duas gerações podem carregar o sentimento de não fazerem parte da família e tentar encontrar o pai oculto. Frequentemente, passamos por cima do fato de que a alma não conhece as barreiras das informações, das lembranças e do tempo, do mesmo modo que o nosso pensamento consciente.

A mãe que oculta a verdadeira paternidade, em seu pensamento ou desespero, não olha para os filhos ou netos. Na maioria das vezes pensa que ocultar é o melhor para os filhos, visto estarem recebendo tudo o necessitam do pai de criação. Este, quando fica sabendo do segredo, assume a paternidade, talvez até com muito gosto, sentindo, inclusive, que ele é o melhor pai para a criança ou temendo que a verdade possa colocar o casamento em risco. Quanto mais tempo se ocultar a verdade, tanto mais difícil será dizê-la e esclarecer os fatos.

Há a história daquela mãe que não conseguiu dizer à filha que ela tinha sido gerada através de inseminação artificial, com o sêmen de um estranho, mesmo que essa filha, agora adulta, tenha dito certa vez que lhe era muito difícil chamar o pai de “papai”. Ele era sempre tão amável com ela, e ela se sentia muito distante dele. Mesmo assim, a mãe se acanhava em dizer a verdade à filha, por não poder dizer-lhe quem era o doador do sêmen, alegando que não podia exigir que a filha aceitasse ser filha de um desconhecido. Além disso, o marido não queria que a filha ficasse sabendo dos fatos. Embora o casamento já estivesse praticamente desfeito, a mãe não queria que a filha soubesse e tampouco queria ferir o marido.

Uma outra mulher quase enlouqueceu devido a dúvidas e incertezas quanto à paternidade de dois de seus filhos. Quando comunicou tais dúvidas ao marido, ele

reagiu dizendo que só permaneceria a seu lado se ela não contasse a verdade aos filhos e renunciasse a um esclarecimento.

A alma não se deixa enganar a longo prazo, seja por amor ou por aquilo que se supõe ser amor. Um homem havia feito psicanálise durante dez anos, além de outros tipos de terapia. A sua família já havia sido constelada várias vezes, também. Ele se sentia melhor depois das sessões, mas as depressões profundas voltavam. Sua mãe, já falecida, teve várias internações em hospitais psiquiátricos e outros destinos difíceis da família também haviam mostrado seus efeitos. Mas todos os ângulos possíveis da sua história familiar foram esclarecidos, todas as cargas dos destinos da família vieram à luz e foram liberados. Um dia, sentado como que em transe em uma sessão individual, disse: “É estranho! Na família da minha mãe e do meu pai todos são pequenos e de cabelos escuros. Só eu sou grande e louro.” Quando disse essa frase, uma profunda força preencheu o momento. O homem acordou vagarosamente, como de um sonho que o pressionava. Tanto para ele quanto para o terapeuta, essa frase teve o efeito de um raio que iluminava um segredo guardado sobre seu verdadeiro pai, mas não havia mais ninguém a quem perguntar sobre esse segredo. Ele encerrou a terapia, dizendo: “Agora me sinto inteiro!”

Felicidade perdida

Pessoas que procuram ajuda devido a determinadas situações de vida costumam ressaltar a importância da sua procura pela solução dos seus problemas mas, na realidade, estão evitando uma solução. Quando se trata de um problema sério ou de um destino pessoal especialmente pesado, sentimo-nos muito próximos daqueles que pertencem ao círculo familiar. Nessa proximidade, sentimo-nos inocentes, fiéis e felizes como uma criança. Vinculados e pertencentes. Além do mais, a infelicidade desperta em nós um sentimento peculiar de liberdade, pois quando perdemos a felicidade, não nos sentimos mais com obrigações para com a vida e achamos então que temos determinados direitos em relação ao destino.

Ao contrário, no âmbito de uma solução, temos que nos distanciar do nosso desejo de proximidade dos familiares, de segui-los no seu destino ou de assumir os destinos deles. Por isso, com as soluções, temos sentimentos de culpa, infidelidade ou traição. Quando assumimos a nossa felicidade, achamos que perdemos o direito de pertencer, frente à infelicidade daqueles a quem amamos. Além disso, sabemos que nosso bem-estar nos tira a liberdade, pois o que tomamos nos obriga a “explorá-lo” e fazer algo de bom com isso. O caminho da felicidade nos conduz a um novo e desconhecido território, mas a infelicidade nós já conhecemos. Nela sentimo-nos seguros, mesmo quando sofremos.

Felicidade, para a maioria de nós, está vinculada à posse de bens e pessoas. Se os perdermos ou se os filhos perderem os pais, a família cai em grande infelicidade. Embora os atingidos possam sair dessa situação, mesmo que com grandes esforços, os descendentes geralmente só enxergam o preço pago por eles na luta contra a situação difícil. É então como numa das histórias de Bert Hellinger em que uma mulher ganha do marido, como presente de Natal, um belo colar, mas ela pede a

ele que lhe diga o preço do colar. Naturalmente ele se recusa a lhe dizer, pois se tratava de um presente. A mulher não desiste, até o marido lhe dizer o nome da loja onde o havia comprado. Ela vai até lá e, mostrando o colar ao vendedor, pergunta-lhe quanto havia custado. Quando o vendedor lhe diz o preço, ela pega sua carteira e paga mais uma vez pelo colar.

Tal dinâmica é expressa especialmente nos contos *Moedas do céu*³⁵ e *João Felizardo*²⁴, que abordam os temas familiares semelhantes a “perder tudo” e “felicidade perdida”.

*Moedas do céu*³⁵ é a história de uma menina cujos pais faleceram e que, por isso, empobrece a um ponto de não ter onde morar. Abandonada por todos, sai para o campo, confiando no amado Deus. Apesar de ser tão pobre, dá aos mais pobres ainda seu último pedaço de pão, seu gorro, seu corpete, sua saia e até sua blusa, ficando nua na escuridão e não possuindo mais nada. Mas a sua confiança em Deus é recompensada. De repente ela se vê vestida novamente com uma nova blusa de fino linho e vê cair do céu, moedas de puro ouro e, a partir desse momento, ela se torna rica para o resto da vida.

Contudo, na vida real tudo termina de modo diferente dos contos de fadas. Mulheres que citam esse conto apresentam uma grande disponibilidade para dar e oferecer. No conto, a menina perde ambos os pais, é sozinha e solitária, dá tudo o que tem de presente, confiando em Deus, sendo então recompensada. Na vida real, essas mulheres também irradiam essa fé e generosidade — só que as moedas de ouro não caem do céu, e acreditar que a chuva de moedas possa apagar toda a penúria, é uma ilusão. Contudo, quase nenhuma decepção consegue dissolver tal ilusão.

O caminho de vida de uma mulher chamada Vera é um bom exemplo disso. Havia sido criada em um ambiente familiar emocionalmente saudável e materialmente muito modesto, junto a seus pais e seu irmão. Como a situação financeira dos pais não permitia custear a formação profissional de dois filhos, Vera renunciou aos estudos universitários, favorecendo seu irmão, contentando-se em aprender a profissão de assistente técnica de Medicina. Aos 23 anos, casou-se com um estudante de Medicina, que a encorajou a estudar para a tão sonhada profissão de médica. Muito feliz, matriculou-se na universidade e estudava incansavelmente. Para ajudar nas despesas da casa, trabalhava à noite como garçomete, enquanto que a contribuição financeira do marido diminuía continuamente. Vera trabalhava e estudava incansavelmente, concluindo os estudos antes do marido. Para não ofendê-lo, adiou seu doutorado, só recebendo o título depois de muita insistência da parte dele. Para que a situação financeira melhorasse, passou então a trabalhar como médica, aceitando muitos plantões noturnos. O curso do marido se arrastava eternamente, e um dia ela descobriu que ele, frequentemente, se divertia com uma namorada enquanto ela trabalhava em seus plantões noturnos. Muito infeliz, abandonou a casa, separando-se dele, sem sequer uma pequena discussão sobre o assunto.

Seu segundo casamento também fracassou e, apesar de o segundo marido ter

posses e ter sido considerado culpado pela separação, recusou qualquer tipo de ajuda financeira, quando se separaram.

Internamente, Vera estava totalmente programada para perdas devido ao vínculo interior. Sua avó materna, mulher de bom coração e muito amada por Vera, tornara-se órfã aos três anos. Seus pais haviam falecido por ocasião de um grande incêndio na fazenda, sendo a avó, uma criança de três anos, a única sobrevivente, apesar das muitas queimaduras. Depois de internação hospitalar de três meses, foi levada à casa da sua avó (tataravô de Vera), que também faleceu quatro anos mais tarde, quando foi, então, colocada em um orfanato. A avó havia perdido tudo. Era como se Vera só pudesse permanecer internamente vinculada a ela, entregando tudo o que tinha, mesmo que não fosse premida pela necessidade. Era como se ela não pudesse aceitar nada de ninguém, diante do preço pago pela avó: dar tudo, não aceitando nada — esperando que a qualquer momento vá aparecer o grande “prêmio da loteria”.

Há também homens que citam *Moedas do céu*³⁵ como conto predileto. Helmut, por exemplo: profissionalmente é gráfico autônomo, sem grande sucesso, vivendo à beira da miséria, ganhando o mínimo para sua sobrevivência. Irradiava grande felicidade ao citar esse conto. Logo em seguida, narrou o seguinte pano de fundo familiar: seu bisavô tinha uma empresa de táxis, que entrou em processo de falência nos anos 30. Envergonhado e com o ego ferido, cometeu suicídio. Na constelação familiar, a mãe e a avó de Helmut não demonstravam a menor empatia por esse homem, só Helmut mostrava-se tocado, demonstrando pesar pelo bisavô. Somente depois que a bisavó foi colocada na constelação e desistiu de sua raiva e recriminações a esse homem — afinal, ele não tinha só arruinado a família financeiramente, mas também a abandonado através do suicídio — é que a bisavó, a avó e a mãe puderam sentir o luto e a tristeza por esse bisavô, o que deixou Helmut bastante aliviado.

Na maioria das vezes, se homens passam por grandes perdas nas suas histórias de família, o “roteiro de vida” toma uma direção diferente, sendo representada pela história *João Felizardo*²⁴. João tinha trabalhado muito, recebido o seu merecido salário e estava voltando para a casa da mãe. No caminho, encontra-se com vários tipos de pessoas. Elas percebem, de alguma maneira, que João não dá o devido valor ao que possui. Sendo assim, João troca o dinheiro por um cavalo, o cavalo por uma vaca, a vaca por um porco, o porco por um ganso e o ganso por uma pedra de amolar, sempre pensando que havia feito uma boa troca, recebendo algo melhor e mais útil em troca de algo que era um peso para ele. Para coroar tudo, a pedra de amolar cai dentro de uma fonte. Nem assim João fica triste, ao contrário, dá graças a Deus por tê-lo libertado de todo e qualquer peso, ficando tão contente que exclama: “Não existe ninguém mais feliz do que eu neste mundo!” De coração leve, livre de qualquer peso, chega em casa. O que essa mãe vai fazer com João, se ela não tem o suficiente nem para se alimentar? Mas isso não está no conto. João entregou tudo o que tinha e pensou que estaria livre. Mas que liberdade tem um perdedor? As pessoas do tipo *João Felizardo*?²⁴ jogam fora sua sorte e só

percebem quando já é tarde demais. Fogem de responsabilidades, não são sovinas em relação aos seus bens, não suportam peso e seguem felizes, sorrindo, plenas de anseio por liberdade em direção à própria infelicidade.

Um homem chamado Stephan tinha abandonado sua família levemente, como ele mesmo afirmava e, logo em seguida, perdera o emprego. Teve que entregar seu espaçoso apartamento, vivendo agora de empregos ocasionais. Sua esposa tirou-lhe o direito de visitar os filhos, o que fez com que ficasse triste, mas logo em seguida, depois de contar isso, já estava sorrindo outra vez. Não soube responder à pergunta que lhe fora feita sobre qual membro da família havia perdido a sorte. Através da mãe, com a qual tinha pouquíssimo contato, ficou sabendo da história do avô materno: ele construía, antes da guerra, um grande hotel na Pomerânia. Quando os russos chegaram, o hotel foi incendiado. Segundo o relato da mãe, o avô, parado em frente ao hotel em chamas, teria exclamado: “Eu sabia que não ficaria com ele!” Enquanto a avó e os filhos conseguiram fugir, o avô ficou para trás e todas as pistas sobre ele haviam se perdido. Stephan estava vinculado a esse avô e, como ele, não levava a sério a perda da própria sorte; Stephan havia citado *Zorba, o grego*⁶⁵ como filme predileto da vida adulta. Esse aparente mestre na arte de viver também ri, dançando sua famosa dança na praia, quando o teleférico que havia construído desaba.

Um outro homem, Wilfried, estava se dando bem na vida, mas queixava-se de não conseguir se sentir feliz, embora tudo estivesse bem. Além disso, tinha uma ideia persistente de ter que ir a um cassino e jogar todos os seus bens de uma só vez. Com ele, o emaranhamento também ficou logo muito claro: o pai de sua mãe era russo e tinha grande quantidade de terras na Rússia, tendo alugado algumas. Simultaneamente, fazia parte da resistência contra o Exército Vermelho. Um dia, sem ninguém saber ao certo como, perdeu tudo o que tinha de um só golpe. A família conseguiu convencê-lo a fugir para o oeste, mas o avô estava muito alquebrado, entrando logo depois em confusão mental.

Havia um cuco na árvore¹⁸

Uma série inteira de contos de fadas, histórias e canções infantis aponta para golpes de azar e tragédias devido a mortes na família. Um destino trágico causa medo aos familiares, sendo às vezes sentido como vergonha ou culpa, que se alimenta da impotência de não se ter podido ajudar, e impotência é muito difícil de suportar. É muito mais fácil sentir-se culpado ou considerar outros como culpados. Isso sugere que a própria pessoa ou outros poderiam ter evitado o trágico destino. Muito mais difícil de suportar é curvar-se à força do destino.

Ficamos também preocupados que o trágico destino possa atrair os descendentes, se tomarem conhecimento dele, no entanto, através do silêncio, provocamos exatamente aquilo que tentamos evitar. Quando se conta um trágico destino, a tendência é contá-lo de maneira tal que aquele que levou o golpe do destino pareça ter sido o responsável, que o que lhe aconteceu foi “bem feito”, por ter feito por merecer tudo aquilo através do seu comportamento. “Se ele não tivesse combatido os nazistas, não teria ido parar em um campo de concentração”, foi o que um

homem ouviu o próprio pai dizer friamente a respeito do irmão, quando lhe perguntou pelo paradeiro desse tio, sobre quem ele nada sabia. Em sua infância, esse tio tinha sido um modelo, inconscientemente, para esse homem. Ele se comportava também de um modo “insolente” como o seu tio, o que levou seus pais a censurá-lo sempre, por causa de seu comportamento na juventude. Através da história do *João Felpudo*²⁵ a sua identificação com o tio se tornou evidente.

Um outro jovem passou ao grupo informações sobre seu sofrimento com as depressões frequentes. Como tinha desistido do seu trabalho, tinha que se esforçar muito para se manter. Classificava a si próprio como um Don Juan e, por trás da sua leviandade, sua compulsão em contar piadas e ser engraçado, tornaram-se visíveis tanto seu risco de suicídio quanto de loucura. Na constelação da sua família, seus representantes sentiam-se sob grande pressão e pairava uma atmosfera agressiva no ar. O representante desse jovem homem tinha uma posição dominante e estava inteiramente voltado para a sua mãe. Toda a constelação dava a impressão de não haver amor dentro do sistema.

As informações trazidas não permitiam reconhecer uma solução. O terapeuta já havia perguntado ao homem sobre sua história predileta da infância, mas não lhe ocorrera nenhuma. Voltou a fazer a mesma pergunta, durante a constelação, e o homem respondeu: “Tem uma cantiga que não me sai da cabeça.” E começou a entoar um verso da referida canção: *Havia um cuco numa árvore...*¹⁸ (A estrofe da canção era: “Havia um cuco numa árvore, lá, lá, lá...; aí veio um caçador, lá, lá, lá...; ele atirou e matou o passarinho lá, lá, lá...; e depois que passou um ano lá, lá, lá...; lá estava o passarinho de novo na árvore lá, lá, lá...”). Após uma curta e tensa pausa, o terapeuta perguntou: “Quem botou seus ovos em ninhos alheios, tendo sido morto a tiros por esse motivo?” O homem respondeu: “Meu bisavô!”

Esse bisavô era um Don Juan vigarista, pois prometia casamento a muitas mulheres, tendo engravidado várias. Quando a bisavó não aguentou mais, foi procurar a polícia, denunciando seu marido, que foi levado ao campo de concentração e, lá, foi assassinado. O jovem, de quem se trata aqui, não queria saber nada sobre esse bisavô durante a constelação, demonstrando somente desprezo e ódio por ele, da mesma maneira que a bisavó, avó e a mãe sempre tinham odiado aquele criminoso, pois ele só tinha levado todos à infelicidade. Mas o ódio do jovem pelo bisavô não o impedia de estar prestes a tomar o mesmo rumo — já havia tomado dinheiro emprestado de algumas mulheres — e talvez através de um ato criminoso estar se equiparando ao avô, tornando-se psicótico ou cometendo suicídio.

Na constelação, primeiro o jovem sentia-se como que dividido entre a repulsa pelo bisavô e o desejo de se colocar a seu lado, depois de o representante do bisavô ter sido colocado deitado no chão, diante da família. Após alguns instantes, lágrimas vieram-lhe aos olhos, sem que ele dissesse uma só palavra. Parecia que, pela primeira vez naquela família, se enxergava não só o mau comportamento do bisavô, como também o seu trágico fim. A família parecia ver pela primeira vez não só os atos do bisavô, mas o ato fatídico e funesto da bisavó. É bem possível

imaginar como deve ter sido enlouquecedor, para aquele jovem homem, sentir empatia em meio a tal acontecimento familiar. Ter que sentir-se vinculado tanto ao bisavô, no campo de concentração, quanto às mulheres que muito tinham sofrido por causa dele. Diante de tal dinâmica anímica, toma-se compreensível o que pode levar alguém à psicose ou ao suicídio.

Um outro exemplo: um homem procurou aconselhamento individual devido a brigas constantes com sua mulher. Durante a sessão, ficou muito claro que ele estava furioso com ela, a ponto de querer vingar-se por qualquer coisa. Não foi encontrado nem um desequilíbrio grave no relacionamento, a ponto de pressionar por uma compensação e novo equilíbrio. As primeiras informações fornecidas sobre a família de origem dele e dela também não trouxeram explicações plausíveis para o seu comportamento. A pergunta pelas histórias prediletas da infância e da vida adulta foi respondida, após longa hesitação, com *Paulina pega fogo*⁴⁴, (do livro *João Felpudo*) e com *O nome da rosa*⁴⁰, filme a que ele tinha assistido duas vezes.

O terapeuta perguntou quem tinha falecido em consequência de queimaduras em sua família e ele respondeu: “Minha tia-avó.” Ela vivia presa a uma cadeira de rodas, morando, durante a guerra, na casa da irmã, avó do homem em questão e da sobrinha, mãe desse homem. Durante um alarme contra bombardeios, a avó e a mãe correram para o abrigo antiaéreo no porão da casa de um vizinho, deixando a tia-avó na casa, por ser difícil transportá-la. A casa foi atingida por uma bomba e a tia-avó morreu em meio às chamas.

O homem desconhecia fatos mais exatos. Em sua alma, o acontecimento atuava aparentemente de modo a exigir uma compensação pela tia-avó abandonada, como se a avó e a mãe tivessem que ser punidas pela falta de ajuda prestada à tia-avó, mas não sabemos até que ponto elas realmente eram responsáveis por aquilo. De qualquer forma, o homem estava bastante comovido quando, internamente, olhou a tia-avó e seu destino e se curvou diante da avó e da mãe. Ver em sua alma seu comportamento em relação à esposa como uma compensação transferida fez sentido para ele, o que pareceu deixá-lo muito aliviado.

Assim, as histórias literárias revelam, através dos seus fatos básicos, um acontecimento real numa família, como através de um relâmpago, sem que um aprofundamento dos detalhes se faça necessário. Em um outro exemplo, a história do *Felipe balança-mas-não-cai*¹² (do livro *João Felpudo*) apontava para um tio-avô que, durante o Terceiro Reich, foi levado ainda jovem para um asilo de epiléticos e lá faleceu. Em um outro caso, a história do *Gaspar e a sopa*¹⁴ (do livro *João Felpudo*), possibilitou a revelação do destino de um irmão mais velho que, quando criança, havia morrido de fome durante a fuga da Alemanha. Uma senhora, lembrando-se da história do *João cabeça-de-vento*²² (do livro *João Felpudo*), conseguiu entrar em contato com o destino do avô, que caiu com o trator em uma vala funda e faleceu, quando a mãe dessa senhora tinha seis meses de idade. Um homem, lembrando-se da história de *Roberto Voador*⁵³, conseguiu ver a relação com a história do verdadeiro amor da mãe dele, o qual morreu como piloto na

guerra. A história *Os músicos de Bremen*³⁸ aponta para filhos mortos. Em um caso, esse conto se relacionava aos avós e um bisavô que, não podendo fugir para o oeste durante a guerra, morreram de fome. Em outro, a mesma história espelhava a consciência pesada de uma família, em relação aos avós, que foram levados para um asilo sem que ninguém mais cuidasse deles. Passando pela história de *O espírito na garrafa*¹¹, revelou-se o vínculo de uma mulher com seu pai que, na época do Nazismo, engajou-se jornalisticamente no sul do Tirol contra eles, apesar de todas as admoestações e avisos que lhe foram dados, tendo sido por isso levado a um campo de concentração. Ele sobreviveu, mas alguns dos seus companheiros de luta faleceram. Devido a isso, censurou-se pelo resto da vida por ter escapado com vida. No entanto, nunca duvidou do seu espírito heroico e nem do fato de poder subjugar o “espírito da garrafa”. Porém era um homem acabado.

Temos a tendência de fechar os olhos diante daquilo que nos horroriza. Não é somente o destino terrível dos familiares que nos sobrecarrega, mas também o fato de o lado obscuro e terrível da realidade ou do “ser” nos tocar e se aproximar de nós de modo tão imprevisível. No entanto, o medo do aspecto sombrio da realidade ou também a revolta contra ele é um empecilho ao luto pelos familiares atingidos e à nossa aceitação da realidade tal qual ela é. Essa realidade atrai mais tarde os filhos da outra geração em sua trilha, obrigando-os a sentimentos e comportamentos que apontam, de modo inexplicável, para algo não solucionado, para algo não reconciliado, para um luto não vivido e, com isso, para algo não concluído.

É então o saber sobre o acontecimento original que vai permitir ver, aceitar e sentir o luto que solta os envolvidos dos emaranhamentos, deixando o passado descansar em amor e paz. As pessoas atingidas pelo lado obscuro da realidade geralmente não querem que seus descendentes sofram e compensem seu destino de uma forma nefasta. Elas olham afavelmente dentro da alma dos vivos para os descendentes, se estes os prezam e os honram no seu destino, no seu amor e também na sua culpa. Quanto mais distante no tempo estiver o acontecimento trágico, maior surge na alma dos mortos, o anseio de que possam ficar em paz entre si. Como as palavras da Bíblia: “Deixe os mortos com as suas mortes.”

Observações finais

Poder-se-ia pensar que o trabalho de aconselhamento ou trabalho terapêutico com os vínculos de destino é difícil e pesado. Às vezes, esse pensamento está correto. Um destino trágico atua como um peso sobre o atingido, sobre seus representantes na constelação, sobre participantes do curso e sobre o terapeuta. Mas isso é raro e geralmente só acontece se aquilo que atua e o que soluciona não se revelarem com clareza, e quando não acontece a aceitação da realidade tal qual ela é, pois a realidade vista, sentida e reconhecida é vivenciada de modo profundo e leve.

Uma característica daquilo que denominamos solução é que ela é leve. O luto legítimo e real tem algo de profundo e libertador, assim como a aceitação de uma doença grave ou da morte também alivia, quando elas são inevitáveis. Se um vínculo conseguir ser dissolvido, se um amor cego se transformar num amor que

vê, se alguém assumir, com as forças de que dispõe, a responsabilidade pela própria vida, esta demonstra ser boa, cheia de paz e força. Sentimos então alegria e satisfação. *No centro sentimos leveza*⁴ é o nome dado por Bert Hellinger a um de seus livros.

Só podemos viver nossas vidas como histórias, com tudo o que faz parte delas, mas as histórias têm uma tendência: elas aplainam os obstáculos, preenchem as lacunas, subjagam a vida à lógica da narrativa. Quanto mais concludentes forem, tanto mais nos prenderão, pressionando nossa vida dentro do seu esquema. Quando trabalhamos na terapia e no aconselhamento com histórias e vínculos de destino, também temos que soltar as histórias de novo e renunciar a narrar, a nós mesmos e aos outros, as nossas vidas como uma história, para que elas não abarquem as nossas vidas, mas sim para que as nossas vidas também permaneçam indisponíveis em relação ao que descrevemos e interpretamos.

Artigos

CONSTELAÇÕES SISTÊMICAS E FAMILIARES COM O AUXÍLIO DE FIGURAS

Jakob Robert Schneider
Sieglinde Schneider

Original alemão:

Familien - und Systemaufstellungen mit Hilfe von Figuren.

Escrito em agosto de 1999 - Alemanha.

Tradução

Tsuyuko Jinno-Spelter

Novembro de 2005

Introdução

As constelações de famílias e de outros sistemas de relações desenvolvidas em grupos por Bert Hellinger começaram a ser introduzidas de modo muito rápido

4 - Livro publicado no Brasil pela editora Cultrix.

também na terapia individual.

Existem muitos conselheiros, assistentes sociais e psicoterapeutas que trabalham em contextos que não possibilitam o trabalho das constelações em grupos. Muitas pessoas que procuram um conselho, uma psicoterapia e um apoio social também não desejam um trabalho em grupo. Elas procuram uma pessoa que as ajude, por exemplo, dentro de uma instituição ou num consultório particular. Muitos conselheiros e terapeutas não ousam trabalhar em grupos ou simplesmente gostam do trabalho em forma de diálogo com a pessoa, individualmente, sem público. Convencidos do valor profundo do trabalho com as constelações, procuram por caminhos que integrem o método das Constelações Familiares ao seu trabalho com clientes individuais, casais e famílias. Uma possibilidade simples e direta para isso é a constelação com figuras ou objetos que são colocados sobre uma mesa ou num espaço e que representam as relações de membros familiares ou as pessoas importantes de cada um dos sistemas.

As figuras

Descreveremos, a seguir, nossas experiências relacionadas às constelações com figuras. Logo após vivenciarmos com as Constelações Familiares com Bert Hellinger, no início e meados dos anos 80, começamos a pegar as figuras de *Playmobil* com as quais o nosso filho não brincava mais e as levá-las para todos os lugares, primeiro num saquinho de plástico, mais tarde em um saquinho de couro bem bonito. Nós utilizávamos essas figuras em todas as ocasiões em que não tínhamos o apoio de um grupo numa situação de aconselhamento: nos centros de aconselhamento para casais e famílias, nas clínicas psicossomáticas, nas escolas, para pequenos grupos de supervisão e para clientes que desejavam um aconselhamento individual em nosso consultório. Nós “tivemos” que fazer isso. As experiências nos grupos com Bert Hellinger nos tocaram de tal maneira que adotamos imediatamente este tipo de ajuda, tanto em grupos quanto no trabalho individual com clientes. O fato de termos usado as figuras de *Playmobil* para as constelações aconteceu sem qualquer reflexão. Quando estávamos conversando em casa sobre um “caso”, pegamos espontaneamente as figuras que estavam por acaso no chão e as colocamos as representando pessoas correspondentes para ter uma imagem da família. Assim podíamos ver a família, ao invés de falar sobre ela. A nossa percepção da problemática mudou imediatamente e também as possíveis soluções no aconselhamento. Com esta experiência surgiu simultaneamente a pergunta: “Por que não deixar que os próprios clientes posicionem as suas famílias com as figuras?” Graças a Deus, não perguntamos a ninguém naquele momento. Dessa forma pudemos simplesmente coletar nossas experiências com as constelações, usando figuras, sem ponderações e objeções externas. Essas experiências nos convenceram.

Figuras adequadas

Quando mencionamos alguns critérios para as figuras adequadas, gostaríamos de dizer que na realidade tem pouca importância qual o tipo de figuras se escolhe. Nós ficamos com as figuras do *Playmobil* porque são práticas e não vemos nada

que se oponha a elas, muito pelo contrário, existem muitos pontos favoráveis. Entretanto, o importante é que o conselheiro ou o terapeuta possa se identificar com a escolha de suas figuras e que isso passe para o cliente de uma maneira natural. Se o conselheiro ou terapeuta ficar na expectativa de uma aceitação das figuras por parte dos clientes estará se colocando numa posição tal que poderá tirar a confiança do cliente na sua maneira de trabalhar.

Critérios a se considerar na escolha do tipo de figuras:

- um determinado tamanho que permita que sejam colocadas e retiradas facilmente sobre uma mesa e transportadas para todos os lugares que formos;
- facilita o trabalho quando permitem a clara diferenciação entre homem e mulher e quando espelham de forma exata a direção do olhar, de afastamento ou de aproximação;
- quanto menos as figuras forem caracterizadas, tanto melhor.

É claro que alguns terapeutas preferem figuras que possibilitem certas associações e interpretações, talvez figuras de animais ou bonecos característicos. Contudo, o trabalho de Constelações Familiares num grupo mostra como é importante que o constelados quando trabalha orientado fenomenologicamente não se deixe levar, mesmo que de maneira limitada, por associações e caracterizações e evite tudo aquilo que desvie o olhar dos acontecimentos essenciais, destinos e dinâmicas de relacionamentos. As figuras estão como representantes num grupo, não por si sós. São superfícies de projeção para as pessoas conhecidas e desconhecidas da família ou outros sistemas de relacionamento do cliente e reproduzem o campo de relação num espaço que normalmente independe da aparência das pessoas;

- é de grande valia a possibilidade de diferenciação nas figuras entre crianças e adultos, quando há crianças que faleceram precocemente, abortos espontâneos ou provocados;
- possibilidades de diferenciação nas cores das figuras são muito úteis quando se constela grandes sistemas.

Diferentemente da constelação em grupo, que se nutre muito da força e atenção do grupo, a constelação com figuras não depende da consideração de um grupo (falaremos mais tarde sobre essa diferença em um outro contexto). Dessa forma ela também possibilita a constelação de muitos membros familiares. Num aconselhamento de casal, por exemplo, pode-se constelar tanto a família do marido quanto a da mulher, podendo nos introduzir, no decorrer do trabalho de aconselhamento, tanto nos destinos significativos da família da mãe quanto nos da família do pai. Nossas figuras de *Playmobil* permitem diferenciações quanto à cor, para a família da mulher e a do marido ou para a família da mãe ou para a do pai. Isso facilita a orientação.

A vantagem do trabalho com figuras

Independentemente de nossa maneira de trabalhar com figuras, foram se desenvolvendo, igualmente, outras maneiras de representar o trabalho com as

constelações, na terapia individual. Por exemplo, trabalhar com a ajuda de sapatos ou colocando folhas de papel no chão.

A vantagem da utilização de figuras é o fato de que esse procedimento parece ser o que mais se aproxima do processo em grupo. O posicionamento das pessoas, umas em relação às outras no espaço é mais fácil e, principalmente, serve ao “ver” de uma forma mais simples. “Ver” significa aqui: perceber as relações espaciais e os processos da alma que estão por trás.

Constelações em grupo ou em um trabalho individual são, no fundo, processos de transe, que devem incluir todos os órgãos dos sentidos, pelo menos o ver, o ouvir e o sentir. Enquanto o procedimento da colocação de folhas no chão que correspondem às relações familiares e à solicitação ao cliente de se colocar em uma posição e sentir o que cada pessoa sente em relação à outra, se apoia mais na sensação, incluindo, a seguir, os outros canais do sentido. O trabalho com as figuras começa com o olhar, partindo daí para a sensação. O conselheiro pode olhar juntamente com o cliente, sendo que as estruturas se evidenciam claramente e a visão geral é facilitada. E — porque muitos relacionamentos familiares estão sobrecarregados por experiências traumáticas — o cliente pode olhar, em primeiro lugar, de forma dissociada. Ele se vê no sistema e o acontecimento todo da família pode se desenrolar como num filme.

Através das figuras, as experiências com a família e as informações essenciais podem se desenvolver livres das condições externas, podendo ser olhadas e sentidas num movimento de interação, frequentemente através das descrições e palavras correspondentes do conselheiro.

A vantagem do trabalho individual com a ajuda das constelações

Contudo, mais importante do que qualquer tipo de diferenciação no método de trabalho com as constelações de figuras é a vantagem que oferece na terapia individual. Ajuda o conselheiro ou terapeuta a desviar o cliente muito rapidamente das descrições de seu problema e, por exemplo, evitar o cansativo “falar sobre” o parceiro ou o pai ou a dor: “Vamos olhar primeiro a situação em seu relacionamento!”

No fundo, toda psicoterapia e toda procura pela solução é, no fundo, um processo de transe que permite a concentração em algo, de uma forma que, sem o auxílio necessário de um ajudante, o cliente sozinho não conseguiria fazer. Aqui concentração significa: perceber algo determinado com os órgãos do sentido, de forma que tudo aquilo que renegamos e dispersamos desapareça. Em um transe — e ele é um fenômeno cotidiano natural — damos espaço a uma determinada percepção, ao invés de fazermos reflexões sobre algo. Quando observamos, deixamo-nos conduzir pela nossa percepção e vivenciamos, dessa forma, os processos internos como algo que está perante os nossos olhos, colocado à nossa frente e fora de nosso corpo. Dessa forma, uma constelação afasta, rapidamente para longe, nossos pensamentos, julgamentos, fantasias e as correspondentes encenações de padrões de relacionamentos que ficam girando em nossas mentes.

Ela mostra ao cliente de forma evidente que tanto o contexto problemático quanto a solução desejada devem ser vistas de maneira diferente daquela vista até então.

Uma outra vantagem de uma constelação no atendimento individual tem a ver com a relação entre o cliente e o conselheiro ou terapeuta. Nós conhecemos a seguinte situação, principalmente no aconselhamento de casal: a mulher descreve o problema sob seu ponto de vista e nós a entendemos; o marido descreve o seu problema sob seu ponto de vista e nós o entendemos. O cliente tenta manipular o conselheiro de tal forma que ele aja como um mecânico, como um juiz, como um camarada de guerra, como uma boa mãe ou um bom pai. As descrições prolongadas dos problemas e as sensações do cliente ameaçam o terapeuta de entrar numa relação de transferência e contratransferência, impedindo com isso a ajuda ou dificultando o tratamento competente desses processos.

Olhar conjuntamente para a constelação posicionada pelo cliente orienta tanto o cliente quanto o terapeuta já de início à realidade da relação, onde existe algo a ser solucionado e deixa ambos livres de propostas mútuas de relações e atribuições. Desde o início o aconselhamento está direcionado a uma experiência-surpresa, na qual o cliente “vê” que o problema pode ser encarado de uma forma diferente daquela que havia pensado até então.

Um homem veio para um atendimento com a seguinte questão: queria sentir mais força em sua vida e se livrar da sensação de ser inútil. Embora o casamento estivesse indo bem, tinha, muitas vezes, a sensação de estar atrapalhando e não servir para nada. Esse homem já havia procurado alguns terapeutas e participava regularmente de grupos masculinos. Ele disse que tinha consciência de seu problema, porém ainda não havia conseguido resolvê-lo, porque, na verdade, o problema era que seu pai era fraco. Disse que quando este tinha quatro anos, perdeu o pai, seu avô, devido a ferimentos durante a guerra. Por isso lhe faltava a força masculina e um modelo masculino, não tendo podido transmitir isso a ele.

O homem queria ainda explicar por que seu pai não podia ter sido um pai forte, contudo a conselheira o interrompeu, pedindo-lhe que constelasse com as figuras a sua família de origem. Ele se colocou como filho único, bem próximo e em frente à mãe, e o pai bem afastado, porém olhando para a sua mulher e seu filho. A relação estreita com a mãe ficou bem evidente, e o cliente também confirmou isso. Essa ligação estreita havia levado a muitas brigas com sua mulher, no início do casamento. Para esclarecer qual poderia ser o contexto profundo para essa ligação tão íntima com a mãe, a conselheira perguntou o que havia acontecido na família dela e o cliente disse que estava tudo às mil maravilhas. Mas o que chamou a atenção da conselheira foi que, na descrição dessa maravilhosa família de sua mãe ele havia mencionado só o irmão mais novo da mãe e a avó. Quando ela perguntou sobre o avô, o homem reagiu surpreso e disse: “Nunca se falou no meu avô. E eu também nunca havia pensado nisso.” Então se lembrou de que a avó tinha herdado uma pequena fazenda e havia se casado com um empregado dessa fazenda. Após o nascimento da filha ela se divorciou, e o avô teve que ir embora e nunca mais se falara sobre ele, não existindo nenhuma espécie de contato com

ele. A mãe nunca tinha procurado e nem mencionado o pai. O cliente reagiu com lágrimas nos olhos quando lhe foi perguntado como o avô teria se sentido e então disse, como em transe: “Ele deve ter se sentido como eu, atrapalhado, inútil e supérfluo.” Agora percebia como estava ligado ao avô e que essa ligação ao destino da família materna o havia separado do pai. Na semana seguinte ao aconselhamento, o homem telefonou e contou que tinha feito um maravilhoso “passeio de homens” com o pai e que isso lhes tinha feito muito bem.

Todo aconselhamento e terapia se encontram em perigo de serem agravados pela precipitada atribuição de culpas. Quando não conseguimos suportar a impotência e a “culpa”, queremos acreditar que um problema ou uma infelicidade poderiam ter sido evitados. Por isso existem muito poucos clientes que não apresentem seus problemas com censuras, sejam autocensuras ou censuras a outrem. Uma constelação afasta dessas atribuições de culpa. A pergunta não é quem é culpado, mas o que aconteceu e qual é o amor que vincula; que amor cego se torna evidente no problema do cliente. O que o cliente quer de bom, o que quer o seu filho, seu parceiro, seus pais etc., através de seus comportamentos que perturbam e limitam?

O efeito curador que vem da postura do trabalho com as constelações mostra-se especialmente no aconselhamento de casal, quando ambos os parceiros comparecem já de animo acirrado e com censuras acumuladas. Através do método das constelações, a situação se relaxa muito rapidamente, pois o casal pode ver como ambos, através de seus comportamentos, estão conectados com os destinos de suas famílias de origem e como repetem antigos padrões em seu relacionamento. E ainda qual a participação que cada um tem no conflito, o pouco que o outro é visto como ele é e como os dois se combinam nas suas formas de comportamentos perturbadores.

Um casal veio para um aconselhamento. A mulher começou a conversa com a seguinte observação: queria se separar do marido. A filha tinha 18 anos e era emancipada, assim ela não precisava mais ficar e, finalmente, poderia dedicar-se ao seu crescimento pessoal. Seu marido a estava impedindo já há um longo tempo, nunca a havia apoiado e vivia somente para a sua profissão. O marido contradisse, afirmando que nunca tinha tido a sensação de que havia algo a dizer e tudo aquilo que fazia para a família nunca era visto. Além disso, não achava que era necessária uma separação e que também não concordaria com isso, porque “separações só trazem infelicidades”. Tanto o marido quanto a mulher constelaram as famílias de origem usando figuras. Nas duas constelações o marido estava de lado e sozinho. A figura da mulher estava virada para o outro lado e só olhava para a filha.

A conselheira trabalhou primeiro com a mulher. Após algumas perguntas, veio à tona que a mãe da mulher tivera um grande amor que no início da guerra se alistara nas tropas nazistas e, por isso, a família da mãe tinha sido contra essa união. Mesmo assim, a mãe quis esperar por esse jovem. Contudo, a família interceptava as cartas do namorado e dizia à mãe que não se podia confiar em um homem que não se comunicava e era bem provável que ele a tivesse esquecido há

muito. Assim, por despeito, ela se casou com o filho do vizinho, o pai da cliente. O casamento dos pais não deu certo: Graças a Deus minha mãe abandonou o meu pai, quando me casei. Ao perguntar qual a idade da mãe, na época da separação, a mulher respondeu: “Ela tinha 54” e, logo depois, disse, surpresa: “a idade que tenho agora.” Em sua constelação ficou evidente que ela olhava para o namorado da mãe. Ela disse, sorrindo: “Eu digo frequentemente que gostaria de ter um homem de brios e não um frouxo como o meu pai e meu marido o são.” No trabalho com o marido ficou evidente que ele sempre tinha esperado que um dia a mulher o deixaria. O pai dele tinha perdido sua mãe aos sete anos e o pai, aos dez. Ele tinha abandonado a sua primeira mulher depois de cinco meses de casamento, quando conheceu a mãe do cliente. O casamento de seus pais tinha durado, mas o seu pai quase nunca estava em casa. Por causa da profissão passava muito tempo no exterior.

O casal acompanhou com muita atenção e, em parte, comovido, o trabalho do parceiro e no final da sessão a mulher disse: “Nós nos encontramos como a panela e a tampa.” O marido olhou para ela de uma forma interrogativa e disse: “Então podemos repensar.” Ambos viram como estavam presos aos acontecimentos de suas famílias de origem e os padrões daí resultantes e que ninguém era culpado e, ainda, que ambos tinham a mesma responsabilidade pelo desenvolvimento do relacionamento.

A grande vantagem do trabalho das constelações, na terapia individual, de casal ou familiar está em que os panos de fundo sistêmicos dos problemas logo se tornam evidentes e as brigas, o comportamento vivido de cada membro familiar e as razões que trouxeram caem por terra rapidamente.

Um casal veio para uma conversa, muito preocupado, porque o filho de dez anos não conseguia se concentrar e ficava sonhando na escola. Ele se afastava de seus colegas de classe e, ao mesmo tempo, reclamava que estava sendo excluído. Por isso a escola havia sugerido que o menino deveria ser transferido para uma escola especial.

A mãe dava como motivo do comportamento do filho que o pai tinha muito sucesso e por isso sempre exigia do filho desempenhos excepcionais. Assim o menino vivia um programa do contra. O pai revidou, dizendo que o menino era muito delicado e muito mimado pela sua mulher e a mãe dela. Por isso, não era de se admirar que não estivesse à altura dos outros meninos de sua idade.

Nas constelações de ambos os pais, a figura do menino foi posicionada de modo que ele não conseguia ver os pais. Parecia que estava olhando para alguém que estava faltando ou que fora excluído. Após indagações, veio à luz que o pai do menino teve um relacionamento aos 19 anos de idade, que os pais dele não aceitaram. No entanto, a jovem ficou grávida e, quando percebeu, já era tarde demais para fazer um aborto. Assim, ela deu à luz a uma menina que foi dada para um orfanato. O marido havia contado para a sua mulher, mas o filho não sabia nada sobre essa irmã. Após a constelação, o marido reagiu comovido quando viu a menina e sua mãe e disse: “Pela primeira vez sinto que é minha filha.” A mulher

ficou muito comovida e disse que o seu filho queria só brincar com as meninas no jardim da infância e, por isso, os outros meninos caçoavam dele. Dessa forma, surgiu um outro pano de fundo totalmente diferente para o comportamento do menino, e o caminho da solução mostrou uma direção totalmente inesperada.

A experiência anterior com Constelações Familiares no grupo

Nosso trabalho com as figuras no atendimento individual está totalmente orientado pelas constelações familiares em grupo. Consideramos que é indispensável que o conselheiro ou terapeuta tenha experiência com grupos. Isso em relação tanto à experiência do vínculo com a própria família e à abertura para as soluções que estão esperando, quanto também como campo de aprendizado para a percepção de processos anímicos essenciais nas relações humanas. A vivência como representante em grupos nos facilita a percepção das figuras, isto é, dos membros familiares do cliente. Participar de grupos é a melhor maneira de aprender o procedimento fenomenológico e aguçar o nosso “ver”, e as constelações de figuras vivem do “ver” do terapeuta. Ele precisa poder ver e sentir a dinâmica dos relacionamentos. Já que as figuras não falam e naturalmente não nos comunicam nada, o terapeuta se torna, então, representantes delas. O ponto mais difícil nas constelações está na capacidade do terapeuta ou conselheiro de perceber os profundos processos anímicos em um sistema de relacionamento através das figuras. Essa capacidade se revela, então, quando o cliente pergunta, espantado: “Como é que você sabe disso?” — similarmente quando em um grupo o cliente fica surpreso com as percepções dos representantes e diz: “Sim, é exatamente assim em minha família” ou “Essas são as palavras exatas de minha mãe”.

O “lugar” terapêutico das constelações com figuras

O aconselhamento psicológico ou psicoterápico lida com processos de solução que podem ser diferenciados.

Aqui se trata, em princípio, de soltar os problemas através da mudança de comportamento, através do aprendizado, da criatividade e da espiritualidade, isto é, de soltar, de certa forma, através de uma determinada atividade espiritual os pensamentos que bloqueiam e, com isso, os sentimentos que limitam.

Existe também o contexto dos traumas pessoais, das feridas físicas e anímicas que bloqueiam a energia vital, que se aninham em nosso inconsciente e trazem consigo determinados tipos de comportamentos e sentimentos fixos, sintomas físicos e anímicos. Estão principalmente ligados não apenas a acontecimentos relacionados à nossa tenra infância mas, muitas vezes, ao movimento amoroso interrompido em direção à mãe ou ao pai, às pessoas importantes para a criança e, mais tarde, em direção ao parceiro e aos seus próprios filhos. Principalmente aqui é que a Psicoterapia se esforça para obter soluções através de várias formas, desde o processo psicanalítico até a terapia do abraço e terapias de trauma especiais que influenciam diretamente o comportamento ou os processos neurológicos.

Finalmente, olhamos para o contexto amplo do vínculo e solução em relacionamentos. Frequentemente sofremos com problemas que não resultam de

acontecimentos vivenciados por nós mesmos, mas que resultam de consequências de traumas sofridos por outras pessoas do nosso sistema familiar. Estamos ligados ao longo das gerações na comunidade de destino da família e clã, pelos efeitos de traumas que têm a ver com um sistema inteiro de relações e pelas “ordens do amor” que nos emaranham nos destinos de outros, sem que queiramos ou saibamos. Aqui surgem soluções que visam a um sistema total de relação:

- que cada um possa pertencer igualmente e tomar o lugar que lhe é adequado;
- que cada um carregue o seu próprio destino e renuncie a interferir nos destinos de outrem, através de uma ilusão e amor cegos;
- que vejamos o preço que outros pagaram, algumas vezes com a própria vida, e que tomemos o ganho, reverenciando o preço que o outro pagou, sem pagarmos novamente através de um sofrimento pessoal;
- que possamos deixar no passado o que passou e não fiquemos presos a um sentimento de justiça que vai para além da morte;
- que a culpa e o sofrimento cruel possam pertencer conjuntamente;
- que os mortos conservem seu lugar em nosso coração, em paz e com amor.

Nós olhamos para os processos de vida e morte, felicidade e infelicidade, saúde e doença, relações que obtêm sucesso e que fracassam. Trata-se de pertencer e ser excluído, dar e tomar, culpa e compensação, substituição e destino pessoal. Esses temas vitais e a *consciência coletiva* que aí atuam são o cerne do trabalho com as Constelações Familiares e também de um trabalho de psicoterapia individual. Os critérios essenciais para que se torne evidente quando uma constelação pode ser útil são: sempre quando emaranhamentos impedem uma solução, quando destinos familiares graves pesam, quando algo deve ser colocado em ordem na alma, quando algo separado num sistema deve ser reintegrado; quando se trata de paz, reconciliação e o fluxo da vida e do amor através das gerações e a compreensão das nossas realidades de relacionamentos e de seu reconhecimento.

A constelação em um atendimento individual

Muitos terapeutas e conselheiros integrarão, ao seu entendimento terapêutico básico e seu modo de trabalhar, a constelação de uma família ou de um outro sistema de relacionamentos com figuras. Nós trabalhamos, na maioria das vezes, com problemas de vínculo e solução apenas em uma única sessão, e todo o procedimento se concentra na constelação com figuras. É claro que aqui existe certa margem dentro do procedimento que cada um modela segundo as suas experiências anteriores e dependendo daquilo que considera ser importante numa terapia individual. Para nós foi surpreendente como isso facilitou e aprofundou o nosso trabalho, quando cada um de nós, a seu modo e em sua área, decidiu deixar de lado outros métodos aprendidos e se dedicar totalmente ao trabalho individual com constelações, conectando-nos aos processos sistêmicos e anímicos e nos concentrando em olhar para aquilo que é possível numa sessão individual. Pelo fato de não termos autorização para oferecer psicoterapia e trabalhar com traumas

vividamente, é evidente que para nós foi mais fácil olhar somente para os processos sistêmicos dos emaranhamentos. Naturalmente que os traumas sistêmicos e os pessoais se entrelaçam no cliente, e o conhecimento sobre as manifestações de traumas pessoais é imprescindível. Algumas vezes usamos o método da terapia do abraço, substituindo a mãe ou o pai, talvez também em uma sessão, para que o cliente se sinta aliviado e, quando num trabalho de constelação algo que o cliente sofreu pessoalmente extrapola, o encaminhamos, se necessário, para um psicoterapeuta ou para uma clínica. A pessoa que pode utilizar a psicoterapia terá os clientes correspondentes e usará os métodos adicionais para o tratamento de traumas. Entretanto, mesmo num trabalho de constelação dentro da psicoterapia, consideramos o princípio “tão breve quanto possível e tão efetivo quanto necessário” como um ponto de partida que auxilia um forte processo de ajuda.

O procedimento numa sessão de terapia ou aconselhamento nas constelações com figuras

Os seguintes elementos são importantes para o procedimento numa constelação com figuras:

- um começo claro e breve que traz imediatamente à tona o “peso anímico” na questão do cliente; se necessário, uma leve condução ao método das constelações familiares;
- o processo de informação;
- a constelação das figuras através do cliente;
- o trabalho de revelação e solução da constelação em si e
- a liberação encorajadora que deixa o cliente livre para seu processo anímico, após a sessão, que, no final, é o que conta.

O início

A sessão se inicia, naturalmente com a pergunta pela questão ou pelo problema ou pelo que aflige o cliente, enfim, por aquilo que está em busca de solução. Nós não vamos nos dedicar aqui às questões importantes em relação à condução da conversa porque pressupomos que a pessoa que oferece sessões individuais tem um treinamento e sabe, de certa forma, como pode, desde o início, estabelecer um bom *rapport* e conduzir a conversa. Se o conselheiro ou terapeuta estiver direcionado para trabalhar somente em uma sessão e com apenas uma constelação familiar irá cuidar similarmente como num grupo de constelações, que a questão do cliente seja formulada de tal forma que o seu peso possa ser sentido na alma. O terapeuta e o cliente precisam saber, já no início, para onde vão direcionar a energia e o terapeuta se abre desde o início à “alma grupai do cliente”, vê o cliente no seu círculo familiar e os acontecimentos e destinos aí presentes.

Contudo, a questão real do cliente e a força direcionada à solução estão ainda encobertas, no início de uma constelação. É necessário conduzi-lo para o trabalho com as constelações e mostrarmos a razão pela qual olhamos para o sistema

familiar e todos os seus acontecimentos e destinos. Essa introdução deve ser bem breve, afastando-se imediatamente das descrições secundárias e relacionadas a problemas e desviando-se do conhecimento aparente sobre o porquê do surgimento de um problema. Ela deve conduzir a atenção e a força de tensão para os processos fundamentais de relação e conquistar a confiança para o trabalho em conjunto. Algumas vezes damos breves dicas sobre o nosso modo de trabalhar com emaranhamentos em sistemas familiares e crises em relacionamentos e para as dinâmicas anímicas às quais iremos prestar atenção, durante a sessão. Se nós já pressentirmos para onde a “viagem” irá, talvez contemos uma ou outra história de casos que “combinem”. Se não existir ainda nenhuma sensação sobre qual direção o trabalho deve prosseguir, algumas vezes ajuda contar alguns breves exemplos de casos e observar a percepção do cliente em relação a isso.

A primeira pedra fundamental para o sucesso de uma sessão individual está na capacidade do conselheiro ou terapeuta em dizer imediatamente ao cliente o que percebe, quando este formula a sua questão. A postura corporal, a expressão do rosto, a indumentária com a qual o cliente “aparece” já são tão elucidativas como as contradições entre o que o cliente formula, a expressão de seus sentimentos e a linguagem pictórica que utiliza em suas primeiras frases. Dizer imediatamente, com empatia e com força, o que percebemos no cliente e naquilo que ele diz é talvez a chave mais importante para o sucesso de um atendimento individual. Conquista-se imediatamente a confiança do cliente, se ele perceber que está sendo visto em um nível mais profundo. Ele se abrirá e ficará curioso por aquilo que ocorrerá ao longo da sessão.

Uma mulher veio para um atendimento e disse que sua médica a havia aconselhado fazer uma constelação familiar e que ela também se interessava muito por isso. À pergunta sobre o que uma constelação deveria solucionar para ela, respondeu: “Não posso dizer. Eu estou muito bem e não tenho nenhuma questão direta.” Quando a conselheira lhe disse amavelmente que talvez ela não tivesse nada que a incomodasse e que não necessitava de um atendimento e ainda que uma constelação só pode ajudar quando há um pedido de ajuda, a mulher disse, com determinação: “Estou realmente bem, mas gostaria de fazer uma constelação.” As suas mãos tremiam ao dizer essas palavras e desde o início da conversa o seu rosto estava vermelho e havia pérolas de suor na sua testa. Quando isso foi mencionado, ela respondeu: “Sim, esse suor incontrolável é realmente um problema. E só alguém olhar para mim que já começo a transpirar. E quando preciso contar algo particular, mesmo entre amigos, então começo a tremer imediatamente.”

Quando a conselheira perguntou: “Quem em sua família começava a tremer e transpirar quando era olhado ou quando precisava dizer algo que pesava muito?”, veio o seguinte: a mulher nunca tinha sido olhada pela mãe e o “suposto” pai havia batido muito nela, quando era pequena. Muito mais tarde ela ficou sabendo que ele não era o seu pai biológico. O seu pai biológico era o pai do suposto pai, ou seja, quem ela considerava como avô. Ele tinha engravidado a mãe quando o

seu filho estava na guerra. Depois que a mulher havia contado isso, ela olhou para a conselheira e disse: “Contei isso pela primeira vez em minha vida. Agora me sinto bem mais leve.” E acrescentou, admirada: “Minhas mãos não estão tremendo mais!” Na constelação que se seguiu, ela olhou amorosamente para a sua mãe. Era ela quem transpirava e tremia quando o marido veio da guerra para casa e a encontrou grávida e perguntou quem era o pai da criança. A primeira frase que ela dissera foi: “Não posso dizer.” As reações físicas da mulher conduziram bem depressa a uma constelação expressiva e a um processo de muita ajuda.

Outro cliente veio para um atendimento porque ficava sempre se boicotando. Embora fosse altamente qualificado, perdia constantemente os seus empregos. O que chamou imediatamente a atenção era que contava sobre as difíceis situações em sua vida profissional e seus frequentes acidentes de modo radiante. Quando foi confrontado com isso, confirmou que na verdade já havia se acostumado muito bem com os acidentes e a falta de sorte nos empregos. Ele via nisso um grande desafio para a sua vida e ficava orgulhoso de sempre conseguir se reerguer. Como se revelou mais tarde, o seu avô era também um homem orgulhoso que havia se colocado na guerra contra os nazistas e, na empresa que produzia materiais bélicos, onde trabalhava, tinha empreendido três atos de sabotagem e, em um desses, um trabalhador havia perdido a vida. Numa das últimas ações tinha sido descoberto e preso. Não estava claro se o avô havia se suicidado ou tinha sido executado na prisão.

Gostaríamos de acrescentar mais um exemplo, uma vez que consideramos de grande importância a percepção do terapeuta, desde o início de um atendimento ou terapia, para o sucesso de uma constelação com figuras.

Urna cliente trouxe como sua questão: “O que devo fazer para encontrar finalmente um homem que me respeite? Eu consigo ter muitos namorados, mas todos eles só têm uma coisa na cabeça, ir para a cama comigo.” A mulher, um pouco corpulenta estava usando uma calça colante e uma camiseta com um decote bem fundo. A primeira impressão era que essa mulher fosse uma prostituta. Quando a conselheira disse que ela estava vestida de uma forma que qualquer homem teria realmente vontade de lhe dar um tapinha no bumbum e que ela realmente irradiava algo que os excitava, ela nu e disse: “Uma amiga já me disse que eu era provocante, porém tinha mau-gosto. Mas, falando sério, você acha que a minha aparência é provocante?” “Sim”, respondeu a conselheira honestamente, “a maneira como você se veste dá a impressão de uma garota leviana.”

O trabalho de constelação que se seguiu foi conduzido pela pergunta se existira uma mulher na família que era vista como “garota leviana”. Então veio à luz que o avô tinha uma noiva, quando se apaixonou pela avó. Então arranjou um encontro entre um amigo dele e essa noiva para pegá-los numa situação comprometedor. Depois disso, desmanchou o noivado dizendo que não queria se casar com uma “leviana”. Essa noiva foi então considerada pela família como uma vergonha e teve que deixar a cidade para sempre. A cliente ainda acrescentou

que havia escutado essa história uma vez, quando o avô a contou no círculo de parentes, soltando gargalhadas e se vangloriando disso.

O processo informativo

As bases para os passos que conduzem à solução com a ajuda de uma constelação são as informações relevantes concernentes aos principais acontecimentos na história de vida, na história da família atual, nos relacionamentos de casal e na história da família de origem até os avós e bisavós. Essas informações e a maneira como o cliente as comunica conduzem, frequentemente, a uma profunda emoção e a um primeiro *flash* do amor que atua nos relacionamentos, do emaranhamento, do sofrimento e da dignidade. Também podemos sentir imediatamente quais as informações que têm força ou não, sobretudo em relação à questão do cliente. Ou ainda se as coisas importantes foram mencionadas ou não ou se o cliente não se lembra das informações decisivas ou essas lhe faltam.

A quantidade de informações de que o terapeuta necessita, ainda, antes do trabalho ou no decorrer deste depende do fato de elas serem significativas ou conduzirem adiante. Quanto mais o cliente se desvia das coisas importantes — e, na maioria das vezes, ele próprio não sabe que está desviando, pois acredita que tudo o que diz é importante — tanto mais permanece no círculo vicioso da descrição de seus problemas, quando o mais aconselhável é voltar imediatamente à constelação e buscar as informações paulatinamente, à medida que for necessário. “Vamos olhar juntos para a sua família!” Assim talvez solicitemos ao cliente constelar, já depois de dez minutos. Este passo para a constelação é o impulso decisivo. As informações podem ser colhidas ao longo do trabalho. Frequentemente acontece que as informações importantes não podem ser acessadas imediatamente pelo cliente. Se não tiver nenhuma informação relevante, então pode ser que acabemos bem cedo o atendimento e precisemos pedir ao cliente para conseguir informações sobre a sua família, mas isso acontece raramente. Na maioria das vezes as informações necessárias ou a informação importante que está faltando emerge da constelação e também as imagens que surgem para o terapeuta conduzem o cliente a dizer: “Sim, eu me lembro de algo...”

Conduzir ao trabalho nas constelações com figuras

Se os clientes já participaram de um grupo de constelações familiares ou conhecem vídeos, então não precisam de nenhuma introdução para o trabalho com as figuras. Por outro lado, normalmente os clientes não têm dificuldades em pegar as figuras e colocá-las umas em relação às outras. Contudo, se surgirem perguntas sobre como deverão fazer com as figuras, pôde-se lhes contar muito brevemente como a constelação acontece num grupo e pedir ao cliente para fazer a mesma coisa com as figuras. Entretanto, nunca tivemos um cliente que se recusasse a realizar a tarefa mesmo que essa lhe tenha parecido um pouco estranha. Algumas vezes os clientes se sentem inseguros, como acontece também nos grupos, ou colocam a constelação sacudindo os ombros e pensam possivelmente sobre o significado dessa “brincadeira infantil”. No entanto, quase sempre ficam tocados quando o conselheiro ou terapeuta descreve a dinâmica que vai se tornando lentamente

visível a ele.

A constelação com as figuras

Nós estabelecemos que pessoas o cliente deve constelar e escolhemos as figuras. Na maioria das vezes começamos com o sistema atual, isto é, a situação da vida atual, porque aqui a dinâmica anímica e a referência à questão ficam mais visíveis. Por exemplo, escolhemos as figuras para o casal e seus filhos de uma cor, para que no prosseguimento posterior com uma ou ambas as famílias de origem fique bem claro, através da escolha das cores, qual figura representa quem da família.

Nós temos uma mesinha pequena e baixa no nosso consultório que nos permite, olhando de cima, ter um bom panorama das figuras. O cliente fica sentado em frente, de forma que o terapeuta possa observá-lo bem durante a constelação e todo o trabalho. Muitas informações que recebemos num grupo através dos representantes resultam, no trabalho individual, da observação do cliente, sua maneira de ser, como coloca ou troca as posições, sua mímica, seus gestos e toda a sua irradiação que nós percebemos intuitivamente ou em sintonia com a “alma da família do cliente”. Dessa forma pedimos ao cliente para posicionar as figuras umas em relação às outras, de forma que correspondam às suas imagens internas, sem dar motivos e sem noções de tempo; centrado e seguindo totalmente os seus sentimentos, sem falar ou explicar algo.

Uma regra é que todas as pessoas, isto é, todas as figuras que forem escolhidas devem ser posicionadas e não devem ser postas de lado, por exemplo, com a observação de que a primeira mulher do marido ou o avô não seja importante. Se o cliente constelar as figuras sem conexão interna, pede-se para que constele novamente, como no grupo, para que constele, se possível, com amor e respeito. Se o cliente sente dificuldades em constelar, então algumas vezes fazemos isso em seu lugar, seguindo as nossas sensações e as informações recebidas, pedindo ao cliente para corrigir, se achar necessário. Algumas vezes precisamos também solicitá-lo a verificar a própria constelação ou colocá-la novamente quando temos a impressão de que foi posicionada de forma esquemática ou apenas seguindo a cabeça ou quando constela todas as pessoas numa fileira, em frente a ele. Isso acontece algumas vezes e é fácil de ser corrigido quando se dá a dica de que a pessoa que está constelando também faz parte da constelação e que esta deve espelhar a relação de todos com todos. É claro que, algumas vezes, como acontece também num grupo, uma constelação em que todos ficam numa fileira seja adequada, sendo um sinal importante de que na família alguém foi excluído ou se está olhando para alguém que teve um destino difícil.

O trabalho com as constelações com figuras

Depois que os clientes colocaram seu sistema de relações pedimos a eles para olhá-lo novamente, com calma. Olhar para essa primeira imagem da constelação afina os clientes e o terapeuta com o que se seguirá. No início, é um processo de diálogo mudo no qual o cliente e o terapeuta entram em vibração com a alma do campo de relação, com o relacionamento de casal, com o relacionamento de pais e filhos e

outros relacionamentos importantes, de forma que a dinâmica anímica de ligação possa aparecer. Contudo, na constelação com figuras faltam os representantes com suas sensações e informações. As figuras não sentem e não falam. É então tarefa do terapeuta ou conselheiro comunicar as informações que recebeu ou que faltam e, através da percepção sobre o cliente, introduzir-se no sistema de relacionamento e dizer o que “vê” na constelação das figuras. Este é o passo mais importante de toda constelação com figuras, que o terapeuta não apenas descreva a imagem externa da constelação, mas que tenha coragem de falar sobre a dinâmica interna. Por exemplo: “Se deixo que isso atue em mim, tenho a impressão de que você não está presente aqui.” Ou: “A sua mãe parece estar profundamente triste, como se não tivesse superado uma perda profunda.” Ou: “Do jeito que a sua filha está aqui, posso bem imaginar que ela adoce frequentemente ou já teve muitos acidentes.” Ou: “Aqui todos estão de um jeito como se cada um vivesse num outro mundo.” Ou: “Dá a impressão aqui de que todos prefeririam fechar os olhos e os ouvidos.” Ou: “A sua mãe quer morrer. Parece que já não consegue nem ficar mais em pé.” Ou outras coisas semelhantes.

É claro que também se pode pedir ao cliente que se insira na dinâmica anímica da constelação com as figuras e comunicá-la. Isso também tem um efeito surpreendente. Usamos frequentemente isso como um elemento de observação na constelação com figuras. Entretanto, os clientes são cegos nas coisas essenciais concernentes à sua própria dinâmica familiar. Isso é, na realidade, uma parte do problema, a razão pela qual necessitam de um conselheiro ou terapeuta. Na realidade, os clientes trazem seu conhecimento inconsciente, senão não poderiam constelar da maneira como constelam, e o terapeuta também não poderia se introduzir nesse campo. Trazem esse conhecimento de uma forma oculta e a tarefa do terapeuta é de uma pessoa que, estando de fora, se abre para a dinâmica familiar e relacionamentos do cliente de tal forma que o oculto se revela a ele através do seu conhecimento sobre os possíveis efeitos de acontecimentos e destinos nas famílias.

Quando nos referirmos às dinâmicas de relacionamento e os sentimentos correspondentes na família de um cliente podemos tomar o “modelo” da constelação em grupo e dizer, por exemplo: “Um representante num grupo provavelmente iria sentir o seguinte...” Ou falamos, sem rodeios, o que vemos, quais são os prováveis impulsos de movimentos dos membros familiares resultantes da imagem da constelação, quais as frases que escutamos de cada uma das pessoas, quais as sensações que cada membro familiar deve ter e quais as sensações que o terapeuta tem através da observação da constelação. Quanto mais seguros estivermos em nossa percepção, tanto mais diretamente poderemos expressá-la. Se estivermos ainda procurando, pode ser vantajoso deixar que as figuras “falem” como representantes. Isso ajuda a ter certa distância para com os acontecimentos reais nas famílias dos clientes, possibilita leves correções e ainda lidar com as resistências. O decisivo é que a “interpretação” da dinâmica anímica do cliente e sua família o toque e o comova. A forma mais convincente é quando o cliente diz: “Como é que você sabe disso?” Ou “É exatamente assim!” Talvez se

espalhe uma tensão positiva e o cliente fique atento, acene com a cabeça e espere excitado por aquilo que ainda vai acontecer. Talvez também esteja profundamente tocado e comovido. Diferentemente do grupo, no qual a reação dos representantes e de todo o grupo é uma referência para a coerência dos acontecimentos na constelação, a coerência da constelação com figuras e a sua interpretação resulta da reação do cliente e do sentir a força que carrega o terapeuta.

Naturalmente que, algumas vezes, os clientes sacodem a cabeça e parecem não estar convencidos. Aconselhamos então ao terapeuta que não desista tão facilmente caso esteja seguro e procure por mais informações que talvez ajudem a esclarecer o que viu. Se um cliente diz, por exemplo, quando o terapeuta observa que ele ou um dos filhos parecem estar em perigo: “Não, não é esse o caso”, então pode se perguntar se já existiram muitas doenças ou acidentes ou se praticam esportes radicais e, através disso, fundamentar o que se percebeu através das figuras.

O passo seguinte é continuar a trabalhar com as figuras como numa constelação em grupo. Nós mudamos a posição das figuras, pedimos ao cliente que acrescente outras pessoas ou uma figura para um sintoma, dependendo da informação dada pelo cliente. No último caso o cliente escolhe, ele próprio, a figura, para que o terapeuta veja se ele escolhe uma figura masculina, feminina ou de uma criança. Admitindo que o sintoma ou também “algo que falta” se refere, na maioria das vezes, a pessoas no sistema, é visível a importância da figura que o cliente escolhe. Também os movimentos da alma como movimentos livres dos representantes podem ser vivenciados através das figuras: “Quando você olha para as figuras, como você acha que elas vão se mover agora?” O cliente e o terapeuta podem olhar por uns instantes até que o cliente talvez pegue uma figura e a coloque deitada ou coloque para fora ou diga: “Acho que a minha mãe vai cair de joelhos.” O terapeuta compara isso com a sua percepção e, muito frequentemente, é coerente à do cliente ou, inversamente, o terapeuta mostra ou expressa os movimentos através das figuras e observa as reações do cliente. Como no grupo, o terapeuta prossegue com alterações e complementações da constelação de figuras até o ponto em que vem à luz o que quer ser revelado para a solução e até que se mostre com clareza o vínculo amoroso oculto que se encontra no problema trazido pelo cliente. Através da mudança da constelação de figuras, da emoção do cliente e também do terapeuta, através do processo de informação, das perguntas e respostas e talvez também de histórias de casos introduzidas, alcança-se um processo de diálogo que leva a compreensões, apresentando aos olhos do cliente seu vínculo com os seus sistemas de relacionamento e com a sua história. Este processo não é sempre fácil de ser tomado pelo cliente, mas tanto ele mesmo quanto o terapeuta devem sentir algo assim: “A verdade vai fazer com que vocês se libertem.”

Entretanto muito frequentemente este processo não é o suficiente para que algo mude para melhor na vida real do cliente e também para seus familiares mais próximos. Depois do aparecimento do amor-vínculo é necessária, para o caminho da solução, uma nova imagem da família. E ainda de frases de solução e um amor

que solta e que inclui os excluídos e os que sofreram de uma forma que podemos e devemos ficar próximo deles, mesmo se nos separarmos de seus destinos. O atendimento individual tem mais tempo e mais espaço para esse processo do que as constelações em grupo, onde o facilitador frequentemente não atravessa mais por esse processo ou apenas o menciona brevemente.

Uma das possibilidades é colocar, com as figuras, uma imagem da solução e pedir para o cliente se colocar no seu novo lugar, na nova constelação de relacionamentos, e prestar atenção ao que sente agora. Além disso, pôde-se pedir que diga frases para a mãe, para o pai, para o cônjuge, filhos, avó ou outras pessoas importantes. Também reconhecer os seus destinos, o preço que pagaram e também as coisas boas que fizeram por ele. Essas frases de solução que liberam, reconciliam e indicam para o futuro provam ser necessárias, na maioria das vezes. O amor precisa ser acrescentado aos fatos e à verdade anímica.

Num segundo procedimento e de muita ajuda para muitos clientes, o terapeuta pode constelar também toda a família de origem do lado materno e paterno, ordenada como numa espécie de genograma, de forma que todos os destinos essenciais fiquem à vista e que o cliente tome consciência das ligações que moldam a sua vida em sua multiplicidade. Em uma espécie de transe o terapeuta, por exemplo, conduz a avó para a sua mãe que faleceu durante o parto e expressa frases que curam; conduz a mãe para os seus pais e as frases que reúnem e reconciliam; conduz o pai para o seu avô, que permaneceu desconhecido e para a sua avó que teve muitos relacionamentos infelizes e fala para ela frases que trazem união e paz.

Finalmente, o terapeuta conduz a figura do cliente para o pai e mãe e pede que ele expresse aí as frases que curam. Frequentemente os clientes dizem, então: “Agora fica tudo mais claro para mim, agora começo a entender as conexões para tudo o que aconteceu em minha família e na minha vida.” Dessa forma os panos de fundo sistêmicos de problemas vitais difíceis e sintomas são percebidos como uma “complexidade” de influências diversas, sem que se possa dizer exatamente o que influenciou o quê. Nós estamos, na realidade, conectados com todos os movimentos da alma familiar. Aqui o trabalho numa sessão individual pode ser feito de maneira mais diversificada do que no trabalho com o grupo, permanecendo, contudo, essencialmente nos acontecimentos importantes na família, seu efeito, seu reconhecimento, sua clareza em relação à solução e àquilo que cura. O processo para o cliente é marcado pelos elementos da busca de informações até a profunda emoção, da argumentação lógica até os rituais como a reverência que podemos lhe pedir para fazer, realizar em sua imaginação ou na realidade, sempre em diálogo com o terapeuta e as pessoas importantes de seu sistema de relacionamento. O conselheiro ou terapeuta pode desenvolver a sua “arte” em relação ao cliente e ao seu sistema, o problema e sua solução, durante o espaço de tempo que está à sua disposição numa sessão individual e desenvolver também a “força”, a atenção e a tensão.

Acontece que, frequentemente, faltam aos clientes as informações importantes. Algumas eles ainda podem perguntar, outras não mais. Então o terapeuta pode

expressar suposições de acordo com as suas imagens internas, sua intuição ou percepção e testar com as figuras. Por exemplo, pede ao cliente para colocar ao lado do avô uma pessoa para um acontecimento na guerra, porque supõe que deve ter acontecido algo lá que marcou a história posterior da família. Talvez o cliente escolha uma mulher para esse acontecimento e a coloque a certa distância do avô, em frente a ele. O terapeuta pega então a figura e a coloca ao lado do avô, perguntando ao cliente como ele se sente com isso. Talvez ele respire aliviado e diga que se sente bem melhor assim, e que isso está mais correto. Agora o olhar para o avô estaria mais livre e mais amoroso. E talvez o terapeuta coloque ainda uma criança e pergunte novamente pelo efeito. Talvez o cliente comece a chorar e diga: “Agora todos estão presentes” ou sacuda a cabeça e diga: “Não sinto nada em relação a isso.”

São extremamente importantes para o processo de solução que o terapeuta acompanhe os movimentos com as imagens e suposições que lhe afloram, sendo que estas também podem ser testadas através das figuras.

Esse acompanhamento deve substituir as reações e os movimentos dos representantes numa constelação em grupo, no qual o terapeuta recebe igualmente informações e imagens que devem ser seguidas por ele. O conselheiro ou terapeuta que trabalha com uma constelação no atendimento individual também precisa de muita coragem e confiança em ser carregado pela alma da família do cliente.

O final do atendimento individual

O final de um atendimento individual resulta, na maioria das vezes, bem naturalmente do final da constelação com as figuras e os processos descobertos que mexeram com o cliente. Ele diz frequentemente: “Agora me sinto bem.” O importante é que o cliente saiba que com isso a sessão chegou ao fim, mas também que pode se comunicar novamente a qualquer instante, se tiver perguntas ou depois de certo tempo, se não estiver bem e nada acontecer no sistema em direção a uma solução. Mesmo que o cliente, no final da sessão, ainda não saiba qual será o efeito daquilo que vivenciou, precisa sentir dentro de si um acréscimo de força e certa confiança ou um novo ângulo de visão deve ter-se aninhado em seu pensamento, talvez ainda como uma pergunta ou uma dúvida, mas de uma forma que vai continuar a trabalhar dentro dele fortemente. É claro que pode acontecer que uma sessão se torne difícil porque o cliente tem dificuldades de se soltar de seus preconceitos, de seu “conhecimento” sobre o problema, da culpa que atribui a outros ou devido à sua desconfiança em qualquer terapia. É claro que algumas vezes o cliente não fica tocado pelos fatos de sua família ou da sua história ou em relação aos esforços do terapeuta para trazer algo à luz. Algumas vezes, também, tivemos a experiência de dispensar alguém após poucos minutos porque não tinha informações sobre a sua família e estava claro que, sem essas informações, não haveria nenhum ponto de partida para um trabalho de constelação. Mesmo assim, a curiosidade pelo menos deve ter sido despertada ou talvez ainda uma sensação difusa de que “tem algo naquilo que o terapeuta disse. Ele acertou em algo com algumas de suas observações”. O que conta no final é o efeito que irá perceber na

sua vida e nas reações das outras pessoas ao seu redor nos dias e semanas subsequentes à sessão individual, mesmo que não sejam sempre positivas, mas que conduzam adiante.

Limites e chances das constelações com figuras

Os perigos das constelações com figuras e os erros que se pode fazer com isso são os mesmos de uma constelação em grupo:

- não devemos estender a mão ao cliente em sua situação e disposição e trabalhar sem a sua força;
- não devemos nos deixar levar por um esquema que perde o cliente de vista e que não deixa aparecer no campo de visão o novo e o diferente de cada constelação;
- não devemos ficar presos precipitadamente à primeira informação e nos deixarmos inundar com informações sem importância ou não recebermos as informações decisivas;
- não devemos ser levados por associações que não nos deixam entrar em sintonia com a alma.

O limite das constelações com figuras revela-se principalmente onde, algumas vezes, as afirmações surpreendentes dos representantes em um grupo trazem uma “nova” dinâmica à luz, à qual o terapeuta em uma sessão individual simplesmente não chegaria.

O saber dos representantes é mais abrangente e diversificado do que o saber do terapeuta. Isso tem peso principalmente quando existem novas dinâmicas sistêmicas bem difíceis para o terapeuta. Além disso, a constelação em grupo atua para o cliente de forma mais convincente quando um representante faz gestos, ou mostra sentimentos ou expressa fatos que ele não poderia saber e que refletem exatamente a história da família do cliente. Por exemplo, quando a representante da mãe de uma cliente de repente vai até a janela e grita: “Estou grávida e quero me atirar da janela” e a cliente diz totalmente tocada: “Quando estava grávida de mim, minha mãe tinha depressões e quis se jogar pela janela.”

Entretanto, essas desvantagens das constelações com figuras perante as constelações em grupo não são fundamentais, pois o terapeuta, na sessão individual, também pode “ver”. Também no grupo, a dinâmica da alma grupai de um cliente não se abre através dos representantes, mas da alma do cliente Na sessão individual existe a vivência da “força” e envolvimento que podem ser sentidos quando uma suposição inesperada do terapeuta traz algo à luz.

Além do mais, o conselheiro pode pedir ao cliente que, ao olhar a imagem da constelação, acompanhe os movimentos de sua alma e coloque em movimento uma figura constelada. Também o inconsciente de um grupo pode se expressar através do conhecimento interno do cliente.

Por exemplo: a questão de uma cliente era que carregava sempre um fardo consigo. Quando solicitada para colocar o fardo pegou, para representá-lo, uma figura masculina e a colocou atrás e perto dela. Depois de um determinado tempo

em que olhamos juntos para isso, perguntamos para a cliente quais os movimentos que sentia nas figuras. Então ela tocou, com um movimento repentino dos dedos, na figura que a representava, de maneira que esta ficou de bruços em frente ao “fardo”. Através das informações posteriores ficou claro que o avô já tinha três filhos com a avó, mas continuava casado com a sua primeira mulher que não queria se divorciar. Ela morreu e começou a existir o boato de que não tinha morrido de morte natural. A palavra “assassino” que a cliente pronunciou para o avô a aliviou. Ela tivera, certa vez, um relacionamento com um homem e, quando o visitou de surpresa em sua casa, constatou que ele era casado e tinha três filhos. Além do mais, ela sempre tinha tido um medo inexplicável de que seria assassinada.

O que realmente falta no atendimento individual é a multiplicidade de destinos que resultam através dos diferentes participantes de um grupo e a participação nos destinos de outros, que se torna possível para o cliente ao representar outras pessoas. Não é raro que participantes de um grupo digam, numa rodada de encerramento: “Em alguns papéis recebi mais do que na minha própria constelação.”

A chance do trabalho de constelações no atendimento individual está na grande concentração da atenção do terapeuta em relação a um cliente ou a um casal, em relação àquilo que o aflige, à multiplicidade de seus vínculos de destino e da atenção necessária para a solução de sua questão. O terapeuta também está livre dos movimentos dos representantes que nem sempre são independentes daquilo que eles mesmos vivenciam ou através das afirmações acertadas ou movimentos que, entretanto, indicam previamente uma direção que leva longe demais ou também permanece limitado no estreito. Também pode acontecer que nos grupos não tenhamos mais tempo ou, por motivos de dinâmicas de grupo, não sejam mais possíveis outros passos ou um recomeço. Além disso, existem clientes que não querem apresentar sua questão num grupo porque precisam proteger alguém da família ou são pessoas públicas. Ir a um terapeuta ou um conselheiro para uma sessão individual também significa simplesmente, para muitas pessoas, que é menos caro ir buscar um conselho individualmente do que participar de um grupo.

As áreas de aplicação das constelações com figuras

Ao lado do atendimento individual clássico tivemos ótimas experiências com as constelações com figuras em outras áreas de trabalho. Quando uma mãe vem com uma criança que causa problemas ou pais que vêm com todos os seus filhos, a constelação com figuras ajuda, muito rapidamente, na medida em que todas as pessoas olham juntas para a família como se estivessem olhando de fora, evitando assim a comunicação usual, frequentemente difícil entre eles e que fica girando em círculos. Não importa quem deixamos que constele — e na maioria das vezes pode-se confiar no posicionamento dos denominados carregadores de sintomas, quase sempre as crianças. Através da reprodução da dinâmica do relacionamento e as perguntas sobre os acontecimentos importantes, o terapeuta conserva em suas mãos o fio condutor da sessão e a comunicação de suas percepções deixa as pessoas

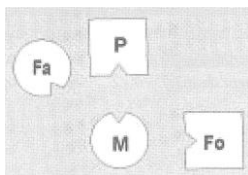
envolvidas livres de suas próprias presunções e seus padrões de pensamento costumeiros.

Principalmente com casais, a constelação com figuras tem obtido bons resultados. Raramente o grupo oferece tempo e espaço suficiente para entrarmos nos assuntos necessários. Também aqui a constelação com figuras interrompe bem depressa os diálogos destrutivos, as acusações, as atribuições de culpa e outros tipos de padrões de comunicação pouco frutíferos. A constelação com figuras possibilita, em uma sessão individual, constelar tanto o sistema atual quanto os sistemas de origem de ambos os parceiros e, assim, partindo da situação atual, mostrar, de modo elucidativo e aliviador, os destinos de cada uma das famílias.

Uma constelação de casal: “o sogro malvado”

Um casal veio para um atendimento porque sempre entravam em atritos graves por motivos inofensivos e não estavam mais conseguindo suportar isso. O marido acrescentou ainda que, na realidade, não haveria problemas entre eles se não fosse o sogro. Ele sempre envenenava a atmosfera porque o rejeitava sem ter motivos. A mulher interrompeu o marido e disse asperamente que não era tão grave assim e que ele não entendia a família dela e que sempre dizia que somente na família dele existia harmonia e compreensão.

A conselheira interrompeu e disse rudemente: “Cada um escolhe o parceiro que lhe possibilita viver a sua sensação predileta.” Ela explicou então brevemente como o homem e a mulher procuram um outro que tenha um destino familiar semelhante, mas que em cada família isso é superado através de uma forma diferente de comportamento. Ao perguntar ao marido se ele não tinha frequentemente a sensação de não ser reconhecido, este ficou perplexo e contou que havia se mudado para a casa dos sogros porque a mulher não estava disposta a deixar os pais. A terapeuta perguntou: “Qual foi o homem em sua família que não encontrou o seu lugar?” Em princípio, não encontrou ninguém. Então a conselheira solicitou ao marido que constelasse a sua família atual.

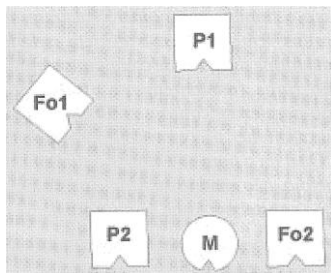


- P Pai (cliente)
- M Mãe (cliente)
- Fa Filha
- Fo Filho

A mulher confirmou a colocação da constelação feita pelo marido, dizendo que, naquilo que era essencial, estava de acordo com o posicionamento feito por ele. À pergunta se existia uma censura entre eles, o marido acenou com a cabeça e disse olhando para a mulher: “Você não se decide realmente por mim.” Antes que a mulher pudesse reagir, a conselheira perguntou ao marido: “Poderia ser que

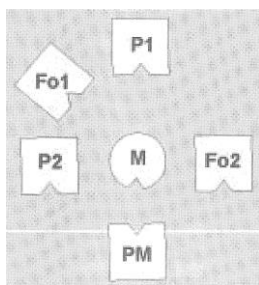
na sua família, algum homem tenha dito essa frase?” Então o marido se lembrou do pai de seu meio-irmão. Ele quis se casar com a mãe dele, mas ela não conseguiu se decidir por ele.

A conselheira trabalhou primeiro com a família de origem do marido e pediu para que ele a constelasse.



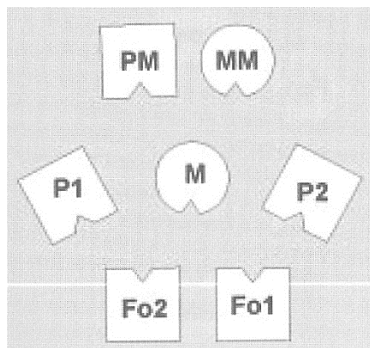
- P1 Pai do meio-irmão (1º homem da mãe)
- P2 Pai do cliente (2º homem da mãe)
- Fo1 Meio-irmão
- Fo2 Cliente
- M Mãe do cliente

Ela aponta para as figuras e pergunta: “Então, para quem é que você está olhando juntamente com a sua mãe? Está faltando alguém? Alguém morreu cedo?” “Sim”, responde o homem, “a minha mãe perdeu o seu pai quando tinha quatro anos.” Então ela solicita a ele que coloque o avô.



- PM Pai da mãe

A conselheira vira a figura do avô de forma que a filha e o neto possam olhar para ele. Tocado, o homem diz: “Nunca pensei que tinha esse avô.” A conselheira coloca as figuras juntas e diz algumas frases, e o cliente olha então para a sua mãe, com a idade de quatro anos e imagina que o pai, à beira da morte, abraça amorosamente a sua filha, despedindo-se. Ele “vê” como a menina fica calma e o pai lhe assegura que de lá, para onde ele vai, olhará bem por ela e que ele sempre estará no coração dela. Ele imagina que a sua mãe, agora adulta, olha para o pai morto e diz: “Você me fez muita falta. Eu cresci e agora vou lhe mostrar os meus filhos, seus netos.” Então a conselheira muda a posição das figuras.



MM Mãe da mãe

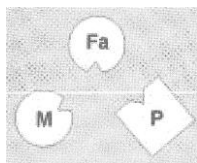
Ela pede ao homem para imaginar como a mãe dele se dirige ao seu primeiro companheiro e diz: “Você é o meu primeiro companheiro. Embora tenhamos tido um filho em comum, não pude me decidir por você. Eu não quis me unir e seguir o meu amor, por medo de perder novamente quem eu amava. Por isso me afastei de você.” Comovido, o marido diz: “Eu sei que minha mãe amou muito esse homem e meu irmão tem um lugar especial junto a ela. Quando era criança, encontrei sob as roupas de minha mãe uma foto de um homem. Talvez fosse ele. Eu nunca perguntei.”

Então o marido pode perceber que com a frase: “Você não consegue se decidir por mim”, estava representando esse primeiro companheiro da mãe e formulando as sensações deste, perante a sua própria mulher.

Na imaginação e com as frases que repetiu, ele se despede do pai de seu meio-irmão, vira-se para o seu próprio pai e toma, como criança, o segundo lugar. Ele percebe como olha internamente para homens que perderam o seu lugar, isto é, faleceram e, ainda, que foi difícil para ele tomar o seu próprio lugar na vida e junto à sua mulher.

A mulher seguiu atentamente e comovida a constelação de seu marido e disse, finalmente: “Acho que sempre foi difícil para mim respeitar o meu marido. Eu sempre tentei incluí-lo na minha família, da qual eu não queria sair. Eu vi que era muito difícil para o meu marido, mas nunca entendi isso.”

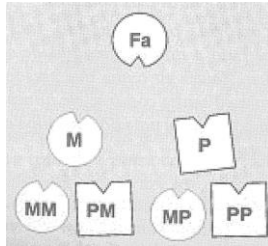
A história da família de origem dela era a seguinte: a sua mãe perdera o pai quando tinha cinco anos, ele se suicidara logo após ter voltado da guerra. Este, por sua vez, perdera com oito anos, o seu próprio pai, que falecera na prisão. Ela colocou a sua família da seguinte forma:



P Pai da cliente
M Mãe da cliente

Fa Cliente

Olhando para as figuras, a conselheira diz: “Elas dão a impressão de crianças que se seguram umas nas outras” e muda a posição das figuras.



PP Pai do pai da cliente
MP Mãe do pai da cliente
PM Pai da mãe da cliente
MM Mãe da mãe da cliente

Tendo em vista essa “imagem de pertencimento e reconciliação”, pede-se então à mulher para visualizar a seguinte cena:

A avó materna despede-se de seu marido, que está à beira da morte, externando para ele a sua dor e desapontamento de que ele tenha se suicidado, mas também reconhecendo que as vivências na guerra devem ter sido muito difíceis e grandes demais para ele. Ela diz que irá cuidar da criança e conservá-lo em seu coração, apesar de todo o fardo. A mãe está novamente, como a criancinha de outrora, nos braços do pai. A avó paterna também faz luto pelo seu marido e o pai, durante a sua última estada em casa, segura o seu filho (pai da cliente) como se ela fosse a criancinha de outrora.

A mulher olha comovida para as figuras de ambas as avós e diz, como que em transe: “Acho que estou muito ligada a elas. Quando eu e o meu marido brigamos penso frequentemente que seria melhor separar e ficar sozinha com os filhos. Agora ficou claro para mim que essa era a situação de minhas avós: ficarem sozinhas com as crianças.” E acrescenta, surpresa: “Meu Deus, agora tenho aproximadamente a idade de minhas avós quando perderam seus maridos.”

Ela sentiu que tinha ficado com os pais como se tivesse que cuidar para que desta vez a família ficasse junta, para que seus pais permanecessem firmes em vida e não seguissem os pais falecidos.

A mulher olha comovida para o marido, toca a sua mão e diz: “Obrigada por ter tolerado a minha proximidade com meus pais.” O marido fica feliz e diz: “Talvez eu tenha que agradecer ao seu pai. Ele nunca me fez nada, mas eu sentia como se ele nunca olhasse para mim. Dessa forma tinha um bom alibi e uma boa desculpa para me recolher em minha concha de caracol.”

As constelações com figuras são muito úteis também em supervisões, solução de conflitos de equipes, dificuldades em empresas familiares, organizações e no local de trabalho. Também aqui a “autoridade de interpretação” do conselheiro da imagem colocada através das figuras causa alívio nas pessoas que trabalham

juntas, diariamente. Muitas coisas podem ser expressas pelo conselheiro de forma indireta e de uma forma diretamente relacionada à constelação. Isso é válido principalmente em supervisões, quando se trabalha diretamente com as equipes. Por exemplo, como uma enfermeira, em um grupo de constelação, colocada como a enfermeira chefe, deve dizer “não me interessa por este emprego”, se ela estiver presente? Com a ajuda das figuras, o conselheiro pode pedir para colocar o chefe e então expressar o que ele vê. Também pode expressar algo desagradável, porque se refere às figuras. Ele assume a representação dos papéis de forma que os membros da equipe permanecem livres e podem sentir o que acham que é certo naquilo que o conselheiro diz. Também na mudança das figuras, em direção à solução, os envolvidos permanecem livres. Na supervisão com figuras fica rapidamente claro qual é a solução necessária: se uma ampliação do campo de visão e uma nova formulação do problema, uma modificação quanto à estrutura e lugares em um sistema de relacionamento ou se algo pessoal está em jogo, algo que exige um trabalho individual de cada um sem a presença da equipe. Também aqui gostaríamos de reproduzir um caso mais minuciosamente.

“O prefeito e a crise na pré-escola”

O prefeito de uma cidade solicitou à conselheira uma supervisão pois, já há algum tempo, existiam problemas na pré-escola. Estava difícil trabalhar com a sua diretora, e os pais estavam insatisfeitos com a atmosfera que reinava na pré-escola e com o método pedagógico. O prefeito pensava numa reunião à noite com os funcionários da pré-escola (a diretora, duas outras assistentes e duas ajudantes), os pais e o conselho municipal, e a conselheira deveria conduzir essa reunião. Ela respondeu ao prefeito, num contato telefônico, que não considerava adequada tal reunião, visando às modificações necessárias e que não gostaria de assumir tal direção. Pediu uma conversa prévia com ele e outra com a diretora. Aconteceu, então, um primeiro encontro com o prefeito e seu representante, no decorrer do qual a conselheira pediu que o prefeito fizesse uma constelação da situação com figuras.

Na imagem da constelação a diretora estava sozinha e de fora. Uma das duas assistentes tinha um lugar dominante, dando a impressão de que ela era a diretora. As duas ajudantes estavam ao seu lado e o prefeito olhava para elas. A outra assistente estava também de fora, olhando para a diretora e para a colega. Os pais e as crianças não estavam no campo de visão da equipe nem do prefeito.

Através da constelação e das perguntas correspondentes ficou evidente a seguinte dinâmica: a assistente para a qual o prefeito está olhando deveria, na verdade, ter assumido a direção depois que a diretora anterior saiu. Entretanto a sua afiliação partidária estava barrando o seu caminho e, por isso, a diretora atual foi escolhida. A antecessora tinha sido demitida porque o seu método pedagógico não havia sido aceito por uma pequena parte dos pais. Foi dispensada devido à pressão de uma minoria. A atual diretora, que também tinha sido assistente na pré-escola, tinha sido escolhida por essa minoria. A conselheira reordenou a imagem das figuras e enfatizou quais as respostas que eram necessárias para o

esclarecimento da situação na pré-escola: qual é o apoio de que a nova diretora necessita, também do prefeito? Quais são o apreço e o reconhecimento que ainda estavam em aberto em relação à diretora anterior? Qual é o lugar certo para todos os envolvidos? Como as crianças e os pais podem ser vistos novamente?

Quando se despediu, o prefeito disse que agora estava vendo tudo mais claramente, mas que era sempre muito difícil conversar com a diretora, porque era bastante incompreensiva.

Duas semanas mais tarde ele telefonou para a conselheira, comunicando que havia tido uma boa conversa com a diretora e que, para seu espanto, ela estava disposta a vir sozinha para uma supervisão com a conselheira.

Nessa conversa a conselheira também pediu que se constelasse a situação da pré-escola, desta vez, então, com a própria diretora. Resultou uma imagem semelhante e ficou óbvio que ela não tomava o seu lugar como diretora e sentia, ao mesmo tempo, que era melhor do que a anterior, mas que compartilhava o destino dela, de não ser aceita. A conversa sobre qual seria o seu lugar adequado e qual mudança seria necessária aliviou muito a mulher. Na despedida ela ainda disse: “A miséria tem também a ver com a minha personalidade. Eu já tinha vivido uma situação assim anteriormente. Eu luto pelo primeiro lugar e, quando o recebo, não tenho a coragem de tomá-lo.”

Alguns meses mais tarde ela veio para um grupo para ver a sua questão pessoal e a história de sua família. Na pré-escola a situação tinha se acalmado sem que tivessem empreendido ações especiais. O prefeito escreveu um cartão de Natal para a conselheira com a observação de que estava muito feliz pelo fato de que a pré-escola de sua cidade estava trabalhando tão efetivamente.

Constelações com figuras e trabalho da alma

Nas constelações em grupos as pessoas colocadas “vibram” de acordo com a alma do sistema constelado que, através da atenta dedicação do cliente, do terapeuta, dos representantes e do grupo recebe espaço e forma. As figuras não conseguem fazer isso. Elas permanecem sendo coisas, algo que foi imaginado através de imagens. Não é preciso solicitar às figuras para saírem de seus papéis novamente.

Entretanto, nas constelações com figuras podemos nos limitar a presenciar a imagem de um sistema.

Conosco foi assim, algumas vezes, no início do trabalho com as constelações. O trabalho com as figuras formava uma ponte visual, uma visão daquilo que se falava e uma possibilidade de ordenar um sistema através dos lugares certos e inserir sugestões indiretas orientadas para a solução. Isso já é de muita ajuda quando estamos ligados ao conhecimento sobre as conexões sistêmicas e às “ordens do amor”.

Mas as constelações com as figuras conseguem ainda muito mais. Para nós é sempre surpreendente quão depressa elas se abrem para a alma e para um campo no qual a alma do cliente e seus sistemas de relacionamento ficam Praticamente

alcançáveis. O trabalho com as constelações não é um mero trabalho com imagens. Elas atuam de uma maneira tão comovente porque dão “espaço” às imagens anímicas e energias ou forças e, com isso, pode nos conduzir a dimensões que são muito difíceis de serem descritas. Nós podemos vivenciar algo como “fenômenos de campos anímicos” que ultrapassam de longe a simples observação. Simultaneamente as constelações aliviam, não importa se com pessoas, figuras ou outros meios auxiliares, apenas a imaginação, quase que em forma de um transe, de um processo terapêutico que ocorre “externamente” e conduz para fora da “interioridade” dos pensamentos e informações, mas que permanecem em constante relação com aquilo que vibra em nosso íntimo. Afinal toda terapia atua sobre aquilo que pode ser percebido por mim, de fora, de uma nova maneira, sobre as “manifestações” que criam novas referências, sobre realidades de relacionamentos que se comunicam em forma de diálogo, sobre o amor que não permanece como sentimentos internos, mas que liga as pessoas através do posicionamento dos acontecimentos no espaço, de forma que cada um pode ser ele mesmo com seu próprio destino.

Este artigo é a versão elaborada do original alemão que será publicado em março/2006 pela Cauri-Auer Systeme Verlag - Alemanha. O título do livro será: Systemaufstellungen im Einzelsetting. Autor do livro: Wilfried de Philipp.

CAMINHOS NA TERAPIA DE CASAIS

Jakob Robert Schneider

Original alemão:

Wege in der Paartherapie. Publicado na revista Praxis der Systemaufstellung, editada pela Internationale Arbeitsgemeinschaft (IAG), Munique, Alemanha, janeiro de 2002.

Tradução

Newton A. Queiroz

Janeiro de 2003

Revisto pelo tradutor em novembro de 2005.

Introdução

As constelações familiares também funcionam sempre como terapia de casais. Juntamente com os processos entre pais e filhos, a relação entre o homem e a mulher é o cerne da psicoterapia.

Embora os assim chamados “movimentos da alma” tenham ampliado nossas perspectivas além dos limites da constelação familiar, levando em conta nossa

vinculação a contextos existenciais mais amplos — as relações entre vivos e mortos e entre perpetradores e vítimas, as guerras e outros conflitos entre nacionalidades e religiões —, as constelações continuam abrangendo em seus efeitos a relação conjugal e as relações familiares.

O sucesso do amor entre o homem e a mulher talvez seja o nosso anseio mais profundo, e o fracasso desse amor faz parte, igualmente, de nossos medos e sofrimentos mais profundos. Surpreende-me sempre perceber, em grupos para casais, uma pressão pelo sucesso das constelações bem maior do que a observada nos seminários para pessoas doentes, onde, entretanto, frequentemente a questão é de vida ou de morte.

No aconselhamento de casais percebe-se, também, de modo especial, a grande expectativa que é levada ao terapeuta ou ao aconselhador. Estão em jogo as decisões sobre o prosseguimento da vida em comum e as consequências que acarretam para os parceiros, os filhos e as bases materiais da vida. Igualmente estão em jogo as mágoas e os medos associados ao amor, onde somos mais vulneráveis do que no que tange à nossa integridade física.

No presente estudo, apresento uma perspectiva sobre os caminhos da terapia de casais, a partir da experiência com as constelações familiares e do trabalho com os fatores que as condicionam.

Pressupostos para o bom êxito de uma terapia de casais

Os casais procuram ajuda em suas necessidades. Entretanto, muitas vezes a procuram com ideias que frustrarão qualquer ajuda se forem acolhidas pelo terapeuta. O denominador comum dessas ideias é a entrega da responsabilidade pelo sucesso do aconselhamento.

Uma fantasia usual de um dos parceiros ou de ambos é a de que algo se deteriorou em seu relacionamento e que o terapeuta, como perito e especialista, deve repará-lo em sua “oficina”. Outra fantasia é a de que o casal deve procurar um juiz para resolver o seu caso, alguém que ouça os argumentos de ambas as partes e profira uma justa sentença. Alguns buscam no terapeuta, de um modo mais pessoal, uma autoridade amável que, como um aliado, um pai ou uma mãe, saiba o que se deve fazer e consiga impor-se ao parceiro.

Conflitos de casais assumem, muitas vezes, a forma de um desacordo em decisões relevantes. Cada parceiro procura mudar o outro para ajustá-lo à sua própria experiência de vida, aos próprios desejos e convicções. Quando, apesar de todos os esforços, não bastou sua capacidade de persuasão, essa pessoa comunica ao terapeuta, de forma explícita ou encoberta, o seu verdadeiro desejo: “Convença-o você, pois eu não consigo.” Mormente no atendimento individual, quando apenas um dos parceiros procura aconselhamento, transparece este apelo: “Meu parceiro não me dá o que preciso, não me ouve, não está disponível para mim. Por favor, ouça-me você, esteja disponível para mim, seja para mim uma pessoa familiar e confiável.” Assim, o terapeuta é solicitado a preencher uma lacuna para a satisfação das necessidades infantis ou conjugais do cliente.

O trabalho de constelar a família, seja em grupo ou na consulta individual, com a atitude fenomenológica que o sustenta, ajuda muito o terapeuta a não acolher esses desejos sobre a forma de ajudar o casal. Em vez disso, ele deve manter a atitude imprescindível para se alcançar uma solução, entrando em sintonia com a alma ou o campo de relacionamento do casal. Através da constelação ou de outro método que lhe permita ver e entrar em contato, ele acompanha a vibração do sistema do relacionamento e faz com que venha à luz, através do que ali se manifesta, algo importante para o casal e que o faça progredir. O terapeuta apenas transmite uma indicação ou um conselho essencial. Depois se retira, e não acompanha o processo do casal até a sua solução. No máximo, comporta-se como um navegador experimentado que, de acordo com o objetivo do casal, indica o caminho ou mesmo assume a direção em seu trecho inicial.

Terapeutas não são mecânicos, juízes, camaradas, pais ou familiares. Um aconselhamento de casal não tem por objetivo modificar a personalidade dos parceiros. Ele permanece sempre incompleto e visa apenas ao que se exige para dar o próximo passo. O objetivo e o caminho da solução, bem como a responsabilidade e a força para resolver o problema, permanecem em posse do casal. Assim se preservam a sua dignidade e a dignidade do terapeuta.

O mais importante que um aconselhador pode fazer por um casal em necessidade, antes mesmo de abrir-lhe uma nova perspectiva sobre sua mútua relação, é interromper os padrões que impedem e destroem o seu relacionamento. Da mesma forma como recusa adotar as ideias dos parceiros sobre a maneira de ajudá-los, ele interrompe rapidamente os padrões de pensamento e de comportamento que são parte do problema e não trouxeram ajuda até o momento. As constelações familiares, realizadas em grupos ou em sessões individuais, são uma grande ajuda metódica, pelo simples fato de fazer com que os parceiros abram mão de seus discursos estereotipados sobre o relacionamento e ganhem uma perspectiva em comum sobre a constelação e, conseqüentemente, sobre os movimentos profundos que fazem progredir o seu relacionamento.

Soluções em vista de fatos ocorridos dentro do relacionamento do casal

A atenção do aconselhador ou do terapeuta deve voltar-se, antes de tudo, para os fatos ocorridos na história do casal, investigando o que aconteceu por injunção do destino ou também por responsabilidade pessoal de um dos parceiros ou de ambos, levando o casal aos limites de seu relacionamento. Cito aqui alguns pontos mais importantes, com breves exemplos.

Vínculos anteriores não honrados

Relacionamentos anteriores, que criaram vínculo em virtude de um envolvimento sexual profundo e marcante e que foram desfeitos com mágoa ou sentimento de culpa de qualquer dos parceiros interferem nas relações ulteriores de ambos. Quando o amor, a dor e o preço pago na ligação anterior não são honrados, no novo relacionamento, isso induz filhos dos novos relacionamentos a identificar-se com os ex-parceiros dos pais que não foram devidamente respeitados. Isso também

impede, muitas vezes, que os novos parceiros assumam a sua nova relação, em vista do preço que ela custou aos parceiros anteriores. O ciúme, por exemplo, é uma forma inconsciente de lealdade a uma ligação anterior do parceiro. Quando um homem abandona sua mulher sem necessidade, para viver com uma amante, o ciúme desta frequentemente destrói a nova ligação. Ela não consegue assumir a nova relação, em vista do preço que isso custou à parceira anterior. Com isso, toma-se igual a ela no medo de vir a perder, por sua vez, o companheiro para uma outra mulher.

Com frequência, as ligações anteriores são esquecidas, reprimidas ou não reconhecidas em seus efeitos posteriores.

Certo homem, depois de dois casamentos e um terceiro relacionamento mais longo, apaixonou-se de novo. Seu tema foi que a nova mulher não queria casar-se com ele. Em sua constelação, verificou-se que todas as mulheres estavam zangadas com ele, inclusive as duas filhas de seu primeiro matrimônio. Pressionado por um insistente interrogatório, revelou afinal, com um gesto depreciativo, que aos 17 anos tivera um amor de juventude com intenso envolvimento sexual e que, pouco depois de ter-se separado dessa moça, ela fora internada numa clínica psiquiátrica. Uma representante dessa mulher foi então introduzida na constelação. Ela chorou amargamente, e todas as outras mulheres tinham lágrimas nos olhos. Somente quanto o homem a encarou como seu amor de juventude, falou-lhe como a sua primeira mulher, mostrou compaixão por seu destino e abraçou-a de novo com amor é que ela ficou tranquila e sorriu. As outras mulheres também abriram sorrisos e a última delas disse: “Agora já posso pensar em casar-me com ele.” E os dois realmente se casaram.

Ocorrências traumáticas no relacionamento conjugal

Existem fatos que ferem gravemente uma relação conjugal e muitas vezes provocam a separação, quando esse destino não pode ser carregado em comum. Entre eles, enumeram-se filhos prematuramente falecidos, abortos provocados, abortos espontâneos em grande número, ausência de filhos, sexualidade deficiente, doenças graves, acidentes, culpas reais ou imaginárias em relação ao parceiro ou a outras pessoas, ameaça às bases da existência e graves ameaças à integridade física ou psíquica. Com a ajuda de uma constelação é possível conjurar forças que possibilitem aos parceiros a superação conjunta do evento traumático, reforçando o vínculo ou então levando-os a admitir que já não podem assumir em comum o destino ou a responsabilidade.

Uma mulher compareceu a um grupo na intenção de dissolver um “profundo mutismo” que existia entre ela e o marido. A constelação de sua família atual mostrou realmente que havia um abismo entre o casal. Com isso a atenção se desviou imediatamente dos três filhos e se concentrou nos pais. Perguntado sobre o que poderia ter influenciado sua distância em relação ao marido, a mulher contou que tinha concebido uma quarta criança, temporã, fruto de uma noite, e que eles decidiram abortá-la. Foi então introduzido um representante para essa criança, que se sentou no chão, entre os pais. Os representantes dos pais olharam

imediatamente para a criança, colocaram-se juntos atrás dela, pousaram espontaneamente as mãos em sua cabeça, olhavam alternadamente para a criança e entre si e deixaram silenciosamente correr suas lágrimas. A cliente, que acompanhava a representação, chorava também em silêncio. Os representantes dos filhos deram um passo para trás, afastando-se dos pais, e simplesmente ficaram olhando. Terminado o trabalho, a mulher agradeceu e disse que aquela constelação tinha salvado a sua vida. Admirado, o terapeuta lhe perguntou o que ela queria dizer com isso. Ela respondeu: “Pouco depois do aborto fui acometida por um grave reumatismo e imediatamente reconheci que essa era a minha forma de expiar pelo aborto.” No dia seguinte ela contou que, na mesma noite da constelação, seu marido voltou de uma longa viagem de negócios e ela lhe contou o que se passara. Então ele se sentou no sofá, chorou muito e disse: “Eu sempre me senti muito culpado.” E passaram toda a noite conversando.

Num grupo de constelação, um homem contou que sua mulher se esquivava dele e tratava sem amor a filha e um filho mongoloide que estava internado num asilo. Na constelação a representante da mulher realmente se mostrou distante e totalmente fria. Os representantes dos três filhos — inclusive de um outro filho mongoloide, falecido aos quatro anos — se afastaram dos pais, e a filha interpôs-se entre a mãe e os irmãos, como se quisesse protegê-los. O terapeuta perguntou ao marido se houvera recriminações pelos filhos que nasceram mongoloides. O homem engoliu em seco e disse: “Sim, meus pais fizeram graves censuras à minha mulher. Disseram que ela trouxera uma péssima herança genética de família e jamais deveria ter-se casado comigo. E eu defendi meus pais e suas recriminações.”

Então o terapeuta colocou esse homem diante da representante de sua mulher e pediu aos dois que se olhassem demoradamente, realmente encarando-se. Isso foi visivelmente difícil para ambos. Finalmente o homem conseguiu dizer à mulher: “Sinto muito. Coloquei em você todo o peso do destino de nossos filhos doentes. Juntamente com meus pais, responsabilizei você e sua família e a magoei muito. Se você ainda puder aceitar isso, estou disposto agora a retirar minha acusação e a carregar com responsabilidade e amor, junto com você, o destino de nossos filhos.” — Então a representante de sua mulher se lançou em seus braços e chorou por longo tempo. Em seguida ela o encarou amorosamente, caminhou para os filhos e os abraçou. Quando o pai se aproximou também e, junto com sua mulher, abraçou os filhos, eles finalmente aceitaram a proximidade da mãe.

Na terapia de casais e nas constelações que revelam a dinâmica dos relacionamentos verificamos, portanto, quais são os eventos que atuam como fatores de separação num relacionamento e que caminho se oferece ao casal no sentido de carregar algo em comum, restaurando a ligação, assumindo a dor da perda e deixando o passado para trás. Verificamos como um casal pode lidar com tais eventos. Mesmo quando a separação for inevitável, os acontecimentos responsáveis pela separação podem ser esquecidos, depois de algum tempo, e a relação pode terminar com amor e dignidade.

A ordem confiável na família

Com frequência, o amor entre o homem e a mulher é impedido porque eles não reconhecem as condições para o crescimento de sua relação. Nesse caso a constelação ajuda a encontrar os meios para restabelecer a ordem no sistema.

Por exemplo, uma das condições mais importantes para o bom êxito do amor é que o processo de dar e tomar se desenvolva sempre no sentido de uma compensação positiva. Quem recebe também deve dar. Se ama, deve dar um pouco mais do que recebeu. Assim, através do amor, a troca recíproca é estimulada no sentido de um alto investimento de vida. Isso se chama felicidade. Mas essa troca é também difícil, pois exige muita coisa dos parceiros, que então dificilmente podem separar-se. Às vezes, alguém não consegue sustentar essa troca crescente de dar e receber e talvez se sinta atraído por um outro parceiro, alguém com quem possa trocar menos ou talvez desvalorize com críticas o que recebe, para sentir-se menos obrigado.

A compensação entre o dar e o tomar funciona nos relacionamentos como uma lei natural. Se o desequilíbrio cresce demais, a relação não consegue suportá-lo. Por exemplo, quando a mulher custeava uma formação superior para o marido, sustentando-o, é frequente que ele a deixe depois, porque a compensação se torna muito grande e difícil para ele. Quando um parceiro vem carregado de bens, relacionamentos anteriores, filhos, destino e experiência de vida, e o outro parceiro não tem algo equivalente para contrapor-lhe, isso pode destruir o relacionamento, depois de algum tempo. A gratidão e o amor podem aliviar parte do desequilíbrio, mas isso é muitas vezes difícil.

Também as ofensas exigem compensação. Enquanto o parceiro ofendido quiser permanecer inocente, não haverá chances de equilíbrio. Se, inversamente, o revide for excessivo e causar ao outro um sofrimento ainda maior, a relação cairá num círculo vicioso de brigas e ferimentos recíprocos, que só conhecerão pausas pelo esgotamento e geralmente, permanecerão mesmo depois de uma separação. A solução, nesse caso, é buscar a compensação através de uma zanga ou de uma exigência que fira menos, que respeite o parceiro e o convide a retomar o amor, dando-lhe a oportunidade de reparar algo amorosamente e de proporcionar algo bom, de um modo diferente.

Citarei aqui, de modo sucinto, outras formas das ordens do amor. A primeira é a primazia da relação do casal sobre o cuidado dos filhos — pois o cuidado dos pais pelos filhos aumenta com o amor recíproco entre os pais. Se esse amor é sacrificado em prol do cuidado pelos filhos, isso separa os pais. Os filhos também não aceitam esse cuidado, porque o seu preço é pago às custas da relação entre os pais.

Já nos sistemas familiares complexos, onde existem filhos de relações anteriores, a ordem correta confere primazia ao cuidado pelos filhos dessas relações. Contudo, no que toca à relação entre o homem e a mulher, o novo sistema prevalece sobre o anterior.

Naturalmente, há consequências de peso para uma relação e para os filhos dela resultantes, quando um parceiro silencia sobre um filho que teve numa relação anterior ou não provê essa criança. Mesmo quando o fato é ignorado, isso também pesa sobre os relacionamentos e sobre os filhos subsequentes.

Obviamente, é muito importante que a relação de um casal seja confiável em termos de uma relação homem-mulher. Por outras palavras, o homem deve ser e permanecer homem e a mulher deve ser e permanecer mulher. Os parceiros devem sentir necessidade e confiança mútuas, sobretudo no que se refere à sexualidade e ao provimento das condições de vida.

Devemos ainda levar em conta uma outra ordem do relacionamento, que Bert Hellinger caracterizou com estas palavras: “A mulher deve seguir o homem — em sua família, em seu país, em sua cultura — e o homem deve servir ao feminino.” Na terapia de casais devemos, portanto, verificar o que está em desequilíbrio na relação e como é possível restaurar uma troca positiva e aberta ao futuro ou chegar a um equilíbrio que permita uma separação amigável. Devemos verificar, ainda, o que precisa ficar em ordem na relação, de modo que ela volte a ser vivida de uma forma confiável.

Soluções em vista de ocorrências e destinos nas famílias de origem

Talvez o aspecto mais importante na terapia conjugal seja a percepção pelos parceiros de seus envoltimentos com as respectivas famílias de origem. Essa é frequentemente a zona mais cega para os parceiros e é nesse ponto que as constelações lhes fornecem o maior esclarecimento. De fato, a terapia de casais sempre levou em conta a interferência de necessidades infantis insatisfeitas e de traumas de infância. Entretanto, foi somente através das constelações familiares que foram percebidos, em toda a sua amplitude e em seus efeitos trágicos, os envoltimentos profundos dos parceiros em destinos que abrangem várias gerações e em temas familiares não resolvidos. A maioria dos problemas sérios de relacionamento absolutamente não diz respeito ao próprio casal e ao seu amor recíproco. Cegamente absorvidos em conflitos não resolvidos e, muitas vezes, inconscientes de seus antepassados, os parceiros carecem de compreensão e de sensibilidade em seu relacionamento mútuo e projetam ou procuram resolver um no outro o que malogrou em seus antepassados, por força do destino ou por responsabilidade pessoal.

Comportamento cego dos parceiros a respeito de destinos e eventos anteriores

Num grupo para casais, um deles constelou o seu sistema atual. A mulher trouxera para o novo casamento um filho de um matrimônio anterior. Na nova relação, embora recente, já havia muita briga. Na constelação evidenciou-se que a mulher desconsiderava o seu ex-marido e tinha uma grande expectativa de que seu novo marido viesse a ser um pai melhor para a sua filha. A relação entre a mãe e a filha era muito estreita, e o marido atual sentia-se estranho e também voltado para fora. Nessa constelação a filha pôde assumir e honrar o seu próprio pai. O

novo marido ficou aliviado e encontrou seu lugar ao lado da esposa. aparentemente a constelação funcionara e trouxera solução.

Entretanto, à noite, o marido procurou o terapeuta. Disse que se sentia muito mal e que não revelara o mais importante: ambos tinham sérios problemas em seu relacionamento sexual, onde ele não conseguia satisfazer as exigências da mulher. No dia seguinte, o terapeuta deixou o marido fazer a constelação de sua própria família de origem. Aí ficou claro que ele era estreitamente ligado à mãe e que, como filho único, tomava junto dela o lugar do pai. O representante do pai olhava para fora do sistema, totalmente fascinado por algo terrível.

Averiguou-se então que, no decurso de uma longa fuga da prisão, que durou três anos, ele fuzilou um homem que lhe barrara o caminho. Na compreensão desse evento, que foi muito comovente para o casal, evidenciou-se que o marido não ousava aceitar o amor de uma mulher nem gerar um filho porque o regresso do pai ao lar e seu conseqüente casamento com sua mãe só foram possíveis mediante o assassinato de uma pessoa. Esse era um importante fator condicionante dos problemas sexuais, por parte do marido.

Nas férias seguintes esse casal enviou um cartão postal onde davam a entender que algo fora resolvido em sua relação.

Essa história ainda teve uma continuação. Algum tempo depois, a mulher ligou para o terapeuta. Disse que tinha experimentado muitas melhoras no casamento e que o marido mudara muito e estava muito afeiçoado a ela. Entretanto, ela voltara a sentir-se intranquila e insatisfeita quanto à relação sexual. Então, através de duas breves ligações telefônicas, ela entrou em contato com uma avó que, depois da morte de seu primeiro e amado marido, tivera uma vida muito infeliz e uma relação muito insatisfatória com os homens que se seguiram. Percebendo sua estreita ligação com essa avó, a mulher conseguiu amorosamente acolhê-la com seu destino e deixá-la consigo mesma.

Num novo cartão de férias, ela comunicou que agora estava muito satisfeita e vivendo bem com o seu marido.

O duplo deslocamento

Um fenômeno frequente em conflitos sérios entre parceiros aparece no que Bert Hellinger chamou de duplo deslocamento (*doppelte Verschiebung*). Se uma injustiça cometida entre um homem e uma mulher, numa geração anterior, não foi devidamente compensada, ela se desloca para seus descendentes. Assim, afeta pessoas totalmente inocentes, acrescentando uma nova injustiça à primeira. Por exemplo, uma mulher “bondosa” e compassiva tolera, por anos a fio, os casos públicos de seu marido que muito a magoam, mas então sua filha assume a vingança em nome da mãe. Entretanto, como também ama e protege o pai, ela se vinga contra o seu próprio marido, molestando-o abertamente com um caso amoroso. Como ela age em lugar de sua mãe, houve um deslocamento no sujeito dessa raiva. Como a vingança não se dirige ao pai, mas ao marido, houve um deslocamento em seu objeto. Embora inocente, o marido é chamado a pagar por

uma injustiça na família de sua mulher. Ao mesmo tempo, a filha toma-se semelhante ao pai em seu comportamento, que não é melhor que o do pai.

Certa mulher estava sempre muito irritada com seu marido embora, como ela própria admitia, não houvesse razão para isso. Em sua constelação familiar ficou claro que ela estava identificada com uma tia, que foi a primeira filha de sua mãe solteira, e por isso foi totalmente excluída da família por seu avô. Representando essa tia, a mulher assumiu a raiva pela injustiça. Entretanto, poupando o avô, dirigia essa raiva contra o próprio marido. À sua filha ela dera o mesmo nome da tia, sem aperceber-se da conexão. Essa história só lhe foi revelada mais tarde, por uma conversa telefônica com o próprio pai.

Uma outra mulher, que era bonita mas tinha uma expressão sombria, era constantemente abandonada pelos homens. Embora não parecesse agressiva, comportava-se como uma vingadora cautelosa, aguardando o momento certo para o golpe. As informações sobre sua família revelaram que sua mãe, aos 12 anos de idade, fora violentada e quase morreria. Na constelação a mulher sentiu o mesmo pânico que sentia sua mãe e viu como a sua representante bradou ao rosto do agressor: “Eu mato você!” Somente o reconhecimento desse perpetrador como primeiro homem da mãe, e uma profunda reverência da mãe e da filha diante do destino que uniu a mãe e seu agressor, como homem e mulher num evento terrível e sem saída, conseguiram aliviar e iluminar o semblante da jovem mulher. Então ela pôde entender seus impulsos de vingança diante dos homens e compreendeu em que medida se identificava nisso com sua mãe e, ao mesmo tempo, assemelhava-se ao agressor.

A fascinação de um parceiro pela morte

Uma dinâmica que frequentemente separa os parceiros surge quando um deles, de algum modo, está mais perto da morte que da vida. Ele realmente não está presente e toda a luta de seu parceiro para retê-lo apenas agrava o conflito.

Certa mulher, que acabara de separar-se de seu marido como sua quinta mulher, pôde ver, numa constelação, que o representante dele não olhava para nenhuma de suas mulheres e namoradas, mas apenas para uma antiga noiva que, pouco antes do casamento, morreria num acidente. Ele queria seguir essa mulher na morte, como único meio de consumir-se esse grande amor.

Outro homem, que era solitário apesar de muito bem sucedido, ficou muito assustado quando se revelou em sua constelação que ele, no meio de todos seus casos, levava consigo esta frase: “Antes te amar do que morrer.” Sentia-se atraído por sua mãe, que morreria muito cedo, e na constelação só encontrou paz junto dela. É como se, durante toda a sua vida, tivesse sentido essa atração por sua mãe e quisesse defender-se dela com suas numerosas amantes, ou, talvez, como se buscasse encontrar nelas sua mãe viva, o que naturalmente não conseguia.

Nas camadas profundas da alma de muitos homens violentos e de muitas mulheres agressivas manifesta-se, às vezes, um grande desespero, o medo de perder o parceiro pela morte e uma luta impotente contra isso. Muitos casamentos

fracassaram no pós-guerra porque o homem não conseguia aceitar que tivesse sobrevivido, em face dos numerosos companheiros mortos com quem diariamente lutara pela sobrevivência. Mesmo voltando para casa, ele desejava, no íntimo, juntar-se aos companheiros mortos. É sempre emocionante perceber, no decurso de muitas constelações, em quantos conflitos de casal existe, bem no fundo, uma questão de vida e de morte e quanto de emoção e de entendimento mútuo se libera quando isso vem à luz e, na medida do possível, pode ser resolvido.

Gostaria de mencionar aqui, em grandes linhas, uma dinâmica que se revela sempre mais, à medida que ficamos atentos a ela. Dois parceiros se encontram, em muitos casos, devido à existência de destinos semelhantes em suas famílias de origem. Quando, por exemplo, há na família de um dos parceiros um filho falsamente atribuído ao marido, o mesmo ocorre, com frequência, na família do outro parceiro, muitas vezes com diferença de uma geração. Se numa das famílias os homens têm uma posição desfavorável, isso também acontece frequentemente na outra família. Se uma das famílias sofre os efeitos de destinos envolvendo perpetradores e vítimas, o mesmo ocorre geralmente na outra família. Parece que instintivamente percebemos no parceiro os destinos de sua família no que eles têm em comum com os destinos da nossa. São bem diferentes, entretanto, os padrões como lidamos com tais destinos. Assim, é frequente que as pessoas se completem pelo lado funesto: por exemplo, um dos parceiros identifica-se com as vítimas de um avô envolvido com o nazismo, enquanto o outro se identifica com seu próprio avô, um perpetrador que pertenceu às milícias SS.

Quando ambos os parceiros comparecem a um trabalho para casais, em grupo ou num aconselhamento privado, as conexões que vêm à luz proporcionam muita compreensão recíproca e uma visão do que condiciona suas dificuldades de relacionamento. Também para o terapeuta é emocionante presenciar os casos em que o autorreconhecimento de um casal envolvido nos destinos familiares se manifesta de uma forma que reforça seus vínculos de amor.

A interrupção do movimento amoroso

Uma dinâmica importante nos conflitos de casal se mostra quando houve um movimento precocemente interrompido no amor dirigido à mãe. Isso não é, em sua origem, um conflito sistêmico e só adquire esse caráter quando se transfere para a relação conjugal.

Uma interrupção no movimento amoroso origina-se na criança pequena quando ela é separada da mãe nos primeiros anos de vida, geralmente por injunção do destino. Isso ocorre, por exemplo, quando a mãe precisou permanecer internada por várias semanas depois do nascimento ou quando uma criança de um ano precisou ser internada para uma operação ou ainda quando uma criança de três anos perdeu sua mãe. Trata-se, portanto, de uma separação prematura sofrida pela criança, sobretudo em relação à mãe, às vezes também em relação ao pai. O efeito disso sobre a vida ulterior da criança e principalmente sobre os seus relacionamentos será tanto maior quanto maior foi a ameaça existencial sofrida por ela e quanto mais ela teve de abandonar a esperança de recuperar a proximidade da mãe.

Quando um homem ou uma mulher nessas condições olham para o seu parceiro, sentem o desejo de amá-lo e de ser amado por ele. Entretanto, ao aproximar-se do parceiro, surge neles, como num reflexo, o antigo medo da criança, de perder sua mãe e de não poder mais confiar nela, junto com uma grande dor e uma profunda resignação. Esse padrão é transferido inconscientemente ao parceiro, e uma luz vermelha se acende: “Não quero sofrer isso de novo. Prefiro me afastar logo disso”. Entretanto, como todo mundo gosta de amar e de ser amado, a pessoa volta a tomar um impulso e a procurar o parceiro. Mas, logo que chega ao amor, emerge novamente o medo da criança pequena e a pessoa torna a recuar. Bert Hellinger denominou isso o círculo vicioso da neurose.

A maior parte dos chamados conflitos de proximidade e distância origina-se, portanto, de um movimento interrompido na infância em direção à mãe. Esses conflitos não podem ser resolvidos na própria relação conjugal. Eles exigem que a criança presente no adulto, numa experiência de regressão, seja acolhida com força e amor por sua mãe ou por um terapeuta que a substitua. Isso exige uma experiência de transe ou uma vivência corporal em que o adulto se sinta de novo como uma criança pequena e que, como uma criança pequena, experimente um abraço que lhe permita atravessar a dor e recuperar a confiança em sua mãe.

Quando, na terapia de casais, trazemos assim à luz, de uma forma liberadora, fatos passados, isso ajuda o “amor à segunda vista”, como Bert Hellinger denomina as dimensões mais profundas de um amor dotado de visão. Isso significa uma ajuda para o futuro e para um amor bem sucedido do casal — mesmo que, no caso de uma separação, apenas para o tempo em que ainda havia amor. Uma compreensão retroativa só tem sentido na medida em que ela possibilita ao casal novos passos para o futuro, no sentido do *Vamos em frente*, título de um dos livros de Bert Hellinger.

A dimensão espiritual da terapia de casais

Quando as constelações na terapia de casais são bem sucedidas, elas abrem aos parceiros um caminho espiritual para o bom êxito de seu relacionamento. Digo “espiritual”, no sentido mais amplo de uma purificação do relacionamento e como uma forma de inserir-se no espaço maior da alma, que transcende o próprio relacionamento. Também nesse particular apontarei brevemente os pontos essenciais.

A fila de antepassados

A vida nos veio de nossos pais, mas não se originou neles. Ela vem de muito mais longe. Às vezes, podemos colocar os parceiros frente a frente — o que costuma ser muito útil em caso de problemas sexuais — e, atrás de cada um deles, uma fila de antepassados. Isso permite perceber a força da vida que vem de longe e é transmitida através dos antepassados e também a alegria de viver. Esta conexão, através dos antepassados com a ampla totalidade da vida, é um ato religioso fundamental. Ao realizá-lo nesse espírito, cada um pode sentir, em si mesmo e no parceiro, o que isso lhe proporciona em termos de afluxo de força, de movimento

amoroso para o parceiro e de uma união aberta, no sentido de uma vida mais ampla.

O ato de encarar-se

Muitos conflitos de relacionamento somente perduram porque realmente não nos encaramos. Os sentimentos que não podemos manter quando nos olhamos nos olhos não contribuem para o bom relacionamento. Eles nos mantêm presos a todo tipo de fantasias e de padrões antigos, que nada têm a ver com a relação conjugal. Desprender-se continuamente desses sentimentos e pensamentos, que não conseguimos manter de olhos abertos, constitui realmente um exercício espiritual diário.

O respeito pelos mais antigos e a primazia do novo

O sucesso do amor exige uma realização indispensável que se relaciona ao respeito pelos mais antigos e ao progresso. O primeiro passo é este: “Respeito os meus pais e a minha família e tudo o que vale nessa família.” O segundo passo diz: “Respeito os teus pais e a tua família e tudo o que vale em tua família.” O terceiro passo costuma ser doloroso. Ambos os parceiros olham para seus pais e lhes dizem interiormente: “Preciso deixar vocês e me desprender também de muita coisa que era importante para vocês. Preciso abandonar o que contradiz o que o meu parceiro traz, em termos de hábitos, normas, valores, fé ou cultura e o que me impede de dar prioridade à minha união atual e à minha família atual.” E, num quarto passo, os parceiros se encaram e dizem um ao outro: “Vamos fazer algo de novo a partir do antigo que trouxemos, algo que acolha e transcenda o que ambos trouxemos, algo de novo que una e leve ao futuro e em que possamos crescer juntos como pessoas autônomas.”

Da necessidade de partilhar

Muitos conflitos de casal resultam do desejo de que o parceiro satisfaça as nossas necessidades infantis, como se ele precisasse dar-nos o que deixamos de receber de nossos pais. Isso, porém, sobrecarrega o parceiro, principalmente quando veicula esta mensagem: “Sem você não posso viver!” A solução espiritual reside em ficar em paz com os próprios pais e em dizer ao parceiro: “O que recebi de meus pais basta, e isso eu partilho de boa vontade com você. E o que você traz dos seus pais basta, e eu me alegro se você partilhar isso comigo. E o que ainda nos falta nós conseguiremos por nossas próprias forças.” Quando este nível adulto de partilha e de comunicação tem força, podemos permitir-nos, às vezes, acessos de carências infantis, como em situações de estresse e doença. O parceiro estará presente por algum tempo, suportando e dando, até que melhoremos.

Liberdade através do relacionamento

Aqui vou dizer algo ousado. Às vezes pensamos que, se estivéssemos sós, seríamos mais livres em nosso desenvolvimento e em nossas possibilidades. A realidade é o inverso. A evolução nos ensina que a associação dos parceiros — não uma compulsão totalitária de uniformidade — diferencia cada indivíduo, tornando-o mais variável em seu pensar e agir do que quando confinado à própria

individualidade. Quando, em atenção ao parceiro, precisamos enfrentar coisas novas e procurar novas formas de equilíbrio interno e externo, isso nos libera um pouco dos próprios esforços interiores, muitas vezes cegos. Ganhamos em variedade e equilíbrio, pressupostos imprescindíveis para um certo grau de liberdade. Talvez a melhor maneira de descrever a realização espiritual e simultaneamente a realização sistêmica básica na relação do casal seja utilizar, num sentido um pouco mais amplo, as palavras de Bert Hellinger: “Eu amo você e amo aquilo que suporta, dirige e desenvolve a você e a mim.”

Este artigo é a versão elaborada de conferência proferida originariamente no 3º Congresso Internacional de Constelações Sistêmicas em Würzburg, Alemanha, 2001.

Apêndice

Equivalência dos contos de fadas, histórias, filmes e canções citadas ao longo do livro.

1- *Aconteceu à luz do dia* — filme de 1995 dirigido por Rudolf Van Den Berg — produção alemã-holandesa e britânica — baseado no romance de Duerrenmatt, cujo título em inglês é “The cold light of day”, — p. 110.

2- *Alfaiate corajoso O* — O alfaiatezinho valente (G9) e (G8); O pequeno alfaiate valente (G4-4); O alfaiate valentão (G6); O alfaiate valente (G2) e (G1) AT1640, - p. 63, 111-113.

3- *Bela Adormecida, A* — A bela adormecida (G9); Rosicler (A Bela Adormecida no bosque) (G4-5); A Bela Adormecida no bosque (G8) AT 410, - p. 27, 32, 55, 61-63, 67, 80, 83-86.

4- *Boa noite, boa noite* — é uma canção — p. 120.

5- *Branca de Neve* — Branca de Neve (G9), (G6), (G8), (G1) e (G3) AT709, - p. 64, 96-98.

6- *Chapeuzinho Vermelho* — Chapeuzinho Vermelho (G9), (G4-5), (G8) e (G1); A menina da Capinha Vermelha (G6) AT333, — p. 33, 48, 73, 108-111.

7- *Conto daquele que saiu de casa para aprender a ter medo, O* — História do jovem que saiu pelo mundo para aprender o que é o medo (G9); História de um homem que foi pelo mundo afora para aprender a tremer (G4-4) AT326, — p. 63, 73, 111, 113 e s.

- 8- *Diabo e os três fios de cabelo, O* — Os três cabelos de ouro do diabo (G4-6); O Diabo e os três fios de cabelo (G9) O diabo dos três cabelos de ouro (G8); Os três fios de cabelo do diabo (G5) AT461, — p. 117.
- 9- *Dr. Jivago* — filme americano dirigido por David Lean em 1965. Baseado no romance de Boris Pasternak, — p. 44.
- 10- *E o vento levou* — do Romance que virou filme em 1939 - dirigido por Victor Fleming - EUA - MGM. —p. 44.
- 11- *Espírito na garrafa, O*—O gênio da garrafa (G9); O espírito na garrafa (G4-5); O gênio na garrafa (G8); O espírito do frasco (G1) AT331, — p. 137.
- 12- *Felipe balança-mas-não-cai* —Felipe inquieto (do livro “João Felpudo” de Heinrich Hoffman) — pôde-se obter uma versão em inglês no projeto Gutenberg na internet em <http://www.gutenberg.org/files/12116/12116-h/12116-h.htm> — existe também uma edição brasileira - (G11), — p. 136.
- 13- *Fio da navalha, O*— nome de um romance de Somerset Maughan, — p. 47.
- 14- *Gaspar e a sopa* — Augusto, o menino que não queria tomar sua sopa (do livro “João Felpudo” de Heinrich Hoffman) — pôde-se obter uma versão em inglês no projeto Gutenberg na internet em <http://www.gutenberg.org/files/12116/12116-h/12116-h.htm> — existe também uma edição brasileira (G11), — p. 136.
- 15- *Gata Borralheira, A* — A Gata Borralheira (G1) e (G8), AT510A; Cinderela (G9), (G4-2) e (G6) - p. 62, 78-81.
- 16- *Gato de Botas, O*— p. 78, 111, 113.
- 17- *Guardadora de gansos, A* — A moça dos gansos (G9); A Pastorinha de gansos (G7); A Guardadora de gansos (G2) e (G1) AT533, — p. 35, 57 e s., 80.
- 18- *Havia um cuco na árvore*— é uma canção alemã - lá existe um pássaro chamado Cuco que coloca o seu ovo num ninho de um outro pássaro. Este outro pássaro choca o ovo e quando o Cuco nasce ele enxota os outros filhotes do ninho porque ele é grande e mais forte, — p. 133 e seguintes.
- 19- *Homo Faber*— um romance de Max Frisch, — p. 126.
- 20- *Irmãozinho, irmãzinha* — O irmão e a irmã (G9) e (G5); Irmãozinho e irmãzinha (O gamo encantado) (G4-8); Os doG4- irmãozinhos (G7); Maninho e Maninha (G8) AT450, — p. 106-108.
- 21- *Jim Knopf e Lucas, o maquinista* — é um livro de Michael Ende — p. 43, 117.
- 22- *João cabeça-de-vento* (do livro “João Felpudo” de Heinrich Hoffman) — pôde-se obter uma versão em inglês no projeto Gutenberg na internet em <http://www.gutenberg.org/files/12116/12116-h/12116-h.htm> — existe também uma edição brasileira (G11), — p. 136.

- 23- *João e o pé de feijão* — p. 52, 66.
- 24- *João Felizardo* — João com sorte (G9); João felizardo (G8) AT1415, —
p. 32, 53 e s., 71, 130, 132 e s.
- 13- *João Felpudo* — (do livro “João Felpudo” de Heinrich Hoffman) — pôde-se obter uma versão em inglês no projeto Gutenberg na internet em <http://www.gutenberg.org/files/12116/12116-h/12116-h.htm> - existe também uma edição brasileira (G11), — p. 43, 134, 136.
- 14- *Joãozinho e Maria* - João e Maria (G9); Hansel e Grethel (G6); Joãozinho e Mariazinha (G8) AT 327A, - p. 51, 65, 72, 117.
- 15- *Jogo das contas de vidro, O* - romance de Hermann Hesse. - p. 15.
- 16- *Jorinda e Joringel* - Jorinda e Joringel (G9) e (G8); Jorinda e Jorindo (G4-8) AT405, - p. 80.
- 17- *Juca e Chico* — (G10), — p. 15 e s., 43, 71.
- 18- *Ladrão Hotzenplotz, O* — peça teatral de Otfried Prusller. — p. 43.
- 19- *Lassie*— filme americano — p. 43.
- 20- *Lili Meia-Compnda* — Pipi Meia-longa (*Pippi Langstrumpf*) é uma historia de Astrid Lindgrin, — p. 71.
- 21- *Lobo e os sete cabritinhos, O—O* lobo e os sete cabritinhos (G9) e (G4-4), (G8) e (G3); O lobo e as sete cabras (G2); O lobo e as sete cabritas (G1) AT123, - p. 52, 62, 101-104.
- 22- *Mesa, o burro e o bastão encantados, A* — A mesa mágica, o asno de ouro e o porrete ensacado (G9); Mesinha põe-te, burro de ouro e bordão sai-do-saco (G4-6); A mesa, o burro e o cacete (G7); Mesinha- te-arruma, burro de ouro e pula-porrete (G8); A mesa, o asno e o bastão (G1); Mesinha-ponha-se, o asno de ouro e porrete-pule-do-saco (G3) AT563, — p. 73, 115.
- 23- *Moedas do céu* — As moedas-estrelas (G9) e (G8); As moedas caídas do céu (G4-7); Chuva de estrelas (G1) AT 779, — p. 32, 130-132.
- 24- *Mogli*—p. 117.
- 25- *Momo*—de um livro de Michael Ende — Momo e o senhor do tempo - p.48.
- 26- *Músicos de Bremen, Os* — Os músicos de Bremen (G9), (G6), (G3) e (G5); Os músicos da cidade de Bremen (G4-8); Os músicos da cidade de Brema (G8) ATOO, - p. 33, 137.
- 27- *Narciso e Boca de Ouro* — p.47.
- 28- *Nome da rosa, O* - romance de Humberto Eco que mais tarde deu origem a um filme em que no final da história ocorre um grande incêndio — p. 136.

- 29- *Odisséia, A* — é um épico de Homero — p. 114.
- 30- *Pássaros Feridos* — filme produzido nos EUA com o título original de “The Thorn Birds”, dirigido por Daryl Duke, em 1983 — foi lançado no Brasil com o título “Pássaros Feridos” — p. 23.
- 31- *Patinho Feio, O*— p. 47, 117, 120-129.
- 32- *Paulina pega fogo* — A terrível história de Harriet e os fósforos (do livro “João Felpudo” de Heinrich Hoffman) - pôde-se obter uma versão em inglês no projeto Gutenberg na internet em [http:// www.gutenberg.org/files/12116/12116-h/12116-h.htm](http://www.gutenberg.org/files/12116/12116-h/12116-h.htm) — existe também uma edição brasileira (Gll), — p. 136.
- 33- *Pele de Asno - Bicho peludo (G9); Pele de bicho (G4-7) AT510B,* - p. 33, 62, 99-101.
- 34- *Pequena Sereia, A* — p. 86-91.
- 35- *Pescador e sua mulher, O - O pescador e sua mulher (G9) e (G4-4); O pescador e sua esposa (G2); o peixinho dourado; AT555,* — p. 73.
- 36- *Polegarina* — A pequenina — uma mulher sem filhos recebe de uma amiga uma semente que germina e dá origem a uma pequenina menina -p. 119.
- 37- *Pumuckl, o Duende* — p. 43.
- 38- *Rapunzel* — Rapunzel (G9), (G8) e (G7); Raponcel (G4-2) AT310, — p. 32, 54-57, 62, 94-96, 117.
- 39- *Rei Barba-de-Tordo, O—O Rei-Barba-de-Tordo (G4-6) e (G5) AT900; Rei Bico-de-Tordo (G9); Rei Barba-de-Melro (G8),* — p. 73, 105, 106.
- 40- *Rei-Sapo ou Henrique de Aço - O rei sapo ou Henrique de Ferro (G9); O príncipe sapo (G6) e (G5); O rei sapo (G4-7) e (G8); O príncipe rã (G2) AT 440,* - p. 73-77.
- 41- *Roberto Voador* (do livro “João Felpudo” de Heinrich Hoffman) — pôde-se obter uma versão em inglês no projeto Gutenberg na internet em <http://www.gutenberg.org/files/12116/12116-h/12116-h.htm> — existe também uma edição brasileira (G11), — p. 136.
- 42- *Rosa Branca e Rosa Vermelha; Branca de Neve e Rosa Vermelha (G9),*
(G6) e (G2); Branca de Neve e Rosa-Vermelha (G4-6); Alva-neve e Rosa- rubra (G8); Rosa Branca e Rosa Vermelha (G5) AT 426, — p. 49 e s., 80, 91, 92-94.
- 55- *Rumpelstilzchen - Rumpelstiltskin (G9), (G7) e (G5); Rumpelstilzinho (G4-8); Rumpelstilsequim (G8); Ti-ri-bi-li-tim (G1) AT500,* — p. 37 es, 40, 55, 117.
- 56- *Sabe quantas estrelinhas tem no céu?- é uma canção - p. 55, 120.*
- 57- *Seis Cisnes, Os* — p. 116.

58- *Senhora Holle* - Mãe Hilda (G9); A senhora Holle (Dona Flocos de Neve) (G4-4); Dona Ôla (G8) AT 480, - p. 117-119.

59- *Serra, serra, serrador*— uma canção infantil. — p. 43.

60- *Sete corvos, Os* - Os sete corvos (G9), (G4-4), (G8) e (G2) AT451, - p. 116.

61- *Sidarta* — um livro de Hermann Hesse — p. 47, 54.

62- *Monte Simeli* — Monte Simeli (G8) AT 676; A montanha Simeli (G4-2), - p. 55.

63- *Soldadinho de chumbo* — p. 47.

64- *Yentl* — filme da MGM, 1983, dirigido por Barbra Streisand — uma mulher se traveste de homem para freqüentar uma escola exclusiva de homens — p. 58.

65- *Zorba, o grego* — um filme de Michael Cacoyannis da 20th Century Fox, EUA, 1964 — p. 133.

Legenda das traduções para o português:

1- GRIMM, Irmãos. *Os mais- belos contos de fadas de Grimm*. Trad. Maria Lúcia Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1968.

2- GRIMM, Irmãos. *Contos de Grimm*. Seleção, tradução e prefácio de Nair Lacerda. São Paulo: Clube do Livro, s.d. (Clássicos da Infância).

3- GRIMM, Irmãos. *Contos de Grimm*. Trad. Heloísa Jahn. Prefácio de Marc Soriano. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

4- 1 até 4-8- GRIMM, Irmãos. *Contos e lendas dos Irmãos Grimm*. Tradução de Ísido M. Bonini. São Paulo: Edigraf, 1961, 8 volumes.

5- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Contos de Grimm*. Trad. Marina Appenzeller e Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

6- LOBATO, Monteiro (Trad. e adaptação). *Contos de Grimm*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969.

7- LOBATO, Monteiro (Trad. e adapt.). *Novos contos de Grimm*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969.

8- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Os contos de Grimm*. Trad. Tariana Belinky. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1989.

9- GRIMM, Jacob e Wilhelm. *Contos de Grimm*. Trad. David Jardim Jr. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Viiiia Rica, 1994 (Grandes Obras da Cultura Universal, 16).

10- BUSCH, Wilhelm. *Juca e Chico. História de dois Meninos em sete Travessuras*, (tradução: Olavo Bilac) 11ª edição. São Paulo: Melhoramentos.

11- HOFFMAN, Heinrich - *João Felpudo*. Trad. De Guilherme de Andrade e Almeida, São Paulo: Melhoramentos, 1942.

Nota final: Na consecução da identificação da correspondência entre as histórias alemãs e as traduções portuguesas foi de inestimável valor a pesquisa nas páginas acadêmicas da Dra. Karin Volobuef em *[http:// members.tripod.com/volobuef/de](http://members.tripod.com/volobuef/de)* onde extraímos parte do material sobre a classificação AT e as referências bibliográficas acima sobre as traduções das histórias para a língua portuguesa.

A visão sistêmica nos contos de fadas

Brigitte Gross e Jakob Schneider

Cada um de nós sabe contar uma história, um conto de fada, um filme, um romance ou um episódio literário que nos são particularmente significativos.

Brigitte Gross e Jakob Schneider mostram em seu livro que tais histórias freqüentemente refletem destinos e acontecimentos marcantes na própria família. Elas indicam para um plano inconsciente, que nós adotamos para nossa vida desde a primeira infância a partir das histórias de vida da nossa família. Estas histórias se revelam um caminho para a solução de problemas através do trabalho psicoterapêutico.

Primeiramente, os autores apresentam os fundamentos da psicoterapia sistêmico-fenomenológica segundo Bert Hellinger e reúnem os processos nos laços familiares. Em seguida, Gross e Schneider descrevem o modo como eles trabalham com histórias, ilustrando com exemplos de casos o significado sistêmico de alguns contos de fadas, bem como a força do efeito de seu esclarecimento.

A originalidade deste livro está no significado sistêmico destas histórias, portanto como elas se ligam ao contexto das relações dos clientes.

Os autores mostram acima de tudo, como estas histórias “mágicas” se deixam conduzir para soluções, através de novas formulações e interpretações.

Este livro traz ainda dois artigos, sendo que um aborda o atendimento individual dentro da visão sistêmico-fenomenológica com o uso de figuras e o outro disserta sobre relacionamentos de casal.

EDITORA ATMAN

editora@atmaeditora.com.br

www.atmaneditora.com.br

ISBN 85-98540-06-4



97885981540061